

A Educação Publica em S. Paulo

Problemas e discussões

*Inquerito para "O Estado de S. Paulo",
em 1926.*

121

DE FERNANDO DE AZEVEDO:

- DA EDUCAÇÃO PHYSICA — *O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser* — Obra illustrada por T. Rasmussen, 1 vol., Weiszflog Irmãos, S. Paulo, 1920.
- ANTINOUS — *Estudo de cultura athletica* — Com illustrações de T. Rasmussen, 1 vol., Weiszflog Irmãos, S. Paulo, 1920.
- NO TEMPO DE PETRONIO — *Ensaio sobre antiguidade latina* — 1 vol. (1.ª edição exgotada, 1923), 2.ª ed., com illustrações de Henrique Cavalleiro, Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1930.
- JARDINS DE SALLUSTIO — *A' margem da vida e dos livros* — 1 vol., Irmãos Marrano, S. Paulo, 1924.
- O SEGREDO DA RENASCENÇA e outras conferencias — 1 vol., Empresa Editora Nova Era, S. Paulo, 1925 (edição exgotada).
- PAGINAS LATINAS — *Pequena historia de litteratura romana pelos textos* — Em collaboração, 1 vol., Comp. Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio, 1927.
- A REFORMA DO ENSINO NO DISTRICITO FEDERAL — *Discursos e entrevistas* — 1 vol., Comp. Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio, 1929.
- ENSAIOS — Critica litteraria para "O Estado de S. Paulo", (1924-1925), 1 vol., Comp. Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio, 1929.
- A EVOLUÇÃO DO ESPORTE NO BRASIL e outros estudos de educação physica e hygiene social — 1 vol., Comp. Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo-Rio, 1930.
- NOVOS CAMINHOS E NOVOS FINS — *Uma nova politica de educação no Brasil* — 1 vol., Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1932, 2.ª edição, 1934.
- PRINCIPIOS DE SOCIOLOGIA — *Pequena introdução ao estudo de sociologia geral* — 1 vol., Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1935, 2.ª edição, 1936.
- A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS — 1 vol., Comp. Editora Nacional, S. Paulo, 1937.
- A EDUCAÇÃO PUBLICA EM S. PAULO — *Problemas e discussões* — Inquerito para "O Estado de S. Paulo", em 1926, 1 vol.

A SAIR:

- SOCIOLOGIA EDUCACIONAL — 1 vol., Comp. Editora Nacional, S. Paulo.
- HISTORIA DE QUATRO ANNOS — O Prefeito Antonio Prado Junior e a nova politica de educação no Brasil (com documentos ineditos), 1 vol.
- FIGURAS DE MEU CONVIVIO — Ensaio sobre escriptores e educadores brasileiros, 1 volume.

Série 5.^ª

BRASILIANA

Vol. 98

BIBLIOTHECA

PEDAGOGICA

BRASILEIRA

FERNANDO DE AZEVEDO

Professor da Universidade de S. Paulo

A Educação Publica em S. Paulo

Problemas e discussões

*Inquerito para "O Estado de S. Paulo",
em 1926.*



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

A JULIO DE MESQUITA FILHO

Director d'«O Estado de S. Paulo»,

advogado da intelligencia e da cultura, estranho servidor do Estado, que nunca exerceu cargo publico, e cuja capacidade em servir á educação e á sciencia corresponde a uma especie de indicação hereditaria e nunca attingiu tão alto gráo de interesse e de zelo como nos esforços pela solução do problema universitario em S. Paulo.

INDICE

INTRODUCCÃO XXV

ABRINDO O INQUERITO

A illusão sobre o nosso ensino publico. — Falta de «uma politica de cultura». — Instrucção que se desenvolve sem um «ideal orientador» e sem espirito de continuidade. — Evolução «organica» e crescimento por addições e enxertos. — A falta de «caracter educativo» em nossas escolas. — Instrucção e educação moral. — A cooperação da iniciativa privada. 1

PRIMEIRA PARTE

O ENSINO PRIMARIO E NORMAL

Entrando em cheio em nosso inquerito. — Duas attitudes censuraveis. — O ensino primario e normal na sua actual organização. — A volta ao passado. — O triumpho da burocracia no ensino. — A obsessão da uniformidade a todo transe. — O ensino normal e primario, nas suas linhas geraes. — Erros e defeitos. — Visão pessimista? — Têm a palavra os entendidos na materia. — O nosso questionario 11

A OPINIÃO DO DR. FRANCISCO AZZI

Signaes dos tempos... — A nossa má organização pedagogica e seus frutos. — Confronto desolador. — Retrogradação sentida e confessada. — Problema capital. — Nada «de analphabetos de letras», nem «de analphabetos de officios» — A reforma dos cursos normaes? — Deficiente, estreita e iniqua. — Cargo inutil e pernicioso. — A escola primaria e o espirito que a deveria animar. — Nem só de pão vive o homem... 22

O QUE PENSA O DR. A. ALMEIDA JUNIOR

A maior falha no ensino primario. — O desinteresse pelo agente realisador do ensino. — A burocracia da repartição central. — Como se rouba ao professor primario qualquer vislumbre de iniciativa. — Triste situação de automatós! — Pela educação hygienica — Justiça de Salomão... — A uniformidade no ensino, contraria ás conveniencias e ás leis naturaes. — O problema das normaes. — Sobre a Faculdade de Educação? — Para falar com inteira franqueza...

39

O DEPOIMENTO DO SR. RENATO JARDIM

A iniciativa privada na obra de alphabetisação geral. — Legislação draconiana que tolhe o surto das iniciativas particulares. — Graves defeitos do apparelho pedagogico. — Reforma que é «um acervo de desatinos». — A crise moral que acarretou. — Ainda uma voz contra a uniformidade niveladora. — A que se reduz a nossa educação popular. — Sabedoria pedagogica conferida por decreto... — Frutos do equívoco e da precipitação.

56

O PARECER DO SR. JOSÉ ESCOBAR

Quadro sombrio, mas verdadeiro. — Não continuemos, pois, como «Narcisos desfrutaveis»... — O problema da alphabetisação — Recuando ante as pontas de um dilemma. — Ainda o recurso inevitavel á iniciativa privada. — Com o dedo numa grande ferida nacional. — Ideaes de que a nossa escola primaria nem siquer suspeitou... — Para a formação de valores socialmente utilisaveis. — Ainda e sempre pela educação nova. — A escola adaptada ás necessidades da região. — Rígida uniformisação que artificialisa o ensino. — O papel do cinema e do radio, na escola. — Os problemas de inspecção technica. — Uma esplendida inutilidade, o Conselho geral. — A questão das normaes. — A cooperação da familia e da escola. — O desanimo e a rotina: os maiores inimigos da educação. — O criterio na selecção do professorado. — Promoções por todos os motivos. — Até pela competencia...

73

A QUESTÃO APRECIADA PELO SR. SUD MENCUCI

Ensino sem plano nem alvo prefixado. — Comprimido dentro de uma burocracia estreita e uniformisadora. — Em torno de um artigo da Constituição Nacional. — A nossa escola primaria e a obra de educação popular. — O que significam as pomposas exposições de trabalhos manuaes... — A escola que existe, falhou. — Discutindo o problema das Normaes. — O espirito que domina a inspecção technica. — Burocracia apparatusa de fiscaes, á sombra do director geral. — A que a lei de 1925 reduziu a Faculdade de Educação...

108

A RESPOSTA DO SR. LOURENÇO FILHO

A complexidade dos problemas do ensino. — Rude empirismo com que são tratados. — Mentalidade que urge renovar. — «Esplendido isolamento»... — Emparedados entre os conselhos de Miss Brown e o hieratismo commovedor de seus discipulos... — Vicio organico e desvio funcional. — Ausencia de finalidade educativa e social, no ensino. — Educação que não se anima ao calor de um ideal superior. — Concepção didactica retrograda. — A escola tradicional montada para uma concepção social vencida. — A escola nova inspirada em novos ideaes. — O verdadeiro papel da escola primaria. — A necessidade da educação como função publica. — Ler, escrever e contar são simples meios. — Aspectos particulares do problema do ensino, entre nós. — Influencia da escola nos problemas locais. — Pela adaptação do ensino ás necessidades da região. — Radio-escola e cine-escola. — O que deve ser o ensino normal. — A cooperação da familia e da escola. — A quinta roda do carro...

127

AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A mentalidade que domina o ensino primario e normal. — Ausencia absoluta de orientação scientifica e sociologica. — Direcção technica sem o menor contacto com as idéas modernas de educação... — E

sem sombra de idealismo superior. — A pedagogia official encastellada na rotina. — O horror ao debate e ás correntes livres de opinião. — A idéa do monopolio e a mecanisação burocratica da vida intellectual e pedagogica. — A iniciativa particular estrangulada pelo regimen official. — O espirito de disciplina niveladora. — Tentaculos com que se aperta o professorado. — Por falta de outra argamassa de cohesão. — A reforma de 1925. — Bandeira que se arriou. — Velho estandarte de precissão... 153

AINDA AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A escola primaria divorciada dos ideaes modernos de educação. — Escola deficiente ainda no ponto de vista alphabetisante. — Alguma coisa pelos «analphabetos de letras». — Nada pelos «analphabetos de officios». — A falta de caracter educativo na escola primaria. — Para o conhecimento das profissões e a revelação das aptidões. — O problema da educação collocado em face dos novos problemas sociaes. — Escolas do trabalho e escolas-communidade. — Adaptação do ensino ás necessidades regionaes. — O desprezo pelos recursos com que a sciencia acóde á obra de educação. — O cinema e o radio. — As bibliothecas escolares, operarias e circulantes. — O problema das normaes. — Honrando-nos com defeitos e erros que não queremos corrigir... 161

SEGUNDA PARTE

ENSINO TECHNICO E PROFISSIONAL

I

Construcção suspensa pouco acima dos alicerces. — O ensino tecnico e profissional e o seu desenvolvimento. — Simplesmente irrisorio. — Nem o apparato de uma exterioridade brilhante... — As nossas cinco escolas profissionaes. — Presas á cadeia de uma legislação inepta e confusa. — Questão technica de aspectos nitidamente pedagogicos. — Estagios e especialisação. — Materia para commentarios humoris-

ticos... — A formação technica do pessoal docente. — Desenvolvimento sem unidade de plano. — Até que, enfim, uma idéa genial de reforma de 1925... — Como se liquidam, entre nós, as questões de ensino. — Ainda e sempre, o horror ás idéas modernas de educação. 175

II

Falta de um plano preliminar de conjunto. — Sobre os dados de nossas necessidades reaes. — E com um espirito moderno de finalidade. — A preparação do elemento nacional para as actividades technicas. — Ensino sem estructura para se pôr de pé. — E sem articulação com o systema geral do ensino. — Obrigatoriedade para o ensino technico elementar. — Educação technica post-escolar obrigatoria. — O problema da orientação profissional. — As provas psychotechnicas. — O papel do medico na escolha das profissões. — Molestias profissionaes e hygiene industrial. — O nosso questionario. — Critica que envolve e suggestões que encerra. 183

A OPINIÃO DO SR. PAULO PESTANA

Ensino technico e profissional, entre nós? — Em estado cahotico, sem a menor organização. — Estabelecimentos, em numero insufficiente. — Quanto aos que existem... — Pessoal docente sem preparo technico. — Porque falharam as escolas agricolas. — A Escola Agricola de Piracicaba e... os candidatos aos empregos publicos. — O ensino agricola e a velha rotina dos praticos. — Até que ponto será util o principio do «self supporting»? — A obrigatoriedade do ensino technico-elementar. — Plano modesto, mas efficiente. — Por onde temos de começar. — A formação do professorado rural. — O ensino popular agricola pelas palestras com projecções. 193

A RESPOSTA DO SR. NAVARRO DE ANDRADE

A falha mais sensivel do ensino agricola. — A formação scientifica de seu pessoal docente. — Porque

se extinguiu a Escola Superior de Agricultura, da Polytechnica. — Estado com methodos culturaes quinhentistas... — O que falta á Escola Luiz de Queiroz. — Estabelecimento desapparelhado para os fins de sua criação. — Ainda a questão das bibliothecas. — Verba devolvida intacta por desnecessaria! — Reforma que deve ser completada. — As escolas especializadas. — O exemplo do Instituto da Companhia de Seda Nacional, em Campinas. — S. Paulo irá ter, enfim, a sciencia a serviço da agricultura? — A criação de um centro scientifico de pesquisas agricolas.

202

O QUE PENSA O SR. J. MELLO MORAES

Ensino de acanhado desenvolvimento. — O problema da formação de seu pessoal docente. — Em favor do duplo principio do «self-supporting» e da adaptação ás necessidades regionaes. — O ensino agronomico, factor de transformações da industria agricola. — Prevenções contra o ensino agronomico superior. — A Escola Luiz de Queiroz, instituto profissional superior. — O que são as «estações experimentaes» para o ensino agronomico. — Como o oxygenio para os pulmões. — A necessidade de um instituto biologico e de defeza agricola. — Em vias de ser convertido em realidade? — A educação popular rural por meio de escolas especiaes.

211

O PARECER DO SR. DR. ROBERTO MANGE

O papel da mecanica na civilização industrial. — Importancia do ensino profissional mecanico. — Estatica eloquente. — As escolas mecanicas de que necessitamos. — A educação do caracter e o exercicio das profissões ligadas á mecanica. — Pela função industrial da escola. — Não pela sua completa «industrialisação». — Adaptação ás necessidades locaes da industria. — Elementos fundamentaes do ensino technico. — Falha grave, de verificação diaria. — O problema da valorização technica do «elemento nacional». — A selecção profissional pelos methodos psychotechnicos. — Os cursos populares de instrução technica.

222

soal docente. — Ninguém dá o que não tem... —
 A opinião de um presidente. — Confronto significa-
 tivo. — As formigas á volta dos alicerces... . . . 266

AINDA AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUÉRITO

Aspectos particulares do problema. — O ensino pro-
 fissional agricola. — Programma de estensão e sys-
 tematisação. — A Escola Agricola Luiz de Queiroz.
 — A chave da abobada. — Escolas technicas secun-
 darias e o principio de adaptação ás culturas regio-
 naes. — A escola da pequena lavoura. — Associação
 dos laboratorios de pesquisas e dos campos de expe-
 riencias. — A especialisação do ensino industrial te-
 chnico. — A escola e a industria mecanica. — O pro-
 gresso da motocultura e o ensino profissional meca-
 nico. — A psychotechnica e a industria. — Escolas
 de artes industriaes. — O museu, corollario da es-
 cola. — A preparação para as actividades technicas
 commerciaes. — Escolas domesticas de formação pro-
 fissional. — A hora que marca o relógio da ins-
 trução... 274

TERCEIRA PARTE

ENSINO SECUNDARIO E SUPERIOR

I

Mal de raizes profundas. — O depoimento insus-
 peito dos governos. — Remontando á analyse das
 causas. — Solução politica para questões technicas.
 — Renuncia do Congresso e suas funções legisla-
 tivas. — O «processo de elaboração» das reformas. —
 O espirito que preside á sua organização. — Falta
 de um idealismo largo e constructor. — Legislação
 sem coherencia e sem unidade de plano. — Inspirada
 no desconhecimento de nossas necessidades. — Regi-
 men de aventuras e experiencias. — As reformas
 Benjamin Constant e Rivadavia Corrêa. — A ultima
 reforma federal. — A attitude de São Paulo em
 face do problema. — O Estado de São Paulo numa
 situação á parte. 287

II

A questão do ensino secundario. — Função subalterna a que se degradou. — A chave do problema. — A verdadeira finalidade do ensino secundario. — A organização de seu plano de estudos. — O campo que menos produz... — O problema da educação moral. — Onde se deve procurar a sua solução. — A falha grave das universidades. — A formação do professorado secundario e superior. — As universidades: nucleos de acção e orientação, scientificos, sociaes e politicos». — A triplíce função universitaria. O ensino e a pesquisa scientifica nas universidades. — Espirito de investigação e universalidade. — Uma questão de rotulo? — A criação de uma universidade em São Paulo. — O nosso questionario. . . . 296

A RESPOSTA DO SR. RUY DE PAULA SOUZA

O nosso curso secundario, méra formalidade de accesso para cursos superiores. — Estudar para fazer exames... — O ensino secundario e a função que lhe cabe na formação do espirito. — Curso de estudos prolongados e desinteressados. — Um erro grave da ultima reforma. — Os exames finaes em meio do curso. — A attitude do Estado em face do ensino secundario. — O alto valor dos estudos literarios. — Pelo ensino gymnasial baseado nas humanidades classicas. — A bifurcação com directrizes fundamentaes. — O problema da formação do professorado secundario. — Prematura, a organização do ensino universitario? — Antes de tudo, remodele-se o ensino dos gymnasios. — Em favor da criação de um Ministerio de Instrucção Publica. 307

A OPINIÃO DO DR. MARIO DE SOUZA LIMA

Porque têm falhado as reformas federaes. — O divorcio entre a legislação e o meio. — Falta de continuidade entre as leis que se succedem. — Montão de leis e projectos contradictorios. — O desinteresse de S. Paulo pelo ensino secundario. — Melhoramen-

tos indispensaveis. — Instituição de cursos livres de ensino secundario. — A ultima reforma federal. — Medidas boas e erros fundamentaes. — O problema da formação do professorado. — As humanidades classicas, base insubstituivel do ensino secundario. — Ensino desinteressado, de cultura geral. — A gravidade da questão. — O recurso salvador, na criação de universidades. — Aspiração que urge realizar. — Pela criação do Ministerio de Instrucção Publica.

321

O QUE PENSA AMADEU AMARAL

Apparelho de ensino bem integrado no ambiente nacional... — Reflexo de orientações vagas e confusas. — O predominio de objectivos immediatos. — O desprezo a que se relega a cultura. — O abstencionismo de São Paulo no debate das questões culturaes. — O dominio das preocupações utilitaristas. — A tristeza de ver tudo quasi por fazer... — Mas, «felizes as épocas que têm uma tarefa a realizar». — A ultima reforma federal, — O seu principal defeito. — A questão do ensino secundario. Que tem sido secundario nestes cursos? — Unicamente o ensino. — Perca-se, nelles, tudo menos o anno!... — Preconceitos que urge combater. — A primazia para as materias literarias. — Uma Universidade em São Paulo? — Um bello sonho; mas... — A necessidade de um «contrôle» social do ensino.

339

O PARECER DO DR. OVIDIO PIRES DE CAMPOS

Sob um regimen de instabilidade permanente. — Diretrizes qu variam como a rosa dos ventos. — Reformas, sim; mas largas e profundamente ventiladas. Para que S. Paulo se torne um paradigma da União. — A ultima reforma federal. — A par de vicios de origem, innovações excellentes. — A grande chaga do ensino secundario. — O ensino secundario, base da cultura de um povo. — Pelo ensino baseado nas humanidades classicas. — Tal como o possuímos: méra formalidade á conquista de um título. — Prematura, a criação de uma Universidade? — Em favor da idéa de um Ministerio de Instrucção Pu-

blica. — A organização de um grande Conselho Geral de Ensino, em São Paulo. 371

O DEPOIMENTO DO DR. RAUL BRIQUET

Passando em revista as reformas federaes. — Ausencia de espirito de finalidade e organização. — A renuncia do Congresso á sua prerogativa de legislar sobre a materia. — A' margem, a opinião dos competentes. — A ultima reforma federal. — Suggestões solicitadas, mas desprezadas. — A par de louvaveis dispositivos... — A imprevidencia na formação do futuro professorado. — Uma disposição absurda. — Outros erros fundamentaes. — Por um ensino secundario baseado nas linguas modernas e nas sciencias. — Sem desprezo das humanidades classicas. — O problema da Educação sexual nos seus justos termos. — A necessidade urgente de institutos de pesquisas e altos estudos. — Pela criação de uma Universidade em S. Paulo. — O Ministerio da Instrucção Publica. 384

A QUESTÃO APRECIADA PELO DR. THEODORO RAMOS

Reformas feitas sem consulta ás Congregações. — A attitude do Estado em face da questão. — Contra o principio da centralisação do ensino superior. — A ultima reforma federal e o ensino polytechnico. — Orientação francamente condemnavel. — O ensino das matematicas, da mecanica e da physica. — O desenvolvimento que deveria ter na Escola Polytechnica. — O ensino secundario na sua verdadeira finalidade. — Reduzido ainda á subalterna função de curso de preparatorios. — Por um curso de cultura geral, sem preocupações utilitarias. — Nada de especializações prematuras. — Grave problema inteiramente descuidado. — A formação do professorado nas Escolas Superiores. — A necessidade de institutos de cultura livre e de pesquisas scientificas. — Pela criação de uma Universidade em São Paulo. 400

A RESPOSTA DO DR. REYNALDO PORCHAT

Onde o Congresso renuncia á sua prerogativa de legislar. — Fugindo á responsabilidade de elaborar

uma lei geral de ensino. — Reformas de gabinete, sem consulta aos corpos technicos. — Por isto, radicadas e contradictorias. — As leis Rivadavia Corrêa e Carlos Maximiliano. — A ultima reforma federal. — A supressão da autonomia das Congregações. — A que se reduziu o antigo Conselho Superior de Ensino! — As Congregações fechadas aos candidatos de mais de 40 annos. — A organização dos cursos juridicos. — Disposições absurdas. — A questão do ensino secundario. — O coefficiente pessoal do professor na educação da mocidade. — Excelente, a idéa de uma Universidade em São Paulo. — Lei de ensino duravel? — A que fôr elaborada por technicos e debatida no Congresso.

411

A OPINIÃO DO DR. ARTHUR NEIVA

A reforma federal do ensino medico. — A posição da cadeira de parasitologia. — Superflua, a de medicina tropical. — A questão do ensino secundario. — Curso de cultura geral sem especialização. — Gymnasios organizados antes para instruir do que para educar? — Sim: «tanto que evitei para meu filho o curso gymnasial». — O atrazo em que estamos neste particular. — Pela sciencia e pela cultura desinteressada. O exemplo de Manguinhos. — Obstaculos criados pela mentalidade nacional. — As elites intellectuaes: forças criadoras da civilização. — São Paulo, centro de gravidade nacional. — O problema das Universidades. — O dever de resolver-o de um golpe e a todo o transe. — A opinião do prof. Myiajima. — «Falha capital, a ausencia de Universidade».

422

AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A questão do ensino secundario. — Ainda do ponto de vista de um opportunismo transigente. — Onde se encontram e se harmonizam as opiniões. — Pontão fluctuante de passagem, mas afastado das duas margens... — A tendencia utilitaria para transformar o ensino secundario num curso de preparatorios. — Uma nova corrente de idéas. — Por um curso de cultura geral sem preocupações profissionaes. — A ul-

tima reforma federal. — Representando um passo para adiante. — A originalidade dos cursos secundarios. — Voltando ao ponto de vista em que nos collocamos. — A questão do ensino moderno e do ensino classico. — A solução franceza. — A bifurcação em ramos essenciaes. — A solução allemã, na diversidade de typos de escolas secundarias. — Solução conciliatoria para um periodo de transição? — Para que o ensino secundario seja um apparelho de educação nacional. 438

AINDA AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A falla grave das Universidades. — Ensino superior, sem universalidade e sem profundidade. — A cultura das elites e a educação do povo. — Conflictos e soluções. — As duas faces de um unico problema. — A acção das universidades sobre as camadas populares. — A formação ou o preparo das classes dirigentes. — A sciencia e o governo dos Estados. — A função nacionalisadora das Universidades. — Depoimento altamente significativo. — Uma questão de ordem tecnica. — A formação do professorado secundario e superior. — Os hiatos entre as instituições de ensino de diversos graus. — Força criadora de idealismo. — Condensar para disseminar. — Coação que se contrae... — As Universidades e a unidade organica do systema de educação. — Pela criação de uma Universidade em São Paulo. 448

INTRODUÇÃO

Em 1926 ainda fazia n' "O Estado de S. Paulo" a critica litteraria que me fôra confiada desde 1924 e cujos estudos, ahi divulgados, se enfeixaram mais tarde no meu livro "Ensaaios". Acabava então de realizar, para esse grande diario, um inquerito sobre architectura colonial quando Julio de Mesquita Filho me incumbia de organizar um outro, sobre a instrucção publica em S. Paulo. Espantou-me a principio a tarefa para a qual, sem vislumbres de modestia, não me sentia realmente preparado. E' verdade que já havia feito um inquerito sobre architectura colonial, sem entender grande cousa do assumpto quando recebi o convite para promovê-lo, e sem outro preparo que um mez de estudos... Não me parecia, porém, que, com um esforço igual, conseguisse habilitar-me a tratar de materia ainda mais difficil e complexa, como a de educação e ensino que, envolvendo questões de philosophia, politica e technica, não podia ser abordada senão com informações precisas sobre os systemas educacionaes modernos e especialmente sobre o de S. Paulo e o do Brasil, em geral. Nesses dominios, os meus conhecimentos não ultrapassavam ainda as fronteiras de duas especialidades: da educação physica a que me dedicára durante

alguns annos, desde 1916, e da litteratura e lingua latina de que exercia o magisterio na antiga Escola Normal de S. Paulo.

Todas essas razões com que me obrigava a consciencia a declinar do convite para organizar e orientar inquerito de tal vulto, annullaram-se deante da vontade resoluta dos directores d'“O Estado” a cuja confiança afinal era preciso corresponder. Certo, o que me pediam era quasi um “milagre de improvisação”. Desses de que só os jornalistas têm o segredo... O que dei, foi tudo o que podia dar um homem a quem “nada do que é humano, é estranho”, mas que, conservando-se notoriamente inacessivel, desde a mocidade, ás paixões e ás parcialidades politicas, se habituára a observar e a reflectir para opinar e a escrever com inteira liberdade de juizo e de critica. Não houve oportunidade que não buscasse para me informar sobre o assumpto, nem livro, ao alcance da mão, que não lesse para dominar a materia. Um mez depois começava esse vasto inquerito que se desenvolveu por quatro mezes a fio. Mas, quando julgava por terminada a minha tarefa na educação, recebia em Janeiro de 1927 o honroso convite do dr. Antonio Prado Junior, no governo do eminente brasileiro Washington Luiz, para exercer, no Rio, o cargo de director geral da Instrução Publica, pelo qual haviam passado figuras illustres. “O Estado de S. Paulo” foi, assim, a escola em que me preparara para tão alta função publica e somente ao ser provido no cargo é que avalei. em todo o seu alcance, os serviços inestimaveis desse con-

tacto a que me forçou a profissão de jornalista. com os factos e os problemas de educação.

A reforma do ensino, no Rio, dentro das linhas geraes que já se esboçavam nesse inquerito, absorveu-me durante todo um quadriennio, e, dois annos depois da revolução de 30, era provido, em Janeiro de 1933, em egual cargo de director geral da Instrucção Publica, em S. Paulo. Se a literatura ganhou um critico literario a menos, lucrôu certamente a educação um trabalhador a mais... Desde 1926 até hoje, sem interrupção de um dia, toda a minha attenção se fixou e se concentrou sobre os problemas da educação nacional, que me acostumei a examinar, não simplesmente nos seus aspectos technicos, e do angulo de observação que fornece o trabalho especializado ou pedagogico, mas de todos os pontos de vista de que pôde ser apreciada a questão entre todas fundamental da organização espirital, cultural e technica de uma nação. No inquerito para "O Estado", em 1926; nas conferencias e discursos que pronunciei na memoravel campanha da reforma, no Rio de Janeiro (1927-1930); no manifesto em que os pioneiros da educação nova se dirigiram ao povo e ao governo e que me coube redigir (1932); na elaboração do ante-projecto do Plano Nacional de Educação e do capitulo da Constituição, sobre Educação e Cultura, de que participei na 5.^a conferencia Nacional, de Nicheroy (Dezembro de 1932); nas reformas que se consubstanciaram no "Codigo de Educação", de S. Paulo (1933); na organização do plano da Universidade de S. Paulo (1933-1934) e, afinal, nas conferencias e discursos proferidos de 1933 a

1936 e publicados em "A Educação e seus Problemas", nunca me limitei a agitar e examinar essas questões por todas as suas faces, e a propôr-lhes soluções adequadas. A consciencia profunda da importancia desses problemas e da necessidade de atacá-los e resolvê-los, impelliu-me sempre a transferil-as vigorosamente dos planos theoreticos á realidade pratica, quando chamado a um posto de influencia ou de direcção.

Entre os artigos que escrevi, para conduzir e orientar os debates, pondo os problemas e traçando-lhes as soluções, e os meus ultimos trabalhos sobre educação não ha senão as differenças que separam duas phases, já um pouco distantes, da evolução do mesmo espirito applicado ao estudo continuo de um ramo de conhecimentos ou de determinada categoria de factos. Se tomaram com o tempo fórma e expressão mais claras algumas idéas que então, em 1926, apenas se esboçavam presentidas pela intuição; se as reflexões e a experiencia me confirmaram a posição tomada em face de problemas que enfrentava pela primeira vez, ou me levaram, em outras questões, a rectificar pontos de vista; nesse inquerito já se encontram, nitidamente definidas, as grandes directrizes que orientaram dahi por deante meu espirito, quer no exame dos problemas e de suas soluções, quer nas reformas escolares de que tive a iniciativa e a responsabilidade, no Rio e em S. Paulo. Nenhuma dessas obras rompeu, como cogumelo, sem raizes, aberto no monturo de decadencias. Ellas desabrocharam, frescas e vivas, de um systema de idéas que constituíram uma política de educação, coherente e

organica, e cujas raizes se embebem no humus fertil daquelles estudos e daquelles debates. Se se quizer remontar á fonte de que desceu a torrente, engrossada, no seu curso, pelo affluxo das maiores forças espirituaes da nova geração de educadores, brotadas em meios diversos mas impellidas na mesma direcção, não será preciso recuar mais de 10 annos para termos as origens de um movimento cujo alcance não se podia prever e cuja intensidade, mercê de circumstancias especiaes, de varia natureza, foi sufficiente para crear uma “consciencia educacional”, e para inaugurar uma nova politica de educação no Brasil.

Este facto de que, no inquerito d’“O Estado de S. Paulo”, se encontram as linhas reformatrizes do maior movimento de renovação educacional que se operou no paiz, já bastava para lhe dar um alto valor documentario. na historia da educação nacional. Esse largo inquerito marca effectivamente um periodo agudo na fermentação de idéas com que, nos dominios da educação, já se processava um movimento francamente renovador, egual ao que se manifestara na arte e na litteratura, e que culminou na “Semana de Arte Moderna”, realizada em S. Paulo. Em outros sectores da vida social respirava-se a mesma athmosphera de batalha. Embóra com menos continuidade e vigor, desenvolvia-se movimento semelhante nas esferas politicas, em que explodiu, desde 1922, em sedições militares, o sentimento de reacção contra velhos processos e costumes politicos, e se formava uma consciencia da necessidade de purificá-los pelo fogo das revoluções se não fosse possivel reformá-los por meios pa-

cíficos. A geração nascida com a republica e as que se lhe seguiram, arvoravam por toda a parte a bandeira da revolução com que se pretendia substituir uma democracia de nome por uma democracia de facto, em que as instituições politicas desabrochassem, na sociedade brasileira, como um producto natural de uma estrutura social e economica, reconstruída em bases verdadeiramente democraticas.

Mas esse inquerito, além de ser um dos mais importantes documentos, na historia do movimento de renovação escolar que tomou corpo em varias grandes reformas, (1) e expressão, clara e definida, no manifesto ao povo e ao governo (1932), tem ainda a vantagem de permitir, pela variedade de opiniões abalizadas que por elle se recolheram, um juizo mais seguro sobre o estado de espirito e as idéas dominantes nesse periodo pre-revolucionario, no Brasil. As questões educacionaes, encaradas, ora sob os seus aspectos sociaes, ora de pontos de vista pedagogicos, foram abordadas quasi sempre com uma clareza e intrepidez que denunciavam não só a força com que se iniciava o movimento, mas o sentido e as linhas de sua direcção. Se em alguns lanços do inquerito talvez se observam hesitações e perplexidades, em face de questões ainda apanhadas pela rama, é certo que em todos os artigos e na maior parte dos depoimentos, elle accusa mais do que um estado de effervescencia intellectual, entre os educadores, uma

(1) Rio, 1927-1930; Minas, 1928-1930; Rio, 1932-1935; S. Paulo, 1931 e 1933; Pernambuco, 1931-1935; Maranhão, 1935; Paraná, 1936, entre outras.

vontade decidida de atacar pela frente reformas escolares, destinadas a ajustar as instituições educacionais ás novas condições de vida social e económica do paiz. E' facil perceber, atravez de uns e outros, o fremito de renovação que perpassa pelas novas elites mentaes do magisterio que, commungando na iniciação dos novos ideaes e orientando-se na mesma direcção, já se mobilizavam para a defesa desses ideaes e para a lucta contra velhos preconceitos e contra instituições escolares organizadas segundo modelos archaicos.

Esse estado social pre-revolucionario em que se realizou o inquerito, bastaria para explicar o tom sacudido de polemica que por vezes tomam os artigos e as opiniões das auctoridades consultadas na materia. A instrucção publica, em S. Paulo, como de resto, no Brasil, podia ter sido, a certos respeitoes, excellente para a epoca em que se instituiu e para a sociedade a que se propunha servir. Mas que ella perdera o admiravel impulso inicial, dado nos começos da republica, e já tendia a esterilizar-se na rotina, numa vã contemplação de glorias passadas, não ha sombra de duvida. E' só ler os depoimentos, se não se quizer deter a attenção nos artigos, para se ter a convicção de que todos já sentiam a necessidade de se atacarem reformas profundas. A opposição a essas reformas, — já pela resistencia passiva de individuos installados na rotina, já pela reacção obstinada de interessados em manter o *statu quo*, — era tamanha que á reforma promovida pelo Dr. Sampaio Doria, em 1920, succedeu um decennio de estagnação no ensino publico, e mesmo depois de 1930, as

reformas parciais de Lourenço Filho, em 1931 e a que se traduziu no "Código de Educação", em 1933, viram succederem-se duas crises reaccionarias, que fizeram submergir quasi integralmente as primeiras e estiveram a ponto de comprometter a segunda, de 1933, já definitivamente victoriosa na maior parte de seus principios fundamentaes. Tanto o estado de inquietação reconstructora, como a resistencia dos elementos reaccionarios, não só bastam para explicar, mas justificam plenamente o facto de derivar ás vezes ao tom de polemica um inquerito que sempre esteve em nosso proposito conduzir, com a maior serenidade e objectividade de julgamento, não só na maneira de pôr os problemas e de estudá-los, como na selecção das pessoas a serem interrogadas.

Se é certo que, em um ou outro ponto, se aguçaram demais as invectivas que se desfecharam contra a instrucção publica em S. Paulo, as opiniões ali externadas são, pelo geral, tão reflectidas e exactas que não podia deixar de acceptá-las a critica desligada de velhos preconceitos. A unidade de espirito que presidiu ao inquerito, a variedade de opiniões que nelle se debateram, abrangendo aspectos e problemas do ensino de todos os grãos, a auctoridade dos depoimentos e a riqueza de observações justas e fecundas, dão-lhe, como documento historico e fonte de informações, um valor que o tempo e a experiencia só podiam ter concorrido para realçar. Certamente algumas das idéas e aspirações, como a reforma do ensino normal, a creação da Faculdade de Educação e a Universidade de S. Paulo, de que se tornou vehiculo esse debate pu-

blico, já se transformaram numa esplendida realidade; mas outras, como, por exemplo, as relativas ao ensino secundario, apesar de varias tentativas feitas com seriedade, mas sem exito, ainda não se incorporaram entre as conquistas praticas destes ultimos annos. Algumas criticas, modeladas á feição de artigos de combate, de tal maneira se ajustam ainda ao nosso systema educativo que se podiam applicar, sem tirar palavra, mas com maiores razões, á situação actual, pouco differente ainda, sob certos aspectos, da realidade que tínhamos então sob os olhos e nos cumpria examinar.

A variedade de especialistas e de professores, interrogados no inquerito, alguns já entrados em annos, e todos já celebrados pelos seus serviços ou por seu longo tirocinio profissional, mostra á evidencia o empenho que nos dominou de dar um caracter imparcial e objectivo a essa larga investigação sobre as instituições escolares. Não era um grupo de renovadores sectarios que procuramos ouvir. De todos que foram consultados não havia senão dois ou tres typos de reformadores que tomaram francamente posição em favor de uma nova politica nacional de educação. A maior parte delles eram profissionaes experimentados. Nenhum, porém, então se debruçou, para contemplá-las enlevado, sobre as instituições escolares, que todos conheciam mais de perto e das quaes podiam fallar, por sua experiencia no magisterio, com uma auctoridade incontestavel. Aliás, quanto ás maravilhas de nosso systema educativo, tão apregoadas por essa epoca, mostrei de relance, — porque não precisava nem devia ser

prolixo, — que não passavam de phantasias ou de illusões, cultivadas por ignorancia ou por essa resistencia á innovação, que é um facto normal e tão constante, nas sociedades humanas, como as tendencias renovadoras. E' muito mais facil e commodo acompanhar e repetir do que abrir caminho e crear; e, para aquelles que têm da vida e da educação uma idéa mesquinha ou se crystallizaram em concepções e fórmulas antigas, não podiam deixar de lhes encher as medidas as instituições modeladas segundo essas idéas ou cortadas por esses figurinos de musêo...

O titulo com que sâe pela primeira vez publicado em volume este inquerito, será um pouco modesto. A esses estudos não descabia porventura titulo mais amplo, como "A Educação Pública no Brasil", que me suggeriram e estive a ponto de lhes dar. Mas, se é verdade que a maior parte das criticas se ajustavam, como uma luva, á instrucção pública, no paiz, e, de facto, se dirigiam ao governo federal, a que competia privativamente legislar em materia de ensino secundario e superior, a insufficiencia de elementos sobre o ensino nos outros Estados, em contraste com a abundancia de informações sobre S. Paulo, aconselhou-nos a manter, por mais exacto, o titulo primitivo. O volume interessa, porém, a todo o Brasil, e especialmente ás novas gerações que procuram adquirir uma consciencia mais nitida da realidade brasileira e, lançando os olhos ao largo e ao longe, se preparam para a grande obra de reconstrucção nacional. E' a ellas especialmente que nos dirigimos, divulgando opiniões dignas de exame, sobre o grande problema, cujo debate abriu opportuida-

de a que figurassem, neste inquerito, engastadas em pareceres de homens illustres, algumas joias de seu thesouro de reflexões e de experiencia. E' de estudos e investigações pacientes, de debates claros e precisos, que necessitamos para a solução dos grandes problemas nacionaes. Nada de phantasias e de illusões! Não é ao sol de uma luminosa manhã, mas de noite, entre sombras e fadigas, que se accendem fogos de artificio. . .

S. Paulo, outubro de 1937.

FERNANDO DE AZEVEDO

ABRINDO O INQUERITO

A illusão sobre o nosso ensino publico. — Falta de «uma politica de cultura». — Instrucção que se desenvolve sem um «ideal orientador» e sem espirito de continuidade. — Evolução «organica» e crescimento por addições e enxertos. — A falta de «character educativo» em nossas escolas. — Instrucção e educação moral. — A cooperação da iniciativa privada.

A quem se habituou a dobrar-se á complexidade dos problemas de educação que assumem em cada meio aspectos novos e se eriçam de difficuldades de toda natureza, não será necessaria analyse minuciosa do nosso aparelhamento escolar para lhe tactear os erros e defeitos. Bastará, para que se desvaneça a illusão de suas apregoadas perfeições, lembrar conio em geral têm sido encaradas e tratadas entre nós as questões de ensino e de educação. Onde quer que se tome a sério esse problema capital em que entram em jogo os mais altos interesses da collectividade, o pronunciamiento dos technicos e o debate franco na imprensa e nas assembléas legislativas constituem elementos imprescindiveis ao esclarecimento dessas questões ventiladas sempre em todos os seus pormenores e estudadas a todas as luzes.

Entre nós, porém, as leis de organização e de reforma de aparelhos pedagogicos peccam, na sua quasi totalidade, por dois vicios de origem que bastariam para despertar as mais justificaveis duvidas sobre a sua solidez e elevação. De iniciativa do poder executivo, as reformas, esboçadas quasi sempre debaixo de um sigillo impenetravel, sobem, como questões fechadas, á approvação do Congresso justamente reconhecida por mera formalidade para transformação de qualquer projecto governamental, em lei. Apressadas na sua elaboração, geralmente clandestina, de autoria de funcionarios cujos nomes se mantêm em reserva, sem consulta preliminar ás congregações, sem solicitação publica de suggestões e sem debate provocado na imprensa, essas reformas ainda encontram, para passagem victoriosa de todos os erros de que sejam portadoras, as facilidades abertas pela complacencia illimitada das duas Camaras.

De um unico director do ensino, até hoje, se sabe que sahiu nobremente a publico para propugnar as idéas fundamentaes da reforma que o governo o incumbiu de traçar. De consulta larga a autoridades sem character official, e de organização de commissões technicas, com liberdade de iniciativa e com responsabilidades publicas, não se tem noticia. Dir-se-á, com verdade inteira, que o mal não é privativo dos governos de S. Paulo, dos quaes, — diga-se de passagem, — nenhum se descuidou inteiramente de melhorar por partes o aparelhamento da instrucção publica. O proprio governo federal, que na ultima reforma do ensino parecia disposto a enveredar por

melhor caminho, solicitou sugestões para ter o estranho prazer de as lançar á cesta de papeis inúteis... Desse processo de verdadeira irresponsabilidade, com que se atacam em segredo questões de tal natureza, se tem o exemplo frisante no projecto apresentado em 1925 ao governo de S. Paulo a que o Congresso pela primeira vez delegára, contra um principio constitucional, suas proprias funções legislativas. Até hoje, não foram oficialmente publicados os nomes dos seus autores, e somente pela analyse da obra se poderá concluir quaes os homens que nella collaboraram...

Nestas condições só por um milagre se poderia ter em São Paulo um aparelho de ensino harmonico e integral, posto pela legislação a serviço de claros intuitos sociais e educativos e com bastante plasticidade de adaptação ás correntes renovadoras do pensamento moderno. Mas, se de um lado, como se vê, tem faltado a consciencia da gravidade e complexidade do problema, abordado quasi sempre de afogadilho, em tropelias burocraticas, sem collaboração de technicos de responsabilidades definidas e sem debate publico, por outro lado, ainda não se fez sentir entre nós, da parte dos dirigentes, aquillo que se pode chamar uma "politica de educação", norteadá não por homens, mas por principios. Nada que denuncie um grande ideal orientador formado no sentimento profundo das realidades e necessidades nacionaes e vivificado ao sopro das idéas scientificas de educação. Por isso, com succederem no poder, homens do mesmo partido, não se criou sequer o "espirito de continuidade", bastante

temperado na forja de ideias communs, para desenvolver, com esforço pertinaz e ininterrupto, e no mesmo sentido, uma “política de cultura, de bases solidas, de espirito marcadamente nacional e de objectivos precisos.

Como não sabemos nem procuramos saber “para onde vamos”, — o alvo que precisamos attingir e qual o caminho para chegar a finalidades determinadas, cada governo, em materia de instrucção, faz o que quer e o que pode. Não será de estranhar por isso que ainda não se tenha dilatado a linha do horizonte brumoso e estreito em que se confina a nossa instrucção publica, improvisada e artificial, sem base no conhecimento scientifico do meio, sem largas perspectivas sociaes e sem aberturas para as ideias amplamente renovadoras que sopram de todos os quadrantes. O apparatus do ensino tinha de forçosamente crescer, como cresceu, não por via de “evolução organica”, mas por meio de enxertos, retoques e achegas, variaveis segundo a fantasia e os caprichos individuaes e tendencias ás mais das vezes criadas não por convicções de uma elite orientadora, mas por circumstancias politicas na composição precaria dos governos.

Toda a organização do ensino que assim se impelliu aos arrancos, em vez de seguir um desenvolvimento logico e deductivo, no seu conjuncto, deve pois trazer o caracter de obras fragmentarias, resultantes de remendos accessorios ou de alterações substanciaes, mas parcelladas e contradictorias. Com todo o progresso que temos feito nesta materia, os erros accumulados, pela falta de um espirito de finalidade e de um systema de ideias, devem ser

de tal ordem que tornem a nossa instrucção publica incapaz de contribuir para realisar mais tarde um typo de cultura original. A nossa educação primaria, asphyxiada pelo dogmatismo official, ainda se modela segundo um padrão unico e rijido, que, além de não consultar as realidades regionaes, não tem organização adequada para corrigir, pelo manualismo, o nosso desamor aos trabalhos corporaes e para desenvolver, em escolas-officinas e escolas de trabalho, o espirito de cooperação social. O ensino profissional não passa de tentativas acanhadas. Os gymnásios, — aliás sob a fiscalisação do governo federal, — não estão aptos para realisar os fins a que se destinam. Não falaremos da ausencia absoluta de institutos de alta cultura, de pesquisa livre e desinteressada, votados ao progresso das sciencias puras e applicadas.

De resto, as nossas escolas não educam; instruem apenas, quando instruem. Não confundamos instrucção com a educação. Só a educação cria forças vivas; a instrucção não pode servir senão para dirigil-as. Sabemos, — e esse conhecimento é ministrado em todas as obras de sciencia social, — que seria um erro attribuir exclusivamente á administração e a um corpo de pedagogos o papel de educador que cabe sobretudo á familia, “organismo natural e insubstituivel” em qualquer sociedade, para obra vital de educação. Mas por um lado, a escola pode e deve contribuir para influir sobre a formação do typo social, uma vez que tenha conhecimento exacto dos defeitos de character que se propõe a corrigir, e seja orientada, neste sentido, por um esforço conjunto da familia,

da imprensa e dos poderes publicos. Ora, a cooperação da família e da escola é problema que nunca nos preocupou e que pode ser acolhido com esse sorriso que nos inspiram os devaneios da fantasia... Por outro lado, a educação familiar offerece graves difficuldades, emquanto não for modificado o meio ambiente, pois que ella suppõe “uma educação da mulher do povo, que estamos longe de ter realisado a uma cooperação constante do meio familiar que pode de facto passar por utopia no estado actual de nossos costumes”.

Mas é justo proclamar que a culpa desses erros não caberá exclusivamente aos poderes publicos de que estamos habituados a esperar, de braços cruzados, todas as providencias em favor da collectividade. Ainda não penetrou na mentalidade dos homens publicos e dos cidadãos em geral que a obra de instrucção e educação é elemento indispensavel a iniciativa privada. Não existe evidentemente entre nós, orientado nessa direcção, o espirito de iniciativa privada, largo e fecundo, nem o governo tem procurado como era de seu dever, despertar-o e desenvolvê-lo por todas as formas. Já nos movimentamos, ricos e pobres, para os empreendimentos de defesa sanitaria e de assistencia social; não se sabe porém de habitos de collaboração effectiva nas obras de educação e cultura. No entanto, como escreveu Poincard, e o têm repetido numerosos autores, “o progresso verdadeiro e duravel não pôde sahir senão das iniciativas particulares esclarecidas e sustentadas em todas as classes e em todas as direcções.

Enquanto não nos persuadirmos dessa verdade, ficará a nossa evolução, como a dos povos que a não conhecem ou a esqueceram, “entregue ao acaso das circunstâncias e exposta ás experiencias aventureiras dos administradores e dos politicos”. Os primeiros (tomemos as palavras de Poincard, para não sermos taxados de parcialidade) “têm naturalmente uma tendencia ao paternalismo burocratico que tem como resultado diminuir ainda o valor proprio e a actividade pessoal do particular. Os segundos são, não menos naturalmente, inclinados a cortejar uma multidão pelas promessas e pelos favores, igualmente desmoralisadores, e a sacrificar a fortuna publica a seus interesses eleitoraes. E’ pois evidente que uma nação não póde contar, para assegurar o seu futuro, nem com a tutela das repartições, qualquer que seja o valor individual dos funcionarios, nem com as combinações legislativas dos politicos que são as mais das vezes inspiradas pelas preoccupações mais estranhas ao interesse publico ou carregadas dos erros mais grosseiros”.

Ora, para conseguirmos um aparelhamento de ensino e educação, de uma precisão rigorosa nas suas engrenagens e de uma perfeita eficiencia na realização de objectivos assentados, os governos não somente terão de reduzir ao minimo a interferencia politica nos departamentos technicos, como deverão procurar, fomentando-a por todas as vias, a collaboração imprescindivel das iniciativas particulares.

Pela convicção em que estamos de que questões dessa natureza só ganharão em ser debatidas livremente

na variedade de seus aspectos, resolvemos abrir um inquerito sobre a instrução pública em São Paulo. O inquerito será dividido em tres phases: 1.º) ensino primario e normal; 2.º) ensino profissional technico; 3.º) ensino secundario e superior. “Ou nós educamos o povo para que delle surjam as elites, ou formamos elites para comprehenderem a necessidade de educar o povo”. Neste dilemma, preciso e energico, o sr. Francisco Venancio Filho poz o problema nos seus justos termos. E’ preciso agitar o ambiente para que se desenvolvam, livres e vigorosos, em toda a claridade, os grandes ideaes de cultura e educação, e para que se forme, preposta á defesa desses ideaes, uma colmeia activa de educadores e homens publicos, — de homens novos para tempos novos.

PRIMEIRA PARTE

O ENSINO PRIMARIO E NORMAL

Entrando em cheio em nosso inquerito. — Duas attitudes censuraveis. — O ensino primario e normal na sua actual organização. — A volta ao passado. — O triumpho da burocracia no ensino. — A obsessão da uniformidade a todo transe. — O ensino normal e primario, nas suas linhas geraes. — Erros e defeitos. — Visão pessimista? — Têm a palavra os entendidos na materia... — O nosso questionario.

Não ha estado de espirito mais contrario aos ideaes de renovação do que a ingenuidade satisfeita com que nos comprazemos ás vezes na obra realisada, menos por sentimento de respeito pelo esforço alheio do que pela oportunidade aberta, dessa forma, á cultura do menor esforço, da incompetencia e da irresponsabilidade. Ninguem, de facto, terá o direito de exigir que trabalhemos com afinco por melhorar, com reformas substanciaes, aquillo que apregoamos por optimo e em que só encontramos motivos de ufanía... A attitude pôde ser commoda; mas não será justa, sobretudo em questões de relevancia a respeito das quaes só se mantém, a preço dos mais altos interesses communs, essa tranquillidade somnolenta dos que parecem não suspeitar das conquistas scientificas que renovaram por toda parte as idéas de educação.

O pessimismo destruidor, na sua aggressividade impertinente, está condemnado por si mesmo a desaparecer. O cansaço de investidas e escaramuças, sem frutos e sem consequencias, em lutas a que falta objectivo alto e preciso, acaba reconciliando-o, por um fatalismo resignado, com todas as situações. Somos francamente optimistas a respeito de nossas possibilidades e de nossos destinos. Por isto mesmo é que achamos por um lado necessario todo e qualquer esforço que, partindo da critica, tenha por fim a obra de reconstrucção, e prejudicial por outro lado, o optimismo farto e radiante, de braços cruzados e de lingua atada. Sincero em alguns por uma tocante candura e calculado em outros por visivel interesse, não boceja palavra senão quando se vê perturbado no goso de sua paz burocratica. Ninguem acorda fóra de horas sem mau humor...

Ora, nada mais util e opportuno do que agitar uma questão que só lucrará com o debate franco, cujos rumores poderão despertar, para o trabalho fecundo, aquellos que por ventura já cuidavam ter soado a hora de descansar indefinidamente sobre as soluções encontradas. O problema do ensino e da educação é desses que, para serem resolvidos, não admittem treguas longas ao trabalho de adaptação ás novas necessidades e ás novas idéas. Tanto mais quanto todos sentem a necessidade de se projectar um pouco de luz na cerração densa de idéas fluctuantes que dominam o ensino primario e normal e nos têm levado, na sua organização, a erros, a vacillações e até mesmo a preoccupações regressivas. De facto parece

ir criando raizes o preconceito de que, ao menos no tocante a esse ensino, possuímos admiravel organização lançada ha trinta annos em bases tão solidas e com vistas tão agudas, que os reformadores de hontem, de 1925, chegaram a pensar que para melhora-lo, só tinham uma coisa a fazer: "voltar para o passado"... E voltaram, com homens, erros e processos de trinta annos atrás; mas de mergulho tão profundo não trouxeram, desentranhada da concha fria da lei antiga, a mais bella perola que ahi segregou o organismo vivo da educação naquella época: — o idealismo largo e desinteressado.

Certo, em materia de ensino normal e primario, foram os republicanos de ha trinta annos que lançaram, num surto de idealismo productivo, as bases de sua organização. Mas é verdade que não deixaram discipulos. Nem teria um simples decreto o poder magico de cria-los. O prestigio que se irradiou desse esforço benemerito foi tão grande que, infelizmente, ainda hoje tem servido para alimentar, nos que não são capazes de novo esforço, "dentro do seu tempo", a illusão das maravilhas do ensino publico em São Paulo... Não ha desconhecer o valor, sem lisonja, respeitavel desse emprehendimento em que os organisadores de 1892, em pouco tempo ergueram os fundamentos em que ainda hoje se apoia em grande parte a instrucção publica. A nossa admiração por esses homens de fé e de ideaes, vae por isto ao ponto de nos radicar a convicção de que se a elles tivesse cabido reorganisar hoje o ensino, o teriam lançado em outras bases, de accôrdo com as modernas idéas sociaes e educativas

e dentro do novo quadro social e economico do Estado de São Paulo.

Em favor desses preconceitos sobre o ensino em São Paulo conspiraram certas circumstancias que, a poder de se fomentar, acabaram por lhes imprimir o caracter de principios passados em julgado. Entre essas circumstancias, as visitas frequentes que nos têm feito autoridades curiosas de ver de perto a nossa organização escolar e as missões que têm partido periodicamente para reorganisar, a convite, a instrucção publica de outros Estados. Felizmente essas visitas não têm passado das "salas de receber"; e das missões dos professores paulistas, para a reorganisação do ensino, apenas se sabe de uma que contribuiu, nos seus trabalhos, para manter a illusão em que fóra se vive a nosso respeito. Quanto ás demais, o maior serviço que prestaram aos outros Estados, foi o de esclarecel-os, com provas tangiveis, sobre nosso espirito e capacidade de organização... Aliás não se comprehenderia tão grande e impressionante progresso quando a instrucção entre nós, não se póde abonar senão com a somma avultada que absorve para manutenção de certo numero de escolas geralmente bem edificadas.

Ainda assim, se traçarmos um quadro estatistico das verbas destinadas, em cada Estado, ás despesas com a instrucção publica, veremos que São Paulo occupa na Federação, não o primeiro, mas o quinto lugar, feito o calculo dessas verbas em proporção ás rendas dos Estados. Seria tambem estranho que uma instrucção publica que já ganhou fama de modelar, não tenha desenvolvido até

hoje um fóco de cultura technica que se irradiasse pelo livro e pelas revistas de educação. E' uma miseria a nossa literatura pedagogica, em prova de cujo desenvolvimento não se podem adduzir senão tres ou quatro livros technicos de valor, publicados em trinta annos. A "Revista Escolar", organ do ensino, criado por lei, em que se expande o velho espirito dominado pelas questiunculas de mecanica didactica, é iniciativa que poderá servir quando muito para manter o bom humor do professorado primario...

Se a ultima reforma do ensino, a de 1925, armada, sob capa da tradição, trouxe um contingente pesado de erros, é certo porém, que muitos desses, já de longa existencia, não foram senão mantidos ou aggravados. Apesar de innovações que introduziu, de incontestavel utilidade, ella valeu por um retrocesso, tanto mais censuravel, quanto foi uma reacção machinada contra o espirito de renovação esboçado na reforma precedente. Ainda não se comprehendeu a necessidade vital de se reduzir a intervenção politica na direcção do ensino, cujas funcções essenciaes, de natureza technica, são tolhidas quer pelo seu crescente character burocratico quer pela falta de autonomia de pensamento e de acção. O conselho geral criado pela ultima lei, directamente submettido ao director do ensino e portanto sem independencia de exercer o papel de orientador, é um corpo praticamente inutil, destinado a funcionar como aparelho, consultivo, sem responsabilidades definidas na direcção suprema.

Esse triumpho da burocracia que tende a empolgar, de alto a baixo, toda a direcção do ensino, trouxe, na lei como na sua execução, o erro de que costuma acompanhar-se; a obsessão da uniformidade a todo transe. Theorico e rigido, sem character obrigatorio e sem uma finalidade educativa e social, o ensino primario não consulta o principio de adaptação regional e não se orienta segundo o "espirito de cooperação", na economia do grupo social a que pertence. Na praia como no sertão, nos grandes centros urbanos como nas pequenas cidades em formação, a escola primaria é absolutamente a mesma, a despeito das tinturas theoricas com que ás vezes se finge differencial-a nos programmas. Uniformisadas, não apenas como deveriam ser no seu espirito fundamental, e dominadas exclusivamente pela sua função alphabetisante, que não conseguem desempenhar, as nossas escolas primarias não são organisadas no sentido de reagir efficazmente sobre o meio em que se installam e em que podiam exercer poderosa acção social e de orientação pratica e educativa das actividades locais.

As escolas, localisadas em zonas agricolas, com campos de experimentação; na praia, em zonas de pesca, ou em meios francamente industriaes, deviam todas, sem perderem a sua unidade substancial, organisar-se em conformidade com o ambiente a que são chamadas a servir. Installadas, segundo este principio de adaptação ás necessidades regionaes, está claro que, sobre sua função elementarissima de alphabetisar, se transformariam num instrumento de progresso economico, de fixação das popu-

lações do campo ou do litoral, (combate ao urbanismo), não só despertando o gosto pelas actividades dominantes na região a que servem, como influndo sobre essas actividades centralizadas nos seus caracteres mais originaes e mais susceptiveis de educação. Ora, as nossas escolas ruraes, sem hortos para experiencias e sem elementos apropriados ao serviço que poderiam e deveriam prestar, tomam, o nome, como se sabe, em contraposição ás urbanas, "exclusivamente" por serem installadas nas zonas agricolas...

Todos reconhecem que as nossas escolas normaes são em numero excessivo. A lei de 1925, reconhecendo o inconveniente do numero dessas escolas que montam a dez, propoz-se corrigil-o de maneira curiosa: as escolas normaes do interior que não alcançassem matricula superior a 100 alumnos seriam transformadas em escolas profissionaes... Só por um decreto, lá onde estaria uma normal, appareceria, mudado o rotulo e o quadro das materias, um instituto profissional, na mesma região, no mesmo predio e naturalmente aproveitado, na sua quasi totalidade, o corpo docente de uma escola para formação de professores... De escolas normaes ruraes, para atenderem á necessidade da formação do professorado rural, não cogitaram os legisladores, a cuja aprovação não subiu ainda projecto que atacasse em cheio o problema das normaes. Essas, as que existem, sem laboratorios para experiencias pedagogicas, sem material didactico, actual e sufficiente, falharam, não por culpa dos professores, na sua maioria dedicados e competentes, mas pela organiza-

ção do curso, na sua sobrecarga estafante de disciplinas e na falta de correspondencia intima com sua natureza profissional.

Mas, esse principio de uniformidade niveladora não se sente apenas nas linhas geraes da estructura do ensino primario e normal, como na mentalidade que o domina, abafando, pelo desanimo e pela compressão, o gosto das experiencias pedagogicas, o espirito de iniciativa e de livre pesquisa. A reforma de 1920 estabeleceu, por disposição de lei ainda não revogada, o principio de autonomia didactica, "compativel com a unidade e eficiencia do ensino". A execução desse principio salutar, não dentro de um criterio estreito e monopolizador, mas largo e liberal, não pôde trazer, como se pensa, a negligencia, a anarchia e a indisciplina. Esquecemo-nos de que o sentimento de disciplina e de cumprimento de deveres, não se impõe, cria-se, pelo exemplo que vem de cima, da competencia, da tolerancia, do desinteresse e da abnegação. O prestigio da autoridade tem de apoiar-se essencialmente sobre forças moraes e sobre o exercicio da função que lhe cabe de "estimuladora" do esforço alheio e de "coordenadora", para o ideal commum, de todas as suggestões uteis, experiencias fecundas e iniciativas desinteressadas, venham de onde vierem, sem o selo e a bençã da sciencia official.

Será pessimista o nosso juizo sobre o ensino normal e primario, na sua organização e tendencias actuaes? Pôde ser. Em todo caso começarão a falar amanha os entendidos em condições de se pronunciarem livremente

sobre a materia. Entre as pessoas que consultamos, não figura nenhuma das autoridades officiaes, excluidas naturalmente, mau grado a sua presumivel competencia, pela sua directa subordinação aos poderes publicos. No entanto, como nosso intuito é agitar, nesta primeira phase do inquerito, a questão do ensino primario e normal, teremos satisfação de acolher quaesquer contribuições de valor, no terreno das idéas. O nosso questionario, abrangendo, como se vê, o problema na sua complexidade e por todas as suas faces, abre debate sobre questões de grande alcance, que precisam ser atacadas seriamente:

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

4.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o primario integral para alguns?

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares em cujo proveito deve organizar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

6.º — Qual o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do caracter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

8.º — Não acha que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radio-telephonia?

9.º — Como está tratada e como deveria ser resolvida a questão de assistencia technica e da inspecção e fiscalisação do ensino?

10.º — Não reconhece que nosso ensino normal está quasi inteiramente:

- a) desviado de seu caracter profissional;
- b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

12.º — Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes, a assistir ás aulas e a interessar-se “pela vida normal” e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) e por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

13.º — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboraçã, ao lado e acima d'elle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

14.º — Que me diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

15.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

16.º — Como se poderia organizar em São Paulo praticamente uma obra efficaz particular, de orientação e propaganda do ensino, e de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

A OPINIÃO DO DR. FRANCISCO AZZI

Signaes dos tempos... — A nossa má organização pedagógica e seus frutos. — Confronto desolador. — Retrogradação sentida e confessada. — Problema capital. — Nada «de analphabetos de letras», nem «de analphabetos de officios». — A reforma dos cursos normaes? Deficiente, estreita e iniqua. — Cargo inútil e pernicioso. — A escola primaria e o espirito que a deveria animar. — Nem só de pão vive o homem...

A primeira resposta, que recebemos, ao nosso questionario, chegou-nos de Casa Branca. E' o depoimento do sr. dr. Francisco Azzi, conhecido advogado e lente cathedratico da Escola Normal daquela cidade. Espirito francamente aberto aos ideaes de renovação, culto entre os mais cultos do professorado paulista, o sr. dr. Francisco Azzi é dos poucos, cujas opiniões, amadurecidos em longo tirocinio no magisterio, precisam ser conhecidas e meditadas. Pois, ao gosto da observação, que lhe dá um conhecimento exacto e amargo dos meios do ensino, allia intensa curiosidade intellectual com que acompanha de perto, pela leitura constante, as grandes correntes de idéas literarias e scientificas.

Amigo de dizer a verdade dôa a quem doer, de uma personalidade marcada que mal se disfarça sob as apparencias de indole timida e retrahida, imprime sempre ao

que diz ou escreve, pela coragem das afirmações, a força communicativa da sinceridade. Poderemos divergir, ás vezes, de sua idéas. Nunca nos será licito deixar de acatar as suas ponderadas opiniões. Da lucida energia com que encara as questões de ensino, melhor dirá a sua propria exposição que hoje publicamos, suggestiva e vibrante, em que a vontade de ir certo aos assumptos não lhe permittiu senão esboçar as idéas, mas com mão de mestre, sem subterfugios e sem digressões.

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— Ainda muito moço, distinguido, como agora, pelo convite honroso do “Estado”, tive azo de dizer, pelo seu numero de 30 de Março de 1914, o que pensava das coisas do nosso ensino, naquella época. Já então, não occultava o constrangimento e a timidez com que abordava assumptos de tamanha relevancia e complexidade. Hoje, decorridos bastos annos, e tragadas não poucas desillusões, maior consciencia de minha desvalia e nenhum valimento, impunha-me a relutancia com que procurei esquivar-me de tarefa tão delicada e ardua. Insistiu, porém, o “Estado” e não é licito a ninguem, — ainda o mais mofino! — desinteressar-se por problemas que entendem tão directamente com os proprios destinos do nosso paiz. Muito menos licito será calar quando o silencio poderia ser levado á conta de covardia civica ou de interesse pessoal. Todavia cumpre não esquecer que nos falta um elemento

importante para julgar da nossa actualidade pedagogica. A ultima reforma do ensino, — feita, aliás, por delegação do legislativo (feito signal dos tempos!) — não teve ainda o seu regulamento. Ora, como é sabido, foi deixada á faculdade de regulamentar (outro signal dos tempos!) a mais ampla liberdade que nunca se viu. Estamos ainda no regime transitorio das medidas tomadas hoje e revogadas amanha. O regulamento do decreto da reforma, — anciosamente esperado, nunca publicado, — não poderá, entretanto, ser obra despicienda, nem pelo tempo que está absorvendo, — maior do que o de uma gestação normal, — nem pela competencia e numero dos seus autores, — o digno director geral da instrucção, professor de larga experiencia, e seus cinco inspectores geraes, seus seis inspectores especiaes, seus cincoenta inspectores districtaes e auxiliares de inspecção, além dos directores de escolas, todos funcionarios de alta categoria e de sua confiança. E' o regulamento, — “Opus magnum”, ao que se espera, — que a tudo proverá.

Respondendo, porém, á questão proposta, temos para nós que não ha vacilar em nos declararmos pela negativa, diante da realidade actual. — S. Paulo não possui, ainda, uma organização pedagogica, correspondente ás suas necessidades e que esteja ao nivel do seu desenvolvimento economico e demographico. Apesar dos notaveis esforços feitos e sem embargo dos gastos, cada vz maiores, parece incontestavel que assim é. Dir-se-ia que, no proprio paiz, — quer em trabalhos theoreticos, quer nos de

organisação, — vamos perdendo o primado, outr'ora motivo de nossas mais justas ufanias. Não são paulistas as melhores obras brasileiras mais recentes sobre questões educativas. — “Ensinar a ensinar”, encantador livrinho de Afranio Peixoto, encerra lições cuja leitura não desaproveitaria aos mais graduados dos nossos pedagogistas. Os volumes do sr. A. Carneiro Leão, palpitantes de interesse, ventilam, superiormente, as mais variadas questões de educação popular. “O ensino que nos convem”, — estudo vasto, sahido dos prelos este anno, e cujo conjunto systematico, rigorosamente travado, lembra a belleza e a solidez de uma construcção architectural, — obra das mais dignas de exame e discussão por parte da nossa imprensa e dos nossos homens publicos, — é da lavra de um illustre e antigo professor da Polytechnica do Rio, o dr. A. Licinio Cardoso.

Todos proclamam ser, hoje, a melhor escola profissional do Brasil o Instituto Parobé, criado pela Escola de Engenharia de Porto Alegre.

Não ha muito, por estas proprias columnas do “Estado”, nosso eminente collega prof. J. Escobar frisava a superioridade dos ultimos programmas de ensino primario do Districto Federal sobre os nossos, assim na sua substancia, como no processo mesmo de sua elaboração.

Em 1914, já denunciavamos a decadencia da efficacia do nosso ensino. Temos que a decadencia não descontinhou. Passado o breve parenthesis de radioso e vigoroso renascimento que foi a gestão Alarico Silveira-Sampaio Doria e repudiada a organização que deixara, — tudo con-

siderado, por sem duvida, a melhor que já tivemos, — volveram as coisas ao marasmo antigo. A retrogradação, sentida e confessada, é um facto.

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

— Quanto ao ensino primario, o grande problema, o mais urgente, o problema capital é o da debellação da hydra do analphabetismo. Não ha duas opiniões a respeito, hoje em dia. Nada de analphabetos — clamam todos. Nem “analphabetos de letras”; nem “analphabetos de officios”, como, ainda melhor, não se cansa de repetir um dos mais legitimos representantes da mentalidade nova do Brasil, Vicente L. Cardoso, que, superior ás preocupações de phrase, se tem revelado um notavel pensador e publicista de solida cultura, no estudo das coisas nacionaes, á luz da realidade nacional.

Esse momentoso problema tinha-o o governo Washington Luis virtualmente resolvido, deixando-o bastante adiantado na sua completa realisação pratica. A' administração passada, cabe a gloria de ter sido a primeira no paiz a levar o alphabeto a todas as crianças comprehendidas na area de sua jurisdicção.

Ao tempo em que realisava esta obra inestimavel de verdadeira democracia, foi immensa a celeuma de protestos, a matinada infernal de censuras que teve de vencer. Não vale, hoje, entrar em pormenores, quando já não se lhe pode, em boa justiça, negar titulos de benemerencia que lhe assegurarão logar de relevo na historia de nossa

educação popular. Monteiro Lobato, com aquella agudeza de pensamento e graça de expressão que o caracterizam, respondeu aos censores com o saboroso apologo do “pão com manteiga e pão sem manteiga”. Faltando esta, nem por isto se deve deixar ninguem morrer á mingua...

Haverá, hoje, ensino primario obrigatorio em S. Paulo? E' sabido que desapareceu.

Quanto ao ensino normal a reforma, deficiente, inspirada num estreito e lamentavel espirito primario, apesar de haver accrescido o curso de mais um anno, — que aliás supprimiu na escola complementar, — é francamente inferior ao que já possuímos, sobre ser até iniqua. Disciplinas ha cujo ensino foi reduzido a quasi nada. Por outro lado, a distribuição do trabalho entre os docentes é injusta, nem consulta o principio da competencia especializada. Pelo condão de um decreto, viram-se alguns professores encarregados do ensino de materias de que, antes, jamais haviam cogitado. Sem duvida com gaudio grande dos para quem foi isso uma promoção inesperada, mas, com amargura dos que não tendo subido de categoria, têm justificados escrupulos de se entregarem á charlatanagem pseudo-scientifica, ensinando aquillo em que lhes fallece capacidade e para que lhes falta bibliotheca. Parece que se esqueceu ser impossivel improvisar um professor, maximé um professor de curso normal. O que se fez foi dar emphase ás attribuições, já antes mal delimitadas, dos directores de normaes. O dispositivo exarado no artigo 54 do decreto de reforma, por exemplo, provocou justissimos

protestos de toda parte. Um director de escola, ao cabo de contas, é, antes de tudo, um homem como todos os mortaes. A reforma, dir-se-ia, presuppoz nelle um ente preternatural, inaccessible a interesses materiaes e moraes, alheio a camarilhas e corrilhos, isento da influencia das ligações e amizades, um abysmo de perfeições, como o Dalai-Lama, superior a tudo e a todos.

Depois de não pequena experiencia pessoal que orça por quasi tres lustros e em que registámos factos, que vão do lamentavel ao humoristico, estamos convictos, — e em tal convicção nos confirmámos nos ultimos annos, — de que o cargo de director é inutil e pernicioso. Nada de burocratas que não ensinam, ingerindo-se directamente na vida diaria do ensino.

Fixadas funções adequadas ao pessoal da actual secretaria; assignalados os encargos convenientes á professora-inspectora e ao chefe do pessoal administrativo, já existentes nas escolas normaes, estas, uma vez criadas as respectivas congregações, com suas prerogativas e deveres bem determinados, tudo teriam a lucrar se fossem dirigidas por um dos professores, eleito, annualmente, pelos demais, para occupar o cargo decorativo e honorario de director, reitor, principal, presidente ou como melhor se lhe quizer chamar. Emfim, o regimen de muitas universidades e escolas superiores. Só assim se preservará a dignidade indispensavel dos que têm por missão formar os futuros educadores, obreiros estes, por sua vez, dos homens de amanha.

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

— A fórmula de proceder adoptada, no caso, pelo governo passado, “mutatis” levemente “mutandis”, parece-me a mais aceitavel.

4.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o primario integral para alguns?

— Coherente com a resposta dada á questão precedente, prefiro a primeira hypothese, desde, — é claro, — que o ensino se tornasse pelo menos tão completo quanto possivel.

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares em cujo proveito deve organizar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

— Com effeito, dóe ter que reconhecer essa triste verdade, precisamente quando todos os povos cultos enviam tantos e tão grandes esforços em prol da escola popular.

6.º — Qual o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do caracter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;

d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

— No que concerne á formação do caracter nacional, penso que cabe á escola realisar uma grande obra de unidade, cohesão, assimilação e confraternisação de todos os individuos que por ella passarem e em que ella inculcára o forte e amplo espirito brasileiro e humano que a deve animar. Tudo póde concorrer para isso, na escola, desde a architectura, a decoração, o ambiente, o ensino, até as festas, os jogos e as relações sociaes de toda natureza. Das applicações didacticas do folklore teriamos, a esse respeito, muito que esperar, quando intelligentemente aproveitadas.

Pelo que toca á assistencia social quasi tudo está por fazer. Tivemos ensaios de caixas escolares para fornecer vestuario, merendas, etc., ás crianças pobres, mas, evidentemente, não passaram de ensaios.

A propaganda hygienica pela palavra e pelos actos teria, na escola, um campo de eleição em que se exercer. O bello livro de nosso distincto collega dr. A. de Almeida Junior — “O saneamento pela escola” está cheio de suggestões de grande alcance. A’ inspecção medica escolar e domiciliar cumpria velar melhor pela saude das novas gerações. Sabe-se quanto é pobre de calcio o solo do Estado e quanto a robustez physica depende de bons dentes. Seria pois necessario dar maior extensão ao serviço de assistencia dentaria. Os hospitaes de crianças, as crèches, os jardins de infancia, as “case dei bambini” (Montessori), os asylos para a infancia desamparada, os reformatorios

para as crianças delinquentes, as classes disciplinares para os discolos, as escolas para anormaes e deficientes, as de férias para as crianças fracas, são coisas muito raras entre nós, quando existem, e muito pouco espalhado é o conhecimento da puericultura e da eugenia.

As associações e as municipalidades, desenvolvendo esforços conjugados, deveriam promover a fundação de praças de jogos, nos moldes das que o dr. Fernando de Azevedo, nossa maior autoridade em educação physica, não ha muito, suggeria á Camara Municipal de São Paulo. Nossa educação physica ainda não sahiu de um empirismo atrasado, não sem graves perigos, posto com parcos beneficios, para a saude dos educandos. Não tem visado senão condemnaveis exhibições de parada. Nossos professores de gymnastica têm sido recrutados mais ou menos ao des-cuido e ao acaso dos encontros, o que dá a sentir que idéas vigem sobre a materia, ainda nas altas espheras da administração. Um medico francez publicou, recentemente, um livro sobre "Os crimes da gymnastica" e as coisas vão na mesma, por estas bandas. Faz-se mister a criação de um curso especial de educação physica para a formação de professores dessa disciplina.

Os banhos publicos são outra necessidade de que se resentem todos os nossos centros urbanos. Quantos terão um parque-floresta? Ninguem desconhece o que a Allemanha tem realisado nesse terreno. A tudo isso não pode a escola ficar estranha. Um professorado intelligente, progressista e patriota saberá estimular os particulares e os poderes publicos quando elles se conservarem inertes

para realizações de humanidade, de belleza e saúde como essas.

A phase da civilização que vivemos é industrial por excellencia. O trabalho é a força suprema dos nossos dias. Toda escola deve ser, em certa maneira, uma escola-officina e todo alumno um operario-aprendiz. — “Nem analphabetos de letras, nem analphabetos de officio”, repetamos. Por isso, á escola primaria compete não só desenvolver a habilidade manual dos escolares, como também, por meio de “tests” e outros meios apropriados, determinar-lhes, desde cedo, as vocações profissionaes.

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

— Pelo que deixei dito, é obvio que sou, decididamente, pela segunda solução aventada.

8.º — Não acha que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema da educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radiotelephonia?

— De pleno accôrdo. E quem poderá pensar de modo diverso, a esse proposito?

9.º — Como está tratada e como deveria ser resolvida a questão de assistencia technica e de inspecção e fiscalisação do ensino?

— Questão delicadíssima na verdade. A solução da ultima reforma, com seu immenso pessoal effectivo, permanente, é das que menos me parece acertada. Dizer por que seria longo, penoso para mim mesmo. E não devo abusar da paciencia alheia. As soluções passadas tambem não satisfizeram plenamente. As delegacias de ensino do governo transacto, sem embargo de sua boa organização, como apparelho material, receio bem que se transformassem (se é que se não transformaram muitas!) em verdadeiras satrapias pedagogicas... Em materia de superintendencia e fiscalisação do ensino, a burocracia, engrenagem de interesses rigorosamente entrosados e nem sempre superiores, parece-me perigosa e muito de evitar. Haveria, em todo caso, que delimitar-lhe (senão restringir-lhe) a casos taxativos a acção e a alçada. Como quer que seja, taes cargos deveriam ser de character essencialmente transitorio e occupados, — como todos os de mera administração, no ensino, — em commissão por professores de reaes serviços, como diversão temporaria de suas occupações habituaes. Ha professores que, com uma vida toda de actividade funcional, só dois ou tres annos ensinaram e foram, de facto, professores. Os outros annos todos, passaram-nos na ceva da administração, em postos de commando e de influencia.

Nedios e felizes, imponentes e arrogantes, não se aposentam nunca, intrigando, collocando os parentes, os amigos e... esperando um logar ainda melhor!

A fiscalisação indirecta, pelos resultados, como a propõe o dr. A. Licinio Cardoso, em seu livro já citado, é

aceitavel e teria as vantagens de attender ao que elle chama — “o binomio liberdade-responsabilidade”. Isso, porém, só seria cabalmente exequivel dentro do bello e solido systema que elle propugna. Um Conselho Superior de Educação e conselhos locais, organizados com espirito esclarecidamente liberal na escolha de seus membros, com funções não permanentes e, se possivel, puramente honorarias, seria outra formula de solução a estudar.

A aproximação, a interpenetração, a collaboração da escola e da familia é que, a meu vêr, resolveria satisfactoriamente este como outros muitos problemas educativos.

Na solução da reforma, basta dizer que apparece, ainda uma vez, o homem Dalai-Lama, o abysmo de virtudes, omnipotente e irresponsavel, o bemaventurado detentor da pansophia, o polymatha, o pantologo, o omnisciente, encarregado de fiscalisar e “orientar” o ensino (art. 10.º paragrapho unico), não nos grupos escolares, não nas escolas primarias, mas, — veja-se e pasme-se, — nos gymnasios e nas escolas normaes, cursos secundarios de cadeiras especializadas. E’ o avesso do que regista a experiencia multiseccular do povo: “Mais sabe o tolo no seu que o sizudo no alheio”. Talvez, porém, se julgasse mais verdadeiro o que reza outro adagio: “Na barba do nescio aprendem todos a rapar”. Lastimavel é, entretanto, que tudo isto venha depois de termos vivido sob um regimen amplo e desafogado, que se inspirava no principio salutar, superior, fecundo e dignificante da autonomia didactica, nossa mais brilhante conquista dos ultimos tempos.

10.º — Não recõhece que nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente

a) desviado de seu caracter profissional;

b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

— Infelizmente, não ha negar, que assim é, e de modo especial, no que se refere á ultima parte da pergunta. Formo, formei sempre, do ensino normal a idéa mais elevada. Ao meu ver, como acontece em varios paizes, deveria elle ser equiparado ao ensino universitario. O que impera entre nós, hoje, é a mentalidade primaria. As suas lufadas gelidas, que sopram dos quatro cantos do horizonte, o ensino normal desmedra e definha. O proprio decreto da reforma (art. 48, paragrapho 3.º) registalle o progressivo estiolamento.

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

— Penso que as escolas normaes deveriam ser transformadas em normaes-gymnasios. Para isso ha até razões de ordem pratica, dictadas pelas circumstancias do momento. Voltariam, assim, a ser procuradas pelo elemento masculino, hoje, dellas muito arredo, senão de todo em todo ausente. Razões de ordem superior tambem não faltan. O alargamento do "curriculum" dos estudos que

lhes adviria dessa transformação, valorisal-as-ia ainda sob o aspecto profissional, visto como a cultura geral é a melhor e a mais segura preparação para o ensino. A primeira condição pedagogica é — “saber”. E’ mister saber também transmittir, — sem duvida. — Transmittir... Que é que pode transmittir, porém, quem nada possui?

12.º — Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes a assistir ás aulas e interessar-se “pela vida normal” e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

— Mais do que util, acho que é indispensavel, como decorre do que já disse antes.

13.º — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboração, ao lado e acima delle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— Certamente que sim. A chamada “extensão universitaria” é, nos dias que correm, coisa velha em todos os paizes mais adiantados.

14.º — Que me diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

— A reforma ultima copiou o que já estava feito e, onde não copiou, modificou para peor. Inutil entrar em pormenores, que não cabem aqui. Sobre a Escola Normal Superior, teriamos apenas que repetir tudo o que dissemos, em 1914, por este mesmo jornal.

15.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

— Eis outro problema, verdadeiro áporo, que está a desafiar a argucia e lucidez de quem queira attender aos interesses superiores do ensino e aos direitos e interesses legitimos dos professores. Estou em que deveria ser de regra, no ensino primario, o concurso inicial, combinado com o concurso e o acesso, por antiguidade e merecimento, ás outras collocações; no ensino normal, só o concurso, respeitando o direito de preferencia á remoção para cadeiras identicas dos professores já existentes; no ensino superior, só o concurso para as cathedras effectivas e a commissão e o contrato para as interinas.

16.º — Como se poderia organizar praticamente e por iniciativa privada, uma obra efficaç de orientação e propaganda do ensino, e de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

— Pela associação cooperativa. E, como é bom frisar, sem ligações de qualquer natureza com o poder. Fugir sempre, a sete pés, de tudo que cheire a burocracia. Ensino e burocracia devem estar separados por uma barreira estanque. A propaganda e a orientação realisar-se-

iam pela publicidade, — uma revista, organ da classe, seria indispensavel, — pelos congressos periodicos e pelas “tournée” de conferencias, etc.

O de que mais precisamos, comtudo, é de cuidar do factor moral. Todas as grandes obras humanas só se realisaram sob a inspiração de um forte idealismo superior. Entristece verificar que as diversas confissões religiosas não desenvolvem toda a vasta e multifaria acção de que poderiam ser capazes na tarefa ingente da educação nacional. A' egreja catholica, sobretudo, cumpre não faltar aos immensos deveres. que suas gloriosas tradições, no Brasil, lhe criaram. A pregação e o exemplo illustres do grande padre Julio Maria sobre a acção social da Egreja devem produzir todos os seus frutos. A escola publica é e convem que continue a ser leiga. Mas, é innegavel que todos necessitamos de alma, de fé qualquer que ella seja.

— Nem só de pão vive o homem!

O QUE PENSA O DR. A. ALMEIDA JUNIOR

A maior falha no ensino primario. — O desinteresse pelo agente realisador do ensino. — A burocracia da repartição central. Como se rouba ao professor primario qualquer vislumbre de iniciativa. — Triste situação de automatós! — Pela educação hygienica. — Justiça de Salomão... — A uniformidade no ensino, contraria ás conveniencias e ás leis naturaes. — O problema das normaes. — Sobre a Faculdade de Educação? — Para falar com inteira franqueza...

E' do sr. dr. A. Almeida Junior, distincto medico nesta capital e lente da Escola Normal do Braz, o bello parecer que hoje publicamos. O que todos sabem do dr. Almeida Junior é que esse moço, na medicina como no magisterio, se tem imposto ao respeito e á admiração de seus collegas, nas duas actividades que exerce, por um solido cabedal de qualidades profissionaes que não costumam vir frequentemente associadas. Mas, nem todos sabem que entra, na composição de sua physionomia moral, de linhas firmes, esse scepticismo tolerante e molejador com que se amacia, pela consciencia da relatividade das coisas, a asperceza dogmatica dos julgamentos.

A pagina polida e substanciosa que nos enviou, em resposta ao nosso questionario, bem indica, na sobriedade e no tom da critica, esse feitio de seu espirito amigo da

serenidade, do bom humor e da ponderação. Ahi o ensino, de que agora se trata, vem encarado com a lente de uma razão imparcial, sem vislumbre de paixões. Tudo ahi, exacto ou não, é claro, preciso e repousado. No entanto, por mais que, por indole, evitasse carregar a mão, no traçar as falhas de nossa organização pedagogica, sahii-lhe um quadro em que, sob o veu delicado da linguagem, avultam, em forte relevo, erros e defeitos surprehendidos pelo seu espirito vigilante de observador apoiado na experiencia.

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— Evidentemente, não. S. Paulo, com as suas exterioridades brilhantes, e o seu relativo descaso pela cultura popular, dá a impressão de um “novcau riche”, dono, repentinamente, de grandes haveres, e que só pensa em cobrir-se de joias, adornar a casa, desenvolver “champaigne” e ostentar automoveis de preço...

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

— No ensino primario, a maior falha é quantitativa. Quando em quasi toda a parte a criança tem escola durante 5 a 7 annos, nós apenas lh'a facultamos pelo espaço exiguo de 2 a 4 annos. E esses mesmos, de que modo! Férias e feriados pelos mais futeis motivos. Dia de aula excessivamente curto. E é preciso desoccupar logo a

casa, porque outra turma de alumnos, já á porta deve entrar. E o preparo de festas, as recepções, as homenagens e outras coisas essenciaes ao nosso temperamento manifestante! Por dá cá aquella palha, dispensa de alumnos, para que um inspector, especialista ou não, chefe ou auxiliar, melhor possa explicar a sua didactica. E assim se vão criando habitos de mandriice, que se incorporam na psychologia da criança e a acompanham depois por toda a parte e por toda a vida.

Outro defeito capital é o desinteresse com que se encara o agente realisador do ensino. Confia-se demais no milagre dos regulamentos e circulares. Julga-se que complicar deste ou daquelle modo a burocracia da repartição central, dar este ou aquelle nome ao encarregado da fiscalisação, é um grande passo para melhorar o ensino. Do professor, não se cogita, cabendo-lhe apenas afeiçoar-se, cada quatriennio, ás novidades de uma administração descontínua. Mal installado em saletas incommodas e sem hygiene, trabalha elle desanimado e contrafeito. Roubam-lhe qualquer vislumbre de iniciativa, prescrevendo-lhe, nas disciplinas essenciaes, meudamente, os gestos, as palavras, as pilherias; obrigando-o a accommodar-se a uma processologia estreita, que poderá ser excellente, mas tem o defeito de não ser espontanea. Não o esstimulam por um systema justo de promoções, que o convide a dedicar-se para melhorar na carreira, não lhe dão ensejo de aperfeiçoar-se ou de revelar as suas investigações pessoases.

Esse conjunto de circumstancias vae desinteressando o professor do seu trabalho e transformando-o em méro

funcionario encarregado de tomar conta de crianças durante quatro horas diarias.

A mesma situação de automatismo se vai criando para os directores de grupo escolar, solicitados nas mais desconhecidas direcções pelos multiplos inspectores que a cada instante lhes vêm recordar a sua inutilidade.

E os programmas? Não tenho feiticismo por elles. Um pessimo programma será sempre melhorado pelo professor dedicado e capaz. Ha, porém, actualmente, uma falha contra a qual já tenho reclamado: a educação hygienica.

Justamente agora, quando esse ramo de ensino, "tão importante quanto a lingua patria e os numeros", se desenvolve em toda a parte é que se reduz a quasi nada o pouco que tinhamos. E incluo neste topico a puericultura, existente desde a campanha do professor José Escobar, no programma dos grupos escolares, e agora suprimida.

Quanto ao curso normal, a duração de 5 annos, que ora tem, é excellente. Ha, comtudo, defeitos no programma, na distribuição de materias e no regimen. Não se comprehende a vantagem de dois annos de latim. Os trabalhos manuaes estão completamente deslocados, na escola normal; não ha fundamentos psychologicos ou praticos que os justifiquem. O direito usual é uma invenção curiosa. A literatura, sob a forma de theoria e enumeração de escolas, sobrecarrega inutilmente a memoria. Por outro lado, a educação physica não se fará com o actual redu-

zidissimo numero de aulas. De educação moral e civica não se fala. No tocante ás sciencias phisicas e naturaes, a situação é quasi optima, sendo de notar a ausencia da geologia. A distribuição de materias, em successivos ensaios, ainda não chegou ao que tem de ser.

Predomina no ensino a theoria, quasi sempre pela penuria de material ou pelas exigencias do horario, que não permite excursões ou trabalhos praticos de certa duração. A falta de bons compendios força o professor a longas e minuciosas exposições com o corollario, para o alumno, de enfadonhas copias de cadernos, o que lhe rouba tempo e não o acostuma a procurar por si, nos livros, o que convém. Ao ensino todo, afinal, falta a cooperação activa do alumno, que se reduz a um automato estreitamente governado pela disciplina e pelo medo da reprovação.

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

— Os paizes civilizados dão ensino primario obrigatorio e gratuito durante 5 a 7 annos. Os seus orçamentos o permitem. Porque não o permite o nosso? Valeria a pena esclarecer esse ponto. Ou cobramos poucos impostos (o que não é crível), ou temos gastos que os outros não têm. Quaes esses gastos? Não haverá meios de reduzil-os? Uma criteriosa revisão de nossas despesas talvez trouxesse a chave do problema.

4.º — Qual a melhor solução provisória ao problema do ensino primario: o incompleto para todos ou o integral para alguns?

— Primeiro, uma questão de facto: dois annos não bastam para um ensino sequer apreciavel. Com menos de tres nada se faz. Tínhamos, ao que se diz, quatro annos para as crianças da cidade e nada para as da roça. Tentou-se adoptar a justiça de Salomão: repartir esse total em dois pedaços sem vida, prejudicando-se os da cidade, sem favorecer os da roça.

Acho que o minimo, indivisivel, do curso primario é de tres annos. Demos esses tres annos ao maior numero possivel. Não nos esqueçamos, porém, de que, na luta pela vida, aos da cidade o ensino escolar é mais necessario e o minimo de tres annos talvez insufficiente.

Ha uma lembrança utilissima da reforma de 1920: acoroçar e mesmo subvencionar as escolas particulares regidas por normalistas e sujeitas á fiscalisação official, alliviando-se, desse modo, o orçamento publico.

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares em cujo proveito deve organisar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

— Convem não exaggerar. A escola primaria, aqui ou allures, não fará milagres. Aqui, muito menos, pela insignificancia da escolaridade. Em todo o caso, tenho a impressão de que, entre nós, ella se tem limitado a ensinar a lê e escrever, e isso é pouco.

6.º --- Qual o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do caracter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

— A formação do caracter nacional parece tarefa muito pesada para cabir sobre os hombros apenas da escola primaria. O papel desta, contudo, é preponderante. Em nosso meio, o problema se apresenta mais complexo do que em outra parte, pois a materia prima é heterogenea e traz em si, muitas vezes, os sellos de civilizações antigas. Demais, a competir commosco, pullulam as escolas estrangeiras. Cumpre, portanto, á escola impressionar fundamente o espirito da criança, no sentido de gerar ou despertar idéas de civismo. Todo o ensino, o de leitura, o de historia, o de geographia, o de sciencias physicas e naturaes, deve impregnar-se dessa noção. Tenho muito mais confiança nesses meios, que calam lenta mas profundamente no alumno infantil, do que nas repetidas e, ás vezes, aborrecidas commemorações patrioticas.

No tocante á educação physica, ou, de modo geral, á educação hygienica, a responsabilidade da escola primaria é consideravel.

Deve-se aproveitar a plasticidade da criança e a continuidade da escola, para formar habitos de hygiene, tão

importantes, na educação primaria, “como a lingua patria e os numeros”.

A escola primaria não é, nem pode ser professional. Isto não impede que ella tenha sempre em vista o meio em que a criança vae viver e a actividade que provavelmente vae exercer, não tanto para criar habilidades especiaes, mas para encaminhar o espirito na directriz desejada e fazer nascer sympathias convenientes.

A nossa escola rural, por exemplo, deveria fixar o individuo no meio rural, e não preparal-o, como é commum, para fugir ao campo e vir recolher-se á cidade. Isto não se conseguirá emquanto a escola rural for o que é: ensino theorico, num cubiculo desageitado, e por professor sequioso de voltar á cidade. Nesse particular, havia, ainda no primitivo plano da reforma de 1920, uma disposição feliz: autorisava-se o governo a desapropriar pequenas areas de terreno e nellas installar escolas ruraes com campo de demonstração. Poder-se-ia, igualmente, premiar de qualquer modo, mesmo com uma gratificação em dinheiro, o professor que permanecesse tres annos seguidos na escola rural.

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

— Ha individuos que têm sêde de uniformidade, mesmo no ensino.

Qual a vantagem? Pode ser bonito num exercito de parada, mas, em materia de educação, a uniformidade é frequentemente contraria ás conveniencias e ás leis naturaes. Na reforma de 1920, havia um topico regulamentar, infelizmente não aproveitado, que deixava ao delegado regional, a organização de programmas de accôrdo com as conveniencias locais, ficando ainda ao professor a liberdade de suggerir modificações. A autonomia didactica e a variedade de férias eram outras circumstancias que condiziam com a necessidade de adaptar o ensino ao lugar.

8.º — Não acha que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radiotelephonia?

— Ha dois annos atrás, fiz, perante a Sociedade de Educação, uma demonstração da utilidade e praticabilidade das projecções luminosas, na escola. Não era nenhuma novidade, mas o meu intuito se reduzia a chamar a attenção para o assumpto. Nessa occasião, falou-se, se não me engano, em radiotelephonia. Tudo excellente, mas, ao que parece, de realisação longinqua, em escolas que carecem muitas vezes, de sala apropriada, de mobiliario e de outras coisas mais urgentes e fundamentaes. Entretanto, que optimos serviços prestariam ao ensino desde já as projecções luminosas e o cinematographo!

9.º — Como está tratada e como deveria ser resolvida a questão de assistencia technica e da inspecção e fiscalisação do ensino?

— Antes da reforma de 1920, a inspecção escolar estava centralisada na capital, de onde os inspectores sahiam pelo interior, em viagens apressadas. A insufficiencia dessa organização, demonstrou-a o dr. Sampaio Doria, em conferencia feita, se não me engano, em Piracicaba. A reforma de 1920 criou as delegacias regionaes, que permittiam fiscalisação effectiva. Infelizmente, o seu funcionamento se resentiu, mais tarde, da ingerencia repetida e absorvente dos mandões politicos locaes. Nem por isso o serviço deixou de ser melhor do que anteriormente. E a idéa foi respeitada, no que tinha de essencial, pela ultima reforma.

Ha, comtudo, diversas coisas que podem ser aperfeiçoadas. O corpo de inspectores deveria seleccionar-se rigorosamente dentre professores com um determinado estagio em classes ou na direcção de grupos escolares, bem como diplomados em curso de aperfeiçoamento. O que o Estado paga a esses funcionarios é insufficiente, e reduzida a verba que têm para suas viagens, de onde restricção forçada em o numero de visitas. As chamadas inspectorias especiaes, com a sua cohorte de auxiliares, não se justificam, assim como não se justificam as inspectorias geraes, especie de estado-maior á sombra do director geral.

A assistencia technica reduz-se, actualmente, á visita dos inspectores especiaes, que dão suas directrizes, ás vezes, a grupos de cem ou mais professores. Ora, esta funcção deveria competir aos inspectores communs. Não se entende que estes educadores, ao chegarem ao coroamento da sua carreira, se vejam reduzidos a feitorisar os profes-

sores, fiscalizando execução de horario e extrahindo frequencia média de alumnos. Que se lhes dê o encargo da orientação technica dos professores, não para subordinar estes ultimos ás minudencias de processos personalissimos, mas para encorajal-os e guial-os na experimentação e pratica dos bons methods. Seria, neste particular, de incontestavel vantagem, que os inspectores se puzessem em frequente contacto com os professores de pedagogia e de didactica das escolas normaes, para trocas de idéas e combinação de acções convergentes.

10.º — Não reconhece que nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente

a) desviado de seu character profissional;

b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

— Quanto aos defeitos do curso normal, convém não exaggerar. Vislumbra-se nelle, é verdade, certa propensão a curso propedeutico, mas, para marcal-o com o sello profissional, lá estão a pedagogia e a didactica, necessitadas apenas de maior desenvolvimento e cunho ainda mais pratico. Já nos referimos, linhas acima, aos defeitos capitaes da escola normal de hoje. Não é preciso insistir. A organização actual, diga-se o que se quizer, é melhor do que a de outróra.

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

— A primeira coisa realmente util, em materia de escolas normaes, é a suppressão de pelo menos metade dellas. Nada justifica a superabundancia desses estabelecimentos, cujas lotações estão reduzidas a uma insignificancia. A economia que se fizesse seria applicada em beneficio das escolas restantes.

Casas adequadas, todas têm. Falta-lhes, porém, material didactico e regimen que permita dar cunho pratico ao ensino. O latim, o direito usual, os trabalhos manuaes seriam supprimidos. A literatura theorica seria substituida pela leitura e rapido commentario de algumas grandes obras da humanidade. Maior incremento devem tomar os exercicios physicos, feitos systematicamente durante todo o curso. A educação civica se fará sob a forma de associações escolares que, para não cahirem no ridiculo, segundo demonstrou uma curta experiencia, basta que não sejam miniatura da republica federativa.

Compendios bem feitos, fartamente illustrados, permitirão que se reduzam ao minimo as longas aulas expositivas, acostumarão os moços a estudar por si, sem enfadonhas copias de cadernos, e darão tempo a exercicios graphics, observações, experiencias, excursões, discussões, etc., — tudo, emfim, que desenvolva a attenção sensorial, a critica, a iniciativa.

12.º — Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes a assistir ás aulas e a interessar-se “pela vida normal” e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) e por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

— A frequencia dos paes ás aulas, embora util, parece-me de difficil realisação. Melhor seria o segundo alvitre, isto é, a reunião delles duas a quatro vezes por mez, no edificio da escola, para palestra e mesmo discussão de assumpto de real interesse, relativo á hygiene, á educação moral, etc., tendo, ao mesmo tempo, o professor, ensejo para receber e transmittir idéas e impressões a respeito dos seus alumnos. Iriamos aos poucos habituando a população a essa convivencia, da qual resultariam, sem duvida, os melhores lucros para o ensino.

13.º — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboraçoão, ao lado e acima delle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— De pleno accôrdo. Os nossos professores primarios não têm estimulo nenhum para estudar. Reuniões periodicas, em que se reavivem idéas antigas, ou se tragam a lume novidades referentes á educação, seriam utilissimas. Dariam, além do mais, opportunidade a que

cada professor contribuisse, com estudos e observações pessoais, para a melhora da pedagogia e do ensino. Já tive occasião de propor ao governo a convocação dos professores de hygiene das escolas normaes, para uma reunião de uma a duas semanas, em que houvesse conferencias de especialistas, visitas a laboratorios e outros estabelecimentos, discussão de programmas e methodos de ensino, — o que forçosamente produziria beneficio. Coisa semelhante se poderia fazer com os professores de cada materia das escolas normaes, com os directores de grupos e mesmo com os professores primarios, divididos em turmas e convocados nas cidades mais centraes de cada região.

Um curso de aperfeiçoamento, em que se estudassem, mais profundamente, a pedagogia e a methodologia, seria desejavavel para os candidatos a directores de grupo escolar e inspectores.

14.º — Que diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descabro?

— Para falar com inteira franqueza, não vejo claramente os intuitos da Faculdade de Educação, tal como a organisaram, e, principalmente, depois dos retoques que soffreu. Não prepara, evidentemente, professores para cursos secundarios. O seu programma não é dos mais adequados á formação dos altos funcionarios, administrativos ou technicos, do ensino primario. Talvez dê edu-

cadores não profissionaes, que pretendam conhecer os problemas genericos do ensino. Ou é uma faculdade de letras, em symbiose com a pedagogia e o direito, visando apenas estimular os altos estudos e a cultura desinteressada. Esta ultima hypothese parece a mais plausivel.

Seja como fôr, temos a impressão de que os erros de organização do primitivo regulamento, agravados pela reforma em vigor, tornaram a Faculdade de Educação bastante defeituosa. Basta citar exemplos. Ha um curso de physiologia, com applicações á hygiene e ao trabalho, sem previo e conveniente estudo de anatomia. Lembremos que os alumnos da Faculdade tiveram apenas tinturas desta materia, nas escolas normaes ou nos gymnasios. A logica, materia propedeutica, deveria achar-se, quando muito, no primeiro anno, e não no segundo, como está. Ha, no primeiro anno, literatura nacional e comparada e, no segundo anno, literaturas estrangeiras. De onde se infere que a literatura nacional é comparada com as estrangeiras, antes de se conhecerem estas.

Exquisita ainda a disposição referente ao director, que será obrigatoriamente o da escola normal da capital, subordinando-se assim a congregação de uma Faculdade ao director de um curso secundario. Esta circumstancia se agrava se considerarmos que os lentes, mesmo depois do concurso, ficam, durante tres annos, sob as vistas do director, que resolverá, findo esse prazo, se elles convêm ou não para o logar... Asseguram-se ao diplomado pela Faculdade certas regalias estranhas: a nomeação, por exemplo, sem mais formalidade, para lente de inglez, ou

de physica e chimica, ou de latim das escolas normaes e gymnasios. Pois se essas materias não foram estudadas no curso!

Mas para que esgrimir contra uma coisa inexistente e que, antes de nascer, já soffreu a mortificação de uma reforma? Para a cultura geral, talvez a Faculdade venha a ser utilissima. Mas para o ensino primario, que está em fóco, convirá certamente muito mais um curso de aperfeiçoamento mais modesto e de programma ajustado a seus fins.

15.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

— Em these, o melhor processo, apesar de falhar muitas vezes, é ainda o concurso, cujo maior defeito reside em premiar, frequentemente, apenas o candidato de memoria mais feliz. Quanto ás escolas primarias, a reforma de 1920 disse a ultima palavra, instituindo uma regulamentação pratica e justa para a escolha de professores do interior e mantendo o concurso para os da capital. A nomeação livre, ás vezes com bons resultados, tem permittido a entrada, justamente nas escolas modelo, de professores sem o menor tirocinio.

Seria talvez acertado criar-se, no ensino primario, uma commissão de promoções, constituida de educadores de reconhecida idoneidade e situação independente, á qual se facultariam todos os meios para averiguar a capacidade do pessoal docente, como a audiencia dos inspectores,

directores de grupo e auxiliares de inspecção, a visita a escolas, etc.

O concurso para as escolas normaes, salvo pequenos defeitos revelados pela pratica, parece bom. Contudo, desde 1925, o professor, depois de approved e nomeado, ainda fica em experiencia por tres annos. E' um periodo excessivo, em que o candidato tem de subordinar-se es-strictamente ao director, cujo parecer resolve, em definitivo, sobre a sua effectivação.

16.º — Como se poderia organizar praticamente uma obra efficaz particular, de orientação e propaganda do ensino, e de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

— Os nossos professores difficilmente se associam: são profundamente scepticos neste assumpto. Diversas tentativas bem orientadas encontraram, como obstaculo maior, o descaso e o desanimo. Cada ensaio, porém, tem a vantagem de angariar novos adeptos para a idéa e facilitar o caminho para o ensaio seguinte. A Sociedade de Educação, por exemplo, pôde funcionar effectivamente mais de dois annos, publicando uma revista, realisando sessões e promovendo cursos.

E' indiscutivel a necessidade de uma associação de educadores, com o duplo objectivo de cultura e de assistencia. Para realisal-a, seria indispensavel que os professores abandonassem a attitude de indiferença em que jazem, e esquecessem um pouco as desconfianças e antipathias reciprocas, congregando-se, para o bem commum, numa corporação activa e efficiente.

O DEPOIMENTO DO SR. RENATO JARDIM

A iniciativa privada na obra de alfabetisação geral. — Legislação draconiana que tolhe o surto das iniciativas particulares. — Graves defeitos do aparelho pedagogico. — Reforma que é um «acervo de desatinos». — A crise moral que acarretou. — Ainda uma voz contra a uniformidade niveladora. — A que se reduz a nossa educação popular. — Sabedoria pedagogica conferida por decreto... — Frutos do equivoco e da precipitação.

Quando, aberto nosso inquerito sobre instrucção publica, resolvemos começar por inquirir sobre ensino primario e normal, acudiu-nos logo a idéa de interrogar o sr. Renato Jardim. Ex-professor cathedratico, ex-director do Gymnasio de Ribeirão Preto e da Escola Normal da Capital, o solido prestigio de que sempre se cercou nestas como em outras posições, valcu por expressivo reconhecimento de sua competencia e de sua alta comprehensão dos deveres publicos. Autoridade experimentada e independente, era natural que fosse lembrada. Tanto mais quanto, arredado do magisterio, longe de descansar sobre sua folha de serviços, o distincto professor se vem destacando pelo desinteresse e pela pertinacia com que tem posto sua penna em defesa de idcaes hoje, mais do que nunca, feridos ou maltratados.

Não recuou ainda de nenhuma discussão séria e documentada acerca de problemas technicos e de nossa organização escolar, estudada e esclarecida frequentemente, no relatorio, no folheto e na imprensa, ás luzes de sua critica. Temperamento de lutador, em que o tempo e as desillusões não arrefeceram ainda o calor da fé nos ideaes, elle tem, para equilibrar esse idealismo fervoroso e activo, um claro bom senso, uma intuição viva da realidade e amargo conhecimento dos homens. Com esse criterio seguro de espirito trabalhado pela vida e affeito a meditar nunca poderia sua exposição bastardear em criticas indecisas e idéas temerarias. Na resposta que nos mandou, — e com a qual nem sempre se poderá concordar, — procura, não ferir de raspão nos assumptos, mas ataca-os quasi sempre em cheio, numa critica incisiva e vehemente:

“Com mais acerto andariamos, sem duvida, declinando, por immerecidamente honroso, o convite para depor no inquerito que ora promove “O Estado” acerca do ensino em São Paulo. Já, porém, nos temos permittido tocar o assumpto em artigos de imprensa, obedecendo ao pensamento de que é antes util que nociva, sobre objecto de interesse colectivo, a externalização de opiniões sinceras, partam ellas, embora, de fonte desautorizada. Não haverá mal agora que, guardando coherencia com anterior attitude, annuamos a juntar o desautorizado do nosso parecer aos valiosos depoimentos que ao inquerito accorrem. Passamos, pois, a responder aos quesitos.

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— A esse quesito ha que dar resposta synthetica se não se quer com ella esgotar o assumpto de todos. Evidentemente, a despeito de leaes esforços em pról do ensino, não temos aparelho pedagogico primario e normal que por sua extensão e flexibilidade satisfaça ás largas e multiplas necessidades de São Paulo e que pelo seu grau de aperfeiçoamento corresponda ao progresso da vida social paulista, considerada sob os seus varios aspectos. Accrescente-se, porém, que como hoje assim será no futuro, se se persistir no desacerto de suppor que apenas ao poder publico deve incumbir a tarefa do ensino primario.

O problema da instrucção popular tem varias faces, e a economica prima, de um outro modo, entre as demais. São Paulo, como todas as unidades da Federação, inscreveu na sua carta constitucional o compromisso para o Estado de dar “a todos” o ensino primario gratuito, compromisso de que não se desobriga e de que duvidamos jamais se desobrigue de modo satisfactorio.

De paiz algum sabemos em que se tenha resolvido o problema do ensino primario por acção exclusiva do poder publico; dos de regime federativo, onde a instrucção popular tenha attingido notavel desenvolvimento, de nenhum se sabe, em que seja devida á exclusiva administração “provincial”, senão tambem, em grande parte, aos gover-

nos municipaes e á cooperação dos individuos e de associações privadas. Os Estados Unidos, que em materia de ensino por modelo se invocam frequentemente, são disso edificante exemplo.

O exaggerado "estatismo" de que padecemos, prejudica-nos no ensino como nas mais coisas. Governantes e governados, entendemos todos que ao Estado tão sómente incumbe fazer ler ás crianças, e fazel-o... por uma só cartilha.

As municipalidades em regra nada fazem pelo ensino. Nem uma só, inclusive a da capital, tem uma organização escolar. Enfeitam-se todas, e é só, com uma lei platónica de ensino obrigatorio. O ensino primario de iniciativa privada é quasi inexistente, tão escasso é, e o Estado — que já se confessa impotente para a obra de alfabetização geral — nada faz por despertar e amparar a iniciativa particular nesse terreno; ao contrario, a embaraça e difficulta: leva-lhe a concorrência das suas escolas gratuitas para pobres e ricos e oppõe-lhe o draconiano dos seus regulamentos. Na situação, que é a nossa, em que ensinar a ler a meia duzia de crianças, por qualquer processo, sob um tecto de sapé ou á sombra de uma arvore, será obra meritoria, prescrevem-se para a abertura de uma escola severas condições, — e, no afan de regulamentar, já se tem pregado, em nome da pedagogia, a necessidade de prohibir o ensino a quem, perante sabedores officiaes, não tenha provado a competencia technica dos codigos...

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

— Não poucas são as falhas a que acima se allude e que, a despeito de louvaveis esforços em prói do ensino, não são de hoje. Apontamos algumas.

Com dez escolas normaes que mantém o Estado, não temos professores para o ensino de anormaes, nem se tem pensado em escolas desse genero. Não temos tão pouco professores especializados em cultura physica nem ao menos professores de gymnastica capazes para conduzir a gymnastica orthopedica, quando o numero de alumnos nas escolas publicas que desta necessitam sobe a proporção quasi espantosa. Não ha preparo adequado de professores de “escolas ruraes”, como consultaria ao vivo interesse de um Estado cuja base economica é a agricultura, ao interesse de prender á terra, e de adaptar á vida do campo a sua escassa população rural.

O nosso systema de promoções de professores, ou anelhor, o criterio legal adoptado no estabelecimento de categorías de professores, e de correlatas vantagens, nem assegura justiça a estes nem consulta ao interesse da administração do ensino. As modificações introduzidas nesse particular pela reforma de 1925 só complicaram e peoravam o que havia antes. Regimen mais acertado, e que se imitaria com vantagem, é o adoptado no Districto Federal.

E' de reduzida efficiencia o ensino technico das escolas normaes. Ha a resolver o problema de predios para as escolas ruraes, problema de solução apenas esboçada pela reforma de 1920. Falta-nos um "conselho de ensino" com autonomia, continuidade e largueza de acção.

Quanto aos erros da ultima reforma, ainda quando reduzidos aos mais graves, são de difficil enumeração. Essa reforma dir-se-á, sem exaggero, um acervo de desatinos. O mais grave delles se traduz no facto de se ter elevado a despesa com o serviço escolar primario a mais do dobro do que ha tres annos se despendia, sem com isso se ter augmentado de uma só unidade o numero de crianças nas escolas. A isso se accrescente a confusão trazida pelo "decreto-lei" á legislação do ensino; a remodelação das normaes, na qual além de outros desacertos ainda mais se lhes reduziu a efficiencia como curso technico; a mutilação das escolas complementares: o sacrificio, em proveito dos grupos escolares, das escolas ruraes e em geral das escolas de alphabetisação; a extincção do escotismo, etc.

A par disso haveria que incluir o custoso e centralizador apparelho da Directoria Geral que foi criado; a substituição de um bom apparelho de inspecção, funcçãoando com satisfactorios resultados, pelo que ahi está, cuja fallencia é notoria; o equivoco commettido em relação á "Faculdade de Educação", reduzida no seu regimen administrativo á condição de grupo escolar; os dispositivos introduzidos na reforma visando favores pessoases... Seria longo tudo enumerar. A crise moral, jamais vista, que

ora domina o professorado, resume o desastroso da última reforma.

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

— Pensamos que o ensino primario gratuito do Estado se deveria destinar ás crianças pobres. Ha, porém, a cumprir o dispositivo da Constituição que o manda dar a todos indistinctamente. Não bastando para isso a acção directa do Estado, como se verifica, deve este, além do que vae dito não correr destas respostas, estimular e amparar moral e materialmente a acção privada, inclusive por meio de subvenções e de premios a boas escolas, de preferencia ás que levem o ensino á zona rural, á faixa do litoral e ao semi-sertão.

4.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o primario integral para alguns?

— A primeira solução impõe-se, como resposta, quer na ministração do ensino pelo poder publico se considere o interesse da collectividade, quer nella se considere o interesse, ou melhor, “direito” individual, a opinião sincera só póde ser uma: dois terços de analphabetos na população do Estado, ainda que por um terço de habeis ledores, é miseria social; é por outro lado, negação viva do regimen democratico e desigualdade de clamorosa injustiça.

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares em cujo proveito deve organisar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

— Dois desacertos são frequentemente commettidos entre nós: um, o de suppor-se possível a definição de ensino primario scientificamente considerado, de admittir-se que ha um dado conjunto de coisas a que exclusivamente cabe o nome do “ensino primario”, conjunto dentro do qual nada se comprehende senão o que lhe é exclusivamente proprio e fóra do qual nada ha que se lhe possa acertadamente juntar; outro, o de tomar-se a expressão “primario” em significação que implica a idéa de algo que vem após e em linha recta como obrigatoria sequencia. Desses dois desacertos, provem, de um lado, a preocupação, sempre damnosa, da “uniformidade” de ensino; de outro lado, a de “continuidade”, rigidamente entendida, que sujeita a concepção do ensino “popular” e a organização das respectivas escolas ás injuncções do ensino secundario e até ás do ensino superior profissional.

Um dos factos que sem duvida assignalam o inicio da vida social moderna, ao brotar da vida medieval, é sem duvida a “criação” do ensino primario autonomo “desfundido” do ensino de “humanidades” e do profissional, a criação do “ensino popular” devendo valer, em si mesmo e por si mesmo, á generalidade dos homens e não como preliminar, e accessorio de estudos superiores, a serviço de uma reduzida “elite”. Essa conquista, de

alto valor social, de algum modo a prejudica a estreita concepção do ensino primário que cultivamos.

A isso se accrescente que não só quanto aos typos de escola, senão, e principalmente, quanto á localização destas, tem em parte falhado aos seus fins a nossa organização escolar. Em regra, aos abastados se têm destinado as escolas publicas. Os grupos escolares, em que se têm concentrado os cuidados das administrações, escolas de um certo fausto, de preferencia dos “bem trajados”, agglomeram-se nas cidades, em detrimento das escolas modestas e de typos varios, das “escolhinhas de penetração”, que levem o ensino aos centros ruraes, faixa litoranea, ao recém-aberto sertão, aos filhos dos colonos estrangeiros ou aos descuidados “tabareus” e “piraquaras”. A passada administração, em rasgo de coragem cívica, rompeu com a orientação tradicional. Reacção sobrevinda reestabelece a rotina.

Mas não é somente nas zonas afastadas e incultas que se requerem escolas de typo differente dos nossos vistosos grupos e de differentes programmas e processos didacticos. Nos bairros industriaes desta propria capital ha uma população infantil, de costumes seus, de psychologia “sui-generis”, formando como que insuladas tribus, com a sua indole e modos de vida a parte. E’ uma “catechese” a ser feita. Aos pequeninos patricios desses “clams” — que cumpre tomar em idade tenra, — a escola a offerecer não é por certo o grupo. Processos educativos e disciplinas de que instruil-os têm que se lhes

ajustar á condição social e, sobretudo, á mentalidade que lhes é peculiar.

Accresce que nem uma só escola de anormaes possuímos.

Considerada sob esses aspectos, “a nossa organização escolar tem falhado a fins essenciaes”.

6.º — Qual o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do character nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação professional e de preparação para a vida?

— Duvidamos muito da capacidade da escola (de qualquer grau) para a “formação” do character nacional, fruto de outros factores que não a educação intencional. Contudo, pode a escola concorrer para sobre elle edificar-se alguma coisa ou para, em certa medida, o cultivar e fortalecer (não o “plasmar”, como a miude se ouve). Na pequena contribuição da escola para essa obra, minima é a parte do ensino elementar. Nem por isso, entretanto, deve ser descurada.

Pensamos que a par do quanto concorra para avivar o sentimento patrio, para dar conhecimento e cultivar o amor das coisas nacionaes (natureza, lingua, musica, tradições), deverá a escola combater os defeitos da raça (a imprevidencia economica, a fraqueza de iniciativa indi-

vidual, a pouca fortaleza para as attitudes moraes, etc.). O esportismo bem orientado (não o arremedo exhibicionista de formações militares) pode ser nesse terreno excellente auxiliar.

A manutenção das “caixas escolares”, em cuja administração tenham parte os alumnos; um regimen de disciplina em que se inclua a “higiene em acção” (o “learning by doing”); a gymnastica, inclusivé a orthopedica, e os jogos e exercicios de toda sorte, que instruem a criança sobre as suas relações com o meio ambiente, eis o que lembram as letras “b” e “c” do quesito formulado.

Quanto á “iniciação profissional”, pensamos que não é da escola primaria “commum” o directamente promovel-a. A par do “preparo para a vida” provindo da aprendizagem das artes de ler e de escrever, do “contacto” mais consciante com o mundo ambiente pela cultura da intelligencia, poderá a escola commum pelo “manual training”, — de finalidade educativa, — apenas despertar, e até certo ponto cultivar, aptidões para artes uteis.

O que fica dito, entende-se sem prejuizo do que concerne á finalidade “educativa”, que entendemos deve ter cada typo de escola, conforme se destine a uma população rural ou outra.

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

— Somos, sem rebuços, pela variedade de ensino, primario ou qualquer outro. Somos contrario á uniformidade, pois que a variedade é o proprio da natureza, pois que as criaturas humanas nem são iguaes nem se destinam todas a uma só existencia e a um só mister, pois que a progressiva divisão do trabalho, a differenciação de organs, a diversidade de funcções, é lei inelutavel. Somos partidarios da variedade de escolas; somos pela flexibilidade do apparatus escolar, de modo a se ajustar elle ás necessidades varias das varias regiões a que têm de servir.

Pensamos igualmente que dentro de um mesmo typo de escola, e mesmo de uma só escola, se requer flexibilidade de methodos e de programmas, e que o ensino theorico, no sentido de não experimental, deve ser quanto possivel abolido.

8.º — Não acha que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes meios modernos como o cinema e a radio-telephonia?

— Acho que são de grande valia os recursos a que acima se allude, mas que pensar em uma larga utilização delles no ensino publico, no estado actual de coisas, é um sonho. Antes de lá chegarmos, antes de legitimamente pensarmos em taes “requintes”, ha que satisfazer a coisas elementarissimas em materia de organização pedagogica, de processo de ensino e de administração escolar.

9.º — Como está tratada e como deveria ser resolvida a questão de assistência técnica e da inspecção e fiscalisação do ensino?

— Pela assistência técnica de ensino nada fez a reforma de 1925. Criou um simulacro de “conselho de ensino” ou alguma coisa a que se pretendeu dar esse nome, mas sem funções definidas e composto de elementos hierarchica e estreitamente subordinados á Directoria Geral da Instrucção Publica. Por outro lado, sob orientação erronea e marcadamente centralisadora, concentrou, com grave damno, nessa mesma Directoria Geral toda a autoridade técnica; criou por decreto a sabedoria pedagogica para o titular do cargo. Quanto á inspecção e fiscalisação do ensino, inutilisou o que estava feito, dando bons frutos, para criar um aparelho maior e caro, que não dá resultados.

Pensamos que a solução da questão de assistência técnica do ensino deve ser buscada em tudo quanto estimule o gosto pelo estudo dos assumptos pedagogicos e na criação de instituições que favoreçam cultural-o. Assim, a criação de uma escola superior, sob moldes e administração liberaes; associações de educação, revistas pedagogicas, cursos de conferencias e um conselho de ensino, autonomo e com funções reaes. Como condição para que taes coisas justifiquem a libertação do professorado do regimen de mal entendida compressão hierarchica a que é submittido, e menos pavor á autonomia didactica.

No concernente á inspecção e fiscalisação, um regimen mais descentralisado e o honesto cumprimento de

deveres de cada funcionario, com ampla publicidade de tudo quanto respeite ao funcionamento das escolas.

10.º — Não reconhece que nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente:

a) desviado de seu caracter profissional;

b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

— Com effeito, não obstante valiosos serviços que prestam, deixam muito as nossas escolas normaes a de-sejar quanto á organização do curso e ao aparelhamento didactico, convindo, entretanto, assignalar que não são os gabinetes e laboratorios custosos o que se requer para a efficiencia do ensino que lhes cabe.

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

— Para responder em poucas linhas, dizemos que a principal melhoria que essas escolas reclamam é o reforçar-se-lhes a feição de escola de ensino technico com solida base ministrada em curso preliminar de generalidades, ou mesmo adquirida algures e comprovada em largo e rigoroso exame vestibular. A par disso, por orientação didactica em todo o curso, o methodo experimental. Além dos museus e laboratorios, a escola-“modelo” com a significação, não de “molde” a ser copiado, não de escola

“padrão”, mas de “amostra” de escola, escola de “aplicação”, campo de experiencias e demonstrações, alguma coisa que seja para os professores-alunos o que é em uma escola agrícola o anexo campo de culturas e o que é o hospital para os preparandos de medicina, campo onde, sem prejuizo do bom ensino, se dêem largas a observações sobre as crianças, na variedade psychologica que representam, a experiencias e verificações, ou a demonstrações de methodos e processos didacticos, onde, em resumo, com efficacia se exercitem os futuros mestres em educar, physica, intellectual e moralmente.

12.º — Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes a assistir ás aulas e a interessar-se “pela vida normal” da escola e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) e por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

— Desperta-nos *sympathia* a idéa expressa no quesito supra: descremos, porém — no estado actual de coisas, sobretudo no que respeita á educação primaria, da efficacia da cooperação da familia na vida da escola.

13 — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboração, acima e ao lado d'elle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— Sim, entendendo em relação ás normas o que acima já foi dito. Quanto á escola normal superior, a sua falta é visível no facto, de todos conhecido, de que os professores do curso normal, e em geral o pequeno numero dos nossos technicos de ensino de um certo gráu de merecimento, são todos auto-dictactas, ainda mesmo quando hypothese se dá de terem sido recrutados entre os que cursaram escola professional superior.

14.º — Que diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

— Como escola de altos estudos, está muito bem a Faculdade de Educação como ideada em 1920. Não nos parece, porém, que se ajuste bem á finalidade — que também lhe foi dada — de formar professores para gymnasios e normas. A escola com essa finalidade, e para regular clientela, não pode prescindir — pensamos — de um curso de aperfeiçoamento de linguas vivas, de mathematica e de sciencias naturaes. Para o seu bom exito, em qualquer hypothese, necessita inspirar-se nos mais liberaes principios e gosar da mais ampla e completa autonomia didactica.

Quanto ás “modificações” nella introduzidas pela reforma de 1925, são evidentemente fruto de equívoco, de quem, em acto precipitado, não apprehendeu o espirito que o instituto representava.

15.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

— De regra — a despeito de não ser perfeito, — o processo do concurso, em moldes que quanto possivel assegurem a justiça dos resultados, inclusivé quanto á capacidade didactica do candidato.

16.º — Como se poderia organizar praticamente uma obra efficaz de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

Por meio de “cooperativas”, enfeixadas pouco a pouco em uma vasta “federação”, sociedades livremente organisadas e livremente administradas pelos interessados.

O quesito suggere idéa sympathica e cuja realisação seria de alto valor; esta, porém, dada entre nós a deficiencia de iniciativa privada e de espirito associativo, será difficil.

O PARECER DO SR. JOSÉ ESCOBAR

Quadro sombrio, mas verdadeiro. — Não continuemos, pois, como «Narcisos desfrutáveis»... — O problema da alfabetização. — Recuando ante as pontas de um dilemma. — Ainda o recurso inevitável á iniciativa privada. — Com o dedo numa grande ferida nacional. — Ideaes de que a nossa escola primaria nem sequer suspeitou... — Para a formação de valores socialmente utilisáveis. — Ainda e sempre pela educação nova. — A escola adaptada ás necessidades da região. — Rígida uniformisação que artificialisa o ensino. — O papel do cinema e do radio, na escola. — Os problemas de inspecção technica. — Uma esplendida inutilidade, o Conselho geral. — A questão das normas. — A cooperação da familia e da escola. — O desanimo e a rotina: os maiores inimigos da educação. — O criterio na selecção do professorado. — Promoções por todos os motivos. — Até pela competência...

Entre os nossos mais distinctos professores, poucos haverá que possam equiparar-se ao sr. José Escobar, na fidelidade aos principios, no zelo pela bôa causa do ensino e na accessibilidade, quasi religiosa, ás novas idéas. Esta solicitude em encarar as questões relativas á actividade que exerce ha longos annos, manifesta-se na predilecção marcada pelo "assumpto pedagogico", nas palestras, nas revistas e nos jornaes. Não nos lembra mesmo outra materia que lhe tenha desviado a attenção solicitada pelos ideaes educativos, como por um imán a cuja força de at-

tracção não lhe fosse possível escapar. Espirito vigilante e culto, sem preconceitos, dir-se-ia inclinado a aceitar todas as idéas que pareçma representar uma innovação, ainda que, uma vez ou outra, collidam entre si ou não estejam bastante esclarecidas e apuradas para resistirem, victoriosas, ás provas asperas das applicações.

Na resposta com que attendeu ao nosso appello, o dedicado professor da Escola Normal da Praça da Republica volta a insistir sobre pontos interessantes que têm constituído materia dilecta de suas cogitações e campanhas pedagogicas. A pregação, aliás, consiste em "repetir", com sinceridade e com fé, em uma palavra, com a força dominadora das convicções. O seu evangelho, porém, não é "uma" educação nova organizada solidamente em corpo de doutrina, mas a educação nova, com todos os seus elementos já em frutificação, ainda em florescencia ou apenas na sua phase germinal... E', como se vê, um vulgarizador, de palavra quente e nutrida de suggestões, que será sempre util recolher, naquelle seu estilo conceituoso, de idéas fragmentarias, concentradas frequentemente em proverbios, citações e sentenças, vivas e luminosas, como preceitos da nova lei...

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— Proporcionalmente ás suas rendas, S. Paulo, entre os Estados brasileiros, occupa o 5.º lugar nos gastos com a instrucção. Se o cotejo se fizer com o estrangeiro,

subir-nos-á o sangue ao rosto. Entre S. Paulo, a Suissa e o Texas, que regulam em população, a proporção do numero de alumnos é: no curso primario: 1 para 4 e para 6; secundario: 1 para 17 e 19; profissional: 1 para 27; superior: 1 para 10 e para 23.

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

— Toda reforma, sem uma larga consulta ao professorado, está condemnada “a priori”. A de 1925 foi uma “camouflage”. Dois motivos para falhas e erros.

De uns e outros iremos apontando os mais grados no decorrer desta palestra. Para começarmos: a obrigatoriedade do ensino primario desapareceu: o professor de didactica ficou um captivo do director; uniformisaram-se as ferias, quando outrora se attendiam as necessidades regionaes e locaes; distribuiram-se os vencimentos, com iniquidade; criaram-se cargos em demasia em certos estabelecimentos; só aos pobres professores — e os professores de qualquer grau que dão aulas, são quasi os unicos funcionarios que realmente trabalham — deram 25 % de augmento de ordenado com a condição de os perderem nas doenças e aposentadorias, quando mais falta faz o dinheiro; nomearam encarregados de gabinete de psychologia em varias normaes, sem haver os gabinetes; e, ao falarmos em nomeações, foram em geral infelicissimas; a questão das escolas ruraes, com programmas agricolas e mestres adequados, permaneceu sem solução; e,

enquanto países europeus e americanos têm um curso primário variando de 6 a 9 annos, ainda conservamos o de 4, pois as 10 escolas complementares existentes não bastam para a capital, quanto mais para todo o Estado.

Não somos pessimistas. Só damos o alarma; e, esse, nunca foi falso. Só quem desconhece a complexidade do phenomeno educativo pôde pensar que a educação é perfeita em alguma parte do mundo. Todos os povos vivem em constantes auto-criticas a rigorosas recriminações: não continuemos, pois, como Narcisos desfrutáveis.

Bem haja o patriotismo intemerato deste jornal, fazendo um balanço periodico da nossa instrucção publica.

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

4.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o ensino primario integral para alguns?

— Recuamos ante o pavor deste dilemma. Felizmente, ha outra hypothese.

E' possivel dar o ensino primario integral de seis ou mais annos, para todos — se o Estado se compenetrar de que a educação é o problema fundamental do planeta.

Não é dinheiro que lhe falta. Mas se a incompreensão, a incuria ou a somiticagem sonegarem o auxilio ao maximo problema de nossa nacionalidade, dê-se o ensino de seis annos nas cidades e o de quatro ou tres nas roças.

Se uma emperrada obtusidade ainda não puder vislumbrear vantagens compensadoras dos gastos, porque remotas, faça um magisterio semi-official: dê material escolar, subvencione com 250\$000 só aos normalistas que fundarem cursos particulares primarios, sob regimen e fiscalisação officiaes, e garanta-lhes aposentadoria e preferencia para a nomeação nos melhores cargos officiaes, após um trabalho de tres a cinco annos em suas escolas particulares.

Esta é a grande solução salvadora para a desanalfabetisação do paiz; é o processo largamente usado na Inglaterra.

Mas, se a receita ainda não supportar, criem-se impostos pesadissimos sobre o fumo, o alcool, as joias, o luxo; sobre casas de diversões e de jogos; sobre os ociosos, os solteirões e casaes sem filhos; e sobre tudo o que fôr entrave ou sophisma á perfeição physica e moral da nossa raça.

Todo industrial, fazendeiro, commerciante, todos os que tiverem grandes rendas — na proporção de seus lucros deveriam ser obrigados a manter annexas ás suas propriedades, una ou mais escolas. No Uruguay, uma lei obriga ao proprietario ou arrendatario de 5.000 hectares a educar á sua custa as crianças em idade-escolar que residem em seus estabelecimentos.

Emquanto os millionarios “yankees” são nimiamente dadivosos para as grandes obras de benemerencia social, como as escolas, inclusivé as universidades, que elles re-

giamente mantêm, a maioria dos nossos ricos só é patriota a golpes de lei.

O milagre do progresso norte-americano está no fanatismo cívico de seu povo pela educação. Escolas, boas escolas em toda a parte! Um professor — onde houver cinco pessoas analfabetas.

Garantidas as escolas, o ensino seria obrigatório. A obrigatoriedade se estenderia ao ensino primário complementar, comtanto que, em certos casos, se desse tres vezes só por semana e á noite, para permittir a frequencia dos alumnos empregados no commercio, na industria ou na lavoura.

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda inadapta da ás classes populares em cujo proveito deve collocar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

6.º — Qual, pois, o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do caracter nacional;
- b) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- c) na obra moderna de assistencia social;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

— Poz-se o dedo na grande ferida nacional. Esfloremos o assumpto, apesar de irmos parecer prolixo.

O papel do educador, semelhante ao das usinas electricas ante o impeto selvagem das cachoeiras — é captar

a energia espiritual dos educandos e transformal-a em força e luz para a nação: a escola deve ser eminentemente educativa.

Residindo na vontade a grandeza e a dignidade do homem, a vontade é o centro da educação. Bella formula de George Sand; a educação é a exaltação da vontade num meio de realidade.

Portanto, haja o maior entusiasmo: para a cultura do eu consciente, do eu superior, onde residem a vontade e a liberdade. Os meios? — os pequenos esforços progressivos, o endurecimento psychologico, os exercicios neo-stoicistas, o ensino mais intensivo do que extensivo, mais persuasivo do que mnemonico, os horarios rotativos da Land-Erziehungs-Heime, onde se evita o “esprit de mouche”, a superficialidade, a preguiça ancestral, e se desenvolve a continuidade da atenção. A gymnastica, a hygiene, a medicina, não são fautores somenos da orthopedia da vontade.

Mas onde, em nossas escolas, os exercicios systematicos para o fortalecimento da vontade? Onde a virilisação do ensino, se — numa conspiração para formar paralyticos — o dar é todo doçuras e complacencias para os “enfants gatés”, e a escola açambarca os esforços do alumno, prohibindo-lhe até os livros, na falsa idéa de que “o mestre é o livro”? Que o digam as normaes e gymnasios, que recebem a leva abulica dos moluscos escolares.

Quando, porém, a vontade e a imaginação estão em luta, é a imaginação sempre que sobrepuja a vontade, e,

de tal modo, que a força da imaginação está na razão directa do quadrado da vontade.

A vontade é uma conclusão do trabalho anterior do subconsciente, onde predominam a suggestibilidade e a imaginação.

Provando a lei de Coué, pois, que a faculdade dominadora do espirito não é a vontade e sim a imaginação, o nosso anelo ardoroso é agora a cultura do subconsciente, do eu inferior e bastardo, que forma a parte mais intensa e abundante da psyche e domina de preferencia a personalidade humana.

Como, na phrase de Zbinden — pensar errado é um vicio tão funesto como a morphina e a cocaina — recorreremos á faculdade dynamogenica da auto-sugestão ideativa, para introduzir no subconsciente idéas sans, na hora da reflexão meditativa ou recolhimento, quando, em estado hypnoide, o eu superior se desaggrega do eu subalterno, que então aflora

As praticas são que farte nos livros de Levy, Bovis, Sides, Coué, Bonnet, Baudouin, Herbert Parkey. Noutro ensejo, explicaremos, melhor este assumpto.

Abramowsky, numa apothese á escola de Nancy, proclama com dados experimentaes: A energia manifestada por uma pessoa na vida está na razão directa da faculdade que possui de mergulhar-se no estado de auto-hypnose, isto é, do poder de educação auto-suggestiva.

Pela ventura o magisterio primario cogitou algum dia da cultura do sub-consciente ou sabe ao menos da existencia desse problema?

a) . Insistamos sobre a verticalidade moral e a autonomia intellectual.

Não ha nada tão grande no universo, como o homem e nada tão grande no homem como o espirito. O fim principal da escola é a formação do espirito. Só adquirir conhecimentos é infinitamente menos valioso do que desenvolver bem a atenção, a percepção, a memoria, a imaginação, o raciocinio, o senso esthetico e moral, a vontade. As melhores lições são as que aperfeiçoam o maior numero de actividades da alma. Mesmo no curso primario, o ensino deve ser, tanto quanto possivel, consciente, dando habitos de iniciativa, de espirito critico, de trabalho intelligente.

Mas o desenvolvimento das virtualidades espirituaes só se faz mediante o trabalho pessoal de cada alumno, num constante exercicio polycultural de suas faculdades. E' preciso que cada alumno attente, observe, analyse, investigue, descubra as definições, regras ou leis, e as applique, formule problemas, resolva situações, reaja contra os sophismas, emprehenda, realise, triumphe, e tudo isso com o minimo de interferencia do professor, que se restringirá a testemunho, guia ou consultor.

A escola, prefacio da vida, vida mesmo, funda seu ensino na acção, utilizando a espontaneidade fecunda que, até a idade de entrar na escola, se manifesta tão abertamente na criança.

E' mister engendrar auto-didactas, dando o livre exame, o direito de critica e o espirito de autonomia. Mas é isso que a nossa escola faz? A educação heteronoma.

feita por atochamento de sciencia, desconhece a vitalidade germinal da semente animica, que cresce por intuscepção, e trata-a por isso como a um mineral que cresce por extuscepção, por adjunções externas.

E então vemos, salvo casos de reacção esporadica, o egresso da escola mecanizado, emparedado, sem iniciativa, papagueando rotinas, com a curiosidade fanada, olhos fechados para as realidades vivas, sentidos enbotados pelo desuso, um somnambulo, ou, como diz o psalmo — “oculos habent et non videbunt, aures habent et non audient, manus habent et non palpabunt” — elle, o curioso detective da natureza, o investigador iconoclasta, o Icaro incorrigivel, o aneio de actividade. A escola não lhe formou o espirito; deformou-lh'o muita vez; adormeceu-o por muito tempo.

Será a missão da escola hypnotisar a infancia e a juventude, escravizando-as psychicamente?

b) A hygidez physio-psychica deve ser a preocupação culminante da escola. Cabe-lhe systematisar a gymnastica em horas apropriadas, por meio de professores especializados; estimular a criação de clubs de jogos; fazer concursos de rondas infantis; fazer excursões escolares semanaes; fundar seu ensino nos principios da “escola do trabalho”, industrial ou agricola; organizar os “pelotões de saude”; incrementar o escotismo; prover-se de muitos lavabos, chuveiros, tanques de natação, piscinas.

Ao mesmo tempo o Estado e as municipalidades devem fazer ás centenas os parques infantis, mais ou menos

conforme o plano Fernando de Azevedo, e instituir de novo as educadoras sanitarias que, com outra orientação, podem fazer maravilhas na escola e principalmente fóra della, nas fabricas, officinas, collegios e fazendas.

Mas a deusa Hygia anda exulante por longes terras...

c) Antes de tudo é imprescindivel cuidar da orientação profissional.

O preparo para a vida, o conhecimento dos objectos sobre que deve incidir a acção humana exigem que se determine quaes as profissões que cada alumno pode e quer ambicionar. A maioria das almas vem com endereço e é mister descobrir-lhes as vocações ou pelo menos as contra-indicações a certas carreiras.

Necessitando a sociedade de aptidões heterogeneas — pois são infinitas as funções a desempenhar — abram-se horizontes a cada personalidade, estimulando todas as desigualdades individuaes, desenvolvendo asymmetricamente as melhores aptidões e tendencias.

Como nas sociedades civilisadas cada profissão só admitte o seu predestinado, sendo de mister um ajustamento rigoroso, um encaixe de cada aptidão para seu officio, — de um lado, se requer o conhecimento das profissões, e faz-se a monographia profissional de cada uma; de outro se exige o conhecimento da criança e faz-se a ficha escolar individual.

Os dados de uma monographia são fornecidos pela gente desse officio, pelos mestres de cursos profissionaes, pela inspecção do trabalho, pelas caixas de invalidez,

pelos physiologistas, psychologos, sociologos, etc. Os da ficha escolar, pela familia, pelo medico, pelo professor.

As escolas devem estar aparelhadas para collaborar com os "conselheiros de vocações". Dahi os tests systematicos, os gabinetes de orientação profissional, de que fala Julien Fontégne, a psychotechnica em summa, que tanto favorece as industrias como as escolas technicas e literarias, por collocar "the right man in the right place".

Conhecem os nossos gabinetes de orientação profissional?

Ora, para conhecer a vocação dos alumnos sem custo material, é de necessidade individualisar a educação até onde fôr compativel com o ensino collectivo.

Toda alma tem sua originalidade, todo ideal é individual, logo toda psychologia é individual e toda pedagogia tambem: assim, tantas pedagogias quantas crianças. O melhor professor é o que melhor conhece os seus alumnos.

Para esse fim, reduzir cada classe a 30 ou 35 alumnos; fazer classes separadas para os normaes, sub-normaes (debeis mentaes, atrasados, etc.), e super-normaes (muito intelligentes); conhecer a paizagem de cada criança e de cada idade para applicar os instinctos a seus objectos; estudar os typos psychicos: visuaes, auditivos, motores, imaginativos, repetidores, reflexivos, logicos, estheticos, egoistas, euphoricos, depressivos, voluntariosos, abulicos, para ver seus modos de reacção e suas idyosincrasias.

"Escolas dos mais bem dotados" ou "Escolas de capacidades", traducção de "Begabten Schulen" ha desde 1917,

em Berlim e mais tarde em Kiel, Manheinn, Gotting, Breslau, etc.; escolas ao ar livre para os debeis ha em muitissimos paizes; classes mais ou menos homogeneas com promoções periodicas para as "majoris pennas nido", ha em Norte America.

Nos grupos escolares paulistas, havendo, por exemplo, quatro classes do 4.º anno, ao invés de as separarem em classes mais ou menos uniformes, uma de alumnos soffríveis, outra de regulares, outra de bons e outra de optimos, vemos numa só classe alumnos com adiantamento de 4.º anno, de 3.º e até de 2.º, numa promiscuidade anarchisadora.

Reiteremos o nosso thema predilecto: a educação psychica e o despertar de vocações pelo manualismo.

A actividade individual não è só meditativa ou mental, senão factiva ou muscular. A sciencia não se aprende, faz-se. E' preciso dar á mão — ferramenta das ferramentas — muita capacidade, destreza, habilidade, e geito para fixar materialmente as concepções de um joven cerebro sempre em actividade.

Num mesmo assumpto se devem exercitar as aptidões intellectuaes, motoras e sensitivas. Nenhuma recepção sem reacção, nenhuma impressão sem sua expressão: todos os actos da vida humana são uma incidencia e uma reflexão. A impressão deve percorrer todo o cyclo de nossas operações; são as consequencias motoras que operam sua fixação na memoria; o effeito produzido no dominio activo deve voltar ao espirito sob a forma de sensação de ter agido. Todos os modos de expressão — mi-

micos, verbaes, manuaes, aclaram, completam, corrigem, fixam, fortificam e individualisam as idéas.

- Pela "Arbeitschule" que Kerschensteiner ensaiou em Leipzig e Munich, e que acaba de ser oficialmente adoptada em toda a Allemanha e em varios paizes, todas as materias devem ser aprendidas através dos trabalhos musculares, especialmente manuaes.

Os brinquedos, a representação dramatica, a escripta, o desenho, a modelagem, o sloyd, as occupações agricolas, e as pequenas industrias e artes, como centros articulares da escola, precederão, motivarão, acompanharão e seguirão a instrucção, formal, systematica.

Verificou uma vez o "Daily Mail" haver em Londres algumas dezenas de mendigos, que foram antigos alumnos dos collegios aristocraticos de Cambridge e Oxford, onde o exclusivismo classico ensinava a fazer versos latinos e a adquirir uma repugnancia instinctiva pelo trabalho. Assim, enquanto os retardatarios vão sendo repellidos para a rectaguarda como inuteis, a nova geração caminha para a victoria, depois de passar obrigatoriamente treze annos pelo ensino technico.

Educação nova! Façamos os brasileiros sentirem e comprehenderem a nobre belleza do trabalho em geral e o das mãos em particular; formemos o productor de amanha no trabalho, pelo trabalho, para o trabalho. "Motus est vita". Toda escola primaria rural deve ser a miniatura de uma granja; toda escola primaria urbana — um esboço de escola profissional.

Quem tiver aptidão para o ensino classico, seja o homem-biceps.

Apesar de ha quatorze annos, termos dado por este jornal o brado de alerta em pról do manualismo de Kerschensteiner, que é educativo e que é profissional; apesar do exemplo contagioso dos paizes triumphantes que o adoptaram, o ensino das nossas escolas ainda não se funda sobre os trabalhos manuaes educativos e muito menos se allia aos trabalhos profissionaes utilitarios. Não se sabe o que mais admirar: se a ignorancia do movimento pedagogico mundial, se o algido indifferentismo.

Mas desçamos ás minucias da methodologia.

Ha nos paizes, onde a pedagogia excelle, uma introdução gradual do elemento humano no trabalho escolar, tendencia essa conhecida como socialisação. O mestre, como o poeta, desce de sua torre de marfim e sae á rua: o methodo de vida deve ser o methodo da escola.

Como, segundo Dewey, a origem do pensamento repousa num problema, que ha de se resolver; como, em uma situação problematica tem sua origem sempre o pensamento ou o raciocinio; e como enfim a vida é um conjunto de problemas, que se resolvem pela coragem, implantou-se nos Estados Unidos o chamado "methodo de problemas".

Assim, em vez de dar uma lição sobre os Estados de Nova Inglaterra, o professor propõe este problema: "Poderia Nova Inglaterra ter-se desenvolvido em uma nação poderosa e independente?"

Dahi surgiram varios problemas incidentaes, que a classe ia resolvendo após estudos e investigações: — E' Nova Inglaterra bastante grande? — Como é comparada em tamanho com algumas poderosas nações europeás? — Quanto á area, pode Nova Inglaterra ter sido uma nação? é bastante grande para chegar a ser uma nação? — Groenlandia é doze vezes maior do que Nova Inglaterra; é uma grande nação? — Pode a Nova Inglaterra sustentar-se e vestir-se a si mesma? — E a Inglaterra que não o pode, não é uma grande nação? porque? — Em que poderia Nova Inglaterra commerciar? — Tem Nova Inglaterra mais pescado do que neccsita para seu proprio uso?

Ora, o “problema” sendo ainda muito intellectualista, surgiu, em 1918, em Illinois, o “methodo de projectos”, que Stevenson define: Um projecto é um acto problematico levado á realisação completa em seu ambiente natural.

São seus característicos: a) prioridade do problema, contra prioridade dos principios; b) informação para o fim de realisar, de agir, contra informação em si mesma, sem intuitos; c) raciocinio, contra informação de memoria; d) apredizagem em seu meio natural, contra apredizagem em um meio artificial.

Eis um “projecto” de miss Lama E. Ryan, profesora do 7.º anno em Blake School, Rockford, Illinois: “Como podemos americanisar melhor os estrangeiros em Rockford?”

Logo dois meninos foram consultar os parocos, os censos escolares, os tribunaes de naturalisação e souberam que o problema se relacionava com os povos do meio-dia da Europa; e descobriram que 32 % das crianças do districto de sua escola eram filhos de immigrants daquelle sector.

Então todos os alumnos foram á Bibliotheca Publica para saber porque os immigrants iam aos Estados Unidos; e leram "O immigrant e a comunidade" por Abbott, "A terra promettida" por Mary Antin, "A formação de um americano" por Jacob Riis. Depois trouxeram em classe jornaes, revistas e folhetos officiaes, que tratavam do assumpto; inquiriram os alumnos italianos, gregos e lithuanos e os paes delles.

Agora, os meios de acção. Inventariaram os factores da primeira assimilação do immigrant: bibliotheca publica, escolas nocturnas, officinas, centros sociaes, Camara de Commercio, egrejas, jardins de infancia, periodicos. Cada grupo de dois alumnos foi entrevistar os chefes das organizações de prosperidade social para vêr o que estes faziam ou projectavam fazer. Cada alumno escreveu uma carta á Camara de Commercio de alguma cidade interessada no problema. Quasi todas responderam e a classe, enthusiasmada, fundou um Club de Americanisação.

Os alumnos adquiriram conhecimento, de primeira mão, de algumas condições da vida da cidade e interessaram-se em outros problemas sociaes. O trabalho em

commum foi um dos melhores influxos para a "boa cidadania".

Outro exemplo. Quando em 1918, o governo lutava contra a ferrugem do trigo, um professor de Urbana, Illinois, fez disso um "projecto". O professor descobriu em seu laboratorio que no principio da primavera os esporos da ferrugem necessitavam ser parasitas do agracejo commum para germinarem eurgia a extincção desse arbusto.

Os alumnos reuniram revistas e jornaes; inquiriram o pessoal do governo; examinaram os arbustos da escola, encontrando sete agracejos que arrancaram com solemnidade; escreveram odes sobre "a morte do agracejo", sendo a melhor publicada.

Da classe, 75 % se offereceram para o trabalho executivo; cada grupo de dois, com o mappa da cidade, foi inspecoionar um bairro e, de tal modo, que nem um curral ou campo foi esquecido, mesmo o parque da cidade. Esses "inspectores", além de arrancarem as pragas que viam, explicavam aos proprietarios o perigo do agracejo e tomavam nota dos que promettiam ou se negavam a extinguil-o; houve até chacareiros pedindo esses "peritos" para examinarem suas plantas.

Os informes dos estudantes foram registados, constando: do numero de agracejos da cidade, dos proprietarios que os tinham, e dos que promettiam ou se negavam a arrancar-os e tudo foi publicado no diario local. A Camara Municipal, sob esse acicate, promulgou uma lei obrigando a extirpar os agracejos de Urbana.

Assim o “methodo de projectos”, como: Melhorar a producção do leite, Fazer pacotes postaes, Fazer uma cidade sem moscas, Plantar um acre de batatas, etc., além de interessar os alumnos no ensino de arithmetica, geometria, linguagem, biologia, sociologia, etc. — pois toda licção deve ser uma resposta — obriga-os a uma acção social.

A’ escola moderna cabe a obra de assistencia social, no ponto de vista economico, hygienico, civico, moral.

Não é a máxima scientifica “conhecer para prevêr afim de provêr?” — A modificação da conducta é mais importante que a informação em si mesma. O homem só vale pelo que é, pelo que faz e pelo que produz: a missão da escola é criar valores socialmente utilizaveis e não uma ociosa aristocracia diplomada; é dar autonomia, iniciativa, sentimento de responsabilidade, laboriosidade, resistencia, virilidade, em uma palavra.

Já ouviram falar as nossas escolas no “methodo de projectos”?

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

— O ensino cultural, longe de supprimir o utilitario, é para favorecel-o. Ao mesmo tempo que a escola fortalece as faculdades do alumno, deve preparal-o para a vida, inserindo-o no seu meio.

Deve-se, pois, dar ao ensino de todas as materias, bases naturaes, praticas, reaes; a vida usual com todas as diversidades, a officina com seus movimentos, o escriptorio, os campos — e não, fazel-o repousar sobre ficções, supposições, abstracções e erros queridos ou involuntarios. A “intelligencia pratica” faz os grandes victoriosos da vida, os leaders politicos, commerciantes, industriaes, agricultores e capitalistas.

Cada lição se deve impregnar do meio ambiente. Então se estabeleçam os problemas da vida real, quer sejam de arithmetica, physica, chimica ou hygiene; as excursões e visitas escolares, que no Uruguay são facilitadas por auto-caminhões do governo; a “Heimatkunde”, as observações e investigações locaes concernentes ao commercio, á agricultura, á industria, á historia, á esthetica, á religião, á politica, a toda vida complexa do municipio da escola.

Dahi a regionalisação do ensino: horarios, programas, ferias, regulamentos e até mestres — adaptados a cada região, a cada cidade e mesmo a cada bairro.

A rigida uniformisação artificialisa o ensino, é nociva e anti-pedagogica: e é por isso talvez que nós tudo uniformisamos. . . E, enquanto ha nos Estados Unidos 27.000 auto-omnibus para os escolares, nós reservamos os nossos autos para os burocratas ociosos.

8.º — Não acha que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra

os grandes recursos modernos como o cinema e a radio-telephonia?

— Já tivemos oportunidade, por esta folha, de prever a revolução pedagogica pelo cinema e pelo radio.

Como substituto das proprias coisas, nem sempre possivel de obter, o ensino pelo cinema é attrahente, emocionante, vivo, perduravel, efficientissimo, abrangendo quasi todas as materias. Como a Italia já o usa para as divulgações sanitarias, o cinema nas praças publicas, nos bairros pobres, junto á boa musica, é uma universidade popular.

O sr. Adrien Bruneau, inspector das escolas profissionais de Pariz, applica o "methodo cinematographico" no ensino de desenho: faz passar uma fita, obrigando os alumnos a uma prodigiosa concentração da attenção e a reter as imagens fugitivas; manda desenhar de memoria, uma attitude, uma scena, uma expressão que os haja impressionado; torna a passar a fita para comparar. Os progressos da escola da rua Fleurus têm sido espantosos.

O radio é a multiplicação do professor, é o seu dobramento infinito, pois sua classe poderá ter milhões de alumnos, com o radio a instrucção em todos os graus avassalará a terra. Já o dissemos: uma atmospheria hertziana, espiritualizando o planeta, manterá os cerebros em constante contacto com a sciencia.

O modesto grammophone não se desprezará para o ensino de lingua, de declamação, de gymnastica rythmica, de dansas e maximé para a educação musical pela audiçāo diaria de peças escolhidas.

O mimeographo deveria ser um instrumento banal em nossas escolas, bem como a lanterna de projecções luminosas com os dispositivos, tão sedição ha 15 annos na Argentina, as estampas, as bibliothecas infantis, os museus escolares.

Mas é tão miseravel o material didactico de nossas escolas — num Estado nababesco — que duvidamos venham tão cedo os recursos modernos de instrucção, como a maravilha pedagogica do radio e do cinema, darem vida ao nosso ensino medieval.

9.º — Como está tratada e como deveria ser resolvida a questão de assistencia technica e da inspecção e fiscalisação do ensino?

— A reforma de 1925 nos deu cinco inspectores geraes, com funcções individuaes e collectivas quando em conselho, ficando um com a fiscalisação e orientaçã das normaes e gymnasios; 6 inspectores especiaes, só com funcções technicas: para trabalhos manuaes masculinos, idem femininos, musica, desenho, exercicios phisicos e para escolas maternas e crèches; 50 inspectores districtaes, além de auxiliares de inspecção.

Alguns defeitos, de relance: o conselho de ensino é um simulacro; não ha inspectores technicos para lingua-gem, mathematica, sciencias phisicas e naturaes, hygiene e puericultura, geographia e historia, etc., e, no entanto, ha para escolas maternas e crèches (que associação!), cujo numero é ridiculo; o aparelho de inspecção é desarticulado, chegando um funcionario a receber ordens di-

rectas e contradictorias sobre o mesmo assumpto, da Secretaria do Interior, de inspector especial, e de inspector geral.

No entanto, com entrosagem melhor desses elementos, com mais attribuições technicas e administrativas e maior independencia, se conseguiria uma relativa perfeição na inspectoría escolar. E' de imitar-se a organização dos correios, onde cada administração é independente, nomeando, demittindo, removendo e licenciando seus funcionarios.

Não estará longe o dia, porém, em que cada municipio precise ter o seu director de escolas isoladas, com identica missão dos directores de grupo: dirigil-as, oriental-as, fiscalisal-as, e mais outras, que não têm, por só serem recadeiros de ordens superiores. Dahi, talvez, a falta de entusiasmo da maioria dos directores de grupo escolar.

Os inspectores seriam então só vinte, com a missão fiscalisadora, orientadora e protectora. Cada um se especialisaria na methodologia de uma materia — linguagem; mathematica; physica e chimica; sciencias naturaes; educação civica e moral; geographia e historia; hygiene, puericultura e medicina pratica; agricultura e zootechnia; calligraphia e desenho; gymnastica e escotismo; trabalhos; musica instrumental e canto coral; psycho-technica, etc.; e mais tres: para escolas particulares, para profissionaes, e para normaes.

Esses inspectores frequentariam assiduamente as escolas de psycho-pedagogia e de didactica; teriam do governo uma bibliotheca especialisada, — porque, saibam-no

os dirigentes, sem estudo não se pode ensinar aos outros, — e iriam orientar aos directores de grupos e de escolas isoladas e directamente aos professores, em reuniões onde fariam palestras e dariam aulas praticas; seriam obrigados a publicar folhetos de orientação sobre a materia para todas as escolas e a publicar as suas palestras e aulas antes das reuniões. Os directores repetiriam as aulas praticas, adaptando-as e fiscalizando a sua execução.

Os delegados regionaes superintenderiam os serviços de inspectores e directores.

Mas ao Conselho de Educação, formado não só de delegados regionaes, como de directores de estabelecimentos e de pessoas notaveis, cumpria tratar das grandes questões que condizem com a nossa nacionalidade, traçar normas geraes de educação e fazel-as executar, organisando a campanha offensiva da educação.

A assistencia technica requer ainda outros processos.

Preciso é, sem detença, que em todas as localidades se façam reuniões semanaes obrigatorias de professores. Teriam varios fins: consultar os professores antes e depois da feitura de programmas e de reformas; ouvil-os sobre necessidades actuaes ou remotas de cada escola; fazel-os trocarem idéas; illustral-os com palestras e conferencias technicas e culturais.

O exemplo do Uruguay é edificante: em varias reuniões officiaes de professores, o programma de ensino foi minuciosamente criticado, sendo publicadas as conclusões, de modo que o governo ficou sciente do que pensa o magisterio, para reformar o que está errado e para enviar

inspectores conferencistas aos grupos onde se emittiram idéas muito atrasadas.

Em cada municipio uruguayo ha uma "Asociacion de Maestras". Em P'aysandú, ella adquiriu volumes para formar a bibliotheca; abriu cursos de francez, de inglez e de "cesteria" para os professores; organisou excursões de professores; prestigiou conferencias e publicações. Eis, por curiosidade, algumas das theses: Influencia social da escola; Scepticismo philosophico; A personalidade de Coelho Netto, A escola, Missão social da mulher, José P. Varela, O mestre, Linguagem, Ensino de desenho, Ensino de mathematica, Experiencias sobre physica. A escola activa, fóra outras com projecções luminosas.

10 — Não reconhece que nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente:

a) desviado de seu character profissional;

b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado enfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

— A Normal é uma escola hybrida. Ora, não se comprehende mais uma escola normal em que a parte profissional seja parasitada pelo curso preparatorio, molesto e anemiante. Os Estados Unidos, o Uruguay, a Venezuela já não o supportam.

Numa escola assim, a psychologia, peada pelo regulamento, pela directoria, pelo horario, tem que ser expositiva, schematica e vaga, sem experimentações, mais do

adulto que da criança, ensinada sem as crianças, como é vexo entre nós ensinar a botanica sem plantas, a zoologia sem animaes, a astronomia sem astros, a physica sem apparelhos, a chimica sem drogas. A didactica não passará de “um fazer de conta”, no meio de opiniões de segunda mão, que não convencem e nem se fixam, porque não se imaginam planos de aula, não se experimentam orientações, não se observam os reagentes naturaes, que são as crianças.

Mas o proprio curso preparatorio é mal feito: formam-se alli bacharelloides, isto é, bachareis mutilados, que aprendem mal farrapos de algumas sciencias e linguas. Com isso, porém, não defendemos os gymnasios, dispersivos, desorientados, onde o tempo total consagrado ao ensino é apenas a quinta parte do tempo gasto nos gymnasios da Allemanha, talvez, com fundamento na “axiomatica” genialidade latina que independe do factor tempo.

Methodos bons em geral não existem: os lentes em sua maioria, não são didactas, a organização é defeituosa e por tudo reina o pouco caso. Quando em 1920, a lei pela primeira vez cogitou da orientação do ensino nas normas, impondo o “aprendizado activo” — paragrapho redigido por nós e Lourenço Filho — esqueceu-se de dar maior numero de aulas para cada cadeira e maior numero de minutos para cada aula.

Esse esquecimento, a falta de maior regulamentação, o desconhecimento de methodos activos e o deficiente processo de concurso para ser lente, a indigencia de material didactico prestadio e adequado, a lei do minimo esforço e

a falta de fiscalisação e de penalidade — garantirão por muito tempo ainda o “statu quo” do mau ensino.

Quando voltámos da Argentina, dissemos uma vez que as nossas normaes em 50 annos não attingiriam o esplendor da escola de La Plata; 14 annos já passaram e estamos tartarugando nos methodos das escolas jesuiticas e juridicas, que foram as nossas primeiras orientadoras.

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funcções e multiplicar a sua efficiencia?

— Por estas columnas já propuzemos um novo plano como base de estudos e discussões. A escola normal teria um cyclo cultural de 5 annos, incluindo um anno essencialmente utilitario, e um cyclo profissional de 1 ou 2 annos. Não é excessivo: as do Uruguay têm 6 annos, e as da Italia, 7.

Dar-se-iam no cyclo cultural a encyclopedia, linguas, artes, e applicações resumidas de varias carreiras. Esse typo de Lyceu, que prepara para a vida, deveria ser largamente diffundido no Estado.

No 1.º anno: linguas — portuguez, noções de latim e literatura (12 horas semanaes); francez e sua literatura (6); inglez (6); desenho (3); gymnastica (3).

No 2.º anno: sciencias — mathematica (24 horas semanaes), desenho e gymnastica (3 cada).

No 3.º anno: astronomia, physica e chimica (3 cada), biologia (6), desenho, gymnastica, trabalhos manuaes e canto (3 cada).

No 4.º anno: geographia e historia (4 cada), sociologia e moral (4), philosophia (6), desenho, gymnastica, trabalhos manuaes e canto (3 cada).

No 5.º anno: applicações — agricultura e zootechnia (12), direito usual (3), medicina pratica (3), hygiene e puericultura (3), escripturação mercantil e steno-dactylographia (3), violino ou piano (6).

Cada materia seria dada na sua sala ambiente.

O cyclo profissional, para onde viriam os diplomados pelo cyclo cultural e pelos gymnasios, seria dado em duas escolas á parte, independentes: a “Escola de Psycho-Pedagogia” e a “Escola de Didactica”, que seriam ao mesmo tempo institutos scientificos de investigação. Aos poucos, os professores particulares deveriam ir sendo obrigados a passar por essas escolas.

A “Escola de Psycho-Pedagogia” seria installada num grupo escolar de classes numerosas, tendo annexos uma escola complementar e um jardim de infancia. O director seria o lente principal e o chefe e orientador das experiencias e pesquisas scientificas; o vice-director, sob as suas ordens, cuidaria da parte administrativa; e os quarenta adjuntos, cada um especializando-se num só assumpto — habito, imaginação, raciocinio, fadiga, etc. — além de dar aulas no grupo, fariam experiencias e dariam aulas aos normalistas. Ensinar-se-ia a psychologia geral e infantil, a psychotechnica, a pedagogia, etc., nos periodos da manhan e da tarde, sob o regimen de tempo integral para os praticantes normalistas.

Os diplomados pela "Escola de Psycho-Pedagogia" entrariam na "Escola de Didactica", localisada num grupo escolar de muitas classes, maternas, preliminares e complementares. Cada adjunto ficaria com a methodologia de uma materia — leitura, arithmetica, musica, etc. — e além de dar aulas primarias, faria planos de aula e experiencias sobre variadas orientações e daria aulas aos normalistas, tudo sob a orientação do director, que seria o lente principal de didactica, o orientador e chefe. Ahi forçosamente se faria revisão de muitas materias; insistir-se-ia nos cantos escolares, no sloyd, no desenho pedagogico. Haveria cursos de jardineiras, professores, directores e inspectores.

Se a psycho-pedagogia e a didactica fossem a principio dadas num anno só, cada uma seria ensinada numa semana alternadamente.

Só assim teriamos psychologos e didactas no Brasil; só assim teriamos normas pela primeira vez. Mais tarde cada grupo escolar poderia ser uma escola de psycho-pedagogia e de didactica.

Depois de uma organização modelar, deveriamos dar ás normas uma autonomia fecunda, que as deixasse progredir, sem as maravilhas officiaes.

12 — Não achá que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes, a assistir ás aulas e a interessar-se "pela vida normal" e não apenas nos "incidentes" da escola?

b) por meio de reuniões em geral em que se encontrem, para troca de idéas, professores e paes de alumnos?

— Quando em toda parte se esforçam por attrahir a cooperação das familias, o interesse do povo pela escola, as nossas reformas de ensino as afastam perigosamente.

Na Europa, nos Estados Unidos ha uma collaboração efficaz do lar. Na Argentina, todas as semanas ha reuniões de paes de alumnos para ouvir uma palestra da professora. No Uruguay restabeleceram agora os exames oraes de fim de anno, com festas litero-musicas e esportivas, para o fim exclusivo de aproximar dos mestres os paes dos alumnos; para isso, tambem, durante os 20 ultimos dias, a escola, mesmo funcionando, fica franqueada á visita publica, insistentemente solicitada.

Por que não fazermos o mesmo? Adoptemos os exames finaes, outra vez, com aquelle unico fim e as palestras aos paes; instituamos até a visita compulsoria dos paes, no inicio e no final das aulas, e varias vezes durante o anno, para acompanharem a marcha do ensino, para attenderem ás necessidades psychõ-physicas dos filhos, para darem a estes um tratamento educativo, hygienico ou medico, aconselhado, para aprenderem e collaborarem energicamente na educação infantil.

Ainda mais: como no Uruguay, cada escola deveria ter a sua "Commissão de protecção e fomento escolar", formada por pessoas representativas e entusiasticas, para prestigial-a, animar-a, visitar-a assiduamente, auxiliar-a na obtenção do "Copo de leite", da "Sopa escolar", das "Clinicas dentarias", da "Caixa escolar", da bibliotheca es-

colar, do material didactico, dos meios e facilidades para as excursões escolares, e outras mil iniciativas maravilhosas, que civilisariam as escolas. Essa commissão seria tambem um elemento de fiscalisação sem vexame.

13.º — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboração, ao lado e acima d'elle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— A escola normal é apenas uma iniciação; além disso, os diplomas são “permissões para esquecer”; para manter a effervescencia cultural são imprescindentes as obras peri-escolares e post-escolares, como as conferencias periodicas.

O nivel baixo do magisterio será muito alteado com a normal superior.

14.º — Que diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

— A Faculdade de Educação, de 1920, deixa muito a desejar. De feito, como podia preparar lentes de normaes e gymnasios, em mathematica e sciencias phisicas e naturaes, se não incluiu essas materias no seu curso? e mesmo lentes de linguas, se estas estão no 2.º cyclo, que é facultativo?

As modificações de 1925 vieram peoral-a, com a supressão do 2.º cyclo, ou cursos de conferencias; além

disso, submetteu-lhe a direcção ao director da escola normal secundaria, desconhecendo os propositos de ambas.

O typo da escola normal superior franceza, melhora-do no que respeita á parte psycho-pedagogica, deveria servir de base á nossa futura Faculdade de Educação.

15.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

— O nosso codigo de promoções, nem sempre escripto, mas executado, ha muito tempo tem sido este: um professor é nomeado, removido ou promovido: 1.º) por empenho politico, que até pula por cima das leis; 2.º) por amizade com os directores geraes; 3.º) por compra do logar, directamente do interessado; 4.º) por perseguição, atropelado para dar o logar a um protegido; 5.º) para arranjos necessarios ás reformas da instrucção; 6.º) por ter sido envolvido em processo administrativo; 7.º) por concurso; 8.º) por antiguidade; 9.º) e até pela competencia.

Estes processos se revezam conforme a maior ou menor frouxidão moral dos dirigentes. Portanto, o magisterio é uma carreira de azar: o professor, ainda que distincto, pode passar 30 annos numa escola isolada; ou logo após a formatura, ainda que com pessimas notas, pode ser guindado de chofre a cargos altissimos.

Os maiores inimigos da educação nacional são o desanimo e a rotina. Para combater o primeiro, injeções tonicis de enthusiasmo, interesse dos superiores hierarchicos pelo ensino, elogios individuaes, augmento perio-

dico de vencimentos, premios. Para evitar a crystallisação mental: após o estagio, os concursos progressivamente difficeis para cada cargo, pois o concurso, cercado de todas as garantias, ainda é o processo menos nocivo para o provimento de cargos.

A titulo de exemplo, damos estes requisitos minimos para a nomeação: de escola rural: concurso de notas do diploma; de escola urbana: concurso de aulas praticas; de grupo escolar: concurso de didactica theorica e pratica, sendo os planos de aula feitos pelos proprios candidatos, no edificio da escola; de escolas da capital e de outras cidades importantes e de directores e vice-directores de grupo: concurso de psychologia, pedagogia, didactica e apresentação de memorias; de inspectores escolares e vice-directores de normaes: concurso versando sobre duas theses psycho-pedagogicas, uma espontanea do candidato, outra indicada pelo governo; de lente de normaes: apresentação de monographia sobre o ensino da materia, o que seria prova eliminatoria, e depois prova escripta, pratica e arguição reciproca.

Paizes ha em que o professor se sujeita a um exame de dois em dois annos, para mostrar que está em condições de ensinar. Se fizéssemos o mesmo... que desastre!

Na Italia, do mesino modo que ao alumno, após ter feito um curso de 9 annos de gymnasio-lyceu, a reforma Gentile ainda exige um rigoroso exame de madureza, para poder entrar nas escolas superiores — o professor normalista, formado num curso de 7 annos, ao requerer uma

cadeira de ensino elementar, é obrigado a prestar um exame de habilitação, que comprehende: italiano, latim, philosophia e pedagogia, geographia, historia, mathematica, physica, chimica, historia natural, hygiene, musica e canto coral e um instrumento musical (piano, violino ou harmonium). Não transcrevemos esses longos programas, que temos em mão, por falta de espaço.

Os nomeados por concurso, entre nós, só deveriam perder o cargo, após processo regular, — deixando de lado a idéa de cargos de confiança, euphemismo para esconder a omnipotencia politica. A proposito, os processos deveriam estender-se aos que ensinassem mal ou se desinteressassem do cultivo de seus alumnos.

Com excepção do cargo de lente e de director de normal, que deveria sahir da congregação, todos os outros deveriam constituir a carreira do professor, com estagio minimo de dois annos em cada cargo. A lei deveria evitar em absoluto excepções que afastassem o concurso. O concurso digno, escrupuloso, é a garantia do progresso do ensino; o concurso é a esperanza maxima do professorado honesto. A falta delle é a selecção ás avessas, é a victoria das nullidades enfatuadas.

16.º — Como se poderia organizar em São Paulo praticamente uma obra efficaz particular, de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

— A Caixa Beneficente já garante o montepio e empresta dinheiro para comprar casas; se estendesse o

emprestimo para outros fins, a juro modicos, estaria resolvida a questão economica.

Devido á falta de espirito associativo do professorado, difficil é a formação de uma sociedade particular de assistencia hygienica e judiciaria. A extincta "Associação do Professorado" é uma prova. Mas devemos sempre recommençar. Ao demais, é a unica classe desamparada contra as offensas da prepotencia.

— Falámos muito e quasi nada dissemos. O problema educativo exige microscopio e telescopio. A nossa vida inteira é pouca para tamanha empresa. Mas, paulatinamente, iremos focalizando os aspectos mais interessantes e urgentes, com paciencia e boa vontade. Até breve.

A QUESTÃO APRECIADA PELO SR. SUD MENNUCCI

Ensino sem plano nem alvo prefixado. — Comprimido dentro de uma burocracia estreita e uniformisadora. — Em torno de um artigo da Constituição Nacional. — A nossa escola primaria e a obra de educação popular. — O que significam as pomposas exposições de trabalhos manuaes... — A escola que existe, falhou. — Discutindo o problema das Normaes. — O espirito que domina a inspecção technica. — Burocracia apparatusa de fiscaes, á sombra do director geral. — A que a lei de 1925 reduziu a Faculdade de Educação...

Não foi em vista das funções que exerceu, de delegado regional de ensino, que resolvemos solicitar ao sr. Sud Mennucci opinião acerca da materia em debate, nesta primeira phase do inquerito sobre a instrucção publica. Quem levou, como elle, para o cargo que lhe fôra confiado, o prestigio de um nome feito nas letras, na imprensa e no magisterio, parece ter pleno direito a vêr a propria autoridade aferida pelas provas positivas de seu valor, e não conjecturada na base precaria de posições officiaes... Se de alguma coisa lhe serviu o cargo para o qual o indicaram os seus merecimentos, foi certamente para lhe estreitar mais o contacto com os meios do ensino, que assim pôde observar melhor, nas suas particularidades mais significativas.

O depoimento do sr. Sud Mennucci, a que não faltaria, por esta forma, a base das observações pessoais, teria, porém, de revestir esse particular interesse que provém, nos seus trabalhos, do gosto de encarar, de pontos de vista novos, os assumptos submettidos á sua apreciação. Espirito critico, — na accepção defensiva e offensiva da palavra, — sobre não acceitar coisa alguma sem analyse, tem a malicia e a mordacidade dos bons observadores, mas sem o azedume que vem da luta e o travo que deixa, nos irresignados, a experiencia dos homens. As suas palavras porventura nem sempre exprimirão para todos a inteira verdade da doutrina, mas sempre a “sua” verdade. Na pagina que nos enviou, o assumpto é tratado com uma tal segurança que nos obriga a reflectir, emquanto nos faz sorrir a ironia calma com que aprecia, sob um ar de displicencia, a mentalidade que não cabe na pelle, de satisfeita com as maravilhas da instrucção...

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— Não temos um aparelhamento pedagogico primario e normal de accôrdo com as necessidades e á altura de São Paulo. Propalou-se o contrario em todos os tons, comparando o nosso pouco em relação ao quasi nada do Brasil. A cantiga, entretanto, precisa desaparecer: não diz a verdade, porque em confronto com os outros povos do mundo, o que possuímos é irrisorio.

O ensino primario não se sabe o que pretende e aonde leva. Não tem plano nem alvo prefixo, esquecidos que andamos de que nas sociedades industriaes contemporaneas, todo trabalho deve ter um.

O ensino normal não é o que devia ser. Não prepara os mestres de que carecemos, nem os technicos de que a escola precisa.

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

— A falha mais grave do ensino primario e normal, na sua organização actual, isto é, depois da reforma de 1925, é o refluxo ao passado. Houve o propositado intento de volver o ensino ás bases de 30 annos atrás, como se se pudessem adaptar, á mentalidade de nosso tempo, as aspirações e os ideaes daquelle, como se entre 1892 e 1926 não houvesse mediado o tremendo, destruidor, e porisso mesmo renovador, furacão da grande guerra.

Não estamos mais em condições de entender os ideaes do inicio da Republica. Ultrapassamol-os. E forçar a organização do ensino áquelles pontos de vista só poderia dar os resultados que se vêem: baixa no nivel do ensino, estagnação no esforço do professorado, immobilisação na trajectoria das idéas-forças que movem as nacionalidades, mecanisação da aprendizagem, comprimida dentro de uma burocracia uniformisadora, que reduz tudo á disciplina de batalhões militares.

3.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario, gratuito e obrigatorio?

— Não me pareceu nunca feliz a redacção do dispositivo constitucional da Republica que torna o ensino primario gratuito e obrigatorio.

Obrigatorio, sim. Gratuito, em termos. Isto é, apenas para aquelles que não possam dar educação aos filhos e aos quaes o Estado proveria.

E' a redacção desse artigo que está causando embaraços á expansão da cultura no Brasil, forçando as unidades da Federação, com capacidade orçamentaria insufficiente, a, no intuito de cumprirem o preceito, reduzir o ensino a uma sombra do que deve ser.

O preceito deve, precisa, democraticamente, ser entendido como uma regalia das classes pobres, do ponto de vista do supremo interesse da nacionalidade na formação de um nivel medio de cultura ambiente.

Os que podem pagar a educação de seus filhos não se concebe augmentem os onus do Thesouro publico gozando de favores que as suas posses não legitimam.

Parece-me essencial, para o problema da diffusão da cultura brasileira, a mudança de pensar nesse ponto. Porque o adempimento religioso da regra constitucional traz em si mesmo a negação do preceito. A falta de fundos manietta as administrações que, logicamente, diminuem o tempo esoolar, baixando o nivel do ensino.

Resulta dahi que o Estado para cumprir um principio considerado democratico impossibilita a realização do

supremo ideal da democracia. E' um paradoxal circulo vicioso.

4.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o ensino primario integral para alguns?

— A pergunta é logica, diante do estado actual de coisas. Mas na hora em que o ensino não fosse mais gratuito, o Estado poderia cuidar de ensino primario integral para todos. Porque essa é a unica solução. As outras, quaesquer sejam ellas, serão sempre meros palliativos.

5.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares em cujo proveito deve organizar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

— Evidentemente. E isso, em ultima analyse, resulta ainda do principio basilar da gratuidade geral do ensino. Por questões economicas, quizemos fazer as nossas escolas primarias de um typo unico e uniforme, capaz de attender ás necessidades das classes populares e ás do curso secundario.

Mostramos, com isso, apenas a incompreensão das funções e da natureza dos dois ensinos, o primario e o secundario, que têm, não podem deixar de ter, finalidades muito diversas:

O primeiro deve encaminhar, de forma rapida e expedita, á obtenção dos meios para o sustento do homem, valendo-se de um minimo, necessario, sufficiente e indispensavel para a vida em sociedade.

O segundo encaminha para a obra lenta e demorada da formação de uma solida cultura, cuja generalisação para todos está inscripta entre os ideaes da humanidade, ideal, por enquanto, utopico, primeiro pelas condições economicas sociaes, e depois pelas incapacidades physiologicas dos individuos.

Ora, enquanto houver pobres e ricos, que o communismo pretende equiparar, e enquanto houver brancos e intelligentes, que nenhuma theoria philosophica ou sociologica nivelará, esses dois ensinos terão de ser differentes e diversos.

Nós não o quizemos comprehender e fizemos uma escola primaria unica que, para o lado do curso secundario, não pode ser tida na conta de um degrau solido. Para os exames de sufficiencia, os gymnasios exigem menos e mais do que se aprende nas escolas primarias, havendo até materias de que aquelles não cuidam e não as inscrevem nos seus programmas.

Para os lados da educação popular, a nossa escola primaria ainda é peor, porque falham a estes dois principios fundamentaes: não preparam os homens para a vida, não preparam cidadãos ao paiz.

Ellas offerecem um simples curso de quatro annos e, no momento, em que a sua acção orientadora ir-se-ia verificar benefica e salutar, encaminhando o alumno á vocação revelada, abandona-o cruelmente a si mesmo.

Aos doze annos, a criança tem de resolver o problema de sua adaptação á communidade e de sua iniciação

profissional, contando exclusivamente com os próprios recursos. E são bem poucos esses recursos.

A bagagem que traz dos quatro annos de escola é insignificante e, o mais das vezes, incommoda.

Da educação propriamente mental, feita sem material didactico sufficiente e mesmo conveniente — nós somos nisso de uma pobreza franciscana — e alinhavada sem uma orientação firmemente voltada para um alvo util, só lhe servem, e mal, a leitura e os numeros. Estes, principalmente, com restricções com muitas restricções...

Da educação physica realisada sem intensidade e sem organização systematica ministrada em aulas exhaustivas e cacetes, uma ou duas vezes por semana, sem observações medicas convenientes, sem separação dos grupos de alumnos pela semelhança dos caracteres somaticos, só lhe ficou o enfado.

Da educação manual... Ainda estamos naquella deliciosa e ingenua quadra das almofadas caras, dos bordados ricos, das sedas custosas, que para alimentar a fidalidade e a porfia entre os professores do estabelecimento, se mostram, com pompa solenne, nas exposições de fim de anno. E, em geral, nesses concursos de artes decorativas, os alumnos contribuem, ás vezes, com o material necessario e, communmente, apenas com o nome registado na papeleta do trabalho exposto.

Nessas condições, a criança está completamente desapparelhada e impreparada e tem de recommençar, ás carreiras, se ainda é tempo, a sua aprendizagem. A escola falhou.

6.º — Qual o verdadeiro papel que deve caber á escola primaria:

- a) na formação do caracter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e de preparação para a vida?

Depois do que vim sustentando no item anterior, pareceria redundancia insistir nesses pontos. Mas como, em toda a parte, a repetição dos argumentos é figura de rhetorica mais producente que a propria enargia, não ha mal que nelles se toque de novo, porque elles são os pontos cardeaes do ensino primario integral: fazer do menino entregue aos seus cuidados um obreiro, um artezão ou um artifice; tornál-o forte e com um indice de hygiez que, sendo a media collectiva, mostre, no povo, o apego aos habitos da defesa do organismo; transformal-o num homem sociavel, dotado daquellas qualidades de cooperação e de mutuo amparo, que criam a força das nacionalidades; e, principalmente, fazer da criança um brasileiro.

7.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriaes, agricolas, pastoris, etc.), da região em que a escola se installou?

— Pelo que venho expondo, inclino-me a pensar que o ensino primario deve ser ministrado de duas formas differentes, de accôrdo com o fim que visa :

Será remunerado quando, annexo aos gymnasios, se destinar a preparatorio do ensino secundario :

Será gratuito ou semi-gratuito, quando exclusivamente orientado para a obra da educação popular.

Neste caso, subdividir-se-á em dois ramos, um fundamental e outro profissional, abrangendo um periodo escolar completo de 7 ou 8 annos.

O curso fundamental, de 4 annos, será dado em todas as escolas de 1.º grau, como preliminares aos cursos profissionaes, disseminados estes por toda a superficie do Estado e organisados de accôrdo com as necessidades e as characteristics economicas de cada região.

No curso fundamental, o ensino se orientaria dando a maxima importancia á educação physica e á educação manual, no intuito de descobrir as tendencias vocacionaes dos alumnos, e respeitando sempre as peculiaridades da zona em que a escola se localisou.

Os cursos profissionaes se organisariam pelo principio do “self-supporting” e teriam, além da preocupação propriamente profissional, o maximo cuidado no preparo civico e physico dos candidatos, dando-se aqui especial relevo ao escotismo, que sendo uma escola de treino individual e de desenvolvimento das qualidades de iniciativa, é tambem uma escola de mutua assistencia e de larga acção social.

O trabalho manual é, por si mesmo, eminentemente educativo; aliado ao ensino civico, muito haveria que fiar nos seus resultados. E desde que não surgisse a obsessão de construir palacios com installações e machinismos mais luxuosos que efficientes, S. Paulo dentro de pouco veria compensados, pelo surto economico e pelo alteamento do nivel da cultura ambiente, os gastos que fizesse.

8.º — Não lhe parece que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educação popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radiotelephonia?

— E', pelo menos, esse o pensar dos entendidos em toda a parte.

O cinema já firmou a sua absoluta superioridade no ensino de desenho, na França. Na Italia já está incorporado ás escolas populares:

A radiotelephonia, e não só ella mas o proprio gramophone, podem e devem prestar excellentes serviços na diffusão dos conhecimentos.

9.º — Como está tratada pela reforma de 1925 e como deveria ser resolvida a questão de assistencia technica e de inspecção e fiscalisação do ensino?

— Abordarei este ponto, dentro de pouco, tratando das Normaes.

10.º — Não reconhece que nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente:

a) desviado de seu caracter profissional;

b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado enfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturaes?

— Todos esses defeitos existem nas Escolas Normaes, debaixo de sua organização mais recente.

A causa, porém, vem de longe, vem desde quando se organisaram aqui as primeiras Normaes sob o absurdo regimen de cursos mixtos, isto é, pela conjuncção do curso propedeutico e do profissional.

Façamos justiça declarando que se explicava a adopção desse typo escolar, ha trinta annos passados, quando as difficuldades orçamentarias e as necessidades culturaes, aconselhavam a transigencia dos technicos em acceitar esse hybrido, que dava, ao mesmo tempo, a profissão e a cultura, sacrificando a ambas, está claro.

Houve uma tentativa, em 1920, de alteamento do nivel do ensino, ainda que sem modificar a estructura do typo escolar mixto. Mas não vingou, porque a reforma de 1925 reconduziu as normas ao seu primitivo estado.

11.º — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para ás ajustar ás suas funcções e multiplicar a sua efficiencia?

— O ensino normal de verdade será aquelle em que se formassem os professores e orientadores dos outros cursos da instrucção publica, com excepção do superior.

O candidato a essa funcção, portanto, deveria ter realiado o seu cyclo secundario completo para vir, ao depois, fazer a sua aprendizagem profissional numa escola normal.

Neste passo, porém, entra em scena um factor grave que muda inteiramente a feição ao problema.

Para fazer um curso completo de preparação ao magisterio, quanto tempo levaria o alumno? De doze a quatorze annos, o que quer dizer que entrando para a escola aos 7 só aos 20 o moço lograria o ambicionado titulo de professor e estaria com a cultura indispensavel aos preparadores de almas.

E depois de tão longo tirocinio, que remuneração espera o desgraçado preceptor? Apenas uma remuneração ridicula para o esforço gasto e sem a esperanza de a ver melhorar sensivelmente. O augmento dos estipendios de uma classe numerosa como o professorado encontra uma barreira intransponivel na capacidade orçamentaria do Estado, adstricto elle mesmo a um maximo de limitação tributaria.

Dahi o "impasse". A administração não póde exigir de funcionarios que não está em condições de pagar convenientemente o preparo tecnico que o cargo requer.

Surgiram dahi as nossas normaes, nas quaes se abaixou o nivel de ensino para attrahir candidatos, sem observar que, apesar de tudo, ficava ainda este enormissimo defeito:

Concedendo as normaes um diploma de habilitação, que da a presumpção de uma cultura inexistente, tal cer-

tificado cria um compromisso moral da administração, para com os diplomados e legitima, portanto, as aspirações da classe, officialisada pelo Estado, na obtenção de regalias e proventos.

Mais de meio seculo de applicação desse regimen deu os resultados que estamos vendo: perdemos todos. Não ganhou o professor, que não adquiriu o preparo technico indispensavel nem obtem os salarios de que precisa; não ganhou o governo, que, apesar dos gastos, não tem os funcionarios á altura do momento historico do mundo; não ganhou o paiz, que se vae, desgraçadamente, conservando na rabeira do cortejo das grandes nações.

Urge, pois, a modificação do systema de recrutamento do pessoal para as escolas primarias. E' inutil reformar as normas para todos os professores. A questão economica impediria que o Estado conservasse os melho-res technicos. A estes, com os conhecimentos adquiridos, não faltariam as oportunidades e as solicitações de fora para abandonar o emprego publico. E o Estado se veria sempre a braços com o mesmo problema.

A solução só póde ser outra: alliviar-se a administração de uma carga provadamente pesada e quasi inutil, para dedicar-se a outra.

Assim, eu não teria o menor remorso em extinguir todas ou quasi todas as normas do interior, transformando-as em gymnasios.

E o pessoal necessario ao ensino de primeiro grau, recrutalo-ia por meio de concursos annuaes ou semestraes, em que se estabelecesse a exigencia de um minimo

de conhecimentos, além de um longo prazo de pratica escolar dos candidatos, feita em institutos officiaes.

Taes professores nomear-se-iam interinos, durante dez annos, com direito a accesso por merecimento até a sua effectivação.

Em troca redobraría de rigor na parte propriamente directiva e orientadora do ensino.

Para os cargos de directores de casas de instrucção, inspectores e professores de normal e gymnasio, criaria a obrigação de ser diplomado por uma das duas ou tres escolas normaes do Estado, organisadas sob os moldes de uma verdadeira forja de mestres.

Ao candidato ao magisterio publico exigir-se-ia o curso secundario para matricular-se na normal. (E diga-se de passagem, o curso secundario que imagino para os meus patricios não se parece com o da derradeira reforma federal). Lá, o alumno se especialisaria num curso mixto de theoria e pratica, que o puzesse ao par das ultimas investigações da sciencia de educação e que o puzesse, pelo seu contacto diario e constante com as classes e as experiencias, em condições de ser tambem um investigador.

A escola primaria seria, então, e não apenas nos discursos, uma officina, com os seus obreiros, os mestres, guiados por uma vontade e uma cultura, o director.

A assistencia tecnica dos inspectores perderia, "ipso facto", o seu ar irritante de fiscal para fixar-se na feição orientadora, transformando os inspectores em abelhas do

ensino, que levariam os resultados das boas experiencias a todos os cantos do Estado.

E como nenhuma instituição humana vive, sem uma obra solida de propaganda tenaz e constante, criar-se-iam os cursos permanentes de conferencias, os cursos de férias, as reuniões locais para as campanhas das idéas novas e um organismo especial a encaminhar e methodisar todas as experiencias e ensaios que quizessem ser tentados.

E' assim que eu entendo o ensino. Elle perderia o seu aspecto rigido e immobilisado actual, estaria constantemente atravessado de rajadas de vida renovadora e não estagnaria no mar morto da rotina commoda e accommodaticia.

12.º — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em colaboração, ao lado e acima d'elle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— Já respondi á primeira parte da pergunta no item anterior.

Quanto á Escola Normal Superior preferia a Faculdade de Educação, pois de accôrdo com o plano que imagino, as Escolas Normaes para directores do ensino já seriam, incontestavelmente, Superiores.

13.º — Que diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as "modificações" introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que de-

verão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

— Acho a Faculdade de Educação uma necessidade indispensavel, primeiro para que a obra educativa em geral não corresse o risco de ser eivada por um ponto de vista exaggeradamente pedagogico, ou melhor, “excessivamente normalista” e segundo, porque só de uma escola de altos estudos desinteressados é que podem vir as premissas que criam os ideaes da nacionalidade.

A “minha” Faculdade de Educação, porém, não seria a mesma que a de 1925, copia, aliás, da de 1920, menos o cyclo de conferencias e mais alguma coisa.

O dr. Sampaio Doria, na lei n.º 1.750 de 1920, fize-ra apenas o nucleo central de uma escola de altos estudos e, para adaptal-a ás necessidades que appareceriam, criou o cyclo de conferencias, paralelo ao curso effectivo. Com isso corrigiria as deficiencias da organização, enquanto ella não lograsse integrar-se no aparelhamento cultural do Estado.

A lei de 1925 achou a precaução desnecessaria. E, zás, cortou-lhe o cyclo de conferencias. E, por medida de economia, mandou que director da Faculdade seria o director da Escola Normal da Praça e, não sabemos por-que motivo, submetteu os lentes ao regimen do “concurso-interino”, quero dizer o candidato faz o concurso para ser nomeado interino.

Ora, isso pode ser conveniente ao Thesouro, mas não ao paiz.

Uma Faculdade de Educação deve ser a pregadora do ideal que inspire as nossas obras de organização do Brasil e do estabelecimento de uma consciencia racial.

Tem que ser uma escola de altos estudos em que os lentes, amparados por salarios que os ponham a cobro das vicissitudes da luta pelo pão, gosem da mais completa liberdade para cuidar dos assumptos com a mais absoluta independencia. Qualquer restricção a essa liberdade faria falhar os fins essenciaes da escola.

A nomeação interina do lente não é apenas uma restricção, é a perda total da liberdade, subordinando-a á vontade discrecionista do director.

E por cima, o director da Faculdade é como director da Normal um funcionario — ás vezes professor primario — da immediata confiança do governo...

14.º — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino superior?

— Para o ensino normal e secundario ainda não se descobriu outro melhor que o concurso.

Para o primario, o caso muda de figura.

Ha um erro velho e arraigado no systema de provimento das cadeiras. E' o de começarem os professores pelo bairro, isto é, pela zona rural.

Ha todas as desvantagens nesse processo:

O professor é moço e novato, veio da cidade e não sabe adaptar-se ás condições do meio. E' mal pago, porque o professor rural é o que menos ganha. Não sabe lecionar aos seus alumnos, tão diversos e differentes da-

quelles com que fez a pratica, na Escola. O governo o abandona, fornecendo-lhe pouco material. Todas essas circumstancias juntas fazem d'elle um funcionario mediocre, que está sequioso por se ver livre do "inferno".

E trabalha e luta até ser removido para a cidade.

Isso, no magisterio, é o caso de todos.

Está errado e o vicio é de origem. O remedio é uma reversão do processo. A escola rural deve ser o premio do bom professor.

O noviço entraria no magisterio pelo grupo urbano, ganhando o menor ordenado.

Depois de certo tempo, poderia requerer uma cadeira isolada, em séde de districto, com maior salario e só depois de novo estagio, estaria em condições de ir para o bairro, com os melhores vencimentos.

Se depois de certo tempo, quizesse voltar para a cidade, afim de cuidar da educação dos filhos, o governo poderia dar-lhe um logar em grupo, como premio.

Mas isso, só depois de uns quinze annos de bons serviços.

Fazer o que estamos fazendo, ha trinta annos, é alimentar em todos os sentidos o urbanismo, pois os principaes panegyristas da vida citadina são justamente os professores novatos, que envenenam, nas classes, as pobres crianças innocentes, pondo-lhes na cabeça fantasiosa a imagem de uma nova Chanaan.

15.º — Como se poderia organizar em São Paulo praticamente uma obra efficaz particular, de orientação

e propaganda do ensino, e de assistência económica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

— Só uma associação de classe, que tivesse um organ para levantar a bandeira de suas aspirações.

Poder-se-ia moldal-a de forma a attender ás multiplas e variadas necessidades de uma classe que conta, sem exaggero, no Estado, mais de dez mil pessoas.

Mas... parece-me cedo para tentar um empreendimento serio nesse sentido. Os motivos desse meu pensamento são complexos e demandariam um estudo que não posso fazer aqui.

A RESPOSTA DO SR. LOURENÇO FILHO

A complexidade dos problemas do ensino. — Rude empirismo com que são tratados. — Mentalidade que urge renovar. — «Esplendido isolamento»... — Emparedados entre os conselhos de Miss Brown e o hieratismo commovedor de seus discipulos... — Vicio organico e desvio funcional. — Ausencia de finalidade educativa e social, no ensino. — Educação que não se anima ao calor de um ideal superior. — Concepção didactica retrograda. — A escola tradicional montada para uma concepção social vencida. — A escola nova inspirada em novos ideaes. — O verdadeiro papel da escola primaria. — A necessidade da educação como função publica. — Ler, escrever e contar são simples meios. — Aspectos particulares do problema do ensino, entre nós. — Influencia da escola nos problemas locais. — Pela adaptação do ensino ás necessidades da região. — Radio-escola e cine-escola. — O que deve ser o ensino normal. — A cooperação da familia e da escola. — A quinta roda do carro...

Se uma questão não se pôde dominar senão quando encarada de angulos diversos e esclarecida por todas as suas faces, a utilidade de um inquerito será tanto maior quanto mais accentuada vier, em cada depoimento, a expressão livre das convicções individuaes. A' medida que se succedem os pareceres, elucidam-se, deste modo, mais um dos aspectos do problema, que apenas esflorados, em

um trabalho, apparecem, em outro, atacados até ás suas raizes. Na resposta com que hoje entra no debate o sr. Lourenço Filho, desenha-se nitidamente uma orla dos novos horizontes que pretendemos abrir, em nosso questionario, lembrando a necessidade de collocar o "problema da educação" em face dos novos problemas sociaes. De um alto idealismo equilibrado por um espirito pragmatico que não perde o contacto com a realidade, o sr. Lourenço Filho sentiu, na sua plenitude, o mundo de suggestões palpitantes sob dois quesitos em que (são palavras suas) "tocamos com o dedo o coração mesmo das idéas educativas vencedoras no momento".

O conhecido professor trouxe para o seu parecer tecnico esse espirito aberto e francamente renovador com que vem orientando, no sentido experimental, o ensino de psychologia e pedagogia, a seu cargo na Escola Normal da Praça da Republica. Mas, não é somente no tomar o pulso a uma questão relevante e no auscultar o folego ás reivindicações modernas da educação, que imprime ao seu trabalho a força resultante da solidez e elevação de idéas. Na analyse rigorosa a que sujeita o nosso apparellamento escolar, na sua estrutura e na mentalidade que o domina, as suas affirmações, — sejam quaes forem as divergências que possam suscitar — são sempre reflectidas e documentadas. E como as palavras de critica ou de louvor valem por quem as enuncia, não se pôde deixar cahir ao chão as que sahiram da penna do professor, cuja capacidade, ainda ha pouco, teve justa consagração na reorganisação do ensino, no Ceará.

“Não é facil responder ás questões propostas, dentro dos limites de espaço compatíveis com a natureza deste inquerito, e por uma razão muito simples: sobre educação e futebol não ha ninguem que se não julgue capaz de uma opinião pessoal, pelo que é perigoso opinar sobre o assumpto, sem ampla justificação do ponto de vista tomado. Em nosso meio, o problema do ensino popular tem sido, quasi sempre, encarado, sob aspectos do mais rude empirismo, e não só o publico, como a quasi totalidade dos individuos mais directamente interessados nelle — os proprios professores — suggestionados pelo modo com que quasi todos os nossos governos hão por bem tratar do problema, habituaram-se a tomal-o como questão de méro arbitrio, em que a razão e a experiencia menos podem significar do que um capricho de momento.

Talvez isso se não dê somente a respeito da educação. Mas, como a respeito della é assim, acho perigoso, como affirmei, e até contraproducente, ás vezes, opinar sem esclarecer. Além disso, a iniciativa deste jornal, conforme se deprehende da simples leitura do questionario que tenho presente, é a de uma campanha franca e decidida ás normas do ensino vigentes em S. Paulo, não encarnado nas illustres pessoas de sua actual administração, que não são por ellas de todo unicamente responsaveis, — mas á mentalidade que entre nós tem dominado o assumpto, com ligeiro intervallo, e que agora o empolga de modo completo. E, uma condemnação assim formal, num ambiente pouco affeito a discussões em elevada esphera de idéas, exige um veredicto claramente argumen-

tado, senão, nalguns pontos, explicado até á evidencia, não só para estimular a propaganda de novas idéas, como para facilitar um debate proveitoso com os que julguem ainda, — desinteressadamente, está claro, — útil e necessaria, essa mentalidade que urge renovar. Só neste presupposto, que julgo indispensavel referir, passo a responder os differentes itens propostos, da seguinte fórma:

1.º — Temos nós um aparelhamento pedagogico, primario e normal, conforme as nossas necessidades e á altura do progresso material do Estado de São Paulo?

— Parece-me que não. Pelo aspecto material, explica-se, facilmente, que o Estado não tenha podido acompanhar com o ensino publico, como com outros serviços, o surto quasi inacreditavel de varias zonas de seu territorio. Não é criticavel, por isso, o esforço da administração que installou escolas e grupos escolares em palheiros e casas de tulha, com caixões vasio por mobiliario. Simples solução provisoria, perfeitamente acceptavel em regiões apenas desbravadas á civilização. Pelo aspecto de orientação scientifica ou sociologica, porém, o caso muda de figura. Pelo que me é dado saber, o ensino publico paulista nem sequer tem suspeitado dos grandes problemas que, a esta hora, já mudaram de curso a educação popular de muitos paizes da Europa e da America. Não me refiro ás analyses mais ou menos classicas da “reacção critico-naturalista”, levantadas contra a escola do typo tradicional que é o nosso, simples reflexo na pedagogia, do avanço das sciencias biologicas, em ge-

ral, nos ultimos trinta annos. (Vide nota n.º 1). Refiro-me á “reacção crítico-social” do ultimo decennio, cujo influxo, profundamente renovador, já alterou substancialmente os systemas de educação popular na Inglaterra, na Allemanha (onde se reflectiu até num artigo especial da sua nova constituição politica) na França, por duas vezes, na Italia, no Mexico, no Uruguay, no Chile e no Japão. Sou forçado a dizer que o ensino paulista nem sequer tem até hoje suspeitado desse movimento, talvez o mais formidavel até hoje soffrido pela historia da educação no mundo occidental, porque é exactamente em tal momento que o governo inscreve como lemma da actual reforma um singular “rumo ao passado”... Creio, portanto, firmemente, que o ensino publico paulista não consulta, nesta hora, as profundas necessidades sociaes do Estado, não já simplesmente em extensão, mas em espirito, arredado como está da idéa de que cada época ha de investigar os fundamentos de sua propria cultura, e construir, sobre elles, um systema educativo da sua actualidade.

Tenho razões muito convincentes para julgar, sem offensa, que isso se dê por desconhecimento do assumpto, por parte dos nossos proprios orgams technicos permanentes, e posso expôl-as com franqueza.

Depois da renovação do ensino em S. Paulo, nos primeiros annos da Republica, os nossos professores têm dormido sobre os louros de então. Consagrou-se aquelle avanço, cujo valor ninguem lealmente porá em duvida, em relação ao seu tempo, como um triumpho inexcedivel,

absoluto e eterno. O officialismo absorvente, que se reflecte na inteira burocratisação dos possíveis nucleos de cultura pedagogica, — como as normaes e a directoria geral — fez do primitivo systema um dogma, e da educação popular, não um caso social que a todos pertence, mas um caso politico, na accepção restricta do termo. Assim, passamos a viver num “esplendido isolamento”, emparedados entre os conselhos da excellente miss Marcia Brown, e o hieratismo, ainda hoje commovedor da maioria de seus discipulos... Nessa pesada muralha chinesa, duas tentativas renovadoras, em épocas differentes, mal abriram algumas brechas, que a actual administração teve pressa em vedar de todo e de fazer vigiar por guardas attentos e disciplinados.

A Directoria da Instrucção não está, desde muito tempo, em contacto directo com as grandes fontes de cultura pedagogica do mundo, como seria de seu dever, mantendo uma bibliotheca e serviço de informações em boletim ou revista periodica que arejasse continuamente a nossa mentalidade pedagogica; nunca se cuidou de prover a sério as bibliothecas das escolas normaes, bastando que a respeito se diga que a Escola Normal da capital até ha poucos mezes não possuia os livros modernos mais elementares de psychologia applicada á educação, de pedagogia experimental e social, e jamais assignou uma revista pedagogica estrangeira. Não lhe foi possível satisfazer também, até agora, a aquisição de uma lista de livros e revistas julgados como mais necessarios e urgentes á consulta de mestres e alumnos, e que forneci á di-

rectoria do estabelecimento. O que raros professores têm feito em S. Paulo para acompanhar a evolução mundial do ensino é de motu-proprio, com um esforço quasi incrível. E comprehende-se como os seus resultados hão de ser falhos e imprecisos, e como, no ambiente acima descripto, os esforços individuaes hão de ser hostilmente recebidos.

Se, porém, mau grado tudo, os respeitaveis orgams do governo, a quem cabem, no presente, as responsabilidades do ensino, estão perfeitamente ao par do que se passa nos principaes paizes da Eutropa e na America, ño tocante ao assumpto, e reaffirmam a "volta ao passado" com uma convicção sincera, tambem perfeitamente respeitavel como todas as opiniões, eu peço licença para lembrar que essa attitude sceptica, ou negativista, em face das novas idéas, semelha a da avestruz que, occultando sua cabeça sob uma asa, para deixar de ver o caçador que a põe em perigo, prepara-se tranquillamente para ser ferida em cheio, com golpes certos e inevitaveis.

2.º — Podia apresentar em synthese as falhas e os erros mais graves do ensino primario e normal, na sua actual organização?

Como se depreheende do que já ficou dito, ha, em meu fraco entender, mais do que vicio organico no ensino paulista, um desvio funcional profundo: é a ausencia de um claro espirito de finalidade social, o divorcio do que na escola se pensa e se faz e a vida do menino que a frequenta na sociedade de amanha. Nossa educação

não se anima ainda ao calor de um ideal superior da vida em communidade, nem mesmo se agita á luz de um seguro criterio democratico. Baseia-se ao contrario, num falso individualismo rousseauneano, necessario a seu tempo como um degrau na escala do aperfeiçoamento didactico, mas hoje de todo em todo insustentavel. Como consequencia, prevalece ainda agora, em nossos estabelecimentos de ensino, um culto de formas excessivo, uma visível preocupação normativa, um ritualismo asphyxian-te e sem outro fim visível que não seja o temor supersticioso de fugir á sua pequena mecanica. Para comprovação deste asserto, bastam duas observações ao alcance de qualquer: o cavallo de batalha a respeito do chamado "methodo analytico de leitura" (vide nota 2) e o recente estabelecimento de inspecção technica especial de processos didacticos, entregue em varios ramos, a cavalleiros muito distinctos, e habeis talvez na sua especialidade, mas inteiramente leigos quanto á comprehensão educativa do ensino que superintendem, como é notorio. Não exaggero, portanto, affirmando que da ultima escola rural á primeira escola normal paulista quasi fallece, por inteiro, desde muito tempo, o espirito de finalidade educativa moderna. Os "meios" tomaram o lugar dos "fins", o que tanto basta para assignalar que, sem uma clara visão finalista, o professor tinha que cahir no empirismo e na rotina. A maioria dos nossos mestres — e os ha verdadeiros, na dedicação imprescindivel ao seu mister e no amor apaixonado á causa que servem, acabou sendo empolgada pela idéa de que em certos e determi-

dados modos de combinar palavras; em dados recursos praticos, mais ou menos geraes, mas não infalliveis de attrahir a attenção; como em pequenas receitas mnemotechnicas, ou na fixação de um simples livro "standard" para o exame, estava todo o remate da obra educativa que lhes cabe...

Devo accentuar, com firmeza, que ninguem se bate mais sinceramente pela methodisação do ensino do que eu; não só em função dos cargos que tenho exercido e da cadeira que obscuramente rejoy na Escola Normal, mas por natural pendor e curiosidade de espirito, tenho dedicado a maior parte de minha vida ao estudo experimental, á colheita de dados originaes sobre o assumpto e ao confronto do que outros têm perquirido e fixado. Sustento, com elementos de convicção arraigada, que é possivel hoje ajustar os recursos didacticos ás leis naturaes dos processos biologicos adaptativos, de modo a ter na educação resultados de certeza mathematica. Mas, a noção scientifica de methodo é a de uma relação e nunca a de uma receita. O methodo é a ligação intelligente dos elementos que se tenham em mãos a fins claros e determinados, mediante o respeito ás leis naturaes. Sem o preestabelecimento dos fins, da méta até onde se deve chegar, e a opportuna avaliação dos elementos de que se disponham, não ha sombra de methodo, nem possibilidade de educação scientifica. Como a tarefa educativa é, na sua essencia, de natureza biologica, o que significa que os phenomenos que lhe compõem a estructura são irreversiveis, a noção exterior tangivel ao vulgo é a de que

o methodo reside substancialmente numa ordem, numa successão invariavel de pequenos processos. A pratica desses processos não tem em si, porém, significação alguma, quando não ligam elementos de partida a fins prefixados e possiveis, ou quando não se exerça dentro de condições fataes e necessarias. Dizer, por exemplo, que o methodo na cura da opilação está simplesmente na ingestão de thymol, pelo organismo doente, ou que o do ensino da leitura reside na partida da visualisação de algumas sentenças, é mero empirismo ou charlatanice disfarçada. A apprehensão da substancia medicamentosa exige condições preparatorias indicadas pelo exame do organismo atacado, assim como toda e qualquer aprendizagem reclama condições preliminares e concomitantes, variaveis ás vezes, tal sejam as particularidades da diagnose mental da criança. Ahi está porque a arte de curar requer conhecimentos exactos sobre a complicada dinamica do corpo, e não apenas a decoraçào de uma lista de doenças e de remedios, como ensinar proveitosamente não dispensa noções assentadas sobre a dinamica dos phenomenos psychicos. E ahi está, tambem, porque o moderno ensino se separa por completo da antiga didactica.

Uma tomava o espirito como entidade estatica ou permanente, sempre igual a si mesma, capaz de tudo supportar; outra está convicta de que o espirito não é uma entidade simples, mas um complexo de factos variaveis a cada phase da evoluçào. A' primeira, não se lhe dáva indagar o ponto de partida de qualquer trabalho psychico; á ultima, os processos educativos só têm significação

quando se apoiam sobre o conhecimento exacto do estado de evolução inicial. Por isso, é uma das suas preocupações mais prementes a descoberta e o aperfeiçoamento dos meios praticos para a diagnose desses estados, para o que não se cansa de inventar e systematisar reactivos adequados. Esses reactivos são os "mental-tests" (denominação hoje universalizada) e a sua concepção representa, para a moderna pedagogia, segundo uma imagem repetida mas profundamente justa, o que a lei de Newton representou no curso de desenvolvimento das sciencias phisicas. Officialmente, o ensino paulista jamais cuidou delles. Entretanto, o Estado de Minas Geraes, o Districto Federal e, ultimamente, o Paraná já o inscreveram como medida necessaria á renovação de seu apparelho de cultura popular. Lembro-o, para que se veja que nem mesmo a concepção didactica paulista acompanha o progresso universal.

3.º — Não acha que a nossa escola primaria ainda não adaptada ás classes populares a cujo proveito deve collocar-se, tem falhado a fins essenciaes, dentro dos ideaes modernos de educação?

— A questão acima, arredando as simples considerações geraes, toca com o dedo o coração mesmo das idéas educativas vencedoras no momento. A escola tradicional não serve o povo, e não o serve, porque está montada para uma concepção social já vencida, e senão morta de todo, por toda parte estrebuchante — o burguesismo. A cultura verbalista, bem ou mal, vinha servindo aos indivi-

duos que se destinavam ás carreiras liberaes, mas nunca ás profissões normaes de producção economica. Estendida a todas as classes populares, ella provou bem cedo que não só falhava á finalidade social de adaptação economica, mas á propria finalidade mais ampla e profunda da elevação moral do homem. A Europa acordou um dia, depois da grande guerra, surprehendida por esta verdade cruciante: — Os milhões que havia gastado, em pról da educação popular, estiveram sempre, paradoxalmente, ao serviço da insegurança e da corrupção social. Elles geraram um mal estar que é hoje sentido em todo o mundo, porque não logrou harmonisar ou coordenar para os altos destinos da civilisação, as forças vitaes da collectividade. Ella não fez irmãos; gerou inimigos. Não plasmou individuos uteis á sociedade: criou revoltados. Por certos aspectos, desviou os fins normaes da propria natureza humana. E essa verificação insophismavel, depois da conflagração, veio concordar, ponto por ponto, com as ultimas investigações dos modernos pedagogistas. De ha muito, nos paizes de maior e verdadeira cultura, os programmas de ensino vinham transigindo com as necessidades do novo espirito de formação normal do homem. O “learning by doing”, ou aprendizado activo foi a primeira e incipiente formula contraposta ao intellectualismo herbartiano, ainda dominante em nossas escolas. E’ sabido que a reacção começou a delinear-se, positivamente, nos Estados Unidos, na palavra de William James, como effeito natural de sua concepção philosophica pragmatica. Pregou elle que as novas praticas educa-

tivas não devem ser senão a organização dos hábitos de conducta, tendendo mais que tudo a fins moraes; John Dewey proseguiu a obra renovadora e propoz mais decididamente a “escola-communidade-embryonaria”, sob os mesmos principios. A esse trabalho, fizeram éco, na Suecia, por convicções um pouco diversas, mas tendentes ao mesmo plano, essa estranha figura de apóstolo que é Otto Salomão; na Belgica, Decroly; Durkheim, na França; e na Suissa, Claparède e Ferrière. E, amadurecida e completada a idéa, frutificou, emfim, esplendidamente com Wineken, Paulsen e Jorge Kirchensteiner, na Alemanha, onde apparecem as primeiras “escolas-communidade”, as “escolas do trabalho” e as “escolas-officina” (“*arbeitsschul*” e “*arbeitstugor*”) que lograram sua consagração definitiva, como ponto importante da propria constituição politica do paiz (Constituição de Weimar arts. 146 a 148). Kirchensteiner, o laureado director das escolas de Munich, fez da escola publica uma forja de vida civica, sob as bases do exercicio normal do trabalho em cooperação. Só acha possivel desenvolver na criança o sentimento da solidariedade social, influindo sobre o seu character, para animar nelle o desinteresse social e o espirito de sacrificio, pois “educação civica é quasi synonymo de educação do character no sentido das virtudes altruisticas”. E para isso, só ha um meio: é o trabalho em cooperação. A escola do trabalho se propõe realisar tres fins conjuntos: ensinar um officio; mostrar que esse officio não é senão uma roda do organismo social, e que não deve ser, portanto, exercido com egoismo;

inspirar no alumno o desejo de trabalhar por meio de sua profissão, para que o Estado chegue a ser uma communi-
dade moral. Essa concepção não é uma utopia, como
póde parecer á primeira vista, e já se manifestou no Bra-
sil por uma tentativa de brilhante reforma no Districto
Federal e na criação recente de escolas-primarias-indus-
triaes, no Estado de Minas. Segundo leio num admira-
vel estudo ultimamente publicado pelo sabio professor
Kilpatrick, da Universidade de Columbia (Nova York),
cogita-se nos Estados Unidos de uma radical renovação
de todas suas escolas, ao influxo das mesmas idéas, já
de ha muito lá admittidas em parte, até nos jardins de
infancia como o Dalton-Laboratory-Plan. Se, entre nós,
não é possível attingir logo o ideal, possível será, no em-
tanto, aproximarmo-nos delle, como o estão fazendo
outros paizes. O que não mais se comprehende, aos ensi-
namentos da moderna pedagogia, é a escola tradicional,
individualista, verbalista, anarchisadora da mente e do
caracter.

4.º — Qual pois o verdadeiro papel que deve caber
á escola primaria

- a) na formação do caracter nacional;
- b) na obra moderna de assistencia social;
- c) no plano geral de educação physica e na criação
de habitos hygienicos;
- d) e como instrumento de iniciação profissional e
de preparação para a vida?

— O verdadeiro papel da escola primaria é o de adaptar os futuros cidadãos, material e moralmente, ás necessidades sociaes presentes e, tanto quanto seja possível, ás necessidades vindouras, desde que possam ser previstas com segurança. Essa integração da criança na sociedade resume toda a funcção da escola gratuita e obrigatoria, e explica, por si só, a necessidade da educação como funcção publica. Por isso mesmo, o tirocinio escolar não pode ser mais a simples aquisição de formulas verbaes e pequenas habilidades para serem demonstradas por occasião dos exames. A escola deve preparar para a vida real, pela propria vida. A méra repetição convencional de palavras tende a desaparecer, como se viu, na nova concepção da “escola do trabalho”. Tudo quanto for accedido no programma escolar precisa ser realmente pratico, capaz de influir sobre a existencia social no sentido do aperfeiçoamento do homem. Lêr, escrever e contar são simples meios; as bases da formação do character, a sua finalidade permanente e inflexivel. De ponto de vista formal, isso significa a criação, no individuo, de habitos e conhecimentos, que influam directamente no contróle de tendencias prejudiciaes, que não podem ou não devem ser suffocadas de todo pelo automatismo psychico possível na infancia. É como consequencia, nos grandes meios urbanos, á escola cabe, hoje, inilludivelmente, facilitar a. orientação e selecção profissional, pelo estudo das aptidões individuaes da criança, conhecimento e esclarecimento do desejo dos paes, tradição e possibi-

lidades da familia. Esse aspecto é inteiramente desconhecido em nossas escolas.

a) Mas, no caso particular da sociedade brasileira, compete á escola, ainda, um papel de vulto. Ella deve ser, precisa ser a homogenisadora da vida nacional. Já certa vez escrevi: "O Brasil não é geographicamente, economicamente, ethnographicamente, uma nacionalidade constituida. O sólo, a raça, a vida economica, todos os factores naturaes, forçam por partir o paiz. Só o laço historico de tres seculos, a lingua e as aspirações communs de liberdade nos podem continuar a prender. O que, noutras palavras quer dizer: somos uma nação feita pelo homem, um grande sonho politico, e só o homem, por suas obras de criação, é que nos poderá ter sempre jungidos, na elevada comprehensão do futuro". Reaffirmo o que disse, não mais por inducção de gabinete, mas por observação directa da vida de mais de tres quartas partes do paiz. Por isso, entendo que a escola precisa ser fundamentalmente nacionalisadora, integrando não só o estrangeiro, mas o proprio sertanejo, tanto ou mais desviado, por certos aspectos, do que o immigrante, em relação á vida contemporanea politica e social. Está claro que este aspecto implica um plano de cultura nacional, de que os nossos politicos nunca cuidaram. Mas S. Paulo poderia vir a ser, pelo seu prestigio na União, o pioneiro dessa cruzada, no Congresso, renovando as "bandeiras" de cultura pelos mesmos caminhos, em que as outras da epopéa sertanista se traçaram.

b) Acredito que a assistencia social directa pela escola, não pode ir ainda muito além, em nosso meio, das instituições já conhecidas da "caixa escolar", assistencia-dentaria, e congeneres. Mas, indirectamente, poderia muito fazer pela propaganda de certas idéas economicas, como por exemplo se está tratando no Mexico, e com a agitação de iniciativas referentes á vida agricola e industrial da região, como se faz nos Estados Unidos, com o systema dos chamados "projectos-sociaes" (vide nota n.º 3), e com o ensino da puericultura.

c) No aspecto da educação hygienica ha muito e muito por fazer-se. Antes de mais nada, mudar a concepção geral das aulas de gymnastica, na maioria das escolas, em que taes aulas nem se fazem em logar apropriado nem em hora conveniente. Propagar jogos de character educativo, passeios frequentes ao ar livre, propaganda de vestuario e calçado hygienico e criar, em todas as escolas, um pelotão de saude para pratica obrigatoria de habitos de asseio corporal aos alumnos que ainda os não têm, como já se faz, com bom resultado, em outras escolas do país. Onde for possivel, estabelecer a pesagem mensal das crianças, communicando-lhes o resultado e explicando-lhes o valor desse indice de saude. Communicar, enfim, o culto da saude por todos os meios praticos possiveis e adaptando-os sempre ás circumstancias do meio; prophylaxia do paludismo, da lepra, do trachoma, e do amarellão. Onde fosse possivel, o estabelecimento de praças de jogos para crianças, com o auxilio das Camaras

Municipaes, e o verdadeiro escotismo, não o escotismo “de parada”.

d) Quanto a servir a escola como instrumento de iniciação profissional temos tudo ainda por fazer. Não creio que nos seja possível, já, sem uma phase de transição, applicar os largos moldes da nova escola do trabalho. Será possível tentar com exito, no entanto, a renovação social dos programmas, alargando-se especialmente o campo do manualismo na escola. Por outro lado, nos meios urbanos mais densos, onde é maior a variedade de profissões a que a criança se destina, será utilissimo o estudo da capacidade profissional dos alumnos facilitando-se, assim, a orientação e a selecção profissional. Sem imaginar possuir ainda um perfeito “Vocation bureau”, como o das escolas de Boston, ou as “Vocational guidance” de muitos estabelecimentos americanos, eu lembraria que se copiasse, modestamente, o que se está fazendo a respeito no Districto Federal. (Vide nota n.º 4).

5.º — Posta a questão neste pé, é partidario da uniformidade do ensino primario, theorico e rigido, ou da variedade desse ensino, pratico e malleavel segundo as necessidades (industriales, agricolas, pastoris, etc.) da região em que a escola se installou?

— Concluindo logicamente do que acima ficou, só poderei ser pela adaptação do ensino ás necessidades da região em que estiver a escola. Claro está que a latitude dessa adaptação não pode attingir a substancia dos fins moraes permanentes da educação, nem a de sua finalidade

nacionalisadora, assim como em nada affecta ao methodo no bom sentido do termo. E' até em obediencia á unidade do methodo que os meios devem variar, variando as modalidades de adaptação da vida futura dos alumnos. O mesmo programma e a mesma escola na praia e no campo, na fazenda de café e nos bairros industriaes da capital, são aberrações que não se comprehendem.

6.º — Em que termos se deve collocar e qual a solução que deve ter o problema do ensino primario gratuito e obrigatorio?

— Nos termos da Constituição Federal e do Estado, com a comprehensão que lhes deu o Congresso Inter-estadual do Ensino.

7.º — Qual a melhor solução provisoria ao problema do ensino primario: o ensino primario incompleto para todos ou o ensino integral para alguns?

— A melhor solução provisoria será, evidentemente, aquella que tornar mais facil a execução posterior da solução definitiva, sem perda de nenhum elemento empregado ou conflicto com os resultados já obtidos. A priori, poderia parecer que o curso reduzido, dispensado por igual a todos, fosse o mais justo e acertado; seria tambem a forma de respeitar, em these, o espirito democratico do regimen. Socialmente, porém, convirá mais ao Estado manter o curso integral nos nucleos urbanos, dando por outro lado a maxima extensão possivel a um ensino de typo mais ligeiro e economico, de character rural. E', aliás, o nosso regimen actual e o regimen de todo mundo. Por

ocasião dos trabalhos de reorganisação do ensino de um dos Estados do Norte, em que tive modesta collaboraço, pude apreciar do modo concludente que é essa a unica formula possivel e sustentavel hoje. Eu lembraria desde já, porém, que o Estado provocasse por todos os meios a criaço de escolas de ensino privado, a cargo de particulares, de associações ou confissões religiosas, clubs esportivos, etc. Num celebre memorial ao governo, o dr. Sampaio Doria, quando director da instrucção, traçou normas tão completas sobre o assumpto, que nada se terá a indicar de melhor senão a realisação desse plano.

8.º — Não lhe parece que o Estado de S. Paulo não poderá resolver, de maneira intensiva e extensiva, o problema de educaço popular, sem pôr a serviço dessa obra os grandes recursos modernos como o cinema e a radio-telephonia?

— Os meios apontados poderiam auxiliar efficazmente a obra da educaço popular, de modo especial estendendo o seu raio de acção aos adultos. Na propaganda nacionalista, no ensino da hygiene, e na propagaço das artes nacionaes, o cinema e o radio prestarão inestimaveis serviços. O Chile inaugurou em Maio proximo passado o seu serviço de radio-escola. No Brasil, Minas já deu o exemplo, mandando organizar fitas sobre a historia local e as riquezas naturaes do Estado, e o Districto Federal ha algum tempo tratou do assumpto. Em se tratando de meios auxiliares, não se deve esquecer a criaço de bibliothecas municipaes, especialmente como factor de educaço “post-escolar”.

9.º — Como está tratada pela reforma de 1925 e como deveria ser resolvida a questão de assistência technica e da inspecção e fiscalisação do ensino?

— Não está ainda publicado o regulamento da reforma alludida, motivo pelo qual será prematuro qualquer juizo sobre a organisação theorica do serviço de inspecção. Praticamente muito menos, porque não ha ainda tempo sufficiente para a publicação de seus resultados.

Quanto á assistência technica, louvo com o maior entusiasmo a idéa das medidas que a actual administração tomou a respeito, inspectores especializados e uma revista para professores. Se louvo a idéa, lamento, porém, com sinceridade, e não sem tristeza, a sua execução. A “Revista Escolar” parece uma pilheria proposital ou obra de sabotagem. A inspecção especializada, optima em principio, está inteiramente desvirtuada na sua execução. Varios inspectores technicos, cuja competencia ninguem nega, têm contra si auxiliares perfeitamente desconhecedores não já da methodologia geral, mas até dos mais comezinhos principios didacticos. Desse modo, está se compromettendo, sem remedio, uma excellente idéa. Sua função devia ser mais do que a uniformidade da mecanica do ensino, a de esclarecer cabalmente sua finalidade educativa, de cada disciplina, pondo os professores ao par dos ultimos conhecimentos sobre o assumpto, ouvindo-os nas suas duvidas e habilitando-os no estudo e applicação dos “tests de fundo” e “de resultado”. Fora disso, é continuar com a simples superstição de um ritual

nem sempre compreendido pelos proprios grandes sacerdotes...

10 — Não reconhece que o nosso ensino normal, por uma orientação errada, está quasi inteiramente:

a) desviado de seu caracter profissional;
b) desamparado de material didactico actual e sufficiente (como museus, herbarios, laboratorios e bibliothecas);

c) e inspirado emfim em plano que não consulta nem a natureza do curso nem as necessidades culturais?

— Reconheço-o e tenho-o proclamado.

11 — Nestas condições, qual a organização que imprimiria ás nossas escolas normaes, para as ajustar ás suas funções e multiplicar a sua efficiencia?

— Antes de mais nada, separaria o curso propedeutico do curso tecnico profissional, solução que já em 1918 eu lembrava em artigos por este jornal. O curso normal se faz hoje em sete annos: dois na escola Complementar e cinco na Normal. E com que resultado? Pessimo. Nem se dá a formação de espirito necessaria aos futuros mestres, nem a preparação profissional que se devia de-sejar. Se se tornasse o curso propedeutico autonomo, elle poderia ser feito em cinco annos, com o mesmo programma e regimen dos gymnasios. Essa inedita teria mais uma vantagem: a de resolver, a um tempo, o problema da superabundancia de normaes e o de facilitar o ensino secundario á população do Estado. Apenas duas ou tres escolas normaes actuaes é que deviam continuar

com o curso tecnico para professores, de dois annos, mas um curso serio de especialisação.

12 — Não acha que é preciso pensarmos em promover uma cooperação efficaz da familia e da escola:

a) convidando os paes a assistir ás aulas e a interessar-se “pela vida normal” e não apenas nos “incidentes” da escola;

b) e por meio de reuniões em que se encontrem, para troca de idéas, professores, paes e alumnos?

— Mais que necessario, urgente. De modo particular nos grandes nucleos urbanos, o lar vae abrindo mão das suas prerogativas de educação. A escola precisa de lhe ir ao encontro. Ha na Belgica, na Suissa, nos Estados Unidos e no Uruguay associações de paes de alumnos que prestam inestimaveis serviços á causa da educação popular, e em especial á formação moral dos alumnos.

13 — Sendo questão vital para o ensino a formação de professores, não concorda em que, com o ensino normal, reorganizado em bases novas, devem entrar em collaboração, ao lado e acima d'elle, o curso periodico de conferencias nas férias e uma escola normal superior?

— Bem organizado, isto é, encaminhado para lições praticas e discussões uteis, com um numero limitado de assistentes, que saibam preliminarmente ao que vêm, o curso periodico de férias poderá prestar excellentes serviços, concorrendo não só para melhoria do ensino como

para verdadeiro estímulo de cultura pessoal do professor. O Estado do Ceará foi o primeiro no Brasil que reuniu os seus professores em cursos semelhantes, com resultado tão lisongeiro que Pernambuco o imitou nas férias seguintes. No Districto Federal houve não ha muito uma reunião semelhante, com bom resultado.

Quanto á idéa de uma escola normal superior, acho-a por enquanto, uma especie de quinta roda do carro...

14 — Que me diz da Faculdade de Educação, segundo a reforma de 1920 e as “modificações” introduzidas pela reforma de 1925? Quaes os principios que deverão inspirar a sua organização para que, installada, não redunde um dia no mais completo descalabro?

— A Faculdade de Educação, pela reforma de 1920, justificava-se. Com as innovações introduzidas, creio que soffreu muito, especialmente do ponto de vista administrativo. Não acredito na sua efficacia com o plano da ultima lei.

15 — Qual o melhor processo de selecção para o provimento de cadeiras, no ensino primario, no ensino normal secundario e no ensino normal superior?

— No ensino primario, as nomeações e remoções automaticamente reguladas pela divisão do Estado em entrancias. Para o ensino normal o regimen actual, regulada a effectividade do professor não pelo director da

escola, — o que é um absurdo — mas por votos de maioria absoluta da Congregação.

16 — Como se poderia organizar em São Paulo praticamente uma obra efficaz e de iniciativa privada, de orientação e propaganda do ensino, e de assistencia economica, hygienica e judiciaria a todo o professorado?

— Preliminarmente, pela propaganda de uma “fundação” para isso. Os nossos homens de dinheiro não apprehenderam ainda, salvo rarissimas excepções, que a assistencia social realmente aproveitavel não é só a curativa dos hospitaes. Será preciso que um homem, um dia se lembre de deixar a uma instituição livre o necessario para que o espirito de aperfeiçoamento dos nossos processos educativos não venha a succumbir de todo, no aspecto de luta industrial e mercantil de hoje ou asphyxiado, de vez, no burocratismo. Só assim se teria um nucleo efficaz de orientação e propaganda do ensino, com autonomia e valor. A assistencia economica do professorado está, em parte, attendida pela Caixa Beneficente e pelo Monte de Soccorro do Estado; creio que a hygienica e judiciaria poderia ser organizada por uma sociedade civil. São simples idéas que, como todas as demais aqui expendidas, só terão valor quando contrasteadas pelas opiniões de outros que estudem, investiguem e dêem o seu juizo, sem presupposto algum, menos confessavel. Precisamos habituar-nos a declarar nossas idéas, e a defendel-as quando não nos faltem elementos de convicção, para romper um

dia o hermetismo em que se teima deixar problema de tal relevancia social, quanto o da instrucção publica. A iniciativa deste inquerito póde fructificar na inauguração de uma nova atmospherá de discussão e estudo sobre o assumpto. E' o que sinceramente desejamos.

(1) São classicos, a proposito, os livros de Spencer, Beard, Shnyttén, Ellen Kay, Search, e mais modernamente os de Focrster, Binet, Claparède e Lebon.

(2) Não ha «methodo-analytico», nem «methodo-synthetico»: ha «methodo» ou não o ha. O methodo no apprendizado da leitura se facilita praticamente pela partida da visualisação de sentenças, como um todo. Isso, porém, é méra condição, como outras, absolutamente necessarias, á marcha do apprendizado.

(3) V. a proposito «The project-Method of Teaching», by John Alford Stevenson, Mac Millan, 1922.

(4) Os melhores trabalhos a respeito são os de William Stern, Lipmann e Ruttmann. Os novos programmaes do Districto Federal foram publicados, para receber criticas geraes dos professores e todos e quaesquer interessados, no «Jornal do Brasil», do dia 25 de Fevereiro ultimo.

AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A mentalidade que domina o ensino primario e normal. — Ausencia absoluta de orientação scientifica e sociologica. — Direcção technica sem o menor contacto com as ideas modernas de educação... — E sem sombra de idealismo superior. — A pedagogia official encastellada na rotina. — O horror ao debate e ás correntes livres de opinião. — A idéa do monopolio e a mecanisação burocratica da vida intellectual e pedagogica. — A iniciativa particular estrangulada pelo regimen official. — O espirito de disciplina niveladora. — Tentaculos com que se aperta o professorado. — Por falta de outra argamassa de cohesão. — A reforma de 1925. — Bandeira que se arriou. — Velho estandarte de procissão...

Não nos surpreendem, por mais duras que sejam, as conclusões do inquerito sobre o ensino primario e normal de que em artigos de introdução, já havíamos traçado, sem carregar as tintas, um quadro impressivo de verdade. O que nesse esboço de alarma havia de sombrio e desolador, poderia, no entanto, ser lançado precipitadamente á conta de erro de visão que os depoimentos não tardariam em rectificar. Mas em nenhum dos pontos alvejados em nossa critica temos de emendar a mão. Os pareceres emittidos por autoridades acima de qualquer suspeita, harmonisam-se de tal maneira, nas idéas substanciaes, que

nos deixam a impressão de já estar viva, nas consciências independentes, a necessidade de uma reacção de cultura e de ideias, nesse departamento do ensino publico.

Mas, para isto, reconhecem todos ser preciso, preliminarmente, acabar de vez com esse feitichismo pedagogico, supersticioso ou calculado, que enthronisou entre nós, como uma divindade intangivel e preciosa, o ensino publico, ainda a espera de movimento decisivo para transformal-o numa força renovadora de cultura e educação popular. A poder de se apregoar nos mais variados tons, a perfeição do ensino primario e normal, a idéa de “progredir” já se identificara, entre nós, com a de “regredir” á tradição... de pouco mais de trinta annos. A verdade, porém, é que, para nos servimos das palavras de Santiago Rusinol, na Argentina, tambem nós, nos dominios do ensino, “não temos entraves, nem tradição que nos embarace, nem recordações que nos estorvem, e por isto mesmo que não temos quasi passado, podemos formar uma escola nova e ir sempre adiante sem rasto de cadeia de historia alguma que nos detenha”.

A volta a esse passado, preconisada como um estribilho pelos reformadores de 1925, é um triste symptoma dessa mentalidade sobrevivente, provadamente incapaz de tentar, por um surto innovador e em bases solidas, a ligação do passado e do presente com o futuro. Se entre os paizes mais cultos e de mais velhas tradições, não ha um só que no actual momento não esteja profundamente preocupado em adaptar o seu systema de educação ás idéas modernas, não nos parece justa essa descuidosa lua de

mel em que vivemos com um passado que até hoje não deu ainda um grande educador ás novas gerações. Os homens que insistem em plasmar a educação nos moldes de 1892, assemelham-se aos calvos que depois de terem experimentado todos os processos para fazer crescer os cabellos, acabam, — certos de deixar a impressão de que os têm, — por usar uma cabelleira postiça... A obra de Bernardino de Campos e Cesario Motta admiravel para o seu tempo, tem sido essa peruca enterrada até as orelhas pelos que não têm cabellos e não encontram meios de os fazer crescer...

O que feriu tambem a attenção dos que deram parecer nesse inquerito é a ausencia absoluta de orientação scientifica e sociologica na maneira com que têm sido encarados e tratados os problemas de educação popular. Para onde vamos? Qual a finalidade social e educativa em que temos posto os olhos e o coração? Quaes os defeitos de character que a nossa escola pretende corrigir e qual o plano educativo, scientificamente organizado, para cuja execução se instituiu? E' desconcertante a difficuldade que as autoridades consultadas confessam, em encontrar, na legislação como no espirito que a executa, um meio de vincular a série de modificações operadas á série de profundas transformações na vida social e economica e nos dominios da educação. Não ha nada que denuncie, na escola, um trabalho impellido vigorosamente e com systema, num sentido determinado, para que apontem, como para um alvo preciso e accessivel, os ideaes impostos pela nova concepção social e pelo conhecimento exacto do meio.

Por mais estranhavel que seja, a superintendencia geral, a inspecção technica do ensino e a direcção das escolas normaes, não se penetraram ainda da necessidade de instituir, para renovar a mentalidade dirigente, um centro organizado de cultura e de vulgarisação de novas doutrinas e experiencias pedagogicas. As nossas bibliothecas escolares não dispõem de obras novas nem assignam qualquer das grandes revistas de ensino e educação que se publicam, no estrangeiro, por toda parte. E' verdadeiramente invejavel a candida segurança com que tratamos assumptos da maior relevancia, sem os conformarmos com os interesses e os dados nacionaes e sem rasgarmos aberturas na direcção e inspecção technica para todos os horizontes. Esse "esplendido isolamento" é consequencia natural da superioridade intransigente e satisfeita, victima da illusão de optica peculiar á maior parte dos especialistas primarios que, concentrando a sua attenção em aspectos estreitos de processologia, não tardam a perder o sentido das idéas geraes, das proporções e da perspectiva.

O horror ao debate, á critica e ás correntes livres de opinião tinha de forçosamente gerar, no professorado, o desamor aos estudos, abafando a necessidade instinctivã de uma cultura mais larga e mais intensa, substituindo pela luta em torno de posições o respeito pela competencia e criando, como criou, uma pedagogia official retrograda encastellada na rotina e emparedada de preconceitos. Não ha, fora de um movimento incessante de cultura, meio efficaz para renovação do ensino, nos seus processos, na sua finalidade e no idealismo que o deve inspirar. Ora

já se disse aqui, em nosso inquerito, que nem só de pão vive o homem. . . Mas nada se tem feito para animar o nosso professorado de um idealismo superior que lhe dê alento e força nas tarefas quotidianas, lhe desperte enthusiasmos, e, elevando-o sobre si mesmo, lhe enrije a tempera necessaria para resistir ás agruras de uma carreira sem estimulos e sem garantias.

E' nesse espirito francamente idealista e renovador que se tem de buscar os germens do enthusiasmo fecundo que impelle os homens á producção intellectual e que se arrefece, até desaparecer por completo, com as camadas de neve que lhe põem por cima o empirismo e o preconceito. Enquanto não se criar esse nucleo de homens de fé e de cultura, francamente abertos aos grandes ideaes de educação, não ha tentar sahir de uma politica de ensino, estreita e artificial, desarticulada e confusa, inpellida ao sabor das tendencias do momento, dos interesses pessoases e das manobras politicas. Não ha de admirar, pois, que na sondagem feita nas aguas paradas do ensino se tenha avaliado, com amargura, a sua natureza e tudo que encerram na sua silenciosa profundidade. . . Nenhum dos que desceram a exploral-as conseguiu descobrir parcella desses thesouros de sabedoria e experiencia que se diziam accumuladas nessas paragens varejadas por todos os cantos.

Sem um alto espirito de finalidade educativa e social, sem nucleos de cultura e de critica para sua renovação periodica, o ensino publico está, porém, aparelhado com peças de resistencia para apertar esse isolamento esteril

família e da escola (que até das próprias famílias a escola se desinteressou) não se cuidou até hoje. A iniciativa particular attrahida e solicitada em todos os paizes em que a complexidade desses problemas já fez sentir ao Estado a necessidade de fomentar, para resolvel-os, a co-operação privada, está entre nós estrangulada pelo regimen official. Se o Estado se arroga pela lei o direito de exercer o monopolio do ensino popular, a repartição central, preocupada em mecanisar, até os seus pormenores, a vida intellectual e pedagogica, não é instrumento posto a serviço da transformação dos systemas educativos e dos interesses do ensino e da cultura, mas entrave erguido ao seu desenvolvimento em extensão e intensidade. Longe de ser uma força para estimular, coordenar e orientar, a direcção technica, organizada como está, dir-se-ia antes um Argus burocrático de nova especie, que pelos olhos de seus inspectores, não conhece outra função senão a de fiscalisar como feitor de grande familia que em vez de zelar os interesses della, perdesse o tempo em questuncululas technicas, em transacções politicas e em represalias domesticas...

Pois isto mesmo, o nosso ensino popular, tradicionalista, individualista e theorico, é inspirado na superstição da uniformidade. Não suspeitou ainda que o seu principal fim é instituir um ideal e seu principal dever é contribuir para formar o character, despertar a reflexão e a consciencia moral e accordar e orientar as vocações. Qualquer mudança lembrada constitue, ao espirito estreito e assustadiço, o perigo de uma revolução... Tudo

precisa ser manipulado, dosado, empacotado e distribuido pela repartição technica, que não concebe, para associar os professores e submettel-os a um trabalho efficaz, outra argamassa de cohesão que não seja a disciplina deprimente e niveladora. Dahi resultará por certo a apparencia de ordem material, mas sem correspondencia com o espirito de disciplina, livre e consciente: o habito de subordinação que vizinha com o servilismo e o medo das represalias que faz do professor um instrumento passivo de execução, sem vontade de descobrir, pelos estudos e pelas experiencias pessoais, os caminhos da sabedoria que cada um de nós tem de percorrer pelo seu proprio pé.

E' inutil pois pensar em orientação technica emquanto a direcção do ensino mantiver o caracter puramente burocratico que a embaraça e continuar montada, com uma cohorte de inspectores, para envolver e apertar, nos seus tentaculos, o professorado tolhido na sua iniciativa, nos seus gestos, nas suas expansões e nas suas palavras. A inspecção technica, — perdido o seu ar irritante de fiscal e de encyclopedia itinerante, — deveria ser uma colmeia activa em que todos trabalhassem e produzissem, recolhendo de todas as flores, do campo e da cidade, o mel que faria a delicia de seus favos... O director do ensino, esse não devera ser apenas o administrador, desvanecido com a sua capacidade de disciplina, mas o educador, no mais alto sentido de expressão. Semeador de ideal e de energia, estimulador do trabalho e da producção, coordenador de esforços e actividades livres, cabe-lhe fazer surgir do professorado, para se elevar ás alturas de uma

em que forceja por viver... Da collaboração efficaz da aristocracia espiritual, de penetração critica e vigilante, uma élite laboriosa e fecunda de educadores. E' na opinião publica que tem de haurir, por uma superioridade moral e intellectual a qualquer prova, o prestigio de que carece para a obra de educação, attrahindo ao debate franco e á actividade pratica as competencias que se entregam a estudos isolados, dispersivos e por isto mesmo muitas vezes incoherentes.

Em nosso inquerito foi varias vezes abordada de passagem, nas suas criticas, a reforma de 1925, a cuja luz, por ser a ultima, não podia deixar de ser estudada a questão do ensino primario e normal no terreno em que ella a collocou. As objecções technicas levantadas a essa obra não tiveram outra resposta senão a provocação de um incidente pessoal e grande numero de telegrammas de solidariedades de professores e autoridades directamente subordinadas ao seu superior hierarchico... Esse processo, pela sua tocante espontaneidade, tem uma significação moral sobre a qual não é preciso insistir... O certo é que em nosso inquerito, a cujas conclusões voltaremos amanhã, não nos preoccupa a reforma de 1925 que terá certamente o destino das que a precederam. Mas, homens de espirito novo, as pessoas consultadas não podiam saudar de chapeu na mão, sem um protesto, a bandeira renovadora que, ainda mal hasteada, já arriavam os reformadores de 1925, para içar em lugar della, bem alto no tope, um velho estandarte de procissão, que já era tempo de estar recolhido e com que ainda uma vez sahiram á rua para entoar, com intuitos louvaminheiros, hynnos nostalgicos ao passado...

AINDA AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A escola primaria divorciada dos ideaes modernos de educação.
— Escola deficiente ainda no ponto de vista alphabetisante.
— Alguma coisa pelos «analphabetos de letras». — Nada pelos «analphabetos de officios». — A falta de caracter educativo na escola primaria. — Para o conhecimento das profissões e a revelação das aptidões. — O problema da educação collocado em face dos novos problemas sociaes. — Escolas do trabalho e escolas-communidade. — Adaptação do ensino ás necessidades regionaes. — O desprezo pelos recursos com que a sciencia acóde á obra de educação. — O cinema e o radio. — As bibliothecas escolares, operarias e circulantes. — O problema das normaes. — Honrando-nos com defeitos e erros que não queremos corrigir...

A escola primaria, organizada como está, falhou entre nós aos ideaes modernos de educação de que até agora, fechada em horizonte restricto, nem sequer suspeitou. Póde parecer severa a affirmação e não foi, sem constrangimento, que a lançamos nos primeiros artigos. O nosso inquerito, porém, a homologou da maneira mais eloquente. O que ella tem procurado não é mais do que ensinar a lêr, escrever e contar. Esta é por certo a funcção instrumental que lhe cabe no plano da organização do ensino. Pois lêr, escrever e contar são simples “meios”

que insistimos em transformar em “fins” do ensino primario. Ainda assim, se em dado momento em que se tentou atacar em cheio o problema da alphabetisação, a instrucção primaria era obrigatoria e severas sancções garantiam a frequencia escolar, desapareceu hoje o ensino primario com o caracter de obrigatoriedade que devera ter em obediencia ao preceito constitucional. A instrucção elementar recebe-a agora quem quer; e, deficiente, ainda na maneira de tratar o problema de alphabetisação, deixou ao tempo o duro encargo de o resolver...

Sobre desenvolver acção acanhada e precaria, no seu programma alphabetisante, não se reveste ella de caracter educativo. E' o que, em nosso inquerito, ficou provado á saciedade. A nossa escola primaria não educa, nem do ponto de vista da adaptação moral e hygienica, nem do ponto de vista da adaptação social, isto é, da preparaçào para a vida e para os deveres civicos. Todos a accusam de nada fazer pela formaçào do caracter, em que o papel do mestre, — porque a influencia educativa é eminentemente pessoal, — tem uma importancia que não é preciso encarecer. Em materia de educaçào hygienica, tanto sob o apecto da cultura corporal, pelos jogos e pela gymnastica, como no tocante á criaçào de habitos hygienicos, está quasi tudo por fazer nas escolas primarias. Não tem nelas logar preponderante a educaçào physica ministrada ainda por professores não preparados “especialmente” para este fim, porque não ha uma unica escola normal para a formaçào technica destes professores. Longe de ser racional e scientifica contrastada, nos seus effeitos,

pelo exame medico e pelas mensurações corporaes (anthropometria pedagogica), domina ainda a educação physica, annullando-lhe a acção benefica, esse grosseiro empirismo que empolgou a educação popular, seja qual fôr o angulo do qual o observador queira examinal-a.

Se é verdade que já entrou na consciencia de todos a idéa de aproveitá-lo, não se utilisou ainda, em grande escala, o papel educativo do manualismo não apenas como aprendizagem, mas como meio de desenvolver a dextreza e a habilidade e despertar o gosto pelas occupações manuaes. Mas o manualismo não passa de um meio de educação physica, de poderoso instrumento educativo, de character moral e intelletual, e de preparação á aprendizagem de qualquer officio. Para a escola exercer acção educadora larga e intensa, é preciso que o “meio escolar, — como ainda ha pouco repetiu o professor Pieron em uma de suas conferencias no Rio, — não seja frio e artificial, mas o mais aproximado possivel do meio social de que é, de facto, o vestibulo”. A escola, em vez de exercer sobre o alumno influencias artificiaes, deve dar á criança “a iniciativa e a possibilidade de orientação, isto é, de sentir a vocação e conhecer as profissões”, pelos “tests”, na verificação das aptidões em germen e na prova dos effeitos do ensino sobre essas aptidões, pela frequencia ao cinema, pelas demonstrações praticas e pelas visitas ás fabricas e á lavoura.

Mas, nas suas proprias preoccupações civicas e nacionalisadoras, a escola primaria não passou das festas escolares e das commemorações patrioticas, de discursos deco-

rados e recitativos armados ao effeito... No entanto, em paiz de immigração em que a população é cada vez mais heterogenea e cresce, com o numero, a influencia das escolas estrangeiras, não será com esses processos quasi sempre inspidos, que se ha de contribuir para a solução de problema tão complexo e de tamanha gravidade. A escola primaria, que cabe neste particular papel importante pela influencia que póde exercer no animo infantil, nada tem feito de pratico e efficaz para levantar a alma das crianças, despertar a energia e o sentimento nacional, desenvolver a consciencia civica e entrar com respeitavel contingente na obra de nacionalismo e de assimilação de estrangeiros. Cumpre-lhe, ao menos, como aqui em nosso inquerito já se aventou, «impressionar profundamente o espirito da criança no sentido de gerar e despertar idéas de civismo», imprimindo ao ensino das materias, mais susceptiveis de recebê-lo, um caracter marcadamente brasileiro.

O problema da educação popular não foi ainda posto, entre nós, em face dos novos problemas sociaes. Aquelles que procuram a solução desses problemas devia, no entanto, offerecer a escola contribuição modesta, mas original, começando a resolvel-os na vida intra-escolar, em escolas-communidade, e escolas-officina, baseadas “no exercicio normal do trabalho em cooperação”. Se a educação deve dar a cada vida humana o maximo de valor, tem de realizar, para empregarmos as palavras de Guyau, “o accôrdo da vida individual mais intensa com a vida social mais extensiva”. O reformador, pois, que não se collocar á luz falsa em que o espirito tradicional, individualis-

ta e theorico tem posto a nossa escola, precisará renovar-na base da nova concepção social, preparando-a para se encaminhar aos poucos até o ultimo aspecto logico dessas perspectivas progressivamente acceleradas. A escola primaria em que as crianças trabalham em commum como "aprendizes-operarios", propõe-se a ensinal-as a se conhecerem e a se estimarem, abolindo os preconceitos e desenvolvendo o sentimento de solidariedade social que nos dá consciencia dos deveres de altruismo e da cohesão assegurada ás mais diversas realizações individuaes, no trabalho e na profissão. Em uma palavra, retomando as expressões de um dos depoimentos, "a escola tradicional, a nossa escola não serve o povo e não o serve porque está montada para uma concepção social já vencida e, se não de todo, por toda a parte estrebuchante".

Ademais, organizada segundo plano rijido e unico que tudo prevê e prescreve conforme os menores detalhes, não está aparelhada para resolver este outro problema social: "educar sem desenraizar", conservando ás populações do campo, das praias e dos sertões, todas as suas forças vivas. A necessidades sociaes differentes têm de corresponder por força ensinos differentes "de objecto e tendencia dominantes". A escola rural deveria ser, por isso, elemento efficaz de combate ao urbanismo, indo de encontro ao que, com a instrucção, é um de seus fins principaes: reter o individuo á terra, fazendo-o comprehender e amar a vida rural. Adaptadas ás necessidades regionaes, sem quebra de sua unidade fundamental, é facil comprehender o serviço que prestariam ás regiões, abrindo cam-

po a experiencias parciaes e fomentando o gosto pelas actividades dominantes nos diversos meios. Pelo mesmo principio reclama-se por toda a parte, nas regiões de fabricas e usinas, apropriação do ensino primario e dos professores ao meio. Nos grandes agglomerados urbanos, como nas pequenas cidades de vida industrial, conviria por isso implantar nas escolas primarias pequenas industrias, com o aproveitamento dos recursos e das riquezas naturaes da região.

O principio supersticioso da uniformidade reconhecido e condemnado em todos os pareceres, tem feito da escola primaria um aparelho inflexivel que nenhum parentesco apresenta com as multiplas formas e variedades da vida. Não seriam, porém, as escolas primarias, adaptadas ás regiões, uma juxtaposição incoherente de aparelhos isolados. Servindo praticamente a regiões, nas suas actividades originaes, serviriam fundamentalmente ao Estado, na pluralidade de sua vida economica, sob os mais variados aspectos. Aliás não é a identidade absoluta de programmas, nos seus pormenores microscopicos, que constituem a unidade substancial do ensino primario. Essa provém de um ideal inspirador educativo, moral e civico que faria convergir, como para um leito commum, largo e impetuoso, a riqueza de afluentes, que antes de confundirem as suas aguas, já teriam banhado e fertilizado todas as regiões. A escola primaria, na sua organização actual, sem exercer acção benefica na vida social e economica do Estado, poderá apparecer, considerada de fóra, como um conjunto integro, mas a que falta essa

coherencia interior e profunda, resultante do desenvolvimento logico e harmonioso de actividades diversas para um ideal inspirador commum.

Mas os defeitos do nosso ensino popular não resultam sómente de sua organização inadequada, empirica e retrogada, sem finalidade educativa e social e sem plasticidade. Provém ainda do desprezo absoluto que se cultiva pelos meios com que a sciencia acode á obra da educação popular. Quando em nosso questionario avançamos uma pergunta sobre o aproveitamento do radio e do cinema na educação popular, não contavamos com a unanimidade de opiniões favoraveis. Se algum houve que não quebrou lanças pela radio e pela cine-escola, nenhum as enristou contra ellas. Não é para aqui o elogio do cinema e do radio como instrumento de vulgarisação, de propaganda e de educação social, e do cinema como auxiliar precioso no ensino de importantes disciplinas, quaes entre outras a hygiene, a geographia, a historia e as sciencias physicas e naturaes. Nos Estados Unidos o Nacional Health Council lançou ha pouco no mercado sobre assumptos de hygiene trezentos films educativos. Entre nós, porém, em São Paulo, apesar do assumpto já ter despertado a attenção de outros Estados como Minas Geraes e do Districto Fédéral, não ha vislumbre de interesse pelo papel didactico das projecções luminosas e pela radio-telephonia applicada ao desenvolvimento do ensino popular.

Mas não é preciso levar tão longe as preocupações de modernisação pratica e scientifica do nosso ensino publico. O movimento pela utilização do cinema e do radio

na educação popular é recente e ainda não se divulgou bastante pelo mundo para fazer capitular, diante de um cerco apertado, a cidadella da escola tradicional do quadro negro e do giz... Pois se todos aprendemos historia, hygiene e tantas outras materias, sem o recurso de projecções luminosas, porque se ha de dar ás novas gerações o que não tiveram as precedentes? O argumento de cabo de esquadra é, como se vê, decisivo e esmagador... Em todo o caso, postos de lado o aparelho cinematographico e radio-telephonico, — coisas novas de mais para vencerem o espirito de rotina, — que se tem feito entre nós, para ampliar, modernisar e pôr a serviço do ensino, de maneira efficiente, esse formidavel instrumento de cultura e educação popular que são as bibliothecas publicas, escolares, operarias e circulantes?

A da Escola Normal da capital, a maior e a melhor de todas, com cerca de oito mil volumes, — velho material bibliographico que nunca se pensou em renovar e em enriquecer, — sem uma secção de revistas technicas, ainda não se organisou efficazmente para desempenhar a função que lhe cabe nesse departamento do ensino publico. Não falaremos na criação de bibliothecas operarias em bairros populares, nem insistiremos sobre as secções circulantes que deveriam ter, para attingirem, no seu raio de influencia, os refractarios á instrucção. Secções circulantes? Já vemos muita gente assustada, pôr as mãos á cabeça diante do arrojo da idéa ou da sua inopportunidade... No entanto, para dar um só exemplo entre milhares, “a lei que no regimen da republica, incentivou

na Tcheque-Slovania o ensino popular, determinou (o depoimento é do sr. Vlastimil Kybal) que cada departamento é obrigado a fundar uma bibliotheca departamental com uma secção circulante. Em consequencia, já existem na Tcheque-Slovania cerca de 9.500 bibliothecas populares com um total de tres milhões e meio de livros, sendo que destas as mais importantes possuem de 30.000 a 100.000 volumes e uma terça parte dellas pertence a sociedades especiaes”.

A solução do problema do ensino primario depende, em grande parte, da que se der á questão da formação profissional que nas escolas normaes deve receber o professor. Reconhecem todos que deram seu parecer — e nós já haviamos assignalado, — que é preciso reduzir o numero das escolas normaes, inteiramente uniformes, transformando algumas, localisadas em zonas agricolas, em Escolas Normaes Ruraes para prepararem especialmente ao seu papel os futuros professores das escolas ruraes. Quanto ás demais têm que ser forçosamente modificadas na sua organização de maneira a accentuar os caracteres que a apropriam ao seu destino e definir seguramente o logar que devem tomar no conjunto do systema educativo. A formação propedeutica que segundo alguns se deve fazer, como agora, cumulativamente com a preparação technica, tem de constituir, segundo outros, uma parte do curso (cyclo geral de tres annos) que tomaria, nos dois seguintes, o caracter technico profissional (cyclo especial). As nossas escolas normaes, de curso estafante pela sua sobrecarga de materias e por isso mesmo inapto ao ensino

de cultura; sem caracter profissional accentuado; desaparelhadas de laboratorios, continuam modeladas segundo uma concepção de ensino, theorico e verbalista, que não póde satisfazer aos seus fins e é contrario aos novos ideacs de educação.

Além disso, e por ultimo, ainda não se tornou corrente que, de um lado, a escola deve ser tambem um fóco de vida moral, ou, mais claramente, uma “casa de educação”, e que por outro lado, formado o professor, é preciso recorrer a todos os meios para lhe arejar a mentalidade, abrindo-a ás idéas e conquistas modernas da sciencia. Para ser um fóco de vida moral não se póde isolar os alumnos dos professores sob pretexto de uma disciplina aggressiva e prejudicial aos mais altos interesses educativos. A cordialidade familiar estabelecida entre alumnos e mestres, que se tornem guias e conselheiros da mocidade, deveria constituir um dos traços essenciaes da escola nova cuja influencia social se exerce a um tempo pelas lições e pela ambiencia de elevação moral, de confiança mutua e de reciprocidade de affectos. O mestre deveria acompanhar os seus antigos alumnos, — o professor primario, na vida post-escolar, por meio de publicações e pelo curso publico de conferencias nas férias, destinado á renovação do espirito, despojado quasi sempre, pelo interior, de meios faceis para se pôr em contacto com o movimento intellectual e pedagogico do mundo. Nada se faz, porém, neste como em qualquer outro sentido, para renovação do ensino subtrahido cautelosamente a todas as correntes beneficas da educação. Nós em geral nos honra-

mos com os defeitos, com os erros e com as mazellas que não queremos corrigir... Mas a sociedade que se renova tem necessidades imperiosas cuja satisfação sabe impôr, vencendo a resistencia passiva desses individuos, existentes em toda a parte, que Miguel Unamuno, ainda ha pouco, marcou com uma expressão candente, chamando-lhes «estomagos agradecidos»...

SEGUNDA PARTE

ENSINO TECHNICO E PROFISSIONAL

I

Construção suspensa pouco acima dos alicerces. — O ensino tecnico e profissional e o seu desenvolvimento. — Simplesmente irrisorio. — Nem o apparatus de uma exterioridade brilhante... — As nossas cinco escolas profissionaes — Presas á cadeia de uma legislação inepta e confusa. — Questão tecnica de aspectos nitidamente pedagogicos. — Estagios e especialização. — Materia para commentarios humoristicos... — A formação tecnica do pessoal docente. — Desenvolvimento sem unidade de plano. — Até que, enfim, um idéa genial na reforma de 1925... — Como se liquidam, entre nós, as questões de ensino. — Ainda e sempre, o horror ás idéas modernas de educação.

Todos os que acompanharam de perto o debate acerca do ensino primario e normal, já estão convictos de que ensino entre nós, não é materia que se possa tratar com orgulho. Ainda aos menos exigentes, desde que sinceros e informados sobre o assumpto, nada se apresentará, no ensino publico, que lhes encha as medidas estreitas. Por isto mesmo se terá de definir o nosso ensino antes pelo que lhe falta do que pelo que tem... Aliás, faltando na direcção um espirito de idealismo, entusiasta e luminoso, largamente emprehendedor e scientificamente orientado, já

lhe faltaria quasi tudo, ainda que tão novo não se arrasasse, no seu grosseiro empirismo, atacado de velhice prematura... O ensino primario e normal, cujo desenvolvimento foi sustado pela reforma confessadamente retrograda de 1925, nos deixou de facto a impressão de uma dessas largas construcções inacabadas, suspensas pouco acima dos alicerces, a que o mato bravo e a hera selvagem, rompendo pelas frinchas e articulações, dão cedo o estranho aspecto de ruínas.

Não nos deixará melhor impressão, nesta segunda parte do inquerito, o debate sobre o ensino tecnico e profissional, cuja importancia, em nossa civilização industrial, não é preciso encarecer. Pois, de tão acanhado, não seria digno de commentarios o desenvolvimento desse ramo de ensino, entre nós. Quando pensamos que ainda não se desenhou, com bastante energia para tomar corpo, um movimento sincero em favor do ensino profissional e que até hoje não se criaram, em todo o Estado, por iniciativa official, mais de cinco escolas primarias deste genero e uma superior, não podemos nutrir illusões a respeito do desinteresse e ignorancia com que tem sido tratada essa materia. Ainda, admittindo por modelares as cinco escolas profissionaes fundadas e mantidas pelo poder publico, esse numero, num Estado industrial como o nosso, é simplesmente irrisorio. Os 60.000 contos que hoje se gastam e se malbaratam na instrucção publica e não chegam a dar-lhe o apparatus de uma exterioridade brilhante, não permittem seja lançado á conta de estreitezas orçamentarias o numero insignificante dessas escolas.

Mas, nada tem de modelar a organização desses estabelecimentos, presos a uma cadeia de legislação inepta e confusa, que, manipulada clandestinamente em conchavos burocráticos, não os deixa girar senão dentro de um ambiente acanhado. A lei começa por não determinar os officios, distribuidos em "familias ou grupos", que devem ser ensinados nessas escolas, para cada uma das quaes fica o governo autorizado a escolher, entre os officios que enumera (art. 78), os mais adequados "às necessidades da vida operaria e do meio industrial" em que se installou. Fica, portanto, ao arbitrio da administração ou do regulamento o que devera ser fixado em lei. Mal se comprehende que o legislador, descarregando commodamente sobre os hombros de autoridades burocraticas a responsabilidade dessas disposições, não tenha estabelecido os elementos basicos de adaptação da escola às necessidades locais. Demais não podia ser tratada, na lei, com mais leviandade, uma questão technica de aspectos nitidamente pedagogicos.

A exacta classificação de officios correlatos em series ou secções tem de facto, importancia real, na solução do problema da "escolha do officio". Não é apenas uma questão de organização systematica de estudos. É tambem um recurso suplementar de orientação profissional. Pois, o alumno começa por "orientar-se a si mesmo", fazendo um "estagio" em diversos officios correlatos ou do mesmo grupo para decidir sua escolha segundo suas aptidões e especialisar-se no ultimo ou nos dois ultimos annos do curso. Sómente, completo o estagio, é que lhe fica o direito de especialisar-se no officio que escolheu dentre os

do mesmo grupo já conhecidos e tratados. O problema da orientação profissional procura desta forma elementos de solução na própria experiência e pesquisa do aluno, cujos horizontes são alargados nos “estágios iniciais”, sem prejuízo de sua especialização.

Entre os cursos que devem funcionar nessas escolas de artes e ofícios, o decreto de 11 de Junho de 1925 (que copiou esta página divertida da legislação anterior), enumera no art. 78, ao lado de “química industrial e agrícola”, o de “alfaiataria em geral” (para as escolas masculinas), e, a par com o de “avi e apicultura”, o de “barbearia, cabeleireiro” e até de “manicure e pedicure” (para as escolas mixtas)... Será possível que ainda se sintam com o direito de ser levados a sério orientadores que não atinaram com o sem razão e o ridículo da inclusão de cursos, como de barbearia e manicure, no plano de uma escola profissional, de artes e ofícios? Então bastará que seja apenas “um ofício” para se justificar a sua inserção no quadro educativo de ofícios que, nas escolas públicas, devem ser ensinados, pelo seu alcance social ou técnico e pelos princípios científicos que lhes formam a base e lhes orientam os processos susceptíveis de ininterruptos aperfeiçoamentos? Qual, por exemplo, a ciência em que se apoiará ou com que terá relações; qual a dificuldade que apresentará, na técnica, a amável arte da manicure, para o Estado se propôr gravemente a lhe ministrar o ensino? Acreditamos, porém, que o bom senso, fazendo obra de razão prática, não tenha aproveitado, na organização dos cursos profissionais, essa oportuni-

dade que ao governo deu a candura do legislador, de fazer dessas escolas objecto para palestras humoristicas...

Apparelhamento de instrucção a que faltam peças fundamentaes terá forçosamente de ficar ao abandono, comido de ferrugem, ou de arrastar-se aos trancos, desarticulado, embora ás vezes polido á pressa, para as horas de exhibição. Ora não cogitou a lei até hoje do meio de provêr á formação scientifica de seu pessoal docente, sobretudo de materias technicas que requerem solida e conscienciosa preparação. O próprio cargo de director é exercido por professor normalista que “se tenha especializado neste ramo de ensino” (art. 87). Como, porém, não ha escola em que o normalista possa “especializar-se nesse ramo de ensino” é certo que esta especialização tem de ser adquirida a um tempo á custa dos proprios esforços, (autodidactismo) e da aprendizagem pratica, a preço de ensino, na direcção das escolas... Pois, apesar disto, apesar de ser o director um professor primario sem curso especializado, — contratado um mestre para qualquer dos cursos technicos praticos, mediante concurso, em que condições se cuidará que será effectivado no cargo? Depois de dez annos de trabalho, se tiver acompanhado a “evolução technica de sua profissão” e isto como sempre, “a juizo do director”, — essa criação original da lei de 1925, — funcionario de confiança, normalista como qualquer outro, que não tem onde especializar-se, mas em quem o governo, com o decreto de nomeação, entende que insufficientou a sciencia, como “Deus infundiu o espirito no barro de Adão”...

Quanto aos professores e mestres, esses ou são normalistas, com orientação pedagógica e preparo secundário (na melhor hypothese), mas sem conhecimento de qualquer arte industrial, ou são especialistas em qualquer officio ou arte industrial, mas sem os necessarios conhecimentos pedagogicos para transmittir o ensino. Se a ninguem escapa a gravidade do problema posto nestes termos, não surprehenderá a ninguem estar ainda por estudar e resolver entre nós essa questão da formação technica do pessoal docente. Isto de se erguer á categoria de problema a selecção do professorado technico de nossas escolas profissionaes, será, para certa mentalidade placida e ruminante, uma exigencia de imaginações que se comprazem em criar dificuldades para o prazer maligno de a deixar em apuros...

Por isto mesmo, pela leviandade com que são tratadas estas questões, o que ha no domnio official, não passa de tentativas timidias e dispersas, sem a menor subordinação a um plano de conjunto estudado seriamente nas suas linhas geracs e na articulação de seus detalhes. A Lei de 1925, para resolver o problema das normas que são em numero excessivo, teve esta idéa genial: será transformada em escola profissional cada uma das normas, (estejam localizadas onde estiverem), em que a matricula não attingir a 100 alumnos. Está ahi como o ensino technico e profissional, fica dependendo, na sua localização e organização, das vicissitudes do ensino normal... Não ha na legislação escolar coisa mais divertida, como processo de escamoteação com que fingem resolver difficuldades, des-

locando-as, os que não têm o animo de enfrentar-as. Dahi tambem de não se ter organizado até hoje um plano de ensino profissional, a anomalia de não estarem todas as escolas desse genero, primarias e superior, sob a jurisdicção exclusiva da Secretaria a que estão affectos os negocios da instrucção publica.

Mas, limitado a cinco escolas profissionaes, de acção quasi nulla sob qualquer aspecto pelo qual se encarem, e a uma Escola de Agricultura, hoje com o character de instituto profissional superior, não é o menor defeito deste ensino a falta absoluta de um "plano de organização". Será este, como veremos amanha mais devagar, um defeito primordial de origem. Dahi o estado embryonario e confuso em que se encontra esse ramo de ensino. Ainda não se comprehendeu que é preciso, lançar por esse ensino, para ordenal-o e erguel-o a uma altura em que possa tomar impulso, um sangue vivo, original e quente capaz de lhe renovar o organismo, sacudindo-lhe a morrinha com que a burocracia o contaminou e entorpeceu. Aqui, como no ensino primario e normal, o mesmo desinteresse que toca ás raias de uma candida hostilidade, pelas idéas modernas de educação. Nada ainda que indique, a não ser no ensino profissional agricola, a preocupação de fazer circular por esse aparelho uma corrente renovadora de idéas scientificas. É aquelle mesmo ambiente estreito, de ar parado e morno, mais proprio para as séstas digestivas do que para as actividades fecundas.

Tudo ahi, da bibliotheca á officina, do museu ao laboratório, é rudimentar, antiquado e fragmentario, e

quando não imprestavel, lamentavelmente lacunoso. Não partiu ainda de qualquer dessas escolas, uma iniciativa de espirito novo, quer na organização scientifica do ensino, quer no estudo experimental e na applicação dos dados da psychologia e da hygiene á escolha das profissões e dos officios. Não foi de qualquer das nossas escolas publicas profissionaes, mas sim de uma escola particular, subvencionada, — a Escola Profissional Mecanica, annexa ao Lyceu de Artes e Officios, — que partiu o primeiro movimento em favor do emprego das provas psychotechnicas para a selecção profissional. Nem por isto, deixará de frutificar ou talvez por isto mesmo, romperá, nas espheras officiaes, com mais impeto esse movimento inspirado nas idéas renovadoras de educação. Estas abafam-se, ás vezes; mas não se tolhem no seu poder de expansão. São como certos rios, que submergindo por entre as camadas permeaveis do terreno, vão reaparecer kilometros depois, rebentando, pela força de suas aguas, em fontes e correntes que não tardam a avolumar-se.

ENSINO TECHNICO E PROFISSIONAL

II

Falta de um plano preliminar de conjuncto. — Sobre os dados de nossas necessidades reaes — E com um espirito moderno de finalidade. — A preparação do elemento nacional para as actividades technicas. — Ensino sem estrutura para se pôr de pé — E sem articulação com o systema geral do ensino. — Obrigatoriedade para o ensino technico elemental. — Educação technica pòst-escolar obrigatoria. — O problema da orientação profissional. — As provas psychotechnicas. — O papel do medico na escolha das profissões. — Molestias profissionaes e hygiene industrial. — O nosso questionario. — Critica que envolve e suggestões que encerra.

O principal defeito do ensino technico e profissional, como de qualquer ramo do ensino, entre nós, não é quantitativo. Reduzido á miseria de 6 escolas profissionaes, — que tantas são as do ensino publico de tal genero, em seus varios graus e modalidades, seria ridiculo pensar que já démos passo sério, neste sentido. Em todo o caso, essas escolas poderiam representar o ponto de partida, a base de um “grande plano”, que se fosse realisando com vagar e solidez. Mas a verdade é que não exprimem coisa alguma, não representam o desenrolamento de uma idéa, nenhum “designio em acção”, em que se notasse, a pre-

sideir o seu desenvolvimento, sua tendencia e seus fins, a presença de qualquer pensamento orientador, claro e definido. O ensino quasi nullo, que ahi temos, é fragmentario e incoherente. Não se sabe como e para que se instituiu, e vae vivendo como póde, fóra da orbita de qualquer systema inspirado no sentimento de nossas realidades e no conhecimento de sua natureza e solidariedade intima com o mecanismo geral de educação.

Ora, será sempre defeituoso e de resultados incertos o ensino que não se organisou “em systema” e não trouxe, desde o seu impulso inicial, um pensamento fecundo e poderoso, capaz de fundir, numa obra de unidade organica, a pluralidade de seus institutos. Esse espirito de organização, para não criar obra artificial, não póde certamente fugir aos dados das experiencias assimiladas e das realidades locais. É o conhecimento do meio e de suas particularidades sociaes e economicas que transforma os problemas do ensino, revelando-lhes aspectos novos e preparando o caminho á sua verdadeira solução. Quando se fundam escolas industriaes em paiz sem industria ou escolas agricolas em região sem agricultura, essas escolas ou falham inteiramente ou acabam quebrando o molde primitivo e “orientando-se segundo as necessidades reaes do paiz”. O ambiente, cujas circumstancias especiaes não influiram na organização do ensino, vinga-se contra as suas instituições, arrastando-as á decadencia irremediavel ou conformando-as segundo as suas proprias exigencias.

Mas, se teria de frustrar-se, na execução, um projecto global sem apoio na “real realidade das coisas”, não pode-

ria fugir ao mesmo destino o ensino instituído, a esmo, sem obediencia a idéas fundamentaes de um "plano de organização". Teria de falhar tambem, como falhou. Só ha um meio de impedir que a variedade necessaria de escolas seja de resultados dispersivos e até mesmo contradictorios: — é submettel-a a uma finalidade commum, formada pela convergencia de todos os objectivos especiaes. Dahi a necessidade preliminar, que não se comprehendeu, desse "plano de conjunto". Não acanhado e frouxo, está claro. Não rijidamente logico e livresco, sem plasticidade para se furtar, na sua realisação, ás consequencias de theorias absolutas. Mäs, largo e inteiriço, actual e vivo, bastante flexivel para se accomodar a toda especie de escolas technicas, para objectos e em quadros os mais variados, e bastante poderoso para lhe apertar os laços naturaes e ordenar, em vista de um ideal commum, as installações e o funcionamento dos mais diversos typos de escolas.

O espirito claro e moderno de finalidade, que só pôde resultar de uma justa comprehensão do problema em todos os seus aspectos, é elemento indispensavel á criação de um apparelho efficaz de ensino. O ensino é sempre um "meio", um instrumento, cujo typo e manejo variam conforme a finalidade que com elle se quer attingir. Objectivo proximo e acanhado, ensino estreito e rotineiro. Não ha fugir dahi, como aliás nos prova o regimen mofo e esteril, em que vivemos, de escolas para o mero aprendizado de officios, e, por isto mesmo incapazes de contribuir, dentro de seu raio de acção, para a obra de melhoramento das condições phisicas, economicas e so-

ciaes do povo a que deveriam servir. Não é esse, — a rotina de um officio, o objectivo do ensino technico moderno que tem por fim elevar o nivel moral e intellectual do operario, despertar e desenvolver-lhe a consciencia de suas responsabilidades, como a consciencia das bases scientificas e da significação social de sua arte, alargar-lhe a visão e aperfeiçoar-lhe a technica, no sentido de maior “rendimento do trabalho”, transformando-o por esta maneira num elemento de progresso technico nas officinas e nas industrias nacionaes.

Mas, o ensino profissional, entre nós, sem coherencia e sem finalidade, não sómente não obedece a nenhum “systema especial de organização”, como se encontra inteiramente isolado no “systema geral do ensino”. Não lhe falta apenas estructura para se pôr de pé. Falta-lhe um “jogo de articulação”, para o travar com outras instituições de ensino, em que se apoia, de que depende e a que tem de servir. A escola primaria não está organizada para offerecer uma base, não dizemos, para a orientação profissional do alumno, mas nem sequer para um curso technico elementar. São as Escolas Normaes que fornecem directores e parte do corpo docente das escolas profissionais; mas não estão ellas organisadas para preparar-os... E, sem falarmos nas obras educativas circum e post-escolares, em materias que têm afinidades com a legislação escolar (como a protecção aos menores), ainda não se esboçou o mais ligeiro movimento em favor da extensão da “obrigatoriedade” ao ensino technico elementar, para todos, e á educação post-escolar, para os que

(de 14 a 18 annos) não recebem ensino superior. Em vez de completar, pela luta em favor do ensino technico e profiissional, a luta contra o analphabetismo, atacada na reforma de 1920, a de 1925, golpeou no proprio coração o ensino primario, supprimindo-lhe praticamente o caracter da obrigatoriedade...

Ainda informe e desconnexo, quasi inteiramente estacionario desde a criação das escolas que o compõem, não admira o alheimento systematico em que se tem mantido este ramo de ensino em relação ao movimento mundial que tende á organização scientifica do trabalho. Por toda a parte os institutos desta natureza, comprehendendo o papel que nelles têm de desempenhar a psychologia e physiologia applicadas, atacam praticamente o problema da selecção e orientação profiissional, pela verificação das aptidões physicas e psychicas. O psychologo, no gabinete de psychotechnica, e o medico, nos seus consultorios especiaes, collaboram por toda a parte na obra de adaptação do trabalho ás aptidões naturaes. Entre nós, porém, ainda não se comprehendeu, nem sequer o "papel do medico", na escolha das profiissões ligada, em larga medida, ás aptidões physicas do alumno e a essas lesões que constituem contra-indicações formaes a certos officios e a determinadas carreiras. Ainda está por criar e installar em S. Paulo, annexa a uma escola profiissional, — não já o primeiro gabinete de psychotechnica, — mas a primeira secção de hygiene industrial, para as investigações sobre as molestias profiissionaes, para o estudo e applicação de processos adequados á eliminação da poeira, do gaz e da fu-

maça ou para determinar, em mensurações photometricas, a claridade dos laboratorios e das officinas.

Ahi está, em linhas geraes, o que é o ensino technico e profissional, nas suas lacunas immensas e nos seus gravissimos defeitos. Seria mais justo, por isto, falarmos em "escolas profissionaes". Pois escolas, essas, mais ou menos aparelhadas, existem; o ensino, porém, "como sistema", inteiramente por organizar. Sentimos, com pesar, que nesta critica perde o ensino em S. Paulo mais uma das pennas de pavão com que se ênfeitava... O nosso questionario, na critica que envolve, na orientação que exprime e nas suggestões que encerra, abre o debate sobre um grande numero de questões que serão esclarecidas ás luzes de opiniões autorisadas:

1) Qual a sua opinião sobre o nosso ensino technico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação scientifica do seu pessoal docente, como no seu acanhado desenvolvimento, não está elle longe de corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes?

2) Que têm feito e que podem fazer as nossas escolas profissionaes para desempenhar a funcção que lhes cabe, de aparelhar o elemento nacional para as actividades technicas e de exercer acção social e economica, incentivando e protegendo o trabalho agricola e as industrias locais?

3) Não acha que as nossas escolas profissionaes, vivendo parasitariamente do erario publico, deveriam ser organisadas sob o duplo principio do "self-supporting" (a

produção industrial pelas escolas) e de adaptação ás necessidades do trabalho agrícola ou industrial das regiões onde se installaram?

4) Qual a verdadeira finalidade do ensino profissional para mulheres e do ensino profissional para homens, e qual o melhor plano especialmente adequado á finalidade procurada em escolas profissionaes, masculina e feminina?

5) Não é necessario, para lhe dar finalidade moderna dentro dos novos ideaes sociaes, renovar o systema de educação profissional, baseando-o sobre o "exercicio normal do trabalho em cooperação" e dos trabalhos de character social, segundo o methodo Dewey?

6) Na importação de systemas educativos, como o slöjd sueco, com suas variantes e seus derivados, e de systemas technicos e artisticos como o Tadd, Della Voss, com seu derivado Eddy, tem-se procurado, em nossas escolas profissionaes, adaptal-os, com modificações originaes, ás condições particulares do meio para que se transportaram?

7) Que se tem feito de efficaz para disseminar intensamente desde a escola primaria e adaptar á indole e aos costumes do povo e aos materiaes particulares do meio, o trabalho manual e o desenho, como elementos basicos de educação profissional?

8) Já não é tempo, — para se lançar em bases solidas o ensino technico e profissional, — de se tentar uma reforma radical do desenho em todas nossas escolas, segundo a suggestão de Ruy Barbosa :

- a) “semeando o desenho imperativamente em todas as escolas primarias;
- b) abrindo-lhe escolas especiaes;
- c) fundando para os operarios escolas nocturnas deste genero;
- d) assegurando-lhe vasto espaço no programma das escolas normaes;
- e) reconhecendo ao seu professorado a dignidade que lhe pertence no mais alto grau de escala docente;
- f) e reunindo toda essa organização num plano coheso, mediante a instalação de uma escola superior de arte applicada”?

9) Não lhe parece que se deve estender a obrigatoriedade do ensino tecnico elementar e se deve impôr, para os que não recebem uma educação superior, “uma educação tecnica post-escolar, obrigatoria”, profissional para os homens (de 14 a 18 annos) e domestica para mulheres (de 13 a 16) em escolas gratuitas de aperfeiçoamento (as “continuation schools”, na tecnica ingleza)?

10) Temos procurado de alguma forma valorisar o “elemento nacional” por meio de cursos e escolas technicas especializadas (chimica industrial e agricola, metallurgia, electricidade, mecanica, etc.), que lhe abram novos horizontes economicos, em concorrência victoriosa com o estrangeiro e lhe dêem o gosto e a tendencia das actividades technicas?

11) Não acha que se devem installar, na praia e á margem dos rios nas zonas mais proprias, escolas profis-

sionaes de pesca, aparelhadas de modernos instrumentos, para a instrução adequada de nossos pescadores e como um elemento á solução do problema da pesca marítima ou fluvial inteiramente descurado entre nós?

12) Não reconhece que para a defesa e orientação científica da agricultura e transformação da industria, agricola, temos de:

a) atacar o problema da educação da população rural por meio de "escolas especiaes" (escolas praticas; fazendas-escolas);

b) instituir "escolas regionaes", secundarias, destinadas ás necessidades especificas de cada região;

c) estimular a iniciativa privada no ensino agricola, como já existe quanto ao ensino commercial;

d) criar e organizar "em systema" estações agromomicas e laboratorios de pesquisas agricolas;

e) criar escolas de agricultura para o ensino tecnico;

f) e reorganizar, para lhe accentuar o caracter de instituto superior, a Escola Agricola Luiz de Queiroz?

13) Sendo problema basico a formação de pessoal docente de escolas technicas, tratando-se sobretudo de materias especiaes, não é falha gravissima não termos ainda uma "Escola tecnologica para mestres", em que possam os candidatos a esse magisterio adquirir os conhecimentos technicos em artes industriaes par a par com a orientação pedagogica indispensavel ao exercicio de suas funcções?

14) Já se pensou porventura entre nós em adoptar nas escolas profissionaes as “provas psychotechnicas” e em organisar-se, como é necessario, um “Instituto de Psychotechnica e de Orientação Profissional”, para encaminhar á solução o problema de orientação e selecção profissional?

15) Como constituir em São Paulo um grande fóco director e irradiador de expansão de arte applicada, servido de um laboratorio de technologia e de um museu de documentação de arte industrial?

16) Que pensa da organização de centros populares, nocturnos, agricolas e industriaes para ministrar:

a) “rapido ensino technico elementar;

b) instrucção pratica em pequenas industrias domesticas e locais;

c) cultura geral por meio de projecções, demonstraões praticas e conferencias;

d) e para fomentar o “espirito cooperativo” entre alumnos, por meio de associações productoras, para a exploração de industrias aprendidas na escola?”

17) Enfim, para se completar o systema de educação profissional não julga necessario manterem-se institutos especiaes, prepostos á educação de anormaes, atrasados e refractarios á instrucção, e semelhantes ás colonias de trabalho (arbeitskolonie), do typo allemão, e ás colonias escolares profissionaes (arbeitslehrkolonie)?

A OPINIÃO DO SR. PAULO PESTANA

Ensino tecnico e profissional, entre nós? — Em estado cahotico, sem a menor organização. — Estabelecimentos, em numero insufficiente. — Quanto aos que existem... — Pessoal docente sem preparo tecnico. — Porque falharam as escolas agricolas. — A Escola Agricola de Piracicaba e... os candidatos aos empregos publicos. — O ensino agricola e a velha rotina dos praticos. — Até que ponto será util o principio do «self supporting»? — A obrigatoriedade do ensino tecnico-elementar. — Plano modesto, mas efficiente. — Por onde temos de começar. — A formação do professorado rural. — O ensino popular agricola pelas palestras com projecções.

O sr. Paulo Pestana, da Secretaria da Agricultura, é um desses raros homens que, passando pela burocracia ou consumindo nella a vida, conseguem guardar intactos o espirito de critica, o gosto da combatividade e a chamma do idealismo. O idealismo, esse, de certo, já temperado pelo bom senso, pelo trato da estatistica, com seus algarismos perfilados em pelotões, e pelas desillusões que crêa a morosidade fatigante da marcha das idéas. Mas ainda bastante forte para lhe alimentar a actividade combativa, com que frequenta a imprensa e nella se impoz, quer tratando assumptos economicos quer redigindo notas pedagogicas, pelos aspectos praticos de seus trabalhos e pela sinceridade e solidez de suas opiniões. Não será facil, de

facto, encontrar-se resistencia mais firme, no culto da independencia moral, nem energia mais constante, no interesse vivo pelas boas causas ligadas a materias de sua predilecção ou especialidade.

Na pagina que nos enviou, em resposta ao nosso questionario, o sr. Paulo Pestana, procurou cingir-se ao ensino profissional agricola. Não o fez propriamente em attenção ao nosso pedido. Obedeceu, com isto, a uma exigencia de seu espirito que sabe estar, na delimitação dos assumptos, o ponto de partida para dominal-os. Ahi, neste depoimento claro e incisivo, o assumpto é tratado de maneira sóbria, quasi severa, que reflecte a polidez reservada de seu trato. Longe de se perder em divagações de doutrina, como bom jornalista que é, o nosso distincto collaborador P. P., vae direito ás questões, com uma percepção viva da realidade e com esse espirito desambicioso, que, á custa de muita experiencia, aprendeu a preferir aos largos planos de construcção o limitado e facilmente realisavel. No entanto, dentro de suas aspirações modestas, nada encontrou que as satisfizesse, no ensino profissional, de que nos traçou rapida critica, rudemente significativa na sua moderação e serenidade.

1) Qual a sua opinião sobre o nosso ensino technico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação scientifica do seu pessoal docente, como no seu acanhado desenvolvimento, não está elle longe de corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes?

- O ensino técnico e profissional, ainda no início, entre nós, acha-se em estado caótico. Falta-nos um plano coordenador, visando o progresso social. Organização, a bem dizer, não ha. Os estabelecimentos que ministram tal ensino são em numero insufficiente e não produzem os resultados desejaveis. O pessoal docente, em geral, não possui o preparo necessario para que resultem efficientes suas funções.

2) Que têm feito e que podem fazer as nossas escolas profissionais para desempenhar a função que lhes cabe, de aparelhar o elemento nacional para as actividades técnicas e de exercer acção social e economica, incentivando e protegendo o trabalho agrícola e as industrias locais?

— Sem organização criteriosa, nossas escolas profissionais não têm produzido resultados visiveis, como propulsores da actividade economica do povo. Poderiam, no entanto, desempenhar importante papel, já na educação da nossa gente para o trabalho, já no fomento da riqueza nacional, cuja base é a agricultura.

As escolas agrícolas, em nosso Estado, falharam de um modo lastimavel, seja por preconceitos oriundos da escravidão, seja por inefficiencia dos cursos que proporcionam. Os aprendizados agrícolas de Iguape e S. Sebastião, mal situados em zonas de população indolente e atrasada, foram supprimidos por falta de alumnos. A propria Escola Agrícola de Piracicaba falta frequencia que compense o que custa aos cofres publicos e só tem servido para fornecer candidatos aos empregos publicos. O

curso de engenheiros-agronomos da Escola Polytechnica foi extinto em 1910, porque em 16 annos de existencia só diplomou 23 alumnos. A nossa população, essencialmente analphabeta nas camadas inferiores e essencialmente bacharelesca nas camadas superiores, repelle este genero de ensino, entendendo que a velha rotina dos praticos vale mais do que a sciencia de moços inexperientes.

Quanto ao ensino industrial, as escolas profissionaes do Estado não correspondem ás exigencias modernas. São mais officinas infantis, do que escolas technicas. Ministram um ensino meramente pratico, sem as sciencias applicadas. Daqui o formarem simples empiricos desprovidos de preparo teorico.

Desse mesmo defeito se resentem os estabelecimentos da União, o Lyceu de Artès e Officios e outros institutos mantidos pela iniciativa privada.

3) Não acha que as nossas escolas profissionaes, vivendo parasitariamente do erario publico, deveriam ser organisadas sob o duplo principio do "self-supporting" (a producção industrial pelas escolas) e de adaptação ás necessidades do trabalho agricola ou industrial das regiões onde se installaram?

— Acho que as escolas profissionaes, como todas as demais escolas, devem viver principalmente do erario publico, ou dos recursos de associações. O ensino que degenera em negocio não dá bons frutos. Aceito até certo ponto o principio do "self-supporting" como util; mais penso que, levado ao extremo, converte as escolas

em officinas, onde o trabalho de simples aprendizes jamais competirá com o de operarios adultos adextrados.

4) Não lhe parece que se deve estender a obrigatoriedade do ensino technico elementar e se deve impôr, para os que não recebem uma educação superior, “uma educação technica post-escolar, obrigatoria”, profissional para os homens (de 14 a 18 annos) e domestica para mulheres (de 13 a 16) em escolas gratuitas de aperfeiçoamento (as “continuation schools”, na technica ingleza)?

— Se ainda não conseguimos tornar obrigatoria a instrucção primaria, como é que conseguiremos a obrigatoriedade para o ensino technico elementar? Será isto impossivel dentro de muitas décadas. Tal ensino é dispendioso e o paiz não possui recursos para diffundi-lo em grande escala.

Podemos, entretanto, ampliar os beneficios da preparação technica da nossa gente para a vida moderna. Eu mesmo já tive occasião de expôr pelas columnas do “Estado de S. Paulo” um plano modesto, porém efficiente para chegarmos a esse fim. Propuz que o curso das nossas escolas primarias se repartisse em tres annos elementares, e tres complementares, formando dois cyclos perfeitamente ajustaveis. No fim do terceiro anno os alumnos que não seguissem o curso complementar deveriam cursar um anno de ensino technico elementar, que gradualmente seria annexado a todas as escolas publicas ruraes e urbanas. Este anno adicional seria de ensino agricola para meninos e agricola-domestico para meninas nas zonas ru-

raes: nas cidades seria de officios, faceis (marcenaria, typographia, encadernação, etc.) e commercial para os meninos e domestico-profissional para as meninas. Assim, combatendo preconceitos, despertando vocações e educando para a civilização hodierna, attenderiamos ás maiores necessidades da nossa atrazada população, sem grandes sacrificios financeiros.

Applicando taes idéas em 1906, numa série das minhas "Notas pedagogicas", mostrei como deveria ser uma escola rural brasileira, capaz de transformar o nosso meio agricola dentro de alguns annos. Não faltou quem considerasse "utopia" o que foi por mim imaginado, embora eu não fizesse mais do que adaptar ás nossas condições o que já se praticava em varias nações, inclusive na Argentina, Chile e Uruguay. Mas o lucido espirito de Silvio Romero, que leu aquelles escriptos, enviou-me honrosa carta, concitando-me a reunir em livro taes artigos e propondo-se a escrever o prefacio. Infelizmente, minha trabalhosa vida nos ultimos vinte annos, repartida entre o jornalismo e a burocracia, ainda não me proporcionou tempo e calma para realisar o conselho do nosso eminente sociologo, o qual, desde essa época, me distinguiu com a sua amizade.

5) Temos procurado de alguma forma valorisar o "elemento nacional" por meio de cursos e escolas technicas especializadas (chimica industrial e agricola, metallurgia, electricidade, mecanica, etc.), que lhe abram novos horizontes economicos, em concorrência victoriosa com o

estrangeiro e lhe dêem o gosto e a tendencia das actividades technicas?

— Sem termos sequer procurado resolver o problema do ensino technico elementar, não podemos pensar no de grau secundario, mais dispendioso. Depois, conhecidas as tendencias da nossa gente, talvez succedesse aos estabelecimentos desta especie o mesmo que se está notando com os cursos de chimica ultimamente criados pela União: ficariam sem alumnos. 'Algum dia, porém, comprehenderemos a necessidade de tal ensino especializado e então eu recommendaria institutos semelhantes ao "technicum" da Allemanha e Suissa, com seus variados cursos scientificos e praticos.

6) Não lhe parece que para a defesa e orientação scientifica da agricultura e transformação da industria, agricola, temos de:

a) atacar o problema da educação da população rural por meio de "escolas especiaes" (escolas praticas; fazendas-escolas);

b) instituir "escolas regionaes", secundarias, destinadas ás necessidades especificas de cada região;

c) estimular a iniciativa privada no ensino agricola, como já existe quanto ao ensino commercial;

d) criar e organizar "em systema" estações agromomicas e laboratorios de pesquisas agricolas;

e) criar escolas de agricultura para o ensino technico;

f) e reorganizar, para lhe accentuar o caracter de instituto superior, a Escola Agricola Luiz de Queiroz?

— Sem duvida, tudo isso é muito vantajoso para desenvolver a cultura e riqueza nacionaes. Precisamos, todavia, proceder com segurança, sem demasiadas ambições. Primeiramente, a base — o ensino agricola elementar. Restabelecer o ensino de agricultura nas escolas normaes, com cadeira especial regida por um agronomo, é outra providencia que se impõe para a formação de um professorado primario em condições de transmittir á infancia os conhecimentos mais uteis á vida agricola. Quanto ao resto, basta-nos aperfeiçoar o que já temos. Cumpre, por exemplo, dotar com pessoal mais numeroso e habil a Escola Agricola de Piracicaba e o Instituto Agronomico, que ainda não prestam á lavoura os serviços que poderiam benefical-a, sobretudo no que respeita a pesquisas e experiencias.

7) Que pensa da organização de centros populares, nocturnos, agricolas e industriaes para ministrar:

- a) rapido ensino technico elementar;
- b) instrucção pratica em pequenas industrias domesticas e locais;
- c) cultura geral por meio de projecções, demonstraões praticas e conferencias;
- d) e para fomentar o “espirito cooperativo” entre alumnos, por meio de associações productoras, para a exploração de industrias aprendidas na escola?”

- Parece-me que os nossos cursos nocturnos, aliás pouco frequentados, não deveriam limitar-se apenas ao ensino de primeiras letras aos adultos analphabetos. É para desejar que ministrem também instrucção mais utilitaria para as classes laboriosas, como succede nos Estados Unidos. No que se relaciona com a agricultura, creio mais na efficacia das palestras que professores de agricultura, para o ensino nomade fizessem aos domingos e feriados, a exemplo do que se vê na França, Italia, etc. Taes palestras, em linguagem popular e acompanhadas de projecções luminosas, seriam lidàs depois aos lavradores nos edificios escolares pelos professores primarios, que receberiam remuneração especial por este valioso trabalho nos seus municipios.

A RESPOSTA DO SR. NAVARRO DE ANDRADE

A falha mais sensível do ensino agrícola. — A formação científica de seu pessoal docente. — Porque se extinguiu a Escola Superior de Agricultura, da Polytechnica. — Estado com methodos culturaes quinhentistas... — O que falta á Escola Luiz de Queiroz. — Estabelecimento desapparelhado para os fins de sua criação. — Ainda a questão das bibliothecas. — Verba devolvida intacta por desnecessaria! — Reforma que deve ser completada. — As escolas especializadas. — O exemplo do Instituto da Companhia de Seda Nacional, em Campinas. — S. Paulo irá ter, enfim, a sciencia a serviço da agricultura? — A criação de um centro scientifico de pesquizas agricolas.

Não ha ramo de actividade e de estudos em que não appareçam, hoje, os testemunhos de um novo estado de espirito, pratico e idealista a um tempo, em que se substituiu pelo sentimento da disciplina scientifica a ideologia dispersiva das gerações anteriores. Mas poucos encarnarão, como o sr. Navarro de Andrade, a nova mentalidade, aberta e fecunda, que se caracteriza pela desconfiança das doutrinas absolutas, pelo gosto da verificação experimental e pelo espirito de iniciativa e continuidade. Com a sua natureza exuberante e pessoal, que parece trabalhar sem esforço, com um bom humor irreverente, o sr. Navarro de Andrade é um exemplo desse idealismo dynamico,

que sabe manter, captada na disciplina do trabalho pertinaz, toda a energia impulsiva dos grandes entusiasmos.

As funções de chefe do Serviço Florestal da Companhia Paulista o levaram, certamente, a assentar, na eucalyptologia, a especialidade em que se tornou mestre. E mestre de uma autoridade que ninguém sonha em disputar-lhe. Mas, espirito largo e emprehendedor, não ha entre as questões de agricultura e silvicultura uma só em que não se tenha detido a sua curiosidade vigilante. E' um dos grandes auxiliares do dr. Arthur Neiva no combate á broca do café. E ainda ha pouco, a sua tenacidade de larga visão fez reviver, nas experiencias de Madison, na America do Norte, a questão, então quasi abandonada e hoje resolvida, do aproveitamento da madeira do eucalypto para a industria de papel. Já se comprehende, por tudo isto, o que vale nesta materia, a opinião do sr. Navarro de Andrade que imprimiu á sua pagina sobre o ensino profissionall agricola, a mesma franqueza, lucidez e segurança de seus trabalhos anteriores, feitos de observação, de espirito e de malicia.

Esta, a sua resposta:

“Do questionario que me foi gentilmente proposto pelo “O Estado”, eu prefiro destacar a parte referente ao ensino agricola, para que me não accussem de metter foice em seára alheia. As perguntas foram tão habilmente formuladas que a sua simples enunciação responde quasi por completo aos differentes itens e indica o caminho a seguir na resolução de tão importante problema. Assim, por exemplo, diz a primeira:

Qual a sua opinião sobre o nosso ensino técnico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação científica do seu pessoal docente, como no seu acanhado desenvolvimento, não está elle longe de corresponder ás nossas necessidades técnicas, industriaes, agricolas e sociaes?

A segunda pergunta responde cabalmente á primeira. De facto, a actual organização do nosso ensino agrícola não corresponde, de maneira nenhuma, nem ás nossas necessidades, nem ao estado presente de desenvolvimento de S. Paulo. O ensino de agricultura que se ministra nas nossas escolas, escolas cujo numero póde ser contado pelos dedos de uma só mão, é deficientíssimo e parece até irrisório que tenha sido organizado para um paiz que não perde vasa de se proclamar essencialmente agrícola e cujo fito tem sido proteger industrias artificiaes.

A falha mais sensível do nosso ensino agrícola é a que diz respeito ao preparo científico do seu pessoal docente, sendo verdadeiramente inacreditavel que o Estado "leader" da União não possúa ainda hoje uma escola superior para a formação de professores e de verdadeiros technicos.

Houve tempo em que a nossa Escola Polytechnica manteve um curso de engenheiros agronomos, mas que foi, infelizmente, eliminado por duas razões que não resistem á mais benevola critica: despesa avultada e reduzida frequencia. A experiencia foi excessivamente limitada e a conclusão demasiado precipitada. É incrível que o Estado pense em formar technicos para o preparo de varias gerações, a

100\$000 por cabeça, como me parece insensata a razão allegada da exiguidade de numero de alumnos. A Agricultura, só nos paizes mais adiantados, foi encarada como verdadeira sciencia e aqui, entre nós, nunca deixou de ser considerada como um simples ramo de conhecimentos humanos que todo cidadão que se preza traz, ás carradas, quando surge neste mundo. Noções agricolas são coisas que se transmittem de paes a filhos, sem a necessidade de escolas e, muito menos, de longo estagio nellas. Por esta e por outras, é que S. Paulo se encontra ainda hoje com methodos culturaes quinhentistas. A Italia mantém uma escola de pomologia, com uma frequencia tão reduzida que até lembra, na sua exiguidade, as minorias opposicionistas dos nossos congressos legislativos e quero crêr que ninguem negará que a Italia tem uma densidade de população superior á nossa e um grau de cultura alguns furos acima. São Paulo, pelo cerebro pensante de seus dirigentes, imaginou talvez que á Escola Superior de Agricultura da Polytechnica affluissem os moços como iças em Setembro. Supprimiu-se o curso de engenheiros-agronomos, de onde sahiram alguns dos mais distinctos profissionaes do Estado, e deu-se á Escola Agricola de Piracicaba a dupla incumbencia de preparar professores e alumnos, com o gravissimo erro de deixal-a sem o aparelhamento necessario para a sua espinhosa missão. A Escola Luiz de Queiroz possui edificios de primeira ordem, muito superiores mesmo aos de muitas congeneres em paizes mais adiantados, mas, entre as coisas que lhe faltam, posso apontar como sensivel a de miolo ou recheio. Somente á

extrema dedicação de seu corpo docente, até ha pouco miseravelmente pago, se pôdem attribuir os resultados conseguidos num estabelecimento completamente desapparelhado para os fins da sua criação. Ha, nos seus laboratorios, coisas capazes de impressionarem o visitante leigo ou o tecnico apressado, mas falta-lhes o indispensavel para trabalhos regulares e, sobretudo, para o ensino tecnico e profisional.

Na secção de chimica, por exemplo, sobejamapparelhos de que, em toda a sua vida, talvez os alumnos não precisem utilizar-se, mas não existem os mais necessarios, os de applicação quasi diaria.

Não acredito que possa haver um unico paulista, que ao visitar a bibliotheca da Escola Agricola de Piracicaba, não se sinta profundamente entristecido. Qualquer gabinete de leitura mambembe de cidadezinha do interior deixa a livraria da Escola Luiz de Queiroz numa posição tristissima. O que alli ha é velho, antiquado, ou apenas trabalho de vulgarisação. As melhores revistas technicas do estrangeiro brilham pela sua ausencia. E mais deploravel ainda é saber-se que a Escola tem apenas uma verba de 6.000\$000 annuaes para aquisição de livros e revistas, verba esta que já foi devolvida intacta por um director daquelle instituto, sob a allegação de que era exaggerada e desnecessaria. Qualquer estudioso de boa categoria paga por anno ao seu livreiro, mais do que dispense a primeira escola agricola do mais adiantado Estado da União!

O actual secretario da Agricultura só louvores merece pela reforma a que mandou proceder na tabella de vencimentos do corpo docente da Escola de Piracicaba. Sempre me pareceu incrível que homens de valor, de capacidade incontestavel, com encargos de familia, pudessem levar a sua dedicação ao ponto de trabalharem por ordenados insignificantes, num paiz em que já ninguém trabalha apenas por patriotismo. A reforma do actual titular da pasta da Agricultura precisa, porém, ser completada e a nossa escola agricola completamente remodelada.

É triste verificar quão pequena tem sido a attenção dispensada pelos governos paulistas ao nosso ensino agricola, problema que parece preoccupar os outros Estados da União e que acaba de ter, em Minas, brilhante solução, com a installação da Escola Superior de Agricultura de Viçosa. O governo da União mantem tambem um instituto superior, para o ensino da agricultura, ora localizado em Nitheroy, e a Bahia mereceu sempre justa fama pela escola de agronomia, de que sahiram verdadeiras notabilidades e alguns dos mais distinctos membros do nosso magisterio. Diante de tudo isto, São Paulo teima em manter apenas uma escola luxuosamente aparelhada para ser secundaria, mas deficientissima para poder ser considerada de ensino superior. O que alli ha é um mixto de theoria e pratica que de maneira nenhuma corresponde ás necessidades actuaes de São Paulo.

Durante muito tempo, creio que foi preocupação do governo a pequena frequencia que ia tendo a Escola de Piracicaba e, como remedio, tentou-se afrouxar ainda mais

as reduzidas exigencias para a admissão de alumnos, com resultados verdadeiramente desastrosos. O programma de habilitação exigido para o ingresso no primeiro anno da Escola Luiz de Queiroz seria tolerado, ou admissivel, se se tratasse de uma escola intermedia ou secundaria, mas nunca de um estabelecimento que pretende diplomar engenheiros-agronomos.

Outro ponto que merece especial estudo pela parte dos nossos governos é o que diz respeito á admissão de alumnos nas escolas agricolas dos differentes Estados. Mal surgem pequenas exigencias do corpo docente, nas provas a que são submettidos os alumnos, começa a debandada, em busca de estabelecimentos menos rigorosos. Só assim se explica que antigos discipulos de Piracicaba, repetidamente reprovados, tenham conseguido diplomar-se com distincção em escolas de outros Estados não muito distantes. Parece-me que isto nunca deverá influir no espirito do corpo docente da Escola Luiz de Queiroz e que, em tempo opportuno, será reconhecida a utilidade desta norma de proceder e a Escola acabará por impôr-se em todo o paiz.

Não me parece que seja opportuno o momento para a criação de outras escolas de agricultura especializadas. Infelizmente, o nosso gráu de cultura e o desenvolvimento de S. Paulo não permitem ainda taes estabelecimentos. Creio indispensavel a installação de uma escola verdadeiramente superior, não apenas no rotulo, e a remodelação da Escola Luiz de Queiroz. Como typo de escola profissional agricola, existe uma, em Campinas, a cargo dos pa-

dres salesianos, que me parece desempenha a contento a função que lhe cabe. Escolas como essas, sim, deveriam ser dessemiinadas por todo o Estado, para a educação e preparo do trabalhador agrícola e chefes de cultura, sobretudo quando não vivem parasitariamente do erario publico.

Creio que ainda estamos longe de ver installadas escolas profissionaes agricolas para mulheres. Para um ramo da agricultura, já existe, de facto, um estabelecimento modelo para esse fim, o Instituto de Seda, tambem em Campinas. Profissionaes de reconhecida competencia conseguiram, num lapso de tempo incrivelmente curto, habilitar para todos os trabalhos da sirgaria mocinhas de familias operarias, daquella cidade; o mesmo poderia fazer-se para outras artes e industrias agricolas, como lacticinios, apicultura, etc. O que ha de mais admiravel no Instituto da Companhia de Seda Nacional, de Campinas, é a adaptação perfeita do trabalho especializado ás condições do nosso meio, com resultados que excederam á expectativa dos mais optimistas.

Não acredito na necessidade, no momento, de instituir escolas regionaes, secundarias, destinadas ás necessidades agricolas especificas de cada região, assim como receio muito que o ensino agrícola não possa ser devidamente estimulado, nem attrahida para elle a iniciativa particular, emquanto não organisarmos estações agronomicas e laboratorios de pesquisas agricolas, perfeitamente aparelhados.

Felizmente, o actual governo pensa em dotar S. Paulo de um Instituto que, pela direcção que lhe vae ser dad-

poderá hobrear com os melhores do estrangeiro e vae collocar a nossa agricultura ao abrigo de surpresas desagradaveis, como as da praga cafecira.

S. Paulo vae ter, finalmente, a sciencia a serviço da agricultura. Estou certo de que ninguem deixará de applaudir calorosamente essa obra patriótica e cuja falta sempre se fez sentir. Se grandes problemas da nossa agricultura, como o da extincção da saúva, da lagarta rosada, da selecção do café, e muitos outros, tivessem sido entregues a homens da capacidade de Arthur Neiva, nós, certamente, não teriamos dado ao mundo o triste espectáculo de celebrar o primeiro centenario da nossa hypothetica independencia ainda escravizados ás formigas e pragas semelhantes. A riqueza da Hollanda vem das suas colonias e a prosperidade desta é mantida pelas innumeradas estações experimentaes agricolas, sempre a cargo de notaveis technicos e cientistas de fama mundial. Todos os paizes têm as suas grandes culturas amparadas e defendidas por institutos e laboratorios de primeira ordem, ao passo que S. Paulo está ainda completamente desprotegido, com a sua lavoura cafeeira exclusivamente a cargo da Divina Providencia...

O desprestigio dos agronomos brasileiros é consequencia natural e logica deste estado de coisas, que não melhorará enquanto S. Paulo não proceder á remodelação completa do seu ensino agricola, dando-lhe como complemento indispensavel a criação de um centro de pesquisas nos moldes dos que existem nos paizes mais adiantados do mundo, ou, se possivel, melhor ainda”.

O QUE PENSA O SR. J. MELLO MORAES

Ensino de acanhado desenvolvimento. — O problema da formação de seu pessoal docente. — Em favor do duplo principio do «self-supporting» e da adaptação ás necessidades regionaes. — O ensino agronomico, factor de transformação da industria agricola. — Prevenções contra o ensino agronomico superior. — A Escola Luiz de Queiroz, instituto profissional superior. — O que são as «estações experimentaes» para o ensino agronomico — Como o oxygenio para os pulmões. — A necessidade de um instituto biologico e de defesa agricola — Em vias de ser convertido em realidade? — A educação popular rural por meio de escolas especiaes.

O sr. J. Mello Moraes, da Escola Agricola Luiz de Queiroz, de Piracicaba, é uma das nossas autoridades em chimica agricola, em que se aperfeçoou na Universidade de Halle, na Allemanha. Professor dessa materia a cujo ensino soube imprimir um character experimental, é no laboratorio que se move, como em terreno proprio, o seu espirito de investigador methodico e seguro. Já são do conhecimento de todos alguns de seus trabalhos, divulgados pela imprensa, como o exame chimico da terra do noroeste, com a hypothese explicativa de sua fertilidade e as pesquisas sobre o papel de eucalypto. Se esses estudos, que sua modestia não pôde esconder, não chegam a dar a

medida de sua capacidade de investigação e de trabalho, já bastaram para lhe accrescentar, ao renome de professor, essa reputação, serena e solida, dos homens de laboratorio.

Mas, o convívio com a cultura allemã lhe accentuou, com o pendor para a sciencia, o sentido da especialisação, sem lhe arrefecer o gosto das idéas geraes. O interesse que revela pelas questões de ensino e o prazer que experimenta em informar-se sobre uma nova ordem de idéas, constituem prova de que não se circumscreve, nas fronteiras de sua especialidade, o seu campo de visão e curiosidade intellectuaes. Espirito claro, sem vestigios de dogmatismo e de paixão, é do ponto de vista pratico que procura analysar as coisas sujeitas á sua critica. O que não o impediu de pensar com amargura na lentidão dos progressos do ensino profissional agricola. A sua opinião esclarecida mantém-se, como se verá, tão afastada de concepções chimericas em que ás vezes se reencontra, extraviado, o romantismo de outros tempos, como desse criterio estreito que acaba consagrando a rotina sob o pretexto de não perder de vista a realidade.

1) Qual a sua opinião sobre o nosso ensino technico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação scientifica do seu pessoal docente, como no seu acanhado desenvolvimento, não está longe de corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes?

— Embora o veja através do prisma da mais larga e dilatada benevolencia, sou levado a reconhecer que o

nosso ensino technico e profissional deixa muito e muito a desejar.

E nem poderia ser de outra maneira.

Onde se fez da escola primaria, do saber ler e escrever, fim da instrucção popular, não era de esperar que surgisse quem fizesse, como Jules Destré, no Ministerio da Instrucção da Belgica, de "l'Enseignement", em todas as suas modalidades, "soit libre, soit officiel, une grande interprise nationale" e se impuzesse a tarefa de nos legar, em grande numero e em pleno e promissor florescimento, estabelecimentos encarregados de ministrar educação technica e profissional aos que não podem, nem poderão trilhar o caminho que os levaria ao ensino superior.

Por isso, o que nos acontece é que grande parte do elemento nacional fica, em certa quadra da juventude, ao Deus dará, sem ter para onde ir afim de buscar conhecimentos que lhe abram ensanchas de permanecer de pé na vida, á altura de ser procurado pelo industrial, pelo constructor ou pelo proprietario agricola, por todos emfim, como o auxiliar que se não dispensa e cuja cooperação é recebida com larga satisfação.

É bem de ver-se, porém, que esse estado de coisas não pôde continuar, pois preciso é que se encare o ensino de maneira que elle seja moldado, sobretudo com o objectivo de transformar a juventude de hoje na numerosa e diligente cohorte dos productores de amanha.

Paiz que não trate disso com decidida vontade traça a si mesmo o papel secundario que terá a representar no mundo, pois jamais se converterá em emporio capaz de

acudir ás necessidades dos demais... Produzir muito, a preços bem reduzidos é a bandeira desfraldada em todos os paizes que aspiram crescer e prosperar e, nessas condições, se esforçam e lutam para preparar pessoal habilitado, semeando a mão-cheias, em seus territorios, escolas onde seja ministrada educação technica e profissional.

Por isso, o mal mais grave que se depara no nosso ensino dessa natureza é o seu acanhado, exiguo desenvolvimento. Reparado esse mal e tratada com carinho a formação do seu pessoal docente, estou certo em que os outros defeitos, que encerram, estariam fadados a desaparecer mais rapidamente do que se suppõe e elle apresentar-se-ia á altura de corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes.

2) Não acha que as nossas escolas profissionaes, vivendo parasitariamente do erario publico, deveriam ser organisadas sob o duplo principio do "self-supporting" (a producção industrial pelas escolas) e de adaptação ás necessidades do trabalho agrícola ou industrial das regiões onde se installaram?

— Por certo. Sem a observancia rigorosa desse duplo principio jamais será possivel que se multipliquem e floresçam, em grande numero, as escolas profissionaes, pois em caso contrario augmentará sempre o numero das multiplas bombas de sucção que esgotam o erario publico.

Ellas são as que mais se prestam para prosperar, sem sombra de parasitismo.

E se assim não fôr, a escola profissional, sobre dificultar a sua disseminação, começa, por viver parasita-

riamente, e querer impor normas de trabalho que não são amoldáveis ás regiões onde ella abriu suas portas e se installou.

Quando isto succede, a escola profissional falliu, passa a ser um "bibelot" de luxo.

E' bom, porém, notar que quando organisadas nos moldes do "self-supporting" e de adaptação ás necessidades regionaes, soffrem, não raro, crises em que o poder publico se vê obrigado a soccorrel-as. E a crise é tanto mais accentuada quanto o funcionamento da escola seja mais perfeito.

E como tal asserto possa parecer algo de estranho, não será superfluo pôr em relevo que isto assim o é, em verdade, porque as escolas desse naipe ministram o ensino, mais retiram parte da seiva que as sustentam, do exercicio normal do trabalho praticado, principalmente, pelos alumnos mais adiantados. Mas acontece que esses alumnos, em se tornando mais ou menos senhores dos misteres a cujo aprendizado se lançaram, abandonam o estabelecimento, em consequencia das mil e uma offertas de collocção que lhes são feitas insistentemente. E a escola soffre, e é preciso que seja amparada. E ella soffre, porque é boa e porque se adaptou ás necessidades do trabalho local.

Feliz, porém, é o paiz cujas cellulas do ensino tecnico e profissional, graças a esse motivo, bradam e gritam por soccorro, pois nelle a industria vae de vento em pôpa e a agricultura está em florescimento primaveril.

3) Não reconhece que para a defesa e orientação scientifica da agricultura e transformação da industria agricola, temos de:

a) reorganizar, para lhe accentuar o caracter de instituto profissional superior, a Escola Agricola “Luiz de Queiroz”;

b) criar e organizar “em systema” estações agromômicas e laboratorios de pesquisas;

c) instituir escolas regionaes secundarias, destinadas ás necessidades especificas de cada região;

d) criar escolas de agricultura para ensino technico;

e) atacar o problema da educação popular por meio das escolas especiaes (escolas praticas ou fazendas escolas)?

— Em relação a ensino agronomico como factor de transformação da industria agricola, já me tenho extornado varias vezes e não me canso de dizer, no que respeita a S. Paulo, que a Escola Agricola “Luiz de Queiroz” deve ter tão accentuado caracter de instituto profissional superior que sobre elle não paire a minima sombra de duvida.

Desde que vi o que a Allemanha conseguiu fazer com a sua agricultura, graças, sobretudo, ao consorcio do seu ensino agronomico superior e de suas estações experimentaes, não posso deixar, um minuto sequer, de reconhecer que não se transforma a agricultura em um país senão sob o influxo de uma élite esclarecida que tenha, de facto, conhecimentos reaes sobre agronomia. A Italia, quando cogitou de realisar a sua transformação agricola, não desdenhou o exemplo allemão.

Em São Paulo, porém, ha uma manifesta prevenção contra o ensino agronomico superior e, em grande parte, essa prevenção é oriunda do que se fez com o fito de extinguir o curso de engenheiros agronomos que existiu, outróra, annexo á Escola Polytechnica. Após a extincção desse curso allegava-se, — e allegou-se até no Congresso de Ensino Agronomico levado a effeito em 5 de Maio de 1911, sob a presidencia de Assis Brasil, — que os por alli diplomados em agronomia se collocavam como funcionarios publicos e não se dirigiam para a exploração agricola.

Essa allegação é fantasticamente pueril. E assim o é porque, em primeiro logar, se é verdade que esses nossos primeiros engenheiros agronomos trataram de occupar logares technicos, principalmente na Secretaria da Agricultura, não é menos exacto que o governo, quando não teve mais brasileiros assim diplomados, se viu constrangido a buscar fóra, no estrangeiro, technicos para o preenchimento desses cargos. Em segundo logar, cumpre ponderar que Dafert esteve aqui e embora não tenha superintendido trabalhos culturaes de cafeeiro por conta propria ou de particulares, foi elle que no Instituto Agronomico traçou, mercê das experiencias alli effectuadas, e em consequencia de largo cabedal scientifico que possuia, normas praticas, que, modificando a rotina até então seguida, permitem hoje que não poucas propriedades sejam ainda utilisadas na producção economica do café. E de mais a mais, se o curso de engenheiros agronomos não desaparecesse, haveria de chegar um momento em que os seus di-

planiados não poderiam obter collocações officiaes, que são em numero restricto.

Outro fóco de alimento á alludida prevenção é que, ao se falar em escola superior de agricultura, suppõe-se que o curso ahi seja feito em aulas theoricas somente, de 45 minutos e nada mais. A realidade, porém, é bem outra, pois quem vê a “Luiz de Queiroz” com caracter de instituto profissional superior não deseja, por certo, que o ensino se effectue daquella maneira. Ensino agronomico, ensino scientifico de chimica, physica, geologia, botanica, etc. não dão resultados excellentes se não forem ministrados sob o governo de exercicios praticos. Que valerá um curso de chimica ministrado diante de um quadro negro e com o auxilio apenas de um giz? Nada, ou quasi nada, por certo.

Isto, porém, é difficil de ser bem comprehendido no Brasil, onde a geração actual, que pensa e occupa posições de destaque, foi educada por outro methodo e já se esqueceu dos inauditos sacrificios pessoaes que fez, após o abandono dos bancos academicos, com o fim de exercer com maestria a profissão que elegeu.

Apesar de toda essa prevenção, o certo é que a Escola Agricola “Luiz de Queiroz” atravessou o periodo de indecisão e venceu as mais fortes barreiras que lhe foram criadas. Acredito que dóra avante será difficil fazer-lhe perder o caracter de instituto superior que conquistou, transformando em realidade o desejo expresso e defendido em these escripta por C. Smith, no 1.º Congresso de Ensino Agronomico, realisado em S. Paulo.

Por isso, não duvido que, em havendo, como ha, boa vontade por parte dos professores, a "Luiz de Queiroz" cooperará grandemente para defesa e orientação scientifica da agricultura paulista, e, notadamente, na transformação da industria agricola.

E' bom, porém, e desde já, ficar bem assignalado que ella só não basta para attingir esse objectivo e é indispensavel, antes do mais, que se fundem estações experimentaes e um instituto biologico e de defesa agricola.

Este instituto, como é sabido, está em vias de ser convertido em realidade, e como a sua organização é presidida por Arthur Neiva, tenho a mais absoluta certeza de que elle ha de ser modelar e perfeito.

E as estações experimentaes, annexas a elle, ou independentes, precisam surgir em São Paulo, pois ellas são para a agricultura e para o ensino agronomico, sobretudo o secundario e technico, o que o oxygenio do ar é para os animaes.

Sem estações experimentaes é inutil querer que se implante com resultados satisfactorios, em qualquer paiz, ensino agricola adequado ás necessidades locais. É impossivel, porque são essas estações que, valendo-se dos profissionaes sahidos dos institutos superiores, traçam regras que se ajustam á pratica agricola de cada região e que permitem que nos cursos de agricultura se prepare, de facto, pessoal habilitado para, em deixando a Escola, ser capaz de tirar da terra o maximo de rendimento que ella póde fornecer.

A influencia das estações experimentaes, bem dirigidas é claro, é tão real que não me furto ao desejo de mencionar aqui um caso concreto: nas divisas do municipio de Piracicaba com o de Tieté ha uma fazenda — “Olho d’Agua”, da familia Rodrigues de Moraes e superintendida por um dos co-proprietarios, sr. Benedicto Rodrigues de Moraes. Allí, e de longa data, se faz a adubação com esterco de curral composto e palha de café, de accôrdo com o que foi preconizado por Dafert, para solos não completamente esgotados. Resultado: é a fazenda que tem producção mais elevada por estas redondezas. Depois de percorrel-a detidamente, dizia-me um dos agronomos da Associação Salitreira do Chile: — o “Olho d’agua” não é fazenda; é um brinco.

Mas Dafert foi-se embora, naturalmente porque, na occasião, o julgaram inutil e o Instituto Agronomico não chegou a mostrar o que devia ser e, por isso, não mais se cuidou de estações experimentaes, nem de pesquisas. O resultado não se fez esperar: — São Paulo não tem variedade fixa de algodão, vê a sua cultura assucareira reduzida a frangalhos e, com a quêda da producção de café em certos municipios, não é difficil prever que surgirão outras zonas, onde vegetem as cidades mortas de Monteiro Lobato...

Com a Escola Agricola “Luiz de Queiroz”, estações experimentaes e de pesquisas, instituto biologico e de defesa, poder-se-á, em relativo curto espaço de tempo, modificar inteiramente a nossa situação actual, provocando seguras mudanças na exploração agricola.

É, porém, de maxima importancia que essas estações experimentaes se ponham em activo entendimento com os agricultores da região, onde se installarem, como Dafert quiz fazer, no Instituto Agronomico e que a "Luiz de Queiroz" abra e franqueie varias de suas secções a todos quantos queiram aprender o que alli se pratica.

E querem vêr como se conseguirá isso, nesse estabelecimento? É facil: ha alli um apiario. Seja elle ampliado e comece a funcionar com character industrializado, mostrando bem claramente que o agricultor tem, na abelha, uma fonte de renda. Dê-se-lhe um encarregado que se interesse, de facto, pela industria do mel e da cêra e fomente a criação de abelhas pelos innumerous pequenos agricultores do municipio de Piracicaba. Assim, estou certo, ha de se vêr que, em breve, o municipio alludido emparelhará, nesse ponto, com certa região do de Santa Barbara. E a esse apiario, por certo, accorreriam filhos de agricultores, com o fim de aprender a lidar com abelhas. É que se fala que o apiario dá lucros, e quem é que não precisa ganhar dinheiro?

De forma analoga se procederia com relação á leiteria.

Era funcionando assim que Armando Negraes desejava a Escola Agricola, a querida escola, como elle dizia.

É tambem vasado nesses moldes que não titubeio em affirmar, sem rodeios, que se ataque, em São Paulo, a educação popular por meio de escolas especiaes e fazendas-escolas e se instituam escolas regionaes e technicas, pois só assim raiará uma primavera em flor para a nossa industria agricola.

O PARECER DO SR. DR. ROBERTO MANGE

O papel da mecanica na civilização industrial. — Importancia do ensino profissional mecanico. — Estatistica eloquente. — As escolas mecanicas de que necessitamos. — A educação do caracter e o exercicio das profissões ligadas á mecanica. — Pela função industrial da escola. — Não pela sua completa «industrialisação». — Adaptação ás necessidades locais da industria. — Elementos fundamentaes do ensino technico. — Falha grave, de verificação diaria. — O probléma da valorização technica do «elemento nacional». — A selecção profissional pelos methodos psychotechnicos. — Os cursos populares de instrucção technica.

Para quem conhece de perto ou apenas visitou a Escola Profissional Mecanica, do Lyceu de Artes e Officios, o depoimento de hoje, sobre este ramo de ensino, tem duplo interesse. Já bastava para revesti-lo de autoridade, ser de um especialista a mão que o traçou. Mas, elle não reflecte somente o pensamento do engenheiro mecanico, que tem prestado á Escola Polytechnica de S. Paulo, no exercicio do magisterio, o concurso de sua notoria capacidade. O que empresta á sua opinião, nesta materia, dobrado prestigio é o facto de concorrerem no dr. Roberto Mange o saber technico de um especialista em machinas e o espirito de organisação, positivo e lumi-

nos, a que se deve, em S. Paulo, a mais bella tentativa nos dominios do ensino profissional mecanico.

Embora de iniciativa privada e fundação recente, a Escola Profissional Mecanica tende, de facto, a transformar-se em paradigma das escolas desse genero. Não é obra de improvisação impellida, sem objectivo claro, ao capricho das circumstancias. É empreendimento que obedece, nos menores detalhes, a um plano de idéas seguras e precisas. Tudo o que alli se realiza, attinge, por isto, resultados certos como os que corôaram a execução, pela primeira vez entre nós, dos methodos de selecção profissional baseados na psychologia e physiologia applicadas ao trabalho. O parecer de hoje é do director dessa escola, engenheiro mecanico, que transporta para as suas opiniões, vivas e cortantes, essa precisão de que se adquire o gosto e o habito no convívio das machinas.

“Accedendo ao convite para o presente inquerito, restringiremos as nossas considerações exclusivamente ao ensino profissional mecanico.

As profissões ligadas á mecanica constituem por si só um grupo de actividades tão extensas e variadas no desenvolvimento moderno da sociedade, que certamente offerecem assumpto digno de especial attenção.

É indubitavel o papel saliente da mecanica, desde as mais insignificantes funções caseiras na nossa vida diaria até os vultosos empreendimentos industriaes e os do trafego e da viação. Temos portanto de reconhecer a somma de alta responsabilidade que cabe aos homens de

profissões relacionadas com a mecânica na construção, instalação, manutenção e manejo dos elementos mecânicos indispensáveis ao nosso surto económico, industrial e social, e daí a imprescindível necessidade de um ensino técnico-profissional acurado e rigoroso.

1) Qual a sua opinião sobre o nosso ensino técnico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação científica do seu pessoal docente, como no seu acahado desenvolvimento, não está elle longe de corresponder ás nossas necessidades técnicas, industriaes, agricolas e sociaes?

— O extraordinario desenvolvimento do Estado de S. Paulo na agricultura e na industria criou innumeradas empresas mecanicas de certo vulto e elevado numero de officinas mecanicas de concerto.

Baseando-nos em dados fornecidos por industriaes e em relatorios de Estradas de Ferro, pudemos, ha cerca de 2 annos, estabelecer uma estatistica aproximada pela qual avaliamos em 30.000, no minimo, os operarios das industrias mecanicas do Estado. Averiguamos tambem que cerca de 35 % desses operarios são officiaes mecanicos ou sejam 10.000 no Estado de S. Paulo. Considerando 30 annos como tempo médio de trabalho de cada official, torna-se necessario formar annualmente 330 novos officiaes, isto é, 3 1/3 % de 10.000, e isto apenas para conservar a classe, sem preoccupações de expansão futura.

Tendo em conta essa provavel expansão das industrias, bem como o desfalque produzido por mudançãs para

fóra do Estado, incorporação a estabelecimentos de ramo differente e outras causas, pôde-se estimar em 5 % o indispensavel reforço annual da classe.

Adoptando o curso de 4 annos seriam necessarias escolas profissionaes mecanicas para mais de 2.000 alumnos, diplomando 500 cada anno. Ora, esses 500 aprendizes que annualmente deveriam ser formados officiaes constituindo o reforço periodico das industrias mecanicas, não encontram, em numero sufficiente, escolas capazes de preparal-os ao officio. A maior parte desse contingente é de aprendizes ensinados praticamente nas officinas das empresas mecanicas, sem preparo basico theorico e sem methodo racional, ou operarios vindos de fóra que se dizem formados, mas de cujo preparo é licito duvidar em muitos casos. Assim, admittindo que as poucas escolas profissionaes com secção para mecanicos que existem entre nós correspondam perfeitamente aos seus fins, pôde-se asseverar que o ensino profissionall mecanico no Estado de S. Paulo é, “pelo seu acanhado desenvolvimento”, insufficiente e “não corresponde ás necessidades technicas e industriaes”.

2) Que têm feito e que podem fazer as nossas escolas profissionaes para desempenhar a funcção que lhes cabe, de apparellhar o elemento nacional para as actividades technicas e de exercer acção social e economica, incentivando e protegendo o trabalho agricola e as industrias locaes?

— Nas profissões ligadas á mecanica, a deficiencia de conhecimentos technicos, a falta de cuidado e exactidão

no desempenho do officio podendo ter consequencias das mais desastrosas — attentatorias da segurança individual e collectiva — necessario é, para defesa da sociedade, que a escola profissional mecanica se esmere na educação do character do aprendiz. Talvez mais que qualquer outra essa escola tem o dever de orientar a individualidade do alumno para o trabalho disciplinado e consciencioso, habituando-o a assumir cabal responsabilidade de suas funcções. O operario de hoje não se restringindo mais á producção material, tem de ser tambem cidadão esclarecido, consciente de seus deveres, tem de possuir os predicados essenciaes ao quinhão de encargos que lhe toca na vida da sociedade.

De accôrdo com a orientação psycho-physiologica do trabalho á escola profissional incumbe como o mais elemental dever — desvendar nos que a procuram a existencia ou a deficiencia de aptidões para evitar tanto quanto possivel, perda de tempo e desperdicio de energia numa aprendizagem inadequada ou na adopção erronea de officio. Conhecidas como são as vantagens da selecção profissional e o consequente augmento de eficiencia industrial, assume essa questão importancia maxima desde o inicio da formação do artifice. Ahi intervêm as provas psychotechnicas já tão introduzidas em outros paizes.

Apuradas as aptidões e formados assim grupos homogeneos, deve-se cuidar do desenvolvimento dessas aptidões pelo ensino methodico e racional em que os conhecimentos basicos de theoria se desenvolvam parallelamente com o trabalho pratico.

Eis ahí em linhas geraes a orientação que, segundo nossa opinião, devem ter as escolas profissionaes mecanicas para bem corresponderem aos seus fins.

3) Não acha que as nossas escolas profissionaes, vivendo parasitariamente do erario publico, deveriam ser organisadas sob o duplo principio do “self-supporting” (a producção industrial pelas escolas) e de adaptação ás necessidades do trabalho agricola ou industrial das regiões onde se installaram?

— Julgamos imprescindível a funcção industrial da escola, já por proporcionar assim aos alumnos o meio de executar trabalhos realmente uteis que incitam o seu interesse, já por permittir á escola obter recursos em auxilio de sua manutenção. Não nos esqueçamos porém que o ensino deve ser o mais rapido e methodico possível para attingir sua plena efficiencia, não podendo portanto ser abafado no seu desenvolvimento pela funcção industrial. A industrialisação completa da escola (“self-supporting”) viria introduzir no ambiente de estudos a “luta pela vida”, viria prejudicar o desenvolvimento das aptidões e capacidades; seria manietar o principio da successão methodica dos trabalhos. Por essas razões, pensamos que a escola mesmo dispondo de recursos oriundos de sua propria producção não póde dispensar um fundo pecuniario que lhe sirva de base.

Não só a funcção industrial da escola como tambem a orientação do seu programma tecnico de ensino se deve adaptar ás necessidades locais da industria. Dahi resul-

tam a utilização immediata pela industria dos officiaes formados e a facil collocação dos productos fabricados nas officinas de aprendizagem. Essa adaptação conduz a uma real cooperação de vantagens mutuas entre industriaes e escola.

4) Que se tem feito de efficaz para disseminar intensamente desde a escola primaria e adaptar á indole e aos costumes do povo e aos materiaes particulares do meio, o trabalho manual e o desenho, como elementos basicos de educação profissional?

— Não nos cabe responder de modo geral a esta pergunta. Estamos certos, porém, de que grandes vantagens decorreriam da cultura intensa do trabalho manual e desenho desde a escola primaria.

O trabalho manual é incentivo de alto valor á actividade dos jovens, estimula o gosto profissional, revela aptidões, facilitando assim a escolha da profissão e vem dar, em particular ao futuro aprendiz mecanico, aquellas noções elementares que nas condições actuaes lhe faltam quasi totalmente.

De igual beneficio como preparação para a sequencia do ensino especializado, seria o real desenvolvimento do desenho desde os primeiros passos escolares. Mas tal não se dá e essa grave falha, que diariamente verificamos, exige que a escola profissional se incumba de ensinar as bases de uma disciplina tão necessaria, sobre as quaes ella deveria poder contar de antemão.

5) Já não é tempo, -- para se lançar em bases solidas o ensino technico e profiissional, — de se tentar uma reforma radical do desenho em todas nossas escolas, segundo a suggestão de Ruy Barbosa:

a) “semeando o desenho imperativamente em todas as escolas primarias;

b) abrindo-lhe escolas especiaes;

c) fundando para os operarios escolas nocturnas deste genero;

d) assegurando-lhe vasto espaço no programma das escolas normas;

e) reconhecendo ao seu professorado a dignidade que lhe pertence no mais alto grau de escala docente;

f) e reunindo toda essa organização num plano coheso, mediante a installação de uma escola superior de arte applicada”?

— Sem falar na funcção artistica do desenho, elle é, em synthese, um meio de transmissão de concepções, meio de tão poderoso alcance que bem poucos são os homens que delle não lancem mão ou ao menos tentem utilisal-o na sua actividade profiissional ou particular.

O desenho melhor e mais facilmente illustra certas constellações de idéas do que mesmo a propria linguagem. É de tão vasta applicação, está tão intimamente ligado á actividade humana que forçoso é admittil-o como indispensavel auxiliar e collaborador de innumeradas profiissões.

Somos, por isso, francamente partidarios dos alvitres ennumerados no quesito acima.

No que concerne ao ensino profissional mecânico — nosso objectivo especial neste depoimento — diremos ainda que, propugnando pelo methodo de trabalho de officina executado sempre á mão de um desenho, desde o primeiro dia de escola, consideramos essa disciplina, que guia o official mecânico no seu trabalho quotidiano, como elemento fundamental de ensino.

Os que trabalham na industria mecânica sabem o grau de heterogeneidade dos modos de desenhar que ora ainda se apresentam na nossa mecânica. Urge, nesse particular, simplificar e “standartisar”, ter um methodo só, de adopção geral, o que viria eliminar uma das causas de defficiencia de rendimento na nossa industria mecânica.

Ora, é ás escolas profissionaes mecánicas que cabe o dever de introduzir taes methodos uniformisados, de acôrdo com os já acceitos em varios paizes.

Foi, aliás, com essa orientação que, em 1925, julgamos opportuno editar uma “collecção de modelos para desenho de machinas” acompanhada das indispensaveis instrucções sobre o methodo de desenho, calculo e construcção.

6) Temos procurado de alguma forma valorisar o “elemento nacional” por meio de cursos e escolas technicas especializadas (chimica industrial e agricola, metallurgia, electricidade, mecânica, etc.), que lhe abram novos horizontes economicos, em concorrência victoriosa com o estrangeiro e lhe dêem o gosto e a tendencia das actividades technicas?

— Existem de facto no Estado de S. Paulo diversos estabelecimentos de ensino especializado, uns officiaes, outros de iniciativa particular, mas a prova de que o elemento nacional não se acha bastante valorizado nós a temos na tendencia, infelizmente tão generalizada, de se preferir o operario estrangeiro ao nacional. E convem notar que esses homens que se põem de lado têm apreciaveis qualidades fundamentaes de character e indiscutíveis aptidões para o trabalho, faltando-lhes apenas uma orientação segura, perseverante e methodica que lhes venha abrir novos horizontes e incital-os á actividade.

Fazendo abstracção do ensino primario, cabe aos industriaes, aos engenheiros, aos agricultores a tarefa, talvez um tanto ardua no inicio, de attrahir de preferencia o brasileiro e antes guial-o com paciencia do que afastal-o, sujeitando o paiz á dependencia do estrangeiro. Será pelo maximo aproveitamento do elemento nacional que elle poderá entrar em concorrência victoriosa com o estrangeiro.

7) Sendo problema basico a formação de pessoal docente de escolas technicas, tratando-se sobretudo de materias especiaes, não é falha gravissima não termos ainda uma “Escola tecnologica para professores”, em que possam os candidatos a esse magisterio adquirir os conhecimentos technicos em artes industriaes par a par com a orientação pedagogica indispensavel ao exercicio de suas funcções?

— No estado actual da industria em S. Paulo, não nos parece que se justificaria uma “Escola tecnologica para professores”. Comprehendemos tal escola como um

curso complementar que se poderia annexar a estabelecimentos de ensino technico-industrial de grau medio, como os que existem nos paizes de grande industria, e que servem para formar sub-engenheiros, conductores de trabalhos, chefes de fabricação, etc. Institutos desse genero serão aqui fundados, necessariamente, logo que o desenvolvimento industrial do paiz lhes venha garantir candidatos em numero sufficiente para secções especializadas de diversos ramos: industria textil, mecanica, ceramica, etc.

Certo é que a formação de um quadro de professores para as escolas profissionaes é tarefa bem difficil de realisar. Esses auxiliares do ensino profissional, a par do saber technico e theorico (obtido em escolas de grau medio ou superiores) e das aptidões pedagogicas, devem possuir, como condição essencial, um profundo conhecimento do trabalho da profissão adquirido em efficiente pratica industrial. Somos de opinião que este ultimo requisito é de summa importancia e que, ao menos em relação ao ensino profissional mecanico, se deve procurar “na industria” a maior parte do professorado.

8) Já se pensou porventura entre nós em adoptar nas escolas profissionaes as “provas psychotechnicas” e em organizar-se, como é necessario, um “Instituto de Psychotechnica e de Orientação Profissional”, para encaminhar á solução pratica em cada caso o problema de orientação e selecção profissional?

— Ha muito que nos preocupamos com o estudo dessas questões, e desde 1924, nos batemos pela adopção

dos methodos psychotechnicos para a selecção profissional, de cujos resultados já não é licito duvidar e que julgamos de todo opportuna e necessaria ao nosso meio.

A Escola Profissional Mecanica do Lyceu de Artes e Officios já realisou, com a collaboração do Instituto de Hygiene, diversas provas psychotechnicas de aptidão para aprendizes mecanicos, com bons resultados verificados pelo illustre scientista o professor Piéron, que ha pouco nos visitou.

Está no nosso programma, ampliando a modesta apparellagem de que dispomos, fundar um Laboratorio de Psychotechnica, para as profissões ligadas á mecanica, logo que o permittam os recursos pecuniarios da Escola Profissional Mecanica, infelizmente ainda muito escassos.

Creemos que, realisada a selecção profissional em diversas industrias, por meio de provas psychotechnicas, ter-se-á á mão elementos de indiscutivel valor para a organisação efficiente de um Instituto de Orientação Profissional — tarefa, aliás, da alçada do aparelho escolar official.

Não nos consta que tenham sido adoptadas em outras escolas profissionaes provas psychotechnicas, embora se note por esse assumpto um certo interesse nos nossos meios cultos e já haja algumas applicações no ramo pedagogico propriamente dito.

9) Como constituir em São Paulo um grande fóco director e irradiador de expansão de arte applicada, servido de um laboratorio de tecnologia e de um museu de documentação de arte industrial?

— Não ha duvida que um empreendimento desse genero, favorecendo a divulgação da arte applicada e desenvolvendo o gosto nas classes populares, viria prestar um serviço de grande alcance social.

Existe já em S. Paulo, perfeitamente organizado, um centro de arte applicada que, se não possui um museu, mantém constantes exposições de trabalhos de uma execução perfeita e que muito honram o ensino profissional alli ministrado. Refiro-me ao Lyceu de Artes e Officios que — salvo melhor juizo, — bem poderia ser aproveitado como ponto de partida para esse fóco irradiador.

Ideamos para a solução desse assumpto a criação de um apparelho director que divulgasse as noções de arte applicada e incentivasse o seu desenvolvimento, fundando museus, centros de aperfeiçoamento profissional e de conferencias educativas, promovendo visitas de escolas a fabricas e outros estabelecimentos que possam proporcionar conhecimentos de officios e artes, etc.

Esse centro director de arte applicada deveria ser necessariamente official e poderia constar de uma commissão composta dos representantes do governo, de membros do ensino profissional e delegados da industria.

Seria ainda incumbencia dessa commissão uniformisar os methodos de ensino profissional, nas suas diversas modalidades, e pô-lo em relação intima com a industria.

10) Que pensa da organização de centros populares, nocturnos, agricolas e industriaes para ministrar:

a) “rapido ensino technico elementar;

b) instrução pratica em pequenas industrias domesticas e locais;

c) cultura geral por meio de projecções, demonstrações praticas e conferencias;

d) e para fomentar o "espirito cooperativo" entre alumnos, por meio de associações productoras, para a exploração de industrias aprendidas na escola?"

— Estamos de accôrdo em relação ás letras "a" e "c", o que, aliás, já está sendo em parte realisado, entre outros, pelo Lyceu de Artes e Offícios com cerca de 1.200 alumnos e pela Escola Profissional Masculina.

O ensino technico elementar ministrado em cursos que, nocturnos ou não, deixem livres as horas de trabalho em officinas proporciona grandes vantagens aos que, já não podendo frequentar escolas, têm contudo necessidade de completar ou refazer conhecimentos profissionaes. E esse facto é de tanta importancia social, de tão relevantes consequencias para a industria, que todo o aparelho de ensino profissional desprovido de taes cursos — largamente aberto aos operarios — seria incompleto e defeituoso.

A Escola Profissional Mecanica do Lyceu de Artes e Officios já conseguiu que alguns dos nossos industriaes mantenham alli um curso de aperfeiçoamento especializado para os seus aprendizes o que veio supprir em parte, o desiderato da Associação dos Industriaes Metallurgicos quanto ás escolas de aperfeiçoamento.

Muito seria de desejar que a esses poucos cursos de ensino tecnico elementar fosse proporcionada maior expansão, synthetizada na fundação de outros institutos similares. Nesse sentido, reaes serviços viria prestar o "Centro director de arte applicada" a que acima nos referimos.

O DEPOIMENTO DO SR. THEODORO BRAGA

A desorganisação do ensino tecnico e profissional. — Corpo docente sem preparo tecnico. — Escola para formação de mestres. — A escola e a vida. — Officios renegados, por que mal aprendidos. — A preferencia para os technicos estrangeiros. — Quanto á producção industrial pelas escolas. — Os trabalhos manuaes e o desenho: base da educação profissional. — O que é o ensino do desenho, nas escolas profissionais... — O que deveria ser. — O ensino do desenho e os motivos nacionaes. — A riqueza de suggestões na flora e na fauna, na ceramica indigena e no folklore brasileiro. — Basta de estampas importadas e de modelos estrangeiros. — Quando se organizará em S. Paulo um fóco de expansão de arte applicada?

De toda a obra e actividade do sr. Theodoro Braga, a que desperta maior interesse e traz o cunho mais forte das coisas duraveis é a que se prende á "nacionalisação" do ensino do desenho. O conhecido professor comprehendeu cedo que nunca teremos "arte industrial" enquanto não pairar sobre ella, como uma divindade tutelar, aquecendo-a á chamma de sua inspiração, o espirito da terra, com a sua natureza, seu povo e suas tradições. Por isto, pintor, especializou-se em trabalhos de estilisação da fauna e flora nacionaes e de motivos indigenas, tendo em vista a sua applicação, como padrões e modelos, á indumentaria, á

tapeçaria, á cerâmica e á decoração. Ainda está viva, em todos os que a visitaram, a lembrança de sua ultima exposição, onde figuravam, dominando-a como suggestões ás artes de ornamento, lindas aguarellas, de themes colhidos na natureza brasileira e nos documentos da cerâmica indigena, da ilha de Marajó.

O professor fez, porém, da arte e das tendencias do pintor um apostolado que exerce ha muitos annos. O artista que realisa, apparece nesses trabalhos evocativos de experiencia analytica e de estudos minucioso e preciso, de mãos dadas com o professor que prega a nacionalisação das artes do desenho. O mestre doutrina e divulga; o decorador intervém, para "documental-o", imprimindo á sua opinião quente de propagandista a força communicativa que vem do exemplo... O exemplo, aliás, — a sua "documentação artistica", — fala com muito mais vigor do que sua palavra cuja autoridade, sobre o ensino do desenho e de arte industrial, não provém apenas da obra que realizou. Tem ainda, a prestigial-a, a amarga experiencia pessoal que adquiriu sobre o ensino profissional do paiz, na direcção de estabelecimentos escolares, dessa natureza.

1) Qual a sua opinião sobre o nosso ensino tecnico e profissional? Tanto na sua organização, nos seus fins e na formação scientifica do seu pessoal docente, como no seu acanhado desenvolvimento, não está elle longe de corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes?

— Antes de tudo devo salientar que, sendo tão exiguo o espaço para externar a minha opinião sobre as patrióticas e interessantissimas perguntas, feitas neste questionario, ella se resentirá, talvez, na sua clareza, do pouco espaço que me foi dado para desenvolvê-la. Desta questão do ensino technico profissional já venho tratando, desde muito tempo, não só em revistas e jornaes como nas minhas publicações. Materia de minha predilecção e de summa importancia, sinto prazer, sempre que se me offerece oportunidade, de retomar o fio de assumpto tantas vezes cortado por occupações de outra ordem.

O ensino technico-profissional entre nós, com o seu tardio e insignificante desenvolvimento, tem contado mais com o trabalho e iniciativa particulares do que com o real interesse dos governos preocupados em reformas e contra-reformas que tudo complicam e embaraçam, impedindo a verificação de seus resultados. Incontestavelmente, uma das causas preponderantes para o insuccesso do ensino technico-profissional é a falta de formação technica de que se resente o corpo docente, seja o de professores sahidos das Escolas Normaes, sem o devido conhecimento technico, seja o dos mestres de officinas sem educação pedagogica; aquelles, com illustração, insufficiente para o meio tão diverso para o qual foram chamados a servir, e estes, apanhados assim, na maioria, imbuidos de preconceitos e dominados pelo empirismo, sem ao menos possuir conhecimentos rudimentares acerca das materias que constituem o seu officio.

Falta-nos uma escola para formação de mestres. De tudo isto se depreheende logicamente o acanhado senão quasi nullo desenvolvimento do ensino tecnico profissional, que não corresponde de modo algum ás nossas multipas necessidades. Porventura já se organisou um quadro estatistico dos que, tendo passado pelas nossas escolas profissionais, têm vivido e vivem á custa das profissões aprendidas? e dos que, na maioria, têm procurado, na burocracia, seu “modus vivendi”, renegando assim o officio que mal aprenderam?

Já é tempo de se formar e aperfeiçoar o operario brasileiro; educal-o afim de que um dia a sua intelligencia esteja dentro de sua obra e esta represente alguma coisa de sua patria. A escola profissional deverá ser uma officina de vida intensa e de orientação moderna; forja onde se temperem a alma, o cerebro e o corpo, resultando de uma successão de constantes esforços um desenvolvimento tal que possa plenamente corresponder ás nossas necessidades technicas, industriaes, agricolas e sociaes. Como está actualmente, sem unidade e sem orientação, não é mais que duplo e inutil despendio de dinheiro e de esforços.

2) Que têm feito e que podem fazer as nossas escolas profissionais para desempenhar a função que lhes cabe, de aparelhar o elemento nacional para as actividades technicas e de exercer acção social e economica, incentivando e protegendo o trabalho agricola e as industrias locais?

— A luta formidável pela vida, cada vez mais desmedida, em que a concorrência exige, por toda a parte, um apuramento incessante de aptidões em qualquer ramo de actividade, quando levas de operarios especializados invadem o nosso paiz, trazendo os mais variados conhecimentos technicos, não tem despertado em nossos dirigentes a devida attenção para esse nosso grande problema economico e social. O que se tem feito nas nossas escolas profissionaes; com raras excepções e estas principalmente em relação ás femininas, dentro e fóra do Estado, resente-se dos mais graves defeitos no desempenho da funcção que lhes cabe, bastando, para confirmal-o, dirigir o olhar attento para as escolas de aprendizes artifices espalhadas pelo paiz, para se ver como ellas e outras se arrastam dentro da rotina e da desorganisação.

Como apparellhar o elemento nacional para a actividade technica se não ha a criteriosa escolha de docentes e preparo elementar de seus alumnos? Esse apparellhamento deve começar, desde já, pela organisação de um curso preliminar annexo ás escolas profissionaes e pela obrigatoriedade de preparação profissiona elemental na escola primaria, em escolas-officina para a pratica mais intensa do manualismo e iniciação em alguns officios. O que se deve fazer, quanto antes, é aproveitar os dois ou tres ultimos annos do curso primario (que já é de sete annos no Districto Federal, segundo a ultima reforma) para o estudo e investigação, por parte dos respectivos professores, das tendencias e vocações que cada um dos seus discipulos, individualmente, manifeste dentro daquelle ambiente de

estudos elementares que constituem base indispensavel aos cursos profissionaes primarios.

Tudo está por organizar. O problema é complexo mas urge resolvel-o, atacando com firmeza e criterio, desde a localização das escolas, até a sua organização nos menores detalhes, mas sem se forçar a uniformidade dentro de programmas de ferro e com um espirito novo inteiramente hostile ás influencias da rotina. Uma escola professional deve ser o centro de irradiação de actividades technicas dentro do ambiente que a circumda. Difficil não será por certo, — uma vez organisadas, como o devem ser, — que as escolas profissionaes possam um dia contribuir não só para satisfazer, em suas multiplas necessidades, á região onde se acham, mas para preparar a maioria dos seus habitantes proletarios, instruindo-os, educando-os e influindo social e economicamente, e, por isso mesmo, desenvolvendo a agricultura e as industrias regionaes.

3) Não acha que as nossas escolas profissionaes, vivendo parasitariamente do erario publico, deveriam ser organisadas sob o duplo principio do “self-supporting” (a producção industrial pelas escolas) e de adaptação ás necessidades do trabalho agricola ou industrial das regiões onde se installaram?

— Sou, por principio, contrario á exploração do trabalho da criança, como meio de produzir receitas, afim de repercutir, cá fóra, como progresso escolar e que, de facto, não é mais do que ensino pessimamente ministrado, constituindo a criança, que deve aprender, em mero instru-

mento inconsciente do mestre que empiricamente constróe. Sou da opinião que, após o curso escolar, se deverá conduzir o educando para o curso industrial que será o complemento, como que uma transição entre a escola, onde deve aprender gratuitamente e a vida, onde deve elle viver honestamente de seu nobre officio, conscio do que sabe e do que vale. Nada, pois, de encomendas que mercantilistem o espirito de quem aprende. É preciso que o educando, ao entrar na vida de responsabilidade, não saiba sómente fazer orçamentos elevados dentro do menor tempo de execução, sem arte nem elegancia.

A suggestão apontada é acceitavel, porém, como acima disse, depois de entrar o educando nesse curso complementar ou industrial, que é uma escola de continuação, exclusivamente destinado aos que completarem o curso profissional elementar e cujos fins seriam acostumar o novel operario a ter contacto com a vida exterior, auferindo ahi os lucros dos melhores conhecimentos referentes a seu officio e adaptando-o ás necessidades do meio em que vae exercer a sua actividade. Com estes requisitos, necessariamente, será elle mais tarde uma força, em collaboração com a escola, agindo em beneficio das necessidades regionaes.

4) Qual a verdadeira finalidade do ensino profissional para mulheres e do ensino profissional para homens, e qual o melhor plano especialmente adequado á finalidade procurada em escolas profissionaes, masculina e feminina?

— Penso que a verdadeira finalidade do ensino profissional é dar ao individuo determinada aptidão, por meio de uma educação que se irá especializando até aparelhal-o para o exercicio seguro e intelligente de um nobre officio, que, sendo-lhe util do ponto de vista individual, o torne o elemento de valor economico e social, dentro do campo de sua actividade.

Quem quer que se integre numa profissão, com todos os conhecimentos que lhe sejam necessarios, concorrerá, certamente, para melhorar as condições da vida, fazendo obra nacional, accessivel a todas as bolsas e a todos os gostos, sem receio da concorrência estrangeira, actualmente melhor aparelhada em conhecimentos theoreticos e technicos.

Infelizmente, não será neste tão apertado espaço, que se poderá traçar o melhor plano especialmente adequado á alta finalidade procurada em escolas profissionaes. Direi, entretanto, que seria melhor o plano que resultasse de estudo consciencioso de autoridades constituídas em commissões com responsabilidades publicas, com a unica preocupação de acertar e com os olhos postos apenas nas melhores organizações de escolas profissionaes, no mundo, e nas lições que ellas nos podem fornecer para criarmos obra original embora inspirada em fontes estrangeiras.

Já desde a escola primaria, o corpo docente deverá procurar despertar as vocações latentes, sobretudo nos tres ultimos annos, nas aulas-officinas. Concluindo o curso, separados os normaes dos que o não são, passariam aquelles para as escolas profissionaes com as suas tenden-

cias já sondadas senão definidas. Ahi o seu preparo e a sua idade facilitariam a tarefa da aprendizagem do officio escolhido na escola primaria, dividindo o seu dia de trabalho entre os estudos theoreticos-technicos relacionados com a profissão de sua especialisação e a pratica nas officinas, sob a orientação de seus mestres. O alumno passaria a frequentar, então, a escola industrial onde começasse a ter contacto com a vida de responsabilidade, já agora com a capacidade de produzir e de auferir, assim, o lucro correspondente ao seu esforço e á sua competencia e ao valor e á perfeição de sua obra.

5) Que se tem feito de efficaz para disseminar intensamente desde a escola primaria e adaptar á indole e aos costumes do povo e aos materiaes particulares do meio, o trabalho manual e o desenho, como elementos basicos de educação profissional?

— Infelizmente, todo esforço tem redundado inutil por ser precaria a base sobre que se exercita. O muito ou pouco que se tem feito nesse sentido, na melhor hypothese, tem sido trabalho perdido. Cada docente, bem ou mal, dá conta do seu recado, imposto pelo regulamento que rege o estabelecimento onde exerce suas funções, sem se preocupar com a finalidade da escola; preocupa-se o governo com os programmas e com a sua execução sem cogitar primeiramente da verdadeira orientação do ensino dessa materia; ha como que uma resistencia estranha e nociva contra a qual se esbarram, sem uma victoria, as tentativas das melhores reformas.

Os trabalhos manuaes e o desenho devem sempre constituir-se de elementos e motivos regionaes e iniciados na escola primaria, e alli ministrados e orientados como segura base da educação profissional. Infelizmente, porém, o que se vê, nessas escolas, com relação ao desenho que é alma propria da instituição, não é mais do que a servil e criminosa copia de ruins estampas estrangeiras, cortadas, recortadas e colladas em outros papeis estampados... Nada, absolutamente nada que fale á alma dos educandos, nada relativo á indole e aos costumes do povo de cuja massa saem os discipulos para esse aprendizado. O proprio material, differente de região a região, e particular ao meio onde vive e irá exercer o seu trabalho, é menosprezado em prejuizo de sua futura actividade.

Urge, pois, quanto antes, uma medida energica contra o que se faz oficialmente, á sombra do Ministerio da Agricultura, pelo professor contratado para projectar a reforma das referidas escolas, as Normaes, de Artes e Officios e demais estabelecimentos subvencionados. Pois bem, através de tantos erros que se commettem e oficialmente impostos por toda a parte, pergunto eu, como este quesito, que se têm feito de efficaz para dar ao povo os elementos basicos para sua educação profissional como sejam os trabalhos manuaes e o desenho?

Nada, absolutamente nada, senão o mais absoluto descaso, a mais criminosa irresponsabilidade, entregando-se não raro ao arbitrio autoritario de alguns, com prejuizo total para todos. Esquece-se o meio brasileiro para se impingir uma importação mal fabricada e nociva como

processo de ensino e até mesmo como instrumento educativo, num paiz de immigração, em que é absolutamente necessario extrahir de cada materia tudo o que ella con-tiver de capacidade nacionalisadora.

6) Já não é tempo, — para se lançar em bases solidas o ensino tecnico e profiissional, — de se tentar uma reforma radical do desenho em todas nossas escolas, se-gundo a suggestão de Ruy Barbosa:

a) “Semeando o desenho imperativamente em todas as escolas primarias;

b) abrindo-lhe escolas especiaes;

c) “fundando para os operarios escolas nocturnas deste genero;

d) assegurando-lhe vasto espaço no programma das escolas normaes;

e) reconhecendo ao seu professorado a dignidade que lhe pertence no mais alto grau de escola docente;

f) e reunindo toda essa organisação num plano coheso, mediante a installação de uma escola superior de arte applicada?”

— O assumpto deste quesito é de tão grande importancia que o espaço (sempre elle) para sua resposta cabal, infelizmente não comporta as considerações que desperta. Antes de tudo, para alcançar aquelle fim, forçoso seria atacar uma reforma radical de pessoas. O corpo docente da materia precisa ser renovado, para que o desenho seja ensinado, como deve ser, coim um forte e seguro conheci-

mento dos objectos através de sua forma apparente, com os seus caracteres varios para que saibam “ver”, dando á intelligencia a rapidez nitida de sentir e comprehender a proporção equilibrada dos corpos e seus detalhes, e á mão a segurança de fixar a impressão sentida e vista por um olhar intelligente.

Já profliguei a orientação errada do ensino de desenho ministrado nas escolas de aprendizes artifices; agora volto a combater o programma official desta materia, adoptado pela congregação do Collegio Pedro II, devendo sel-o por todos os demais collegios secundarios do paiz a elle equiparados, programma cheio de erros, omissões e inutilidades. Assim, pois, já é tempo de se tratar, devida e patrioticamente, do ensino technico-profissional começando por uma reforma profunda e racional do ensino de desenho, tornando-o obrigatorio em todas as escolas primarias, secundarias, normas e profissionaes, afim de que se possa realizar o ideal concretizado nessas suggestões e que não será difficil de realizar, mediante uma selecção rigorosa do professorado competente.

O desenho é unico; o que é preciso é que, além da honestidade do professor, envolva elle, com originalidade dentro do espirito brasileiro, o modelo nacional. Faz-se necessario sermos brasileiros em todas as nossas acções.

Só poderemos realizar aquellas cinco primeiras suggestões quando tivermos assentado os alicerces dentro da alma nacional; então difficil não será sobre elles construir a ultima das suas suggestões, uma escola superior de arte applicada, onde o commercio e as industrias nacionaes irão

buscar, das mãos dos operarios-artistas nacionaes daquella officina, as obras de arte e de conforto. Sosinho, venho, ha vinte annos, pregando, não a criação de uma escola superior, mas um nucleo onde pudessem artistas patricios collaborar nesse sentido, tirando de nossa flora, de nossa fauna, dos elementos decorativos da riquissima ceramica dos nossos extinctos indigenas, tudo o que pudesse constituir uma nota de brasileirismo afim de, estilizados, caracterisar os nossos productos e artefactos, marcando ao mesmo tempo as nossas origens, as nossas tradições, a nossa epoca, e, em uma palavra, o "nosso meio" tão rico de suggestões.

7) Não lhe parece que se deve estender a obrigatoriedade do ensino tecnico elementar e se deve impôr, para os que não recebem uma educação superior, "uma educação technica post-escolar, obrigatoria", profissional para os homens (de 14 a 18 annos) e domestica para mulheres (de 13 a 16) em escolas gratuitas de aperfeiçoamento (as "continuation schools", na technica ingleza)?

— O que se tem feito até hoje para o desenvolvimento desse ensino é uma grande mentira; mal orientado e pouco instruido, o operario nacional sae das escolas profissionaes, incapaz de defrontar o seu concorrente estrangeiro, quando não procura em outros meios estranhos á educação que recebeu, um obscuro logar onde viva annullado.

A escola primaria com o seu curso completo; a escola profissional como continuação daquella; a escola de aper-

feiçãoamento, ligando esta última á escola superior de arte applicada, eis o caminho traçado pela razão e pelo patriotismo afim de transformar o elemento nacional e habilitá-lo ao exercicio das mais difficeis e delicadas actividades technicas.

Com effeito, para os que a fortuna e a vocação guiam para os campos das letras e das sciencias, possui o paiz estabelecimentos superiores onde podem elles adquirir o necessario preparo, para desenvolverem com efficiencia a sua actividade dentro das profissões liberaes. Mas, para os que, por motivos multiplos, não tendem a qualquer dessas profissões, dever é do poder publico despertar aptidões, facilitar accessos, indicar os varios campos de acção, em torno á escola, obrigando, assim, o aprendizado do ensino technico-profissional, como meio de alcançar a felicidade individual e enriquecer o meio social.

8) Sendo problema basico a formação de pessoal docente de escolas technicas, tratando-se sobretudo de materias especiaes, não é falha gravissima não termos ainda uma “Escola tecnologica para professores”, em que possam os candidatos a esse magisterio adquirir os conhecimentos technicos em artes industriaes par a par com a orientação pedagogica indispensavel ao exercicio de suas funções?

— Existe no Rio de Janeiro uma Escola Normal Profissional de Artes e Officios, denominada “Wenceslau Braz”. Pela sua existencia de poucos annos, não deve ter tempo, penso eu, ainda de produzir os beneficos re-

sultados que della se devem esperar. Porém, se formos avaliar os resultados do seu ensino pela orientação que lhe tem sido imposta, então, preferido seria não termos tal escola, tão mal organisada tem sido ella.

Já era tempo de termos organisado, entre outras medidas de utilidade, um escriptuloso vocabulario illustrado de todos os termos technicos de uso nos officios ensinados, mas, em linguagem nacional, com os devidos esclarecimentos, applicações, significação, etc., iniciando com isto, entre as muitas escolas espalhadas pelo paiz, um ensinamento correcto dos vocabulos empregados e que, infelizmente, ainda continuam deturpados e em idioma estrangeiro.

Encarcerados num circulo vicioso, não poderemos iniciar uma obra duradoura e efficaz, porque não temos mestres para as nossas escolas, e não temos mestres para as escolas technico-profissionaes, porque não temos escolas para mestres, estabelecimentos especialmente organisados para formação technica dos professores.

Penso, pois, que uma instituição desse genero, uma Escola Normal ProfissionaI poderia abrir caminho ao rumo verdadeiro, desdobrando-se pelo Estado, em outros nucleos intensos de educação technica-profissionaI, se fosse entregue a sua direcção a mãos particulares. Os factos positivos ahí estão para constatar essa asserção categorica.

9) Como constituir em São Paulo um grande fóco director e irradiador de expansão de arte applicada, ser-

vido de um laboratorio de technologia e de um museu de documentação de arte industrial?

— De minha peregrinação pelo mundo de arte no estrangeiro e do que conheço do norte ao sul do meu paiz, sinto-me em condições de poder dizer, sem lisonjear, que a cidade de São Paulo poderá, sem grande esforço e dentro de tempo não muito longinquo, constituir esse grande fóco director e irradiador de expansão de arte applicada. Cidade rica, de população intensa e intelligente, metropole do trabalho, que lhe falta para isso? Que é o Lyceu de Artes e Officios de S. Paulo? Não é por ventura, no dominio das iniciativas privadas, a prova mais solida e exuberante desta minha asserção? Possuirá, por acaso, já não direi qualquer um dos Estados da União mas a propria Capital Federal, um estabelecimento, publico ou particular, que a elle tente nivelar-se? Trabalhando intensamente para satisfazer os seus innumerados compromissos, enriquecendo o paiz com uma producção artistica e optimamente acabada, ao mesmo tempo que educa enorme quantidade de crianças, o Lyceu não se preocupa em annunciar aos quatro ventos do paiz o quanto alli se trabalha, através de uma organização educativa e efficiente.

Por este exemplo pratico e pelo que já exista, em torno de nós aqui, de concreto, facil e logico é, pois, de concluir que São Paulo está indicado como o centro artistico do paiz, não lhe sendo difficil transformarse nesse centro director e irradiador de expansão de arte applicada, mas com o forte accento nacional, servido, como muito

bem pensa o quesito, desse laboratorio de tecnologia e de um museu de documentação de arte industrial.

Como constituir esse grande fóco? Em linha geral, apressando a realização de todos os ideaes sonhados nos quesitos que a este precederam, olhando as tendencias dos nossos operarios, sondando as nossas necessidades, satisfeitas até agora por elementos estranhos á nossa vida intima e sendo bastante patriotas para produzir, com intelligencia, obra nossa com material nosso, dentro de um ambiente de originalidade e de entusiasmo.

A OPINIÃO DO SR. PAIM VIEIRA

O «ambiente de improvisação» nos países americanos. — A falta de tradições de manufacturas. — A hereditariedade profissional. — Ensino que tenha por objectivo a utilidade. — Sem ostentação e sem artificio. — A parte moral do ensino tecnico. — A formação do caracter profissional. — Auto-censura no trabalho tecnico. — Contra o espirito de fancia na arte industrial. — O desenho, materia fundamental e disciplina do espirito. — O desenvolvimento do sentido esthetico. — Fóra com a arte de importação — A nacionalisação das artes applicadas.

Entre os nossos pintores, nenhum terá, como o sr. Paim Vieira, tão accentuado pendor pelas artes decorativas e tão generoso empenho em contribuir para o nascimento de nossas industrias de arte. Ainda agora trabalha intensamente no preparo de uma exposiçào de peças de ceramica, de sua concepção e execução, inspiradas na fauna e flora nacionaes e em materiaes do folklore brasileiro. Não que desconheça, na falta de alliança do artista e do industrial, um obstaculo em que se quebram os melhores esforços em favor das artes industriaes que tanto pedem á vontade dos artistas como á pericia dos technicos. Isto pôde ser motivo de desalento para outros. Para os artistas que não querem, como operarios, descer ás officinas. Para elle, não. O ideal, que alimenta de um movimento sério nesse sentido, o mantém sempre prompto para tomar

parte activa na demonstração pratica de sua possibilidade, no estado actual de nossa cultura e de nossas industrias.

Pintor e decorador, de tendencias modernas, imprime á sua obra, viva e pessoal, um pouco dessa intuição divinatoria que nenhum estudo documentario chega a supprir. Mas, por isto mesmo, procura, para equilibrar a sua fantasia, nos impulsos renovadores, o sentimento da disciplina e o lastro da objectividade. O depoimento de hoje, para o qual o sr. Paim Vieira não passou o calor de seu espirito dynamico, de idealismo ardente e de enthusiasmo frondoso, já denuncia uma intelligencia na plena posse de si mesma. É uma pagina sincera, de lucidez e de bom senso, em que surprehendeu aspectos particulares da questão, aggravada, nos paizes americanos, pela falta dessa sedimentação secular de cultura e tradições de que resultou, na Europa, o desenvolvimento maravilhoso das artes applicadas.

Este, o seu depoimento:

“O sr. Amadeu Amaral, num artigo de grande senso pratico, falando a respeito da instrucção publica no Brasil, censurou a preocupação de nos querermos assemelhar ao estrangeiro nos avançados processos scientificos por que elle organisa o seu ensino.

Parece-lhe, e isso afirma, por ora nos bastam escolas, que sejam apenas escolas, onde se aprenda com luz directa ou indirecta, com “tests” ou sem “tests” estes rudimentos necessarios á vida: ler, escrever e contar.

Poderiam pensar espiritos menos perspicazes, que o articulista, referindo-se com tamanha sympathia á instrucção primaria elementar e intensiva, estivesse de certo modo achando prematuras quaesquer tentativas de organisação do ensino secundario ou profissional e que seria extemporaneo, senão injusto, cuidar-se da adopção de melhoramentos nos cursos já estabelecidos e da criação de outros quando ainda toda a população sertaneja do Estado ou do paiz não se acha provida de numero sufficiente de escolas primarias.

Proceder assim com respeito á sociedade equivale a adoptar na familia o criterio de não permittir o ensino de humanidades, nem o profissional aos filhos mais velhos emquanto o caçula ainda não tenha transposto a cartilha do a b c. . .

Claro que esta não poderia ser, e não foi a intenção de quem, de modo tão sensato, criticou os arrebiques com que arremedamos o progresso do estrangeiro no que elle tem de apparente e vistoso com desprezo pelo que é occulto mas essencial.

Com os mesmos argumentos com que elle exprobra essa má orientação no ensino das letras poder-se-á, "mutatis-mutandis", fazer a critica dos nossos cursos profissionaes.

Antes de mais nada, convém observar que de todos os paizes aquelles que têm mais necessidade desse ensino são os da America. A America é a região para onde accorre de todas as partes do mundo uma formidavel tor-

rente immigratoria que traz em mira, tão somente, a mais rápida aquisição de meios pecuniarios que lhes assegurem a independencia.

Com esse intuito encontra-se no Brasil uma quantidade de estrangeiros oriundos de todas as camadas sociaes, sem profissão definida, a maioria com toscos conhecimentos da vida rural europeá a que foram arrancados pela necessidade e pela ambição.

Na America, nem todos se entregam á lavoura, parte delles fica na cidade occupando-se na industria fabril ou manufactureira.

É essa, em geral, a natureza do nosso operariado.

O immigrante que em sua terra se occupava de humildes trabalhos pastoris, põe em jogo aqui as suas fracas habilidades e adopta, por exemplo, o officio de guarda-chuveiro, o qual, se a fortuna não lhe sorri logo aos primeiros tempos, troca pelo de vidraceiro, para depois ser latoeiro, encanador, typographo ou electricista.

Em todos os officios porta-se o nosso homem lamentavelmente. Erra, vacilla, engana-se e engana o proximo e, de tal maneira se embaraça na execução das encomendas, que não raro é o freguez — leigo na materia, porém mais atilado, — quem o ajuda a sahir dessa situação. Este operario, capaz ou incompetente, nem por isso morre de fome, e seu filho, desdenhando o humilde officio paterno, por posições que o meio lhe permite, envereda por qualquer outra carreira mais brilhante ou lucrativa.

E é assim que neste “ambiente de improvisação” nunca se chegam a formar aquellas “tradições de manu-

facturas” que existem em quasi todos os paizes europeus. Falta-nos portanto aquella “hereditariedade profissional”, aquella “escola domestica” que transmite de paes a filhos, através de muitas gerações, os môdes, as maneiras, os segredos, os aperfeiçoamentos alcançados na luta da concorrência em que cada qual se esforça por sobrepujar o rival, levado mais pelo amor proprio do que pela ganancia.

É nesse conflicto que se formam os excellentes operarios, os bons artifices que se prendem ao seu officio com o mesmo amor do artista á arte que lhe dá pouco pão e muitos dissabores.

Grande parte dos nossos fracassos industriaes são devidos exclusivamente á falta de bons operarios. Exemplo: É sabido que em muitas typographias do Brasil ha excellentes machinas de impressão iguaes ás que se usam nos melhores estabelecimentos congeneros do mundo; empregam-se as mesmas tintas, os mesmos papeis, os mesmos typos, os mesmos clichés, e no entanto... não se obtêm os mesmos resultados.

Porque? Porque faltam os impressores, faltam bons operarios. E quando um acaço qualquer favorece o successo, é elle celebrado como um notavel acontecimento graphico que consagra o impressor.

Pois bem, para supprir esta “falta de tradição profissional”, que redundá nesses desastres, é que aqui, mais do que em parte nenhuma, são necessarias escolas bem orientadas, efficientes, onde se ministre, no minimo do tempo, o maximo da instrucção technica possivel.

Esse ensino profissional para ser bem proveitoso deve visar tres objectivos: ser pratico; ser honesto; ser esthetico.

Considerando assim em separado os differentes requisitos que o ensino profissional deve satisfazer, não é nosso intuito classificar-os pela ordem de sua importancia, que é a mesma, senão facilitar, pelo desmembramento de qualidades que se completam, o nosso estudo.

Em primeiro logar o ensino deve ser pratico. Com isto queremos referir-nos á natureza do trabalho e não á sua parte pedagogica. Por pratico entenda-se, que aquillo que se ensinar nos cursos profissionaes deve ser usual, commum, vulgar. Não nos devemos occupar da confecção dessas peças de effeitos, em que trabalham os alumnos durante grande parte do anno no intuito de causar successo na exposição final e attrahir louvores para o governo, para os directores e para a escola, em tiradas de rethorica.

Os resultados praticos desse trabalho são nullos. Cada alumno prestou-lhe insignificante auxilio, que lhe não aproveitou absolutamente nada no seu aprendizado.

Neste ponto nos servimos da critica e quasi das palavras do sr. Amadeu Amaral.

Queremos escolas profissionaes, que sejam puramente escolas, sem mobílias Luiz XV ou D. João V, sem preciosos candelabros de ferro batido de confecção dispendiosa e lenta, sem as famosas colchas e toalhas bordadas, em que perdem seu tempo turmas de alumnas passando mezes a rendilhar, a recamar, a aprimorar com uma ap-

plicação inaudita essas peças chinezas, de nenhuma utilidade e de um custo inatingível.

Dissemos que o ensino deve ser, ainda, honesto, e vamos justificar-nos. Por honesto, comprehendemos o cultivo de certas qualidades que poderíamos chamar a parte moral do ensino technico.

É preciso formar a mentalidade do operario, tanto como adestrar-lhe a mão, para maior aproveitamento da obra em que todos esses predicados se patenteiam.

É mister que, para a constituição de um operario perfeito na sua profissão, se desperte nelle amor pelo seu officio. Mas despertar-lhe amor pelo officio não é remunerar-o, que isso fôra deslocar o nosso intuito, inoculando-lhe o amor pelo dinheiro, o espirito de lucro, mal terrível a que devemos a derrocada tanto social como professional dos nossos dias.

O operario que só vê na sua frente a ambição monetaria a attrahil-o, é um elemento nocivo assim á sociedade como á profissão.

O amor ao trabalho é sentimento que se insinúa pelo estimulo, pela admiração das obras perfectas, pelo louvor merecido e opportuno.

A principio sujeita-se o alumno ao aprendizado por obrigação, depois por prazer e, no fim, por amor. Este sentimento que mais tarde se transforma num amor-proprio salutar, quando entra na concorrência torna-se o fiscal, o censor do serviço do operario durante toda a sua vida. O incorrecto, o inacabado, repugna-lhe como um sympto-

ma de decadência, uma provocação á critica dos collegas. Esta consciencia technica que o governa, prohibe-lhe apresentar qualquer trabalho que o não satisfaça inteiramente, e a transgressão desse impedimento constitue, para elle, um desgosto muito maior que a perda total de seu esforço.

Só assim conseguiremos pôr um paradeiro a esse espirito atamancado que reina em nossa industria.

Ninguem, por mais patriota que seja, — se é patriotismo defender as nossas mazelas, — deixará de reconhecer um pronunciado espirito de fancaria na obra dos nossos operarios, que a põe em situação de visivel inferioridade em face de igual producto fabricado no estrangeiro.

Foi á custa desse procedimento que attrahimos para a nossa industria actual a fama de inferioridade que todos os brasileiros lhe criticam e que nos grangearam as primeiras levas immigratorias, com os seus processos de vencer a todo transe.

Compete, portanto, á escola profiissionall reaccender na consciencia dos alumnos o sentimento do apuro no acabamento, o esmero, a seriedade na confecção, em uma palavra: a honestidade profiissionall.

Fazer-lhe ver em todos os momentos do curso que o trabalho mais singelo ganha realce e valor especial apenas pela maneira com que se cuidou da solidez e da justeza da execução; e tambem, que, — seja qual fôr o material ou a importancia da obra, merece ella sempre igual interesse do operario, que deve, acima do lucro a auferir, collocar sempre o seu brio profiissionall.

E eis ahí de que maneira o ensino technico invade o terreno moral e social mas sem prelecção, sem cathedra-tico, sem compendio e sem emphase.

Finalmente, resta-nos falar da parte esthetica do ensino profissional. Uma vez que o desenho é a pedra fundamental daquelle ensino, não se pôde prescindir de o ministrar aos alumnos, com a melhor orientação, para que elle produza os seus beneficos effeitos.

O desenho desempenha o papel do a b c na escola profissional, é a principal materia desses cursos em que lhe cabe desenvolver as faculdades, por assim dizer, intellectuaes dos alumnos.

É a disciplina do espirito.

As funções do desenho no ensino technico são duas: uma propriamente utilitaria, "auxiliar" e outra "espiritual". Porque o desenho, conforme a sua natureza, se apresenta sob o aspecto artistico ou industrial.

Quando se administrà este ensino aos alumnos no interesse de lhes proporcionar um recurso que lhes facilite a tarefa de reproduzir, moldar, ou projectar qualquer trabalho, damos-lhe uma função puramente material que consiste em tornal-o um auxiliar do operario.

É este o desenho geometrico, o desenho linear, o desenho feito a regua, a compasso e em escala, ou então traçado a mão livre, procurando reproduzir um modelo dado, da fórmula mais comprehensivel. É o desenho dos planos e das perspectivas, o desenho scientifico na sua accepção mais rudimentar, e que não precisa senão em

casos especialísimos ultrapassar esses conhecimentos elementares.

Neste caso, elle exerce sobre o aprendiz uma acção esclarecedora, não só dando-lhe uma visão palpavel daquillo que vae executar, como ainda influe no seu espirito despertando-lhe essas idéas de justeza, de precisão e de abstracção que o auxiliam sobremaneira a comprehender, a elaborar e a representar as fórmias.

É excellentes exercicio cerebral e formidavel apoio no terreno material.

O seu ensino é simples. Não dispensa, comtudo, a observação e o senso da proporção que se desenvolvem nos alumnos e que se não póde deixar de exigir no mestre.

Depois de considerado o desenho sob este aspecto, vamos encaral-o do ponto de vista intellectual, onde o seu campo é maior e os beneficios, igualmente apreciaveis.

Ahi o desenho envereda pelo terreno artistico e actua no espirito dos alumnos de maneira civilisadora. Desperta o bom-gosto, e com isso temos dito tudo. No operario de qualquer industria, por mais rudimentar que seja, o bom-gosto é um cabedal que sempre o distingue, o eleva, o aperfeiçoa, o inspira, o impelle á criação; e, quando bem conduzido, chega não raro a notabilisal-o na arte em que culminou. Todos aquelles predicados de probidade profissional de que nos occupámos, nos espiritos trabalhados por um curso methodico de desenho artistico, que lhes interesse, surgem naturalmente como condição primordial de belleza.

É o senso esthetico, ou melhor, a arte, a civilisadora, a mestra inconsciente, a formadora dos bellos caracteres.

A função dessa disciplina, da musica e da declamação, mesmo nas escolas primarias, não visa apenas o desenvolvimento dos sentidos e órgãos a que dizem respeito, mas, principalmente, á educação do gosto artistico nos alumnos, vehiculo excellente por meio do qual falamos e incutimos nos seus corações os sentimentos nobres.

Eis, portanto, para que serve o desenho artistico na escola, e se tal é a sua utilidade lá onde apenas se pretende o ensino das letras, quanto mais importante não é elle aqui, onde entra como elemento basico da quasi totalidade de profissões.

A nacionalisação das nossas artes applicadas é trabalho que é preciso começar a fazer. Nas escolas profissionaes do Estado, que levam a copiar e a recopiar modelos já estafados entrè nós, é onde se devia sem mais detença adoptar, pelo menos em parte dos seus trabalhos, as linhas de uma arte decorativa brasileira que não é coisa tão problematica como se pensa, nem tão vulgar como se tem visto.

Esse movimento que deveria ser extensivo aos cursos primarios e jardins da infancia, substituindo-lhes por motivos nacionaes toda arte de importação adoptada, produziria uma transformação maravilhosa nos nossos meios social e artistico, com a entrada das gerações educadas sob essa orientação.

Tal feição nacionalista dos nossos cursos profissionaes dar-nos-ia, além da originalidade de um thema artistico inexplorado, a vantagem de filtrar no coração dos discipulos, em sua maioria filhos de estrangeiros, sentimentos de amor para com a terra em que nasceram e a que os ligaria, além dos laços affectivos, a identidade do trabalho, que produzem, com a natureza ambiente.

AS CONCLUSÕES DO NOSSO INQUERITO

O problema em seus aspectos geraes. — Insistindo sobre pontos capitaes da questão. — A falta de subordinação a vistas de conjuncto. — Sem um plano especifico de organização. — A obrigatoriedade e o ensino tecnico elementar. — A reforma de Fischer na Inglaterra e a Constituição Allemã de 1919. — A organização do ensino primario e o ensino tecnico. — Escola do trabalho e escolas vocacionaes. — A educação tecnica post-escolar e as escolas de aperfeiçoamento. — O problema da formação do pessoal docente. — Ninguém dá o que não tem... — A opinião de um presidente. — Confronto significativo. — As formigas á volta dos alicerces...

O ensino tecnico e profissional entre nós acha-se em estado tão rudimentar e confuso que não foi possivel a ninguem, em nosso inquerito, desprender da legislação escolar as suas idéas directrizes. Já nos artigos de critica com que abrimos o debate, apontámos, como defeito capital, a falta absoluta de subordinação de estabelecimentos escolares dessa natureza a qualquer plano de conjunto. Tudo o que temos na materia é, de facto, esparso e desconnexo, sem unidade de pensamento e direcção. O defeito maior desse ensino não estará, porém, em gravitar fora de um plano geral de educação, em que se procurasse coordenar, relacionando-as estreitamente, para se chegar

á unidade de ensino, todas as instituições de instrução publica e privada na variedade de seus graus e de seus aspectos. Sobre não se ajustar, como parte integrante, a um systema geral de idéas pedagogicas, não se instituiu nem funciona, assim fragmentario e isolado, em obediencia a um objectivo claro e dentro de um programma especifico de organização.

Esta falta de “espirito de organização”, além de denunciar a ausencia de qualquer “systema de idéas”, bastaria para mostrar á sociedade que ainda não comprehendemos o alcance do ensino technico e profissional num plano integral de educação. Tudo está por fazer no sentido de pôr o ensino em função das novas necessidades sociaes e industriaes e de preparar o elemento nacional para as actividades technicas. A luta, hoje esmorecida e praticamente suspensa, contra o analfabetismo, não se associou ainda a uma campanha em favor do ensino technico elementar a que se deveria estender a obrigatoriedade imposta em relação ao ensino primario. No entanto, este principio de obrigatoriedade do ensino technico elementar (agricola ou fabril), para todos, como de uma instrução technica post-escolar para os que não recebem educação superior, já foi incluido no projecto Viviani de França, na reforma realisada na Inglaterra pela “Education Act” de 1918, projectada por Fischer e na propria Constituição alleman, de 11 de Agosto de 1919, que o adoptou, de accôrdo com as idéas de Kerschensteiner, como uma das bases fundamentaes do seu systema de educação.

O problema do ensino tecnico elementar deveria, pois, ser enfrentado parallelamente com a luta contra o analfabetismo. Não são dois problemas que se succedem; mas duas questões que se encadeiam, desde que a escola se proponha um ideal verdadeiramente educativo. Por isto mesino á escola primaria, que não pode ser propriamente profissional, se tem de dar uma direcção mais pratica no sentido de preparar o alumno ao seu papel social e fornecer os fundamentos das escolas profissionaes, prepostas á preparação immediata para “a vida em sociedade”. Dahi, ao lado da tendencia de se tornar obrigatorio o ensino tecnico elementar, em continuação á escola primaria, a preocupação de se introduzir esse proprio ensino nas escolas primarias, em que se procura dar a maior importancia no quadro das disciplinas, ao desenho e aos trabalhos manuaes. Esta corrente que exige para o ensino do desenho e para os trabalhos manuaes um lugar preponderante na escola primaria como nos outros estabelecimentos escolares, não se estriba apenas, para defender seus pontos de vista, na função educativa dessas materias, mas na necessidade de se lançar base solida e profunda do ensinamento profissional que lhe deve succeder.

O principio dominante da adaptação da escola primaria ás condições peculiares de cada região a que se propõe servir, é ainda uma consequencia logica da tendencia de “tornar o meio escolar o mais aproximado possivel do meio social do qual elle é, de facto, o vestibulo”. Em vista dessa preparação util e effectiva á vida real, dessa preparação para a vida em sociedade, é que se instituiu tambem a edu-

cação vocacional, aparelho complementar de selecção, que tem por fim, no mecanismo do ensino, dar ao alumno a possibilidade de sentir a sua vocação e encaminhal-o ás carreiras e aos officios a que os predestinam as suas aptidões, não pre-julgadas, mas sondadas, descobertas e desenvolvidas nas escolas. Onde está a solução do problema da educação popular é, pois, na aprendizagem para a vida, procurada nas escolas de trabalho em que ao lado do ensino da escripta, da leitura e da arithmetica, se ministre o ensino technico elementar, agricola ou fabril, conforme a variedade das condições locais. A instrucção primaria não é, hoje, apenas o apreñdizado de primeiras letras, como já accentuou Carneiro Leão, mas “um meio de orientar a criança para a vida, dando-lhe os fundamentos de uma cultura que só se terá a desdobrar para fazel-a uma força intelligente e activa do paiz”.

Ainda ha pouco, o sr. J. C. Montaner, professor da Universidade de Montevideu, que esteve em São Paulo de passagem para a Europa em missão de estudos, insistia sobre esses pontos, em entrevista que nos concedeu sobre o ensino uruguayo. “O curso primario, — informava-nos então, — faz-se em cinco annos e embora já tenha orientação bastante efficaz, sentimos que as nossas escolas precisam adaptar-se a uma orientação social mais avançada. Preoccupa-nos muito, actualmente, a questão da orientação profissional pela escola, que é aliás um dos pontos de minha missão de estudos. Já temos, depois da escola primaria, a escola vocacional, de dois annos, que tem dado excellentes resultados, seleccionando rapazes para escolas

profissionais ou industriais. Temos em funcionamento 20 escolas industriais e tratamos da criação de novas, para não só attender ás necessidades de melhoria dos processos scientificos do trabalho, como para influir mais fortemente na formação da mocidade pela escola do trabalho em cooperação”.

A escola primaria, comprehendida como um meio de educação elemental, preposta á iniciação e ao treino do trabalho productivo, torna-se, de facto, um instrumento de preparação para as escolas profissionais. Não se trata de ministrar, na escola primaria, a aprendizagem de um officio, que nos proprios cursos technicos, divididos frequentemente em duas partes, uma geral, de habilitação, e outra especial, de applicação, forma não o alicerce dos estudos profissionais, mas o seu coroamento. Trata-se, mas é de se despertar e desenvolver desde a escola primaria e nos cursos technicos elementares o espirito de iniciativa e de esforço, o gosto da observação e da experiencia pessoais e todo esse conjunto de qualidades activas que constituem a medulla de habilitação technica. Está claro que, com preoccupações prematuras de especialização, não seria impossivel que chegassemos, como já receava Aristides Cabelli, “a instituir escolas especiaes para padeiros e cabelleiros, escolas de sapateiros e tecelões, escolas em que se ensinaria tudo, excepto esse simples e claro senso commun que é pae de todas as artes e de todas as industrias possiveis, pae bemfazejo que as nutre generosamente em si mesmo, enquanto vivo e cuja morte traz a propria morte das artes e das industrias”.

Será, pois, medida mais pratica e razoavel começar por estender a obrigatoriedade ao ensino technico elementar para depois amplial-a á educação technica post-escolar para moças e rapazes. As duas medidas constituem por certo elementos que se completam de um plano unico de organização, orientado para o objectivo de, segundo o principio de Kerscheinsteiner, "facilitar a todos sem excepção aquella educação a que cada um tem direito por sua capacidade". Mas, a obrigatoriedade technica post-escolar presuppõe escolas de aperfeiçoamento ("continuation schools") que, além de serem apparatus mais complexos, presuppõem por sua vez estabelecimentos, em grande numero, de ensino profiissional de que formam o magnifico prolongamento. Se se considerar ainda a deficiencia qualitativa de pessoal docente para essas escolas, que não teriam onde recrutar entre nós os seus professores e que não pódem exigir dos actuaes mais do que elles podem dar, comprehende-se facilmente a complexidade que reveste a idéa, talvez ainda prematura, da extensão da obrigatoriedade á educação technica post-escolar, dos 14 aos 16 annos, para os que não se destinam aos cursos secundarios e superiores.

E' certamente pela base que temos de atacar o problema, annexando gradualmente, como voltou a suggerir no inquerito o sr. Paulo Pestana, o ensino technico elementar a todas as escolas publicas, ruraes e urbanas (depoimento de 9 de Setembro de 1926). O problema ainda recentemente foi posto nestes mesmos termos pelo presidente Antonio Carlos num discurso pronunciado em Bar-

bacena. Entre as vozes que em nosso inquerito sobem dos gabinetes de estudos e do mundo das experiencias pedagogicas, vale a pena recolher esta que desce dos poderes publicos. Ninguem verá vestigio de idealismo visionario nessa opinião sensata que se levanta depois de recordar o conselho de Gladstone, “segundo o qual os povos precisam não de leis optimas, mas de leis apropriadas”. “Para que o escolar de hoje actue amanha como força economica, disse o presidente Antonio Carlos, torna-se mister se lhe facilite o accesso ao ensino technico, objectivando primeiramente a agricultura e a pecuaria, nossas industrias fundamentaes, e em seguida a manufactura e o commercio. Os cursos technicos, portanto, se possivel annexos aos grupos escolares apresentam-se “indispensaveis” á realização dos fins que se impõem aos planos de educação, modelados pelas exigencias da vida contemporanea”.

Enquanto, porém, em Minas, esse problema preoccupa o governo disposto a atacal-o seriamente, entra S. Paulo, com a publicação do regulamento, em pleno regimen da reforma de 1925 — a mais nova no tempo e a mais antiquada no espirito, — que passou de todo indifferente pela questão... Não se limitou a copiar a lei que regulava o ensino technico e profissional: onde não copiou, peorou. As propria idéas boas, mas desconnexas, que se encontram nessa legislação retrograda, nos deixam a impressão de que, apanhadas no ar, ahi as deixou cair ou as manteve, sem a consciencia do seu valor, a penna descuidada dos reformadores. Aliás, a reforma de 1925 nun-

ca aspirou a fóros de idealismo, preocupada, como sempre esteve, a medir os horizontes do ensino pelo compasso que lhe deu essa mentalidade estreita cultivada no tradicionalismo ronceiro, no ramerrão burocrático e no materialismo de disputa de vantagens pessoais. Mas não é só a violência demolidora de um furacão que pôde comprometter a solidez do edificio: compromette-o também, muitas vezes, solapando-lhe as bases, o trabalho silencioso e previdente das formigas que se metteram, com os celleiros, á volta de seus alicerces... .

AINDA AS CONCLUSÕES DO NOSSO INQUERITO

Aspectos particulares do problema. — O ensino profissional agrícola. — Programma de extensão e systematisação. — A Escola Agrícola Luiz de Queiroz. — A chave da abobada. — Escolas técnicas secundárias e o principio de adaptação às culturas regionaes. — A escola da pequena lavoura. — Associação dos laboratórios de pesquisas e dos campos de experiencias. — A especialisação do ensino industrial technico. — A escola e a industria mecanica. — O progresso da motocultura e o ensino profissional mecanico. — A psychotechnica e a industria. — Escolas de artes industriaes. — O museu, corollario da escola. — A preparação para as actividades técnicas commerciaes. — Escolas domesticas de formação profissional. — A hora que marca o relógio da instrucção...

A julgar o ensino technico e profissional, entre nós, á luz de um estudo comparativo em que figure, lado a lado, com o ensino primario e normal, sente-se que é menor a columna de erros naquelle departamento do ensino. Era natural que se claudicasse e se tresviasse menos, onde menos se realizou... Ahi, de facto, a par de disposições absurdas de que se tece a legislação escolar, retocada para peor, avultam, dominando-as, não somente a falta de qualquer espirito de finalidade e organização como um desintesse grosseiro e um indifferentismo absoluto a respeito

de problema de tanta relevancia e complexidade. Ao se lançar o olhar ao redor, á procura de instituições officiaes de ensino technico, que se contam ainda hoje "pelos dedos de uma só mão", o que se encontrou foi terreno inteiramente aberto ás realizações solicitadas pelas necessidades agricolas, industriaes, commerciaes e domesticas a que deve attender o ensino publico. Por isto mesmo, como na materia está quasi tudo por fazer e tudo por organizar, a analyse critica, detida de passagem numa ou noutra pagina de legislação, cedeu logo o campo ás suggestões constructivas.

Entre as questões debatidas nesta parte do inquerito, nenhuma sobreleva, em importancia e actualidade, á do ensino profissional agricola. Pois, sendo a agricultura a nossa principal fonte de riqueza, é por ahi que se deve atacar o problema do ensino technico especializado. A transformação da industria agricola não será possivel enquanto não se organizar um programma de instrucção technica, bastante efficaz não só para formar peritos em varias especialidades como para formar a mentalidade moderna do lavrador e desenvolver em todos a consciencia de que é preciso imprimir á exploração da terra, para seu maior aproveitamento, uma orientação scientifica. Para que se estenda o raio de acção dos technicos postos, pelo ensino, a serviço da agricultura, é indispensavel que essa mesma instrucção agricola, atacando a questão pela raiz, atinja, renovando-lhe o espirito, as populações ruraes em todas as suas camadas. Dahi a necessidade de um plano de extensão e systematisação do ensino agricola, capaz de abran-

ger a questão em seus graus e pelas suas faces principaes, num conjunto solido de medidas essenciaes e complementares, ligadas por essa solidariedade organica que, longe de rejeitar, presuppõe a diversidade dos elementos que une para um fim commum.

Este plano que não se pôde esboçar aqui senão em traços largos, já tem, na Escola Agrícola Luiz de Queiroz, um dos elementos essenciaes ao quadro systematico do ensino agricola. O caracter que reveste e se deverá ainda accentuar, obedeceu á tendencia de se fazer dessa escola, não um instituto secundario, mas um estabelecimento de ensino profissional superior, tendo por objecto provêr ao recrutamento das escolas especiaes que se criarem, das secções technicas das industrias agricolas, das estações agronomicas e dos laboratorios de pesquisas, já existentes. Este instituto agronomico representará, pelo nivel dos estudos e pelo seu caracter experimental e scientifico, a abobada do ensino profissional agricola, quando se constituir em bases solidas. Os seus serviços serão tanto maiores quanto mais se combater, pela instrucção agricola generalisada (elementar e secundaria), o preconceito dominante de que a agricultura é um systema de praticas apoiadas antes sobre a rotina do que sobre principios... Mas a "chave da abobada" estará evidentemente no instituto de pesquisas que o actual governo projecta pôr a serviço de todos os problemas que se prendem á producção vegetal e animal, ampliando a obra de Debellação da Praga Cafeeira o seu campo de acção e investigação scientificas.

E' preciso, no entanto, preparar as populações agricolas, para que sobre ellas possam exercer influencia renovadora os institutos superiores, habituando-as a ligar á sciencia tudo que se refere á agricultura, á pecuaria e ás industrias connexas. De que servirá o technico, se grandes e pequenos lavradores não estiverem penetrados, pela instrucção agricola da necessidade de se fazer appello constantemente aos dados scientificos? Além disso, a sciencia requer, para a applicação de processos novos, de todo um pessoal technico, habilitado pelo ensino profissionnal, secundario e primario, ao exercicio das numerosas profissões agricolas. Dahi, de um lado, a idéa de se associar aos laboratorios de pesquisas e ás escolas de agricultura os campos de experiencias, e de preparar, por outro lado, o profissionnal agricola, nos seus diversos ramos e graus de actividade. Os campos de experiencias e demonstração não constituem apenas, como ponderou o sr. Mello Moraes, os largos pulmões por onde se oxygene livremente a vida das escolas; servem para espalhar os beneficios das experiencias agricolas, propagar as conquistas definitivas da sciencia e fazel-as penetrar nas mais humildes fazendas.

As escolas technicas secundarias amoldadas ás culturas e necessidades das diversas regiões, caberá a formação pratica e theorica de agricultores e profissionaes, articulando-se, de uma parte, com o ensino technico elementar, e de outra, com o ensino superior de agricultura. São, nesta cadeia, o elo intermediario. E' claro que essas escolas, em vez de trazerem no molde originario a marca

de uma especialização prematura, poderão adaptar-se, aos poucos, ás necessidades específicas de cada região (pomologia, viticultura, horticultura, etc.) até assumirem com o tempo uma feição distincta segundo as exigencias locais. O que importa é dar a todas as classes da população agrícola, desde o proprietario até o operario rural, “a possibilidade de fazer adquirir aos seus filhos uma instrução profissional em relação com o seu estado social e com as condições culturaes das diversas regiões. O ensino tecnico elementar, base deste plano, visa exactamente o filho do pequeno lavrador e do colono que, iniciado na escola rural, — elemento fixador das populações do campo, — encontrará uma instrução complementar nas escolas domesticas ruraes e nas fazendas-escolas, cujo pessoal de ensino se recrute em escola normal apropriada á formação de professores ruraes.

Mas, com ser problema de solução mais urgente, não é o ensino profissional agrícola a unica questão já amadurecida pelas necessidades e condições particulares do meio. Sem falar no ensino profissional de pesca para o qual, apesar da importancia economica dessa industria, não se voltaram ainda nem os cuidados dos poderes publicos, nem a atenção dos estudiosos, já se sente a necessidade, nos dominios do ensino tecnico industrial, de institutos de objectivos limitados. Entre as escolas industriaes de que mais necessitamos e por onde se terá de começar a especialização do ensino tecnico, figuram, collocadas no primeiro plano, as do ensino profissional de mecanica, nas suas multiplas applicações ás in-

dustrias modernas. Encarada a questão em these, bastaria, para se lhe avaliar ao justo o alcance, ter-se em vista o papel da mecanica na civilização industrial e nas suas relações com a agricultura. Mas é a propria expansão industrial do Estado que põe em relevo o problema do ensino profiissional mecanico, para cuja solução não concorrem as acanhadas secções para mecanicos, em nossas escolas profiissionaes. A estatistica estabelecida pelo dr. Roberto Mange no seu parecer sobre a materia, (16 de Setembro), mostra de maneira eloquente que, “adoptando-se o curso de 4 annos, seriam necessarias escolas profiissionaes mecanicas para mais de 2.000 alumnos diplomando 500 cada anno. Ora, esses 500 aprendizes que annualmente deviam ser formados officiaes, não encontram, em numero sufficiente, escolas capazes de preparal-os ao officio”.

Além disso o progresso da motocultura prende-se ao do ensino profiissional mecanico. Sem officiaes mecanicos espalhados por todo o Estado, não se pôde contar com os tractores que importamos. “As pessoas que viajam pelo interior, como já observou o dr. Ramos de Azevedo, depararam frequentemente com esses grandes auxiliares do roteamento das terras, abandonados pelos campos, ainda quasi novos, por não encontrarem mecanicos que os concertem e reajustem”. Mas, se, por um lado, o surto de nossas industrias mecanicas que reclamam officiaes habilitados, nos faz sentir a necessidade crescente do ensino destinado a sua formação, por outro lado, a gravidade das profiissões ligadas á mecanica e os perigos a que expõem

a sociedade a "falta de pericia e zelo no desempenho desses officios, nos mostram como é preciso encarar sériamente o problema da organização dessas escolas. E' o que, no inquerito, realçou o dr. Roberto Mange no seu depoimento. A selecção profissional de accôrdo com as aptidões, investigadas pelos methodos psychotechnicos, e a educação moral dos aprendizes, evitam a adopção erronea do officio e servem para incutir, no espirito dos officiaes mecanicos, a consciencia de suas responsabilidades. Em geral, contrarios á industrialisação completa das escolas, todos que depuzeram no inquerito acham imprescindivel "a sua funcção industrial", comtanto que, por esta, não seja abafado o ensino na sua eficiencia e no seu desenvolvimento.

Ainda, do ponto de vista do ensino applicado ás industrias, destaca-se entre nós a questão das artes applicadas, aggravada, como observou o sr. Paim Vieira pela falta absoluta de tradições manufactureiras e pelo "ambiente de improvisação" dos paizes americanos. Onde falta "a tradição das artes industriaes", é á escola que cabe criá-la e desenvolvê-la. O impulso em favor das artes applicadas se tem de procurar numa reforma radical do ensino do desenho em todas as escolas, segundo o plano de Ruy Barbosa, que, apesar de proposto ha perto de 50 annos, paira ainda hoje nas alturas das aspirações ideaes. Se no plano dessa reforma se incluirem a nacionalisação do ensino do desenho, a annexação, ás escolas, de museus de documentação de arte industrial e uma campanha para estimular a collaboração mais estreita dos artistas e dos industriaes,

teremos dado um grande passo para o desenvolvimento das artes applicadas. O museu é, de facto, corollario da escola, o logar em que a educação vem fazer-se e completar-se; um centro de vida constantemente aberto ao trabalho e ao estímulo, á educação do gosto e ao desenvolvimento das faculdades inventivas.

Se passarmos do campo do ensino profissional industrial para o ensino destinado á preparação para as actividades technicas commerciaes, a primeira impressão que se colhe é que o Estado que ás vezes attribue a si, a ponto de absorvel-a, a tarefa da educação, deixou este departamento do ensino inteiramente ao cargo da iniciativa privada. O Estado, vendo que pelo esforço particular, rompiam por toda a parte, escolas de commercio, cruzou os braços e respirou satisfeito... Mas se é animadora a intervenção da iniciativa privada em favor do ensino commercial é lamentavel que a sua cooperação não se faça sentir, com igual intensidade, nos outros ramos de ensino, não se pode applaudir o descaso dos poderes publicos estaduais por uma questão que não interessa apenas ás classes commerciaes. A pouca duração e a organização frequentemente defeituosa desses cursos, a preparação deficiente dos professores, a influencia desnacionalizadora de escolas e meios commerciaes estrangeiros e, por fim, a concorrência desregrada de estabelecimentos fundados com espirito exclusivo de lucro, bastariam para dar a medida da importancia e gravidade da questão. De facto, o ensino commercial em seus varios graus para preparação ás diversas profissões e actividades que correspondem

às necessidades, especializadas do commercio, não se pode collocar apenas "em vista da classe" a que directamente serve, mas em função da realidade social e das necessidades nacionaes.

Mas, se é necessario adaptar o systema pedagogico ao conjunto do systema social, não bastará perguntar, como acabamos de fazel-o, o que realisa a escola profissional pela agricultura, pela industria e pelo commercio. E' preciso saber tambem o que ella pode realisar e o que realisa "em vista da familia". Evidentemente todas as escolas femininas, agricolas, de artes industriaes e de commercio, não podem descuidar o papel que lhes cabe, na preparação elementar da dona de casa e da mãe de familia. O ensino domestico deve penetrar não só nos institutos profissionaes destinados á mulher, como em todos os estabelecimentos de ensino que lhe sejam reservados, a menos que o Estado reconheça mais util preparar a mulher para qualquer profissão do que preparal-a para o lar...

A aprendizagem da mãe de familia com base na economia domestica, na hygiene e na chimica alimentar e na puericultura, é obra de tamanho alcance social e economico que dispensa demonstração de sua utilidade, no plano de prophylaxia rural no combate á mortalidade infantil e na inplantação dos habitos higienicos em todos os meios sociaes. O ensino domestico, que deve invadir todas as escolas femininas, tem, no entanto, com o ensino profissionnal pontos de contacto que nos obrigam a entroncal-o nesse ramo que lhe parece alheio. Mas onde estão as nos-

sas escolas domesticas especiaes, de formação profissional? Ainda não chegou o tempo opportuno para organisal-as... O velho relogio da direcção do ensino, emperado e dissonante, anda com atraso de quasi meio seculo, marcando as primeiras horas de um crepusculo matinal, somnolento e sombrio, enquanto por toda a parte sôam as horas vibrantes de um radioso esplendor, de actividade idealista e emprehendedora.

TERCEIRA PARTE

ENSINO SECUNDARIO E SUPERIOR

I

Mal de raízes profundas. — O depoimento insuspeito dos governos. — Remontando á analyse das causas. — Solução politica para questões technicas. — Renuncia do Congresso a suas funções legislativas — O «processo de elaboração» das reformas. — O espirito que preside á sua organização. — Falta de um idealismo largo e constructor. — Legislação sem coherencia e sem unidade de plano. — Inspirada no desconhecimento de nossas necessidades — Regimen de aventuras e experiencias. — As reformas Benjamin Constant e Rivadavia Corrêa. — A ultima reforma federal. — A attitude de São Paulo em face do problema. — O Estado de São Paulo numa situação á parte.

E' verdade que está na consciencia de todos, haverem falhado, em parte ou na sua integridade, as successivas reformas por que tem passado o ensino secundario e superior na Republica. O clamor que sempre provocaram na população docente ou discente, mais directamente atingida pelas suas consequencias, bastaria para evidenciar que, apesar de excellentes innovações, se destinava cada uma dellas, desde a sua origem, a uma revisão immediata no conjunto systematico de suas medidas. Não é preciso, pois, perder tempo em repetir provas desta affirmação, acceita unanimemente, de que até hoje não se

planejou uma só reforma que não trouxesse, com seus melhores propositos, o germen de prompta reacção. Este facto que acompanha periodicamente todas as reformas federaes, é tão indiscutivel que os governos que se succedem, são os primeiros a reconhecel-o e a proclamal-o, appellando, e com razão, para novas reformas.

E' estranho, que, entre nós, as crises mais agudas do ensino succedam immediatamente ás reformas que deveriam ser antes "instrumentos de equilibrio" prepostos ao fim de collocar cada vez mais em harmonia com as necessidades do meio a legislação trabalhada por uma collaboração incessante. Mas é facto profundamente significativo que ninguem ainda pretendeu dissimular. Ora, facto tão persistente e denunciado ha de ter forçosamente causas invariaveis, dadas as quaes continuará a repetir-se indefinidamente. Todos descemos á analyse de suas consequencias, accessiveis, na sua evidencia aggressiva, ao olhar do observador mais desprevenido, mas ninguem se preocupou ainda em remontar á analyse de suas causas. Aliás temos a consciencia dos factos quasi sempre pelos seus effeitos. E essa consciencia é tanto mais profunda quanto os effeitos nos attingem mais de perto, ferindo interesses e ameaçando os limites que assignalam nosso campo de actividade... Os proprios governos quando, empenhados em restabelecer uma relação mais directa da lei com a realidade mettem hombros a uma nova reforma, o que procuram é remover os "maus resultados", sem cuidarem da "verificação das causas" de terem falhado as reformas que precederam.

Essas causas têm conspirado para o mallogro inevitavel de todas as reformas federaes relacionam-se, umas com o processo de elaboração dessas reformas, e outras, com a propria substancia de suas disposições incoherentes e arbitrarías. Apparentemente diversas, provêm de um vicio fundamental: o espirito que preside á organização das leis do ensino. Toda reforma de educação é, substantivamente, um problema politico, no mais alto sentido do termo; e, objectivamente, um problema technico. Mas, a face technica do problema, é sempre, systematicamente, relegada a um plano secundario por essa distincção capciosa que se quer a todo transe estabelecer entre a politica ideal, boa para os theoreticos, e a politica dos factos e dos interesses, dictada pelas necessidades do momento. Essas duas politicas não podem ser, mas entre nós são, de facto, separadas uma da outra por uma linha de demarcação nítida e profunda. Dahi o processo com que se elaboram taes reformas, — expressões dogmaticas e estreitas de pensamentos de pessoas que se succedem no poder e lhes imprimem quasi sempre o character de questões fechadas á cooperação dos corpos technicos (commissões especiaes e congregações) e ao debate largo na Imprensa e no Congresso, este já habituado ao regimen de irresponsabilidade, pela renuncia systematica ás suas attribuições legislativas.

Mas, esse criterio acanhado e exclusivista, manifesto na propria maneira de conduzir reformas, em materia de tamanha gravidade, domina o conteúdo de seus estatutos, inspirados antes em superstições philosophicas e interesses transitorios do que em noções objectivas e nos largos

ideaes de cultura e de educação. Se não temos, nós domínios do ensino, nenhuma tradição, mas apenas um acervo contradictorio de experiencias limitadas e fragmentarias, é porque não se enfrentou ainda o problema, com uma consciencia nitida de sua importancia e complexidade, e da necessidade de lhe dar solução integral em que todas as instituições do ensino, da escola primaria á universidade, constituam uma "unidade graduada e ininterrupta". A impressão que nos fica da estructura do ensino, vista através do labyrintho de leis que o regulam, é a de construcções constantemente interrompidas e recomeçadas, cujas linhas architectonicas a armadura grosseira dos andaimes não nos deixa perceber... Não se sabe como acabará, mas temos direito de suspeitar da propria solidez de uma obra sujeita ás mais diversas inspirações e baseada ora no desconhecimento completo do meio, ora na ausencia absoluta de um espirito de finalidade, idealista e coordenador, que lhe imprimisse unidade de plano e harmonia de linhas.

Esse idealismo largo e constructor que impelle os homens á acção e tem o poder de transformar depressa todo problema theorico em um problema pratico, é a força organisadora que tem faltado para pôr as leis do ensino em concordancia com o meio e para submettel-as, nos seus detalhes e no seu conjunto, a um systema organico de idéas orientadas para uma unica direcção. Mas essa direcção não é a que indica um systema puro de doutrina, sem se levarem em conta necessidades praticas e experiencias adquiridas. Todo o systema é mau exactamente porque é

exclusivo. A direcção que sempre faltou e se impõe imperativamente é a resultante de uma orientação firme e coherente, harmoniosa e integral, que domine o problema do ensino publico por todas as suas faces e tenda a concepções precisas nutridas tanto da medulla das doutrinas como do conhecimento exacto e experimental de nossas verdadeiras necessidades.

E' pela ausencia dessa orientação superior — a unica, de certo, capaz de imprimir á lei escolar o character das coisas duraveis, — que não ha nem pôde haver, entre as leis que se succedem, o espirito de collaboração e continuidade. Como se poderia exigir esse espirito, indispensavel á evolução organica do ensino, se o que impõe cada lei artificial e falha, é exactamente que, no interesse publico, se abra, entre essa lei e a que lhe deve succeder, uma solução de continuidade? A falta de espirito de continuidade, não é causa mas effeito, não é um mal, neste caso, mas a constante esperança de um bem... Se uma lei dictada por criterio pessoal não consulta os interesses do ensino, o que importa é reformal-a. O mal tem estado não em "reformal-a", mas em peoral-a com uma nova reforma... Esta é que é a verdade bastante clara para não permittir sophismas e escamoteações. E enquanto não se encarar o ensino publico como um organismo cada vez mais complexo pela multiplicação constante de seus órgãos e como um problema technico, acima de qualquer interesse politico, não ha sahir da anarchia pedagogica installada pelo regimen de tentativas e de aventuras.

Pois, regimen de instabilidade e de indisciplina mental é esse, de ensaios parciais ou arbitrarios, que, vindo desde o imperio, continuou no periodo republicano, com a reforma de Benjamin Constant (Dec. 8 de Novembro de 1890), que abrangeu a instrucção em todos os seus graus. Esta reforma e a chamada "lei organica" de Rivadavia Corrêa (Dec. 5 de Abril de 1911), foram as unicas que corresponderam a um systema de idéas e trouxeram, como expressões do positivismo politico no Brasil, um conteudo philosophico. O caracter extremado de espirito de systema levou, porém, os seus autores, filiados ás doutrinas positivistas, ás ultimas consequencias praticas de seus principios em completo antagonismo com os dados nacionaes. De todas, as mais radicaes e, por isto mesmo, as mais distanciadas do meio a que se destinavam, foram as que levantaram maior clamor, pela ruptura violenta do equilibrio, aliás sempre instavel, entre o quadro social e a legislação. A primeira seguiu-se periodo agitadissimo de discussões, que não culminou numa reacção immediata, mas se exprimiu numa alluvião de reformas parcelladas, sob que submergiu, até desaparecer quasi inteiramente, a obra do eminente professor da Escola Militar e, então, ministro da Instrucção Publica. Contra a reforma Rivadavia Corrêa que, reflectindo a orientação positivista do Rio Grande do Sul, instaurou, num paiz sem tradições de disciplina social e de respeito á lei, o regimen da desofficialisação e da mais ampla liberdade profissional, não tardou em reagir a reforma

Carlos Maximiliano (18 de Março de 1915) com a sua pesada cauda de mais de 200 avisos de interpretação da lei...

Já bastava esse cortejo numeroso de avisos ministeriaes para prova de que a lei Carlos Maximiliano, com seu bom senso e sentimento vivo das realidades, não atacou a questão a fundo, no seu conjunto, nem lhe deu bases definitivas. Foi antes, ao menos nos seus intuitos e em grande parte de suas medidas, um restabelecimento da questão nos termos anteriores á "lei organica" que instituiu o regimen das amplas autonomias. Mas não foi um decidido arranco para a frente. O seu esforço restaurador, inspirado num opportunismo sadio e em objectivos immediatos, não se completou por uma larga revisão de valores, com o fim de unificar a legislação, estabelecer uma coordenação maior entre as instituições do ensino e subordinar-as a um systema geral, coherente e articulado, posto a serviço da cultura da nação. No entanto, já era tempo de illuminar e alargar o espirito de reforma, pela substituição dos "resultados inverificados de uma experiencia fragmentaria, pelos resultados da experiencia universal", repensados á luz das realidades do meio, que não se podem perder de vista sob o pretexto de doutrinas. A reforma João Luiz Alves (13 de Janeiro de 1925), com suas tres edições que lhe introduziram alterações substanciaes teve um objectivo fundamental, declarado e repetido, "a moralisação do ensino" a que se ordenaram as suas medidas principaes, algumas verdadeiramente efficazes como a substituição do systema dos exames parcellados

pelos exames seriados, outras supersticiosas, como o regimen de centralisação estreita, com prejuizo da autonomia das congregações.

O que importa, por enquanto, é assinalar o fim primordial a que se propoz, sem nos preocupar agora a analyse dos processos que adoptou, para attingil-o e dos resultados que conseguiu. Em um paiz em que se erige á categoria de ideal supremo e inspirador de uma reforma, — a moralisação do ensino, ou o ensino se degradou a tão baixo nivel que foi preciso antes de tudo reerguel-o á condição fundamental de dignidade, ou nossa cultura desceu tanto que perdemos a capacidade de visão scientifica e geral do arduo problema e a coragem de enfrontal-o nos seus aspectos dominantes. Questões como estas de tamanha complexidade encara-as cada governo do ponto de vista, ás vezes justo, mas restricto em que se collocou... A moralisação do ensino não póde ser objectivo, porque é a base, a condição essencial de todas as reformas, no seu espirito e na sua elaboraçã, como deve ser a preocupação constante dos governos, na applicação de suas medidas, e dos educadores, nas suas tarefas quotidianas. Reforma que deixou o flanco aberto á desmoralisação do ensino, — sejam quaes forem as forças empenhadas na sua execuçã, — é lei viciada de origem e destinada a receber, nos primeiros conflictos com a realidade viva, o golpe inevitavel e mortal do desprestigio e do ridiculo.

Certamente é ao governo federal que cabe traçar um plano vasto e comprehensivo de ensino e educaçã, amplamente estudado e discutido a todas as luzes, de maneira

que seus beneficios se irradiem, do centro para a periphèria, na proporção das solicitações variaveis com o grau de desenvolvimento de cada um dos Estados. Antes de tudo, é indispensavel uma refundição do systema em vigor, deficiente e desconnexo, no sentido de uma organização unitaria inspirada nos mais altos interesses nacionaes. Só assim se transformará o apparelho do ensino num maravilloso instrumento politico de cohesão. Mas aos grandes Estados como São Paulo, compete assumir attitude decisiva em face dessas questões cuja solução interessa directamente á satisfacção de exigências crescentes, criadas pelo estado actual de seu desenvolvimento. Essa solução ou virá ainda do centro se o Estado promover e dirigir, pelos seus representantes junto ao governo do paiz, uma reacção critico-idealista, de `objectivos largos, ou terá o Estado de procural-a, pela sua propria iniciativa, dentro dos seus limites. O Estado de São Paulo occupa, pelas suas responsabilidades politicas e pela sua expansão economica, situação á parte que não lhe dá o direito de esperar, commodamente, com um scepticismo facil demais, a hora de colher os frutos de uma lei geral de ensino para a qual ainda não contribuiu. . .

ENSINO SECUNDARIO E SUPERIOR

II

A questão do ensino secundario. — Função subalterna a que se degradou. — A chave do problema. — A verdadeira finalidade do ensino secundario. — Organização de seu plano de estudos. — O campo que menos produz... — O problema da educação moral. — Onde se deve procurar a sua solução. — A falha grave das universidades. — A formação do professorado secundario e superior. — As universidades: «nucleos de acção e orientação, scientificos, sociaes e politicos». — A triplice função universitária. — O ensino e a pesquisa scientifica nas universidades. — Espirito de investigação e universalidade. — Uma questão de rotulo? — A criação de uma universidade em São Paulo. — O nosso questionario.

Não ha problema de ensino que, entre nós, tenha custado tanto a encontrar uma solução exacta, como o do ensino secundario. Á mercê de toda especie de experiencias, variaveis com os objectivos immediatos das reformas; submettido á prova dos mais desencontrados regimens, desde o das equiparações ao da desofficialisação do ensino, desde o processo dos exames parcellados ao dos exames seriados; ainda não passou até hoje do systema subalterno a que se degradou, de curso de preparatorios. Não houve ainda lei que, arrancando-o da situação a que desceu, o elevasse ás alturas de um verdadeiro aparelho

de educação, inteiriço e efficiente, com claro espirito de finalidade. Por mais dura que possa parecer, ao espirito de muitos, e apesar de todos os esforços realizados no sentido de melhora-lo, é ainda verdade, acima de qualquer contestação, a affirmação do dr. Pinto de Carvalho, de que "nosso ensino secundario é dos mais defeituosos, incompletos e improductivos que possam existir".

A ultima reforma, de 13 de Janeiro de 1925, não lhe deu ainda solução integral, dentro do espirito que devia presidir á organização dos cursos secundarios. Acertou, quando substituiu o regimen ab`surdo dos exames parcelados de preparatorios pelos exames seriados e ampliou para seis annos a duração do curso, susceptivel ainda de ser dilatado, e praticamente reduzido a cinco annos pelo artigo 54 que prescreve como "condição indispensavel para admissão a exame vestibular para matricula em qualquer curso superior", o certificado de approvação final no 5.º anno... Mas, apesar de seus intuitos simplificadores, não foi ainda feliz na organização do plano de estudos em que figuram materias proprias para desenvolver o "espirito de dispersão" e diminuir a efficacia de trabalhos intensivos e prolongados tendentes á criação do "espirito de unidade", pelo desenvolvimento de uma base de ideas geraes. Assim, além da brilhante inutilidade de cadeiras facultativas (o hespanhol e o italiano), tem representação, no quadro das disciplinas, no primeiro anno, a cadeira de "instrucção moral e civica", e no sexto, a de "sociologia" que já figurava na reforma de Benjamin Constant e cuja utilidade, ainda que pudesse

ser justificada dentro da natureza do ensino secundario seria contestavel em face do tempo insufficiente reservado aos seus estudos.

A chave do problema do ensino secundario está na fixação preliminar da finalidade que deve ter, desprendido de quaesquer preoccupações utilitarias e profissionaes. Não ha democracias que possam subsistir e desenvolver-se sem uma classe média, cada vez mais larga e diffundida, empregada como elemento assimilador e propágador de correntes de idéas e de opinião. Não é ahi evidentemente, nessas camadas medianas, mas solidamente cultivadas que se elaboram e se aperfeçoam as sciencias; mas é ahi, — por essa sensibilidade receptiva, esse interesse generoso e esse espirito critico que se adquirem pelas “idéas geraes” — que as idéas e as verdades, irradiadas dos centros universitarios, se disseminam e se transformam em correntes de opinião. Ora é exactamente ao ensino secundario que cabe criar e desenvolver essa cultura geral e desinteressada, por um curso integral e seriado, commum a todos, baseado num plano verdadeiramente humano de estudos de provada efficiencia na formação do caracter e da mentalidade.

Por isto aceita essa finalidade, de que perdemos a consciencia, o que importa não será aprender muitas materias, mas aprendel-as solidamente. E' este o primeiro corollario que decorre do principio orientador do plano de estudos. É só limitando-se que se pode obter a solidez de conhecimentos e a sua completa assimilação. “A pedagogia como já recordou Alfredo Alexander, repete

esta experiencia, que o campo, onde são mais apertadas as sementes, é o que menos produz"... Em segundo lugar, uma vez que se proponha o objectivo da formação integral, physica, intellectual e moral, do homem e do cidadão, as materias que devem constituir o seu curso, além do desenho e da gymnastica, são de um lado, as que se destinam a desenvolver o espirito literario (linguas classicas e modernas e literatura) e o espirito scientifico (sciencias mathematicas, physicas e naturaes) e, por outro lado, as que tendem a criar a consciencia da personalidade nacional (lingua e literatura vernacula, geographia e historia nacional) e a consciencia universal (geographia geral, historia da civilização e philosophia ou historia do pensamento humano). Emfim, nesse plano de estudos orientados segundo as mais altas tradições humanas e distribuidos segundo o seu valor educativo, devem ter preponderancia aquellas disciplinas que, alargando o horizonte mental, contribuam mais poderosamente para formar o espirito e elevar o homem ao dominio das idéas geraes, dentro das quaes se possa desenvolver mais tarde, em qualquer especialidade ou profissão, sem perder o contacto com os campos lateraes de actividade e pensamento.

Para o problema de educação moral, não ha procurar solução no ensino directo, apressado e prematuro, (1.º anno) da moral e do civismo, ainda que orientado por um espirito pratico e positivo, em que as maximas se animem ao contacto vivificador dos exemplos concretos. A questão é profunda e grave demais para se lhe darem soluções ingenuas, de character puramente instructivo, e de effeito

dissipador pela condensação de materias em tempo insufficiente de estudos. A educação moral para ser efficaz, deve ser estabelecida na coordenação de esforços do corpo docente, na aproximação social de professores e alumnos, na cooperação da escola e da familia, e na collaboração dos corpos de ensino de diversos graus. Esta collaboração indispensavel á obra mais que todas urgente e grave de educação do character nacional deve ser solidamente preparada por uma “formação professional” que applique principios communs e offereça frequentes pontos de contacto. É preciso que o professorado se prepare para a missão educativa que tenha a exercer, com a consciencia viva de que “não está concluida a sua tarefa quando elles instruíram verdadeiramente seus alumnos”. De facto, todos nós sabemos a importancia do “coefficiente pessoal” do professor, na formação attrahida para as suggestões do character da mocidade, hoje mais desencontradas de palavras e de exemplos, dictados por ideaes diversos ou pela absoluta falta de ideaes.

Mas, essa questão do ensino secundario tem dois pontos de contacto com o problema universitario, entre nós inteiramente descurado, de cuja solução depende a organização de um systema de estudos secundarios, verdadeiramente efficaz, dentro da sua finalidade. É, de facto, o ensino universitario que vem resolver a questão fundamental da formação do professorado secundario e superior, constituido hoje quasi somente de auto-didactas que devem a sua especialidade a esforços puramente individuaes. Não pode haver praticamente systema de ensino, publico

ou particular, se a lei não organisou o **apparelho universitario**, para formação uniforme do seu professorado. Por outro lado, a falha grave das universidades, cuja organização se prende ao preparo das classes dirigentes, repercute, numa acção retrospectiva, sobre o ensino secundario que, apesar de quaesquer esforços unificadores da legislação, continuará á mercê do espirito de dispersão e de indisciplina, criado pela falta de um "corpo de professores", educados sob as suggestões de um mesmo ambiente, segundo uma orientação uniforme e animados de ideias communs. Só assim a sua obra de cultura e educação, hoje dispersiva e incoherente, orientada para direcções diversas e ás vezes oppostas, se\`desdobrará no paiz, á maneira de um rio cuja corrente, cada vez mais volumosa, se pode remontar de affluente em affluente até as suas fontes universitarias.

Nada mais importante para os destinos do ensino nacional do que esta orientação intima e fecunda do espirito dos educadores. "Em face dessa questão vital, escreveu Templé, as reformas exteriores apresentam-se como secundarias". Mas esses centros de alta cultura e de pesquisas scientificas não farão apenas do corpo de professores um organismo de sangue vivo e constantemente renovado: elles têm ainda uma funcção superior e inalienavel que é a formação, isto é, o preparo e o aperfeiçoamento das classes dirigentes. As verdadeiras democracias, se não quizerem permanecer no regimen do empirismo, no manejo dos negocios publicos, precisam, para constituirem suas classes conductoras e para as orientarem, a actividade

prática e a sábia assistência de homens eminentes, habituados a encarar de alto, de um ponto de vista idealista e científico, as grandes questões técnicas, cada vez mais complexas, que os governos são chamados constantemente a enfrentar e a resolver. É destes focos de cultura e de altos estudos que se irradiam, em todas as direcções, as poderosas correntes de idéas, com que se carregam e purificam as atmosferas políticas, para o despertar da consciência cívica, moral e intellectual da nação. Aliás, não ha nação que se preze que não se esforce, por todas as formas, por se collocar em condições de poder contribuir, pelo seu aparelho de cultura, para o progresso incessante do saber humano.

Certo as universidades que por toda a parte constituem “nucleos de acção e orientação, não apenas científicos, mas sociaes e políticos”, devem ser organisadas para funcionar como forças vivas do paiz e centros germinadores e orientadores de correntes de opinião. Dahi, a tendencia crescente de, por um lado, estreitar o laço entre a universidade e os gymnasios e entre estes e a escola primaria, e de pôr os sabios em contacto com a mocidade, impedindo que sabio e professor sejam homens separados; e de, por outro lado, ampliar o conceito de “extensão universitaria”, com fito de transformar as universidades em instrumentos de cultura nacional, pondo ao alcance do povo os resultados das investigações scientificas. Mas, encarada a questão com uma visão clara dos problemas universitarios, subordinados á triplice funcção que cabe a estas instituições, “de elaborar, ensinar e divulgar as sciencias”,

avulta entre todos o da contribuição para o progresso do saber humano. As universidades, para serem fócios de criadores e inventores, devem ser organisadas antes de tudo dentro do espirito de investigação e universalidade, inherentes á sua propria natureza. Cada universitario tem, por tarefa essencial, "trazer sua pedra para o edificio que se constroe e em seguida formar outras vocações philosophicas e scientificas que continuarão a sua obra", nessas colmeias activas de sabios e pensadores, originaes e fecundos, unidos por um interesse commum e procurando sem cessar um progresso novo fóra dos caminhos da rotina.

Ora, já não será tempo de se atacar seriamente e a todo transe essa questão fundamental, da criação do ensino universitario, de que depende visceralmente a formação da cultura nacional? Dir-se-á que já temos, para principiar, a universidade do Rio de Janeiro... A verdade porém, é que, sob esta denominação, não se lançaram as bases de uma instituição organica e viva, de espirito universitario moderno, mas se agruparam apenas, por juxtaposição, as escolas superiores profissionaes, já existentes. Problema de tamanha importancia e complexidade reduziu-se, por esta forma, com a maior naturalidade, a uma questão de rotulo... Ainda está por se elaborar, sobre a criação de universidades, um projecto de lei, baseado no conhecimento profundo da questão, e decidido a arrastal-a, dentro das condições do meio, para o caminho das realisações praticas. O Estado de São Paulo já não pode desinteressar-se dessas preoccupações bastante amadurecidas entre nós para não tardarmos em procurar-lhes uma

solução solicitada pela pressão de suas forças vitais, economicas, intellectuaes e politicas.

Emfim, sobre a materia dirão os competentes cujas luzes solicitamos para o debate e esclarecimento dos problemas para que aponta e da orientação que denuncia o seguinte questionario:

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros e vantagens desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos professionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma função puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido

a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?

5 — E’ favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da “universalidade” de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer “a especialização”?

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organisados para instruir do que para educar, pouco têm contribuido e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu character de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito sciéntifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficacia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organisação de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

A RESPOSTA DO SR. RUY PAULA SOUZA

O nosso curso secundario, méra formalidade de accesso para cursos superiores. — Estudar para fazer exames... — O ensino secundario e a funcção que lhe cabe na formação do espirito. — Curso de estudos prolongados e desinteressados. — Um erro grave da ultima reforma. — Os exames finaes em meio do curso. — A attitude do Estado em face do ensino secundario. — O alto valor dos estudos literarios. — Pelo ensino gymnasial baseado nas humanidades classicas. — A bifurcação com directrizes fundamentaes. — O problema da formação do professorado secundario. — Prematura, a organização do ensino universitario? — Antes de tudo, remodele-se o ensino dos gymnasios. — Em favor da criação de um Ministerio de Instrucção Publica.

O sr. Ruy Paula Souza, professor da Escola Normal, da capital, é um dos fundadores e o primeiro director do Lyceu Franco-Brasileiro, criado recentemente segundo plano e pelos esforços benemeritos de um grupo de paulistas. Entre os nossos professores, nenhum terá revelado maior interesse pela organização efficiente dos cursos secundarios e consciencia mais clara do problema em seus aspectos fundamentaes. Foi mesmo a predilecção manifesta por questões dessa natureza, entre nós tão pouco debatidas, que o tornou naturalmente indicado para a direc-

ção daquelle estabelecimento particular de ensino secundario. O contacto directo que, no desempenho dessas funcções, mantém com a mocidade escolar e com a legislação que regula os cursos gymnasiaes no paiz, imprime ás sua opiniões o character de idéas maduramente reflectidas e sujeitas ao "controle" do meio e á prova das realidades quotidianas.

Pouco inclinado a assumir attitudes de combate, de que o afasta um scepticismo complacente, na apreciação das coisas e dos homens, deixa, porém, transparecer, através da delicadeza flexivel das maneiras, a firmeza de suas convicções, na materia. Se nunca foi uma penna militante, posta, com calor, ao serviço de idéas sobre o ensino, sempre as teve, porém, e manifestou, claras e seguras, quer pela imprensa, quer em palestras, no abandono da intimidade. As suas opiniões denunciam velha orientação, embebida, pelas raizes, na formação de sua mocidade, e alimentada de seiva da cultura franceza, que o sr. Ruy Paula Souza contribuiu para vulgarisar, irradiando, entre os discipulos, o beneficio de suas influencias. A resposta ao nosso questionario é um depoimento lucido para que transportou, no exame minucioso da questão, os recursos de seu espirito ductil e polido, que não sacrificou ao gosto de proceder por idéas geraes as lições da experiencia.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho

de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

Responderei á parte da pergunta que diz respeito ao Ensino Secundario. As causas são varias. Quer me parecer entretanto que ha duas principaes, de que é responsavel em parte o proprio espirito da ultima reforma e tambem a maneira por que os estudantes interpretam esta reforma. Os moços, ansiados de se atirarem á vida pratica, não vêem no curso secundario senão uma mera e enfadonha formalidade a cumprir para obterem exames que os habilitem a galgar as faculdades dispensadoras dos cubiçados diplomas.

Assim sendo, não consideram seus estudos secundarios como instrumento natural da cultura de seus espiritos. Este curso comporta materias que precisam ser sabidas para se passarem os exames. Tratam pois de as adquirir de qualquer maneira: e a mais facil ainda é confiar todo o trabalho á memoria. São materias que não são assimiladas, e, no fim de poucos mezes, tudo se acha em geral, varrido do espirito. Os professores, por sua vez, são obrigados devido á organização dos programmas, a se limitarem a transmittir conhecimentos e verificar a aquisição pela memoria no momento dos exames.

Ora, este estado de coisas deturpa por completo a finalidade do ensino secundario. Este ensino tem como fim principal a formação dos espiritos, isto é, o desenvolvimento superior das faculdades intellectuaes do educando. Para me tornar mais claro: admitte-se que a intelligencia não é um reservatorio que se enche de conhecimento mas

sim um instrumento delicado que se aperfeiçoa para o tornar capaz de cumprir sempre melhor funções cada vez mais complexas. O ensino secundario é, pois, pela sua natureza, formativo e não acquisitivo.

Este caracter especial que cabe ao ensino secundario se comprehenderá sem difficuldade, se se admite que para formar a elite de uma nação, ha interesse em fazer dar pelos melhores espiritos o maximo rendimento. Para os tornar instrumentos optimos, é preciso justamente esta lenta acção de um curso de estudos prolongados e desinteressados. Só assim se formarão espiritos que, — qualquer que seja a especialidade procurada mais tarde, — se distingam pela faculdade eminente de se interessarem e de se adaptarem ás diversas criações do espirito como na industria dos homens. Tal será a finalidade do ensino secundario.

Quer tambem parecer-me que sem estes espiritos já formados o estudo superior não poderá contribuir para a formação destes elementos de elite que devem justamente fazer o ambiente nacional. Só estes espiritos, finamente cultivados, poderão orientar a nossa mentalidade e formar os ideaes superiores que regerão os nossos destinos.

Mas, poderemos culpar os moços de não considerar assim o ensino ministrado? Elles, pela lei do minimo esforço, tratam de chegar ao resultado que lhes parece pratico. A quem, pois, a culpa? A Reforma que, apesar de ser excellente em muitas disposições, conservou infelizmente ainda os exames finaes em meio do curso

fazendo desaparecer certas materias das cogitações dos moços e estabelece deste modo no espirito dos estudantes a convicção de que o exame é tudo.

A reforma conseguiria o seu verdadeiro fim, talvez, se, supprimidos os exames finaes, se conservasse como programma geral do curso secundario, um conjunto (cuidadosamente seleccionado para o fim formativo) concentricamente estudado durante todo o curso por meio de methodos proprios. No final do ultimo anno um exame geral permittiria ajuizar se o espirito do alumno conseguiu chegar a um estado de cultura que lhe permita abordar com probabilidade de exito os estudos superiores. Bem entendido, não se supprimiriam os exames de passagem mas estes levariam mais em conta o desenvolvimento intellectual do que o total dos conhecimentos.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— Ha sobre este assumpto duas grandes Escolas: uma entende que o Estado deve intervir e quasi monopolisar o ensino em todos os graus; outra que deixa á iniciativa particular os differentes graus de ensino, reservando ao Estado a obrigação de ministrar o ensino primario. Sem discutir estas doutrinas, sou de opinião que no nosso paiz, ainda em formação, sujeito a todos os perigos das influencias externas, o Estado tem todo interesse em cha-

mar a si o ensino, como aliás o faz actualmente o Brasil. Se não o pode fazer com toda efficiencia por motivos de ordem economica, entretanto os diversos Estados da Federação gastam verbas relativamente avultadas no ensino. Eu desejaria ver o Estado se interessar mais pelo ensino secundario. Infelizmente, parece que a maioria dos nossos legisladores tem suas vistas de preferencia voltadas para o lado do ensino primario. Entretanto, quanto ao ensino, creio que o problema nacional é o problema do ensino secundario.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros e vantagens desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— Quanto ao ensino secundario, já mostrei os defeitos que me parecem existir na Reforma.

Devo accrescentar, quanto ao ensino superior, que recrutando, este a sua clientela entre os moços sahidos do ensino secundario e de formação deficiente, elle não produz os resultados esperados, pois o moços são muitas vezes incapazes de seguir cursos de alto valor scientifico. De outro lado estes moços levam neste estudo superior seus processos viciosos de trabalho: isto é, a memoria ainda prepondera com sacrificio da verdadeira cultura.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma funcção puramente

preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfatoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?

— Já foi respondida na primeira resposta.

5 — E’ favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

— Eis ahi uma questão sobre a qual já se escreveram livros. . . Entretanto parece que a experiencia já mostrou a grande superioridade intellectual dos homens das gerações passadas que tinham recebido uma forte cultura litteraria. Haja vista os pro-homens de que nos orgulhamos e cujo protótypo é o grande Ruy Barbosa.

E’ na literatura que achamos os modelos definitivos de um pensamento forte e fortemente exprimido. Além disso, a literatura apresenta uma infinita variedade de pensamentos, de sentimentos, de expressões que sciencia alguma poderia fornecer. Assim ella é o melhor instrumento de ductilisação do espirito. Quem não se lembra da famosa distincção entre o “espirito de finura” e o “espirito geometrico”?

Ninguém poderá negar que o esforço de intelligencia ou de criação litteraria se exerce sobre uma materia muito mais fina, muito mais delicada de que o pensamento scientifico. Resulta disso para o espirito uma ductilidade, subtileza cujo valor se faz sentir na propria sciencia. Quantos sabios não têm confessado que o merito de seus

trabalhos era devido em grande parte á forte cultura litteraria recebida antes de abordar os grandes problemas scientificos? Agora, esta litteratura será a classica ou a moderna? Para nós brasileiros parece-me que o melhor meio de fortificar nosso pensamento nacional, de conservar-lhe o que elle tem propriamente de racial, é justamente de combater as correntes estranhas deformadoras e ir beber directamente ás fontes as Humanidades classicas.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da “universalidade” de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer “a especialização”?

— Do ensino secundario deve prolongar-se por bastante tempo até uma idade em que as tendencias, os gostos tenham podido manifestar-se para esta ou aquella forma de actividade intellectual. Em lugar de abafar estas tendencias, é preciso, ao contrario, as ajudar no seu desenvolvimento. Julgo pois que, sem sacrificio do principio da cultura geral, se poderia admittir uma bifurcação nos estudos secundarios do modo seguinte: duas grandes directrizes, uma mais particularmente orientada para as letras e as sciencias sociaes, outra para as sciencias propriamente ditas. A primeira seria para os moços que se destinam á Faculdade de Direito (magistratura, alto funcionalismo, etc.). A segunda receberia os que pretendem seguir as carreiras scientificas (engenharia, chimicos, in-

dustriaes, medicos, etc.). Estas grandes directrizes não comportariam caracter pratico algum. Ellas não fariam senão dar um logar um pouco mais importante a uma ordem de materias, sem todavia deixar de lado as outras. A bifurcação se faria nos dois ultimos annos do curso em um momento em que as tendencias já se affirmaram, e em que a cultura geral já teria tido tempo de agir efficazmente.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— Diante das modalidades cada vez mais complexas da vida moderna, haverá mesmo necessidade desta Escola Nova? Pela sua propria finalidade, o ensino secundario deve formar espiritos que se distingam pela sua largueza de vista, pela sua facilidade de adaptação. Para que uma escola nova se o ensino secundario actual dando ao espirito estas qualidades, permite-lhe comprehendêr estas concepções novas da vida e por conseguinte adaptar-se e integrar-se nellas?

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuido e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do caracter nacional?

— Se para ministrar as modestas noções do ensino primario, julgamos necessaria uma preparação technica

para os professores primarios, a "fortiori" para o professor secundario, cuja acção no espirito do educando deve ser muito mais profunda, deveriamos fornecer uma preparação especial. Não temos, entretanto, uma Escola Normal Superior que forme o professor secundario, que lhe ponha nitidamente diante dos olhos o problema educativo e lhe proporcione os meios de resolver este problema. Que acontece? E' que todos nós professores secundarios somos autodidactas: não ha uma formação uniforme, não ha, pois, um ideal "medio" a realisar. Os esforços são muitas vezes antagonicos, se bem que as intenções dos professores sejam as mais louvaveis. Os outros defeitos desta organização actual já foram expostos no primeiro quesito.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— Dada a maneira pela qual encaro o ensino secundario, e admittida a hypothese já por mim acima formulada que elle é por ora ainda deficiente entre nós, julgo prematura toda organização de um ensino geral puramente desinteressado. Para que elle pudesse produzir efeitos proveitosos, teria necessidade de uma elite intellectual que nosso ensino secundario ainda não preparou. Será talvez mais acertado melhorarmos primeiro este ensino; mandar para as escolas technicas pessoal cada vez mais preparado.

Mais tarde naturalmente, destas mentalidades mais apuradas se destacarão aquelles que não tendo pendor especial para as applicações praticas, proseguirão nos seus estudos, aprofundando-os e tornando-se criadores: caracteristico do sabio.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu character de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficaçia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

— Seria muito a desejar que se installasse no nosso Estado a “Universidade de S. Paulo”. Como porém constituil-a actualmente, se para sua constituição nos falta justamente uma Faculdade de Letras e Philosophia? Para os fins altamente patrioticos exarados no paragrapho b) parece-me que seria esta Faculdade com seus cursos

de Literatura antiga e moderna, de Historia, de sociologia, etc, que teria a acção mais profunda na formação e no desenvolvimento da cultura nacional.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— E' um verdadeiro programma de remodelação do ensino em geral que esta pergunta comporta. E' difficil dar-se-lhe uma resposta succinta nas condições em que se faz este inquerito. Em todo caso em linhas geraes eis aqui o que penso:

1.º) Remodelação do ensino secundario nas bases que já expuz linhas atrás.

2.º) Com os elementos melhorados fornecidos por este ensino secundario remodelado, o ensino superior se afastaria um pouco do caminho seguido até aqui. Se bem que conservasse em parte seu papel de preparação technica, elle estabeleceria ao lado dos cursos technicos cursos tendo um caracter de cultura desinteressada, de alta cultura scientifica.

E' o unico meio de estabelecer a escala dos valores intellectuaes e de criar assim o nivel ideal para o qual deve tender o espirito geral do paiz. E' o meio de criar uma sciencia brasileira original, é o meio emfim de preparar os professores para o ensino secundario, tal como eu o

idealisei acima. Estes professores formarão então moços aptos a tirar todo o proveito do ensino superior. Não se pode ter um ensino superior digno deste nome, a não ser que elle se destine a intelligencias fortemente cultivadas. Para nos convenceremos desta affirmação basta ver as queixas cada vez mais frequentes dos nossos professores de escolas superiores sobre o preparo deficiente dos alumnos que procuram as Faculdades.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministério de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Em seguimento ao que disse acima, para que se possa ter uma acção, efficaz e duradoura sobre as multipas modalidades que comporta um ensino na vida moderna, é necessario criar uma organisação que tenha a alta superintendencia sobre este ensino. Sua funcção será de orientar este ensino, indicar as grandes directrizes mais uteis para a grandeza do paiz, fiscalisar cuidadosamente o ensino privado, por natureza da nossa emigração constituido por elementos de varias tendencias, unificar todos os esforços para a criação de um espirito fortemente nacional.

Seria pois de grande utilidade a criação de uma secretaria de Instrucção Publica no nosso Estado, e de um ministério no governo federal. E' impossivel e quasi des-

humano exigir de um homem — por mais operoso e mais dedicado que seja — que elle se desdobre nas multiplas feições necessarias para solver os problemas da Instrucção, Saude Publica, de questões administrativas que se apresentam nestas pastas.

Além disso, em uma democracia, incipiente como a nossa, na qual a questão do Ensino Publico é premente, é necessario que o homem que superintenda esta pasta possa dedicar todo o seu esforço a esta preocupação suprema.

A OPINIÃO DO DR. MARIO DE SOUZA LIMA

Por que têm falhado as reformas federaes. — O divorcio entre a legislação e o meio. — Falta de continuidade entre as leis que se succedem. — Montão de leis e projectos contradictorios. — O desinteresse de S. Paulo pelo ensino secundario. — Melhoramentos indispensaveis. — Instituição de cursos livres de ensino secundario. — A ultima reforma federal. — Medidas boas e erros fundamentaes. — O problema da formação do professorado. — As humanidades classicas, base insubstituivel do ensino secundario. — Ensino desinteressado, de cultura geral. — A gravidade da questão. — O recurso salvador, na criação de universidades. — Aspiração que urge realizar. — Pela criação do Ministerio de Instrução Publica.

Embora dos mais moços, o autor do depoimento de hoje é dos mais autorisados elementos do brilhante corpo de professores do ensino secundario, em S. Paulo. Professor que succedeu ao dr. Eduardo Carlos Pereira, na cadeira de portuguez do Gymnasio da Capital, a sua actividade vem crescendo como uma força viva que se desenvolve naturalmente sem saltos e precipitações, mas tambem sem quedas e recuos. E' uma dessas reputações a que a acção do tempo só contribue para dilatar o prestigio formado lentamente na disciplina dos estudos, na pratica do dever e na consciencia das responsabilidades do cargo.

Sob apparencias discretas, que chegam ás vezes a dar impressão de timidez, mal disfarça, aos olhos do observador, a fibra de uma caracter affirmativo, que vae rapido ás conclusões e encontra prazer em defendel-as.

Educado nos principios liberaes de analyse e de critica, aberto ás innovações verdadeiramente significativas, tem, para contrapeso de seu idealismo reformador, o culto das mais bellas tradições humanas. Esta alliança de um espirito innovador, sem utopia, e de um sentimento tradicionalista, sem rotina, já bastaria para dar idéa do valor de suas opiniões que elle procura apoiar na observação directa da realidade. Para a formação dessa mentalidade positiva contribuiu certamente o "criterio sociologico", adquirido no convivio com as sciencias sociaes, e que o habituou a collocar sempre, no espaço e no tempo, as questões que estuda, e a confrontar as soluções theoricas com as necessidades variaveis dos quadros sociaes.

Este, o seu parecer, reflectido e documentado, sobre a materia agora em discussão:

“É de importancia tão grande e fundamental a organização do ensino na vida de uma nação que merece todos os louvores quem toma a si a tarefa de attrahir para o assumpto a attenção geral. E se isto é sempre verdade, seja qual fôr o regimen politico do Estado, mais ainda o será em uma democracia como a nossa, sem classes privilegiadas e onde a direcção dos negocios publicos precisa de ser attribuida aos mais aptos pelo saber dentre aquelles que um tirocinio gradual da vida publica dotou

da necessaria experiencia, e que alliam a esses requisitos os igualmente indispensaveis e ainda mais essenciaes de honestidade pessoal, firmeza de vontade e indefectivel adhesão ás exigencias do bem collectivo. São assim beneficas as iniciativas como esta, com que "O Estado de São Paulo", numa campanha franca e decidida, tem procurado agitar as opiniões em prol de melhor aparelhamento do ensino entre nós. Do embate desassombrado das idéas divergentes e contradictorias, resaltam em geral as grandes linhas médias, que devem orientar as construcções democraticas. No caso concreto que nos preoccupa aqui, como em todos os demais, não ha porque fugir á discussão desinteressada e leal. Della, só o bem poderá provir. A educação generalisada é a mola propulsora de todo o progresso moderno. Certo é, como dizia Ruy Barbosa, que "não ha senão povos que trabalham e povos que não trabalham", mas não é menos certo que a efficiencia desse labor dependerá, em grande parte, dos processos e meios technicos nelle empregados. Ora, só uma continua e completa informação dos progressos scientificos permittirá a um povo a utilização opportuna dos meios que lhe consentirão manter-se sem desvantagens na concorrência internacional.

Mais não é preciso dizer para tornar claro o que penso do valor deste inquerito. É pois, com satisfacção, que attendo ao convite com que fui honrado, para trazer ás columnas do "O Estado de São Paulo", a modesta contribuição da minha experiencia pessoal e do meu estudo do magno assumpto.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insucesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— Sendo, como é, fóra de duvida o terem falhado quasi de todo as innumeradas e successivas reformas do ensino secundario e superior não só na Republica, mas tambem no Imperio, é necessario buscar a razão desse descalabro em algum obstaculo permanente, que nenhuma dessas reformas conseguiu ainda remover. Todas as experiencias se ensaiaram, todos os processos de exame, todos os programmas de ensino, todos os regimens escolares, e ao cabo de tudo isso os mesmos clamores sempre se levantaram, apregoando a anarchia do ensino. Força é, pois, concluir pela divergencia fundamental entre essas reformas e a indole dõ nosso povo, pela sua inadaptação ao nosso meio, pelo desconhecimento em que se fundaram das nossas verdadeiras necessidades. Esse erro inicial, unico de expressão e generalidade capazes de explicar o dismantelo do ensino, é principalmente visivel nas reformas Benjamin Constant e Rivadavia Corrêa, a primeira, informada por absurdos principios aprioristicos, que a fizeram falhar ruidosamente, não obstante ter sido uma louvavel tentativa pela organização do curso gymnasial; a segunda, “verdadeiro parenthesis na legislação escolar”, no dizer do dr. Ortiz Monteiro, destruição do ensino secundario na sua propria essencia, abolindo os ultimos

vestígios de cultura ainda existentes nos poucos gymnasios equiparados que se salvaram da anarchia geral, e instituindo o regimen sobre todos nefasto dos exames de preparatorio. A reforma Carlos Maximiliano, benemerita sob muitos de seus aspectos, não conseguiu, todavia, deter a onda de ignorantes que todos os annos acorriam ás bancas examinadoras em busca do certificado libertador. Diante disso, e recordando ainda os abusos sem conta que proliferaram á sombra do proprio Codigõ Eпитacio Pessoa, sabiamente elaborado sob a inspiração de um pensamento superior, é licito duvidar de que a lei actualmente em vigor surta melhores resultados, apesar de algumas excellentes disposições.

De tal divorcio entre a legislação e o meio, o que vale dizer entre a lei e o direito derivado da natureza deste, decorrem, segundo penso, quasi todos os males que fizeram do ensino entre nós o que ahí está.

Resalta, á primeira vista, a falta de continuidade entre as leis que se succedem. Percorram-se livros como os "Problemas de Educação Nacional e de Instrucção Publica" do professor Egas Moniz Barreto de Aragão, ou "O Ensino Publico no Congresso Nacional" de Primitivo Moacyr, e fica-se deveras atordoado no meio daquelle montão de projectos e de leis que se oppõem e contradizem, succedendo-se com intervallo de poucos mezes, sem tempo sufficiente para um estudo demorado da legislação em vigor e suas consequencias praticas.

De vez em quando, ás primeiras applicações de uma nova lei, diante de um auspicioso augmento de reprovações,

renasce a esperança de se ter finalmente acertado com o remedio regenerador. Mas, nos exames seguintes, a proporção formidavel dos approveds simplesmente é incentivo poderoso para uma nova reforma que não se faz esperar. Acresce ainda que, antes mesmo de sua revogação, e ás vezes apenas entrada em vigor, começa o desvirtuamento da lei graças á multidão de officios e avisos, e contradicção com a sua letra e espirito, como succedeu com o Codigo de 1901 e a Reforma Maximiliano.

Diante desses factos, cuja exactidão ninguem ousará contestar, seria deveras para admirar que tivéssemos no ensino o verdadeiro aparelho de educação pelo qual aspiramos.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— Não se poderá negar o carinho com que o Estado de S. Paulo sempre tratou dos problemas da instrucção publica, mas é força convir em que as suas attensões pouco se têm voltado para o ensino secundario. No Congresso Nacional, salvas honrosas excepções, raramente os representantes paulistas têm desempenhado nos debates feridos em torno deste assumpto sobre todos vital, aquelle proeminente papel que fôra de esperar de mandatarios de um Estado justamente tido como o primeiro da Federação. Grandes serviços, entretanto, poderia prestar São Paulo

ao ensino secundario, cooperando na solução dos embarços que lhe tolhem o desenvolvimento, ou intervindo directamente junto ao governo da União, em cujo capitulo quasi sempre tem tido voz activa, e no qual a sua intervenção certamente attingiria o alvo collimado. Onde essa intervenção não se deverá dar é no patrocínio de interesses particulares, em detrimento do interesse commum, no amparo dispensado a escolas cuja vida e prosperidade dependem de um regimen de condescendencias e facilidades de toda a ordem.

Mas, além da cooperação com os poderes federaes e da abstenção inflexivel em face de conveniencias particulares, outras iniciativas póde tomar o Estado para incrementar no seu territorio a instrucção secundaria. Essa iniciativa se exerceria em primeiro logar, dotando os gymnasios officiaes dos melhoramentos indispensaveis á eficiencia do ensino: a) laboratorios e museus; b) salas apropriadas ao ensino da Historia, Geographia e Desenho; c) gabinetes para inspecção medica; d) salas de gymnastica e piscinas de natação; e) bibliothecas.

Sem laboratorios apropriados, onde todos os alumnos possam realizar as suas experiencias; sem museus amplamente sortidos de material necessario; sem mappas geographicos e historicos, os esforços dos professores ficarão sempre improficuos, mormente quando nas aulas se agglomeram quarenta ou cincoenta alumnos. Importa lembrar que o Museu Nacional, desde 1919, por intermedio do seu director, sr. dr. Bruno Lobo, pôz á disposição dos estabelecimentos de ensino secundario collecções didacticas

de Historia Natural. Quanto a bibliothecas, fôra superfluo encarecer-lhes o valor. A escola moderna é inconciliavel com os velhos methodos de memorisação de textos, e, tendo por fim fornar a capacidade critica do alumno, repelle naturalmente o uso do compendio de aula como fonte exclusiva de informação. O estudante não deve limitar-se á leitura de um só livro, mas tem de consultar as obras citadas na lição do mestre ou na bibliographia do autor. É preciso que a bibliotheca esteja á sua disposiçãõ durante todo o dia, e não apenas nas horas de aula, que são precisamente aquellas em que elle não poderá frequental-a.

Por outro lado, as necessidades da democracia moderna e da luta pela vida nos tempos actuaes, exigem de todos maiores conhecimentos do que os adquiridos na escola primaria. Assim é que nos Estados Unidos vae-se tornando obrigatoria a instrucção secundaria, e o Estado de Nova York instituiu classes nocturnas para os rapazes de quatorze a dezoito annos que não possam de outro modo fazer o curso secundario. Eis ahi outra medida que São Paulo poderá pôr em pratica, dando ao Brasil mais um magnifico exemplo: a instituição de cursos livres de ensino secundario, com a organisação que o estudo minucioso do meio mostrasse mais conveniente.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros e vantagens desta ultima reforma federal decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925) relativamente ao ensino secundario e á organisação dos cursos profissionaes superiores

(medico, juridico, polytechnico, etc.) na especialidade de que tem maior conhecimento?

--- Referindo-me apenas ao ensino secundario, devo declarar que sou dos que pensam (não sei se muitos ou poucos) que a reforma federal de 1925 lhe melhorou bastante a situação. Tenho como certo que os seus pontos principaes devem ficar, e seria grande mal desprezar o que ella estabeleceu relativamente ao Departamento e ao Conselho de Ensino, á exigencia dos exames seriados, á criação das novas cadeiras de Instrucção Moral e Civica, Literatura e Philosophia, bem como ao augmento de tres para cinco annos do curso de portuguez. Entretanto, ha na mesma reforma erros fundamentaes, que tiram a essas boas medidas o alcance que poderiam ter. Considero o mais grave a falta de uma Escola Normal Superior, para a formação de professores de ensino secundario, deficiencia tanto mais imperdoavel, quanto já foi assignalada na reforma Maximiliano pelo dr. Paranhos da Silva, e já em 1907, o ministro Tavares de Lyra, apontára tal medida como a melhor solução para a investidura do professorado, “porque o candidato — uma vez conseguido o necessario preparo e feito o “estagio que tão bons resultados tem dado na Allemanha — estaria apto a pleitear um lugar no professorado official”. Essa providencia, sob todos os aspectos fundamental, viria tambem corrigir as deficiencias que ha no emprego do concurso com o processo exclusivo de selecção do magisterio, sem abolil-o de todo.

Tenho ainda por erros da reforma os pontos seguintes: a) o art. 54, que estabelece como “condição

indispensável para admissão a exame vestibular para a matrícula em qualquer curso superior”, o certificado de aprovação final no 5.º ano do curso secundário. Esta funesta disposição inutilisa praticamente o 6.º ano, que nenhum alumno cursará e annulla a mesma intenção primordial da reforma expressa nos artigos 47 ex-vi do qual “o ensino secundário, como prolongamento do ensino primário, *para fornecer á cultura média geral do país*, comprehenderá um conjunto de estudos, com a duração de seis annos”; b) o art. 259: “É mantida com a sua actual organização no que não contrariar as disposições deste Regulamento a Universidade do Rio de Janeiro”, etc. Por esse artigo a lei perpetuou o erro existente de ter por Universidade a méra juxtaposição de institutos “que por sua natureza possam fazer parte do systema universitario”, sem dar a esses diversos corpos outra unidade mais que a simples presidencia de um mesmo reitor. A lei falhou assim em um ponto importantissimo — mais do que isso — no ponto central em que, ao que me parece, se occulta a solução desse mysterioso problema do ensino.

Seria preciso tambem estudar seriamente a questão da vitaliciedade immediata dos professores, pois no regimen actual o concurso apenas revela cultura e nada indica quanto á capacidade pedagogica e a dedicação ao magisterio, predcados que só um lapso de tempo de dois ou tres annos poderá revelar. A pratica americana da vitaliciedade tem levado educadores de nome, como Ellwood P. Cubberley, á conclusão de que “deve haver propriedade

do cargo para todos os professores efficientes: mas ella chegará como merecida recompensa por serviço leal e capaz, não como direito legal concedido a todos". Com elle está o eminente director da Escola Normal de Santiago do Chile, o sr. Salas Marchán, de cuja preciosa obra "Tendencias actuales de la Educación Norte-Americana", colhemos a citação referida.

Em referencia ao systema de exames preceituado pela reforma de 1925, nada se pôde dizer, pois só agora se fará applicação integral do mesmo. Aguardemos os resultados.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma funcção puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua "verdadeira finalidade" no plano geral da educação?.

— Perfeitamente: e este ponderoso motivo se conjuga ao assignalado na resposta ao primeiro quesito. Se nenhuma das reformas do ensino alcançou resolver a difficuldade, é exactamente, como já vimos, por não levar em conta o meio social onde, não apenas se perdeu, mas nunca existiu aquella consciencia, sendo que a essa falta se devem prender os esforços generalizados das familias para burlar as disposições leaes, convencidas como se acham de que o maior bem é a celeridade dos estudos e de que tudo se deve tentar pelas graciosas intervenções da amizade.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

— O meu pensamento, externado em todas as occasiões que se me apresentam, é o de ser a disciplina classica a unica que tem resistido victoriosamente ás provas e contra-provas da experiencia. Esta vem, com effeito, demonstrando sempre que o ensino secundario é de sua natureza ensino desinteressado, cujo verdadeiro fim é o preparo geral do alumno, sem preoccupações ultteriores de ordem profissional. O que importa, acima de tudo, é dar ao moço uma organisação mental que lhe fortaleça o poder de julgar por si mesmo, lhe permitta systematisar os conhecimentos particulares, e, por meio de uma orientação segura, o salve da dispersão do espirito dando-lhe, ao mesmo tempo, a necessidade e o gosto da vida intellectual. Não é pelo numero e variedade das noções adquiridas que se julgará do valor de um systema educativo. É, sim pelo poder de reflexão e attenção que exige, pelos habitos intellectuaes que forma, pelo valor comprehensivo dos seus principios. A cultura classica é a base insubstituivel de tal formação. Facil seria mostrar, citando Poincaré e Le Châtellier, que os proprios geometras o têm nessa conta.

Não quero dizer com isso que se haja de menosprezar o estudo das sciencias ou reduzir o numero de materias necessarias ao estudante moderno. Não. Penso resolutamente com Salomão Reinach que não devemos mutilar o espirito moderno, "dont le curiosité encyclopédique n'est

que l'instinct de ses devoirs envers lui-même!" Aceitando "a herança dos nossos avós, accrescida da de nossos paes", busquemos nos methodos pedagogicos o meio mais facil e rapido de aprender, obviando, dest'arte, ás difficuldades provenientes do maior numero de coisas que é preciso saber.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da "universalidade" de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypotese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer "a especialização"?

— Adversario da bifurcação em secção moderna e secção classica da reforma de 1902 em França, applaudo, todavia, a idéa do curso integral e seriado em dois cyclos, com um unico bacharelado. As duas coisas já foram lembradas no Brasil: a divisão em cyclos, com dois cursos especiaes no segundo, a saber: curso de bacharelado em letras e curso do bacharelado em sciencias, pelo deputado Passos de Miranda, e pelo ministro Tavares de Lyra; a divisão em dois cyclos com um unico bacharelado pelos drs. Pinheiro Guimarães e Pinto de Carvalho. De accôrdo com o illustre professor da Faculdade de Medicina da Bahia, aceito esta segunda formula, exigindo-se o certificado do primeiro cyclo para a matricula nas faculdades de commercio, industria, agricultura, etc., e o bacharelado de seis ou sete annos para o ingresso nas faculdades de ensino superior.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima. a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— Em tudo quanto se refere ao aproveitamento de novos methodos pedagogicos aconselhados pela experiencia e tendentes a adaptar a escola ás condições sociaes dos nossos tempos, na medida em que tal aspiração não contrarie os principios basicos do ensino secundario, conforme ao pensamento desenvolvido nas respostas aos “itens” precedentes.

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuído e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

— Nem poderia ser de outro modo, dados de um lado a instabilidade de que se tem revestido a organização do ensino, e de outro o alheamento, em que as nossas leis collocam os estabelecimentos de ensino secundario, das necessidades do meio a que deveriam servir. Disso nenhuma culpa cabe aos professores, homens quasi todos empenhados em dar ao magisterio que professam a maior e mais salutar efficacia. Porém, limitada a sua influencia ás poucas horas de classe, como poderiam elles desenvolver entre os discipulos e, por seu intermedio, entre as familias, o papel educativo que lhes caberia em um meio no qual a organização escolar estivesse perfeitamente inte-

grada? Creio, entretanto, que ainda mais que essas circumstancias, tem contribuido para a falha daquelle papel educativo, a ausencia de um systema de idéas que, sem ferir a autonomia didactica, e sem impôr uma cartilha official, informe o organismo escolar de alto a baixo, e dentro da mesma escola permeie as lições de todos os mestres, de modo que o espirito do alumno receba em todas as classes a mesma orientação fundamental. Mas, para isso, (pois, do contrario, cahiriamos em um mal ainda maior), fôra necessario organizar a formação scientifica do professor, por meio daquella Escola Normal Superior a que já me referi, como de associações de classe, cursos de ferias, e cursos de extensão universitaria.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— Só a pesquisa pessoal e a cultura superior formam pensadores originaes e profundos. Não faltam ao Brasil profissionaes eminentes no direito, na engenharia, na medicina, na especialidade bancaria, como não faltam historiadores ou grammaticos de valor. O mesmo, porém, já não succede, quando dahi passamos ao campo da cultura livre, em que na França, por exemplo, sobresaem os Bergson ou os Geny, os Tourville ou os de Bérard.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno :

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu character de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficaçia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

— Penso que só assim formaremos aquella consciencia da verdadeira “finalidade” do ensino secundario de que já tratámos, como tambem conseguiremos “fazer do ensino um verdadeiro aparelho da educação, integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz”. Ahi está para mim o recurso salvador. As nossas condições sociaes e psychologicas impõem, como necessidade premente, a subordinação do ensino a um systema geral, cujas peças se traveim e ajustem sem sacrificio da variedade especifica. A vida universitaria, naturalmente socialisada — no que corresponde ao ideal democratico — é o melhor aprendizado para a vida publica.

É urgente realizar esta aspiração, que vem de longe entre nós. Pondo de parte o generoso sonho dos Inconfidentes de Minas, o governo imperial, por mais de uma vez, se empenhou junto á Assembléa Geral Legislativa, pela criação de duas Universidades, uma ao Sul e outra ao Norte do paiz, bem como de Faculdades de Sciencias e Letras, vinculadas ao systema universitario. Na Republica não faltaram tambem projectos, entre os quaes é de justiça salientar o do dr. Gastão da Cunha.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— Pela criação da Faculdade de Letras e da Escola Normal Superior.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Se já o Governo Imperial cogitava da constituição de um ministerio destinado aos Negocios da Instrucção Publica, de necessidade incomparavelmente maior é ella, nos dias actuaes. O Ministerio de Instrucção Pu-

blica teria sobre o Departamento a vantagem da maior autonomia do ministro, e a de ser um organ centralizador de mais efficacia. Tenho duvidas, porém, quanto á conveniencia da reunião, na mesma pasta, dos negocios de saude e educação, o que, talvez, nos fizesse repetir o erro do Ministerio da Instrucção Publica criado pelo dec. de 19 de Abril de 1890, e supprimido dois annos depois, no qual desastradamente se incluíram os serviços de Correio e Telegraphos.

Quanto á criação em S. Paulo de uma secretaria autonoma não lhe descubro a necessidade.

O QUE PENSA AMADEU AMARAL

Apparelho de ensino bem integrado no ambiente nacional. — Reflexo de orientações vagas e confusas. — O predomínio de objectivos immediatos. — O desprezo a que se relega a cultura. — O abstencionismo de São Paulo no debate das questões culturais. — O dominio das preocupações utilitaristas. — A tristeza de ver quasi tudo por fazer... — Mas, «felizes as épocas que têm uma tarefa immensa a realisar». — A ultima reforma federal. — O seu principal defeito. — A questão do ensino secundario. — Que tem sido secundario nestes cursos? — Unicamente, o ensino. — Perca-se, nelles, tudo menos o anno!... — Preconceitos que urge combater. — A primasia para as materias literarias. — Uma Universidade em São Paulo? — Um bello sonho; mas... — A necessidade de um «contrôle» social do ensino.

Para se apanhar, pelos seus aspectos principaes, questões como a do ensino, simples na apparencia, mas comp'exas na realidade, ha toda vantagem em submettel-as á analyse de pessoas collocadas em differentes pontos de observação. É muito frequente, aliás, mudarem-se as opiniões mais radicaes, só pelo facto de ser outro o ponto de vista em que o observador se collocou... Não tem, pois, razão Amadeu Amaral de estranhar que o tivesse-mos consultado, a elle que "nunca se especializou em questões didacticas ou quaesquer outras". O que procurou, e obteve o nosso convite, não foi a opinião, ás vezes profun-

da, e frequentemente exclusiva, de um especialista, mas a de um jornalista, de curiosidade investigadora, e de espirito aberto para todas as direcções e voltado, com uma sympathia humana, para os mais variados assumptos de interesse geral. Fossem quaes fossem as suas idéas, não poderiam vir, em taes condições, marcadas com a estreiteza de vistas que lhes costuma imprimir a limitação systematica do campo de preoccupações e de estudos.

De mais, é preciso que nos habituemos a fazer collaborar, no progresso do ensino, o estudo e a experiencia dos technicos, e os recursos do saber e da observação de homens illustres, estranhos ao corpo de professores. A tarefa de educação, o que vale dizer de formação social, exige a solidariedade intellectual e activa de todos para apertar as aproximações entre a escola e a vida, entre o systema de ensino e o conjunto do quadro social a que elle se propõe servir. É por isto mesmo que, dentro dessa corrente de idéas, temos insistido sobre a necessidade de se promover a cooperação da escola e da familia, dos paes e dos professores, para um ideal commun. O valioso depoimento de Amadeu Amaral é uma prova do acerto do appello a que teve a gentileza de acudir. Não será, ao menos nos aspectos geraes, uma pagina de affirmação e de fé. Mas, apesar do tom displicente com que se expande ás vezes a sua maneira pessoal de vêr e julgar as coisas, destaca-se, á primeira vista, um interesse vigilante pelos problemas de educação, sobre que discorre com segurança nesta pagina repousada e suggestiva como uma palestra, com todo desencanto de uma experiencia, inimiga de conclusões.

Esta, a resposta que nos enviou:

“Meu caro redactor:

Recebendo o seu questionario, como v. bem deve ter visto, o meu primeiro movimento foi de recusa. V. insistiu, e, um pouco pela sua insistencia, um pouco por deliberação propria, resolvi entrar no cipoal para onde v. me arrasta com o ar mais natural e tranquillo deste mundo, como se me levasse a palestrar para as ruas planas e arborizadas de um jardim publico... A mim, que nada entendo destes altos assumptos, e que nunca me especialisei em questões didacticas, — ou quaesquer outras!

Resolvi acceder, primeiro, por uma especie de esporte. Pensei commigo que outros têm effectuado tantas provas mais difficeis, — andar mil kilometros a pé, voar em aeroplano, subir pelas paredes. Por que não se poderia tentar uma excursão através do cipoal?

Demais, meu illustre amigo, demais, sejamos francos, ha uma certa hypocrisia na modestia com que muitos recusam dar sua opinião sobre assumptos de interesse geral, allegando incompetencia. Na verdade, todos têm opinião sobre esses assumptos, todos se esforçam por formar, emitir, sustentar seus modos de vêr sobre esses assumptos, como sobre todos os assumptos imaginaveis, até sobre os que se entendem com o... Incognoscivel; e são muito raros os que se lembram da sua incompetencia diante dos mais tenerosos enigmas. Parodiando a phrase de Rabelais, podemos dizer que ter opiniões é proprio do homem.

Não ha só hypocrisia no caso, ha tambem uma enorme immodestia. Negar-se a dizer alguma coisa sobre questões de interesse geral, é dar excessiva importancia

às próprias opiniões: é pensar a gente comsigo que só deve abrir o bico quando puder dizer coisas profundas e definitivas: é temer que uma opinião menos amadurecida ou menos segura possa abalar lamentavelmente a ordem das coisas, lançar os espíritos na confusão e na ansiedade... Eu estou convencido, ao contrario, que não ha, nem deve haver opiniões definitivas; que uma opinião, para ser sincera e boa, em qualquer materia, não precisa ser mais do que uma série de pensamentos em voz alta, pensamentos que exprimem um momento do espirito e que se tem a obrigação de contraditar e reformar em seguida...

De resto, já o dizia, com carradas de razão, o veneravel Victor Hugo: "Il est permis, même au plus faible..." E isto bastava a justificar a minha intromissão no debate.

Aqui va e a resposta, escripta, senão ao correr da pena, escripta pelo menos ao sabor da correnteza das idéas, isto é, sem intuitos altos e graves de quem mamou nos fecundos seios da propria Sabedoria.

PARAGRAPHO 1.º

Qual a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior?

Não vejo causa fundamental nenhuma, a não ser a impossibilidade que não existe só para nós, de se fazer coisa amplamente satisfactoria em materia de ensino, ma-

teria que em toda a parte é objecto de longas e inesgotáveis controversias. De resto, deve haver uma porção de causas, e talvez uma das principaes seja o facto de se reformar demasiado, sem dar tempo a que uma das reformas executadas revele todos os seus effeitos...

Entende o meu preclaro amigo que aquelle ensino não é “um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional nem um instrumento de cultura posto a serviço do paiz”.

Para ser consequente devo dizer que elle, ao contrario, me parece bem integrado no ambiente nacional. Como quer que seja, representa com verdade, por um lado, a estagnação, o vago e o confuso das orientações e tendências do nosso povo em materia de idéas geraes sobre educação; por outro lado, o generalizado predominio, o quasi exclusivo dominio dos objectivos immediatos e apparentes; o exame, a formatura, a collocação, a carreira pratica ou professional. Corresponde ainda á concepção mais commum no Brasil acerca das funções da escola; á primasia que se concede ao “saber” (entendendo-se por “saber” aquillo que um escriptor estrangeiro definiu: “uma pequena encyclopedia de conhecimentos inuteis”); ao desprezo a que se relega a “cultura”, que é assimilação, conversão do aprendido em substancia propria, formação do espirito, augmento de capacidade e de actividade espontanea... Por fim, participa de todas as nossas qualidades e defeitos: programmas, exames, disciplina, tudo no ensino secundario soffre a influencia immediata dessas qualidades e defeitos.

Assim compreendida, a integração é real e completa. Antes não o fosse! Era preferível que, ao menos em parte, o ensino representasse um pensamento de reacção, de ataque exterior, de campanha suasoriamente compressiva, iniciada de fóra para dentro e de cima para baixo...

Quanto a ser ou não o nosso ensino secundario um instrumento de cultura, temos conversado!

PARAGRAPHO 2.º

A acção do Estado em materia de ensino, encarada objectivamente, não é de se desdenhar; basta percorrer uma lista das escolas por elle criadas e considerar as sommas consagradas á instrucção nos orçamentos annuaes. Em trinta annos de Republica, o Estado criou e tem mantido milhares de escolas primarias, uma dezena de escolas normaes, varios gymnasios, meia duzia de escolas profissionaes, duas faculdades superiores: obra consideravel. Ainda resta contudo muito que fazer, como é natural, notadamente no que se refere á parte que ora mais nos interessa, o ensino secundario e o superior.

Os nossos representantes federaes, evidentemente, não têm votado uma attenção muito especial aos problemas de ensino, ou ás questões culturaes. Essas questões, por um curioso phenomeno, sempre são atacadas e ventiladas por parlamentares do norte... Os do sul, os de S. Paulo, raramente se pronunciam, mais raramente se permitem alguma iniciativa. Estou apenas enunciando um

facto de observação, sem emittir julgamento, porque não tenho pressa nenhuma de julgar. Continuemos a enunciar mais alguns factos.

É certo que os nossos representantes federaes não parecem preoccupar-se apaixonadamente por questões de cultura. Mas, em S. Paulo, exceptuando-se uma pequenina minoria, militante tão pequenina que talvez se conte pelos dedos, quem é que tem mostrado preoccupar-se muito com taes questões? Entre os assumptos que agitam a opinião, em nossa terra, os problemas geraes do ensino, as questões de orientação philosophica, de programas, de methodos, de finalidade, não são, absolutamente, familiares ao publico — ainda que só nos refiramos ao publico das camadas cultas e influentes. Basta notar-se a raridade, senão ausencia absoluta, de livros e publicações sobre problemas geraes de cultura. Basta reflectir que, em materia de ensino, tudo, tudo está, por universal consentimento, entregue aos governos. Não ha uma só revista livre de estudos educacionaes, uma só associação destinada a cuidar de taes assumptos... O predominio das questões praticas, de ordem economica immediata, ou utilitaria, é geral, visibilissimo, incontrastado.

Perguntemos agora: é um mal? é um bem? Infenso a dogmatismos, ainda nos assumptos onde certa dóse de dogmatismo é quasi inevitavel e até de bom tom, não ousou affirmar que seja um mal, — embora me sinta ainda menos tentado a acreditar que seja um bem. “Que sais-je?” perguntava Montaigne, e de certo que não me ficará mal repetil-o após elle.

É verdade que as tendencias utilitaristas assumem por vezes, em nosso meio, aspectos francamente desagradaveis e algo ridiculos... Fala-se de explorações agricolas e industriaes, de iniciativas materiaes, — muito respeitaveis, é claro! — com surtos e gorgeios de lyrismo, com grandes phrases emphaticas. Os unicos assumptos capazes, geralmente, de despertar a fibra idealista e de esvaziar as tumescencias rhetoricas do paulista médio são as questões de lucro. Para as questões moraes, as questões de idéas, as questões de ensino, de educação, de melhoramento social, de aperfeiçoamento humano, — questões que, queiram ou não queiram, envolvem, condicionam e “suspendem” todas as outras, — não ha côros nenhuns de enthusiasmo: apenas, de quando em quando, como o canto de um sabiá tísico num opulento gallinheiro palrante e ostentoso, tremula um tímido “solo” de legitimo e puro idealismo... que ninguem escuta. Tudo isso é verdade! Comtudo...

Comtudo, esse encarniçado afan de realizações remuneradoras pôde ser uma phase largamente proveitosa de fundamentação, para ultteriores edificações mais altas e nobres. É duvidoso; mas pôde ser. Que sabemos nós?

É licito objectar com a velha Grecia, como correntemente se faz, com a velha Grecia onde o espirito de indagação philosophica, a cultura esthetica e literaria assumiram proporções assombrosas, e fizeram do povo grego, no dizer de um escriptor, um verdadeiro “povo”, o unico “povo” de que ha noticia. Mas quem nos diz que a velha Grecia não teve uma phase de preoccupações economicas

intensas? Dil-o-ão os que só tenham visto o mais bello e o mais nobre do que ella nos legou, o que apparece e refulge logo. Mas não era, de certo, por pura curiosidade investigadora nem por pura diversão que as tiremes gregas percorriam o Mediterraneo em todos os sentidos, nem que o Pireo se enchia de mastros de navios hellenicos e estrangeiros. E não foi, sem duvida, de um exclusivo amor da arte que a arte grega tomou alentos para o surto magnifico. Os grandes poetas recebiam bons punhados de moedas pelas suas tragedias. Os "talentos" de ouro e prata eram solidarios dos talentos que purificaram e illuminaram o ambiente moral do paiz. Zeuxis cobrava uma taxa aos que desejavam vêr a sua "Helena"... (Pobres expositores de hoje!).

Em todo caso, não exaggeremos nada: está longe de ser provado, ao contrario do que pretendem os seguidores de Taine, que o florescimento da literatura, da arte e do gosto seja effeito da prosperidade economica. Nenhum paiz antigo teve maior prosperidade economica do que Carthago.

Mas deixemos a Grecia e Carthago, e consideremos o caso em sua generalidade. Quando o economista aconselhava, com uma ponta de propositado cynismo: "Enrichissez-vous", não queria, de certo, que nos occupassemos exclusivamente de ganhar dinheiro: apenas queria que tratassemos tambem de ganhar dinheiro... A maioria dos homens — e quem póde garantir que não pertença a essa maioria? — não tem energia nativa bastante rija para se dedicar a uma vida virtuosa, contra tudo e contra todos, contentando-se com as meras satisfações de consciên-

cia. Isto, só para criaturas de excepção, capazes desse raríssimo poder de renuncia aos bens materiaes, ás honrarias e mais chamarizes mundanos. A maioria, na sua natural e saudavel mediocridade, não tem muito que ganhar com a penuria de recursos. A pobreza, que num S. Francisco ou num sabio como os ha tantos na Europa, é um titulo de aristocracia, um distinctivo, uma aureola, uma flôr, — na maioria é uma fonte perenne de invejas, de odios, de maledicencia, de desanimo, de desvios de conducta, de insociabilidade, de anti-socialidade. Eis ahi um terreno pouco favoravel á eclosão das bellas coisas e dos bons movimentos de sympathia e de cooperação! Demais, a pobreza geral seria “depauperamento” organico da communidade. As communidades depauperadas pôdem cuidar de boas iniciativas sociaes? Ainda quando houvesse as melhores vontades — o que seria difficil — não faltariam fatalmente os meios?

Emfim, meu amigo, lamento, mas não posso encarar como positiva desgraça a indubitavel mornidão do nosso amor ás questões de cultura, como a todas as questões de verdadeiro interesse geral.

Não tenho nenhuma gana de scandalisar ninguem, e detesto o gosto do paradoxo pelo paradoxo, mas, para ser sincero, ainda á custa de umas interjeições e umas ironias alheias, direi que, em assumptos de ensino, como em todos os assumptos de interesse colectivo, uma certa frouxidão de vontades é providencial. Eu poderia, a proposito, citar succulentos pedaços de Spencer e de outros autores supimpas... Não vale a pena.

Essas questões são tão terrivelmente complexas! é tão facil naufragarem os designios que se julgam mais clarividentes! é mesmo tão facil que as melhores intenções produzam efeitos francamente dannosos, que só o tempo revelará um dia, com espanto e decepção dos seus fieis! Imagine-se que, no meio de tantas incertezas, de tantas duvidas — em parte insolúveis — quanto ao papel, á orientação, aos methodos, ás finalidades do ensino, surge para ahi de repente meia duzia de homens mais cheios de boa vontade e de fé do que de lucidez e de competencia, e á custa de energia e a golpes de lei deruba, revolve, esfarela tudo quanto existe na materia e reconstróe ou tenta reconstruir tudo sob vastos planos completamente novos! Póde ser um desastre, um formidavel desastre. . . Já temos exemplos! Desastre que não virá senão complicar ainda mais o problema nacional do ensino, retardando-lhe a marcha com todo um chaos de construcções imprestaveis, — imprestaveis mas bem agarradas ao solo por uma infinidade de habitos e de interesses criados!

É por certo entristecedor o pouco caso com que geralmente se olha para as mais altas e graves questões. Mas ha coisas que ainda me fazem mais terror do que esse pouco caso: o dogmatismo e a pressa dos apostolos e propagandistas. Homens que se acreditam portadores da verdade perfeita e porta-vozes da sabedoria perfeita! Um perigo.

A unica attitude que me parece razoavel, e que eu desejaria vêr adoptada por todos quantos se interessam

devéras pelos problemas de ensino, seria a de um esforço calmo, cauteloso, tolerante, — sempre alerta e sempre tenaz, mas também sempre certo das suas incertezas, sempre consciente das suas ignorancias, sempre espicado de duvidas sinceras. Seria, pura e simplesmente, a transposição, para o plano social, do espirito de investigação scientifica, que se estriba em hypotheses, certo de que são hypotheses e não dogmas, e marcha de experiencia em experiencia, gradual, paciente, vagarosamente. Sim, vaga-ro-sa-men-te... Mas o vagar methodico do espirito scientifico vae bem mais rapidamente ao fim do que toda a pressa esbarrondante e epileptica!

De resto, meu bom e complacente amigo! não nos deixemos penetrar demasiado da tristeza de vêr, em redor de nós, tanta coisa por fazer, de vêr quasi tudo por fazer, em materia de ensino, em materia de cultura, em materia de organização geral. \Maiores e mais fundadas são as causas de tristeza que assaltam o pensador, nas sociedades velhas, vendo tanta coisa feita através de tantos seculos de labor — e tão mal feita, tão distante dos ideaes mais legitimos! Ha uma luminosa palavra de Romain Rolland, que vem a talho:

“Heureuses les époques comme la nôtre, qui ont une tache immense à accomplir! Heureux les hommes qui succombent sous le poids d’une glorieuse fatigue! Cela est mieux que de succomber sous l’ennui du néant, ou le contempler tristement l’oeuvre accomplie par d’autres”.

PARAGRAPHO 3.º

Á sua terceira pergunta — sobre os erros da ultima reforma — começarei respondendo algo que se liga ao que ficou lito. O caso dessa reforma illustra perfeitamente as considerações que fiz sobre a nossa generalizada falta de orientação e a respeito da mais generalizada falta de curiosidade e interesse por esses assumptos.

Levanta-se por toda a parte certo clamor contra os despropositos da lei. Pois bem. Essa lei foi preparada por illustre, respeitavel personalidade do ensino, a pedido do governo federal. O governo, portanto, escolheu, sabiamente, o melhor meio de preparar um projecto: não houve pruridos de reforma, senão o desejo de fazer unicamente uma reorganisação proveitosa. O encarregado appellou, reiteradamente, durante mais de um anno, talvez, para as luzes de todos os membros do Conselho Superior do Ensino: alguns collaboraram, a maioria não fez coisa alguma. Silencio geral. Descaso geral. Agora, todos enxergam defeitos na lei, e gritam! Eis ahi que tal é o interesse effectivo que ha por baixo de todos estes rumores e agitações...

Quanto aos defeitos da lei, não me atrevo a entrar em analyses que poderiam ir longe, e que poderiam parecer pretensiosas em quem é hospede nestas materias. Sempre direi, porém, que, de um modo geral, todos os defeitos, reaes ou imaginarios, perdem muito da sua espicaçante dissonancia, se se considera o seguinte:

que não ha, em parte alguma, organisação de ensino que satisfaça a toda a gente;

que não ha, muito menos, uma só organização que não se preste a criticas theoricas, porque o ensino, na sua complexidade enorme, feita de tradições, de idealidades, de conciliações philosophicas e religiosas, de conveniencias financeiras, de influxos politicos, só por milagre se accommodará bem nas linhas abstractas de um plano puramente pedagogico;

finalmente, que todos ou pelo menos os principaes defeitos da reforma podem ter provindo da impossibilidade de se criar um apparelhamento novo, ou mesmo de ampliar bastante o existente, devendo tudo ser feito dentro dos limites actuaes.

Aliás, o maior defeito, ou um dos maiores, o meu amigo o indigita com pleno acerto na sua quarta pergunta.

PARAGRAPHO 4.º

Sim, “a questão do ensino secundario ainda não se resolveu satisfactoriamente entre nós” — e quando digo “não se resolveu”, digo que não se resolveu no plano das orientações assentadas, porque, no plano da execução, nunca se “resolverá” deveras completamente. Como nas peças de theatro, o ponto de vista do espectador differe da do autor e dos que se acham nos bastidores...

Sim, a questão do ensino secundario ainda não se resolveu, como diz v., “por termos perdido a consciencia da sua verdadeira finalidade”. A finalidade do ensino secundario não póde limitar-se, como aqui se parece pensar e se pratica, a essa desmoralisante função de ponte para

os cursos superiores, a essa feição ridicula de um afunilado corredor de banheiro carrapaticida, onde a boiada, de qualquer maneira, tem de varar a portinhola e cair na agua.

A função essencial do ensino secundario, como de todo ensino... é ensinar. Parece que sobre isto não pôde haver duvidas. Pois em nosso ensino secundario, o que é secundario é unicamente o ensino. O grande objectivo para o qual todo elle tende, pelo qual todo o mecanismo se move, é o exame. Passar nos exames: é o que se pede ao ensino secundario, é o que o ensino secundario se esforça para attingir. O numero de alumnos approvados em bancas é o criterio da actividade e da efficacia de tal ensino. E' a inversão completa de todas as indicações... da pedagogia? Não falemos difficil: do senso commum.

Dahj derivam as mais grossas mazellas do ensino secundario. Não ha preparo possivel, preparo serio real, honesto, quando os paes dos alumnos põem os seus filhos na escola, não para que sejam desbastados, cultivados, polidos, mas para que se habilitem a saltar quanto mais de pressa por cima de bancas examinadoras; quando os directores e orientadores do ensino confeccionam os programas com os olhos nos exames finaes, regulam a disciplina — importantissimo capitulo de toda organização educadora — apenas segundo as necessidades policiaes de ordem material dentro das escolas; quando os alumnos, em sua occasional, apressada, barulhenta convivencia entre si e com os mestres, não têm nem apprehendem nenhum ideal de melhoramento proprio, de adaptação laboriosa de todo o

seu ser a um certo paradigma de superioridade humana (que todos podem conceber), mas só pensam em decorar pontos para exame, em reduzir quanto possível as suas aquisições escolares ao mínimo necessário para não perder o anno. Perca-se tudo, menos o anno!

A primeira obrigação, pois, do ensino secundario seria — ensinar. O resto devia ser incidente, uma consequencia entre o mundo das consequencias possíveis.

Mas, o ensino secundario deve ter, além, disso, um fim que lhe seja proprio, que lhe marque logicamente um lugar no plano geral de educação”. Esse fim é ampliar o preparo primario, fornecendo aos candidatos um preparo geral mais aprofundado, sem especialização, — o preparo que corresponde ao das pessoas que ordinariamente qualificamos de “illustradas”, o preparo do “honnête homme” dos francezes, o preparo commum que serve de fundamento a qualquer carreira pratica, industria ou commercio, jornalismo ou functionalismo, e que possa mesmo servir de base a posteriores estudos de especialização professional, bacharelícios ou não.

Para o paiz, a importancia de tal ensino resalta á primeira vista. Delle depende a formação de uma “classe média” esclarecida, cuja mentalidade tenha janellas abertas para o vasto passado e para o vasto conjunto das coisas humanas, que seja portanto formada de “homens” num sentido mais amplo, no sentido de cidadãos do mundo, de filhos conscientes de uma humanidade que tudo lhes dá e a quem tudo retorna. Sem esta universalidade não ha verdadeira cultura, nem mesmo verdadeira cultura

moral. Os espiritos abertos, generosos e tolerantes são aquelles que têm uma visão larga do labor humano, a compenetrada certeza de quanto devem aos outros, a sensação viva e inapagavel de que a forma de vida mais alta e mais digna se chama — cooperação. Essa classe media esclarecida equivalerá a um centro de resistencia, na mobilidade e nas intercorrencias das vagas de opinião, muitas vezes guiadas pelas paixões ou pelo egoismo das classes extremas, das minorias audaciosas e das categorias profissionais: centro de resistencia formado do bom senso, de impessoalidade, de liberalismo, de ideaes puramente collectivos ou humanos, acima das classes, das capellas, das especialisações theoricas ou praticas.

Mas, para se conseguir um ensino assim, que não vivesse na dependencia desmoralisadora dos exames, convertido em simples passagem, mas vivesse e prosperasse por si mesmo, seria necessario combater dois dos mais enraizados preconceitos utilitarios que difficultam toda reforma efficaz:

— primeiro, o preconceito que reduz a cultura a uma questão de saber material, e reduz o saber a uma questão mnemonica de “informação”;

— segundo, o preconceito que encara o ensino como simples preparação para a vida pratica, desdenhando cada vez mais as materias que lhe parecem destituídas de proveito immediato e exigindo cada vez mais que o ensino se converta num heteroclitico ajuntamento de disciplinas “uteis”.

O resultado desses preconceitos tem sido, como é fácil observar, como não podia deixar de ser, o abaixamento gradual do nível de preparo da nossa mocidade — uma crescente inadaptação da mocidade ás necessidades “normaes” da vida, — e portanto um continuo augmento do espirito de aventura e de “cavação”.

O utilitarismo como norma produz estes deleterios effeitos em tudo quanto interessa á vida social. Elle proprio se envenena e se decompõe pela sua teimosia suicida. Vive matando todas as gallinhas de ovos de ouro que encontra pelo caminho, e nunca se convence de que as gallinhas morrem e os ovos acabam.

Ha pouco, em Pariz, numa escola municipal destinada a formar operarios mecanicos e outros, verificou-se isto: que o preparo dado pelos cursos primarios “superiores” era insufficiente para os candidatos seguirem com fructo os cursos daquela escola profissional. Resolveu-se então exigir, dahi por diante, outras provas supplementares de habilitação propedeutica. No Brasil, entende-se que um moço póde ser, não operario mecanico, mas tudo quanto quizer, — advogado, pharmaceutico, medico, engenheiro, tudo, — sem um preparo elementar que sequer corresponda ao de um bom ensino primario superior.

Entende-se tambem que um moço póde ganhar lindamente a sua vida sabendo, por exemplo, inglez, contabilidade e dactylographia. . . Como se o facto de saber essas materias fosse bastante a habilitar um rapaz a fazer figura de intelligente — que é o que mais importa! Como se não houvesse muito faxineiro de bordo que sabe inglez!

Como se um bom dactylographo se limitasse a ser um complemento material da sua machina, e não devesse antes de tudo ser uma intelligencia, ao menos illuminada por um conhecimento regular da lingua materna!

Ha tempos, dizia-me um homem do alto commercio do Rio de Janeiro: “O senhor não imagina a difficuldade que ha hoje para se encontrarem bons empregados, sobretudo empregados capazes de redigir decentemente uma carta commercial...” Eis ahí ao que leva a concepção utilitaria e immediatista das coisas. Poderia, realmente, levar a outro resultado?

PARAGRAPHO 5.º

Se bem percebo, — o que é infinitamente duvidoso, — a questão do ensino secundario mais ou menos propenso ás humanidades classicas, mais ou menos puxado ás linguas modernas e á sciencia, é uma questão que não está bem posta. Isto não envolve censura á maneira pela qual v. a collocou: v. quiz, de certo, e fez bem, formulal-a pelo modo mais adequado aos aspectos immediatos das preoccupações contemporaneas. Mas, feita esta reserva, a questão não devia ser essa.

Não devia ser essa, porque, em primeiro logar, essa é uma questão muito debatida na Europa, especialmente na França, e a mim me parece que, por principio, não devemos formular as nossas questões conforme ellas se apresentam no estrangeiro... Lá é natural que este problema — vulgarmente chamado “a questão do latim” ou “do ensino classico”, — se exprima e se resuma naquella

formula; existe, lá, um ensino classico, comprehendendo a lingua e a litteratura latina e grega; esse ensino é multi-secular tradição européa; ha um grande numero de pessoas que, simplesmente por terem estudado latim e grego, querem que essas materias continuem a ser ensinadas; ha outras que, por não terem aprendido nem latim nem grego, são inimigas do latim e do grego, e pregam a necessidade de um ensino mais “moderno”, mais adequado á vida presente... Emfim, o ambiente psychologico explica bem o facto de a questão, em geral, se collocar assim: — Deve-se ou não conservar o ensino classico? Deve-se-lhe ou não preferir o ensino das linguas modernas e das sciencias? — e explica igualmente bem o encarniçado empenho com que a discutem. Não é uma questão academica, não é uma questão theorica, ou abstracta; é uma lucta de interesses e de paixões. Nem a politica lhe é estranha: os conservadores, e aristocratas são geralmente pelo ensino classico, os democratas avançados e os espiritos modernistas lhe são geralmente contrarios...

E' certo que, no fundo, ha sempre uma questão de pedagogia pura. Mas essa questão é obscurecida e esquecida pela maior parte dos que a debatem, e aquelles que a pretendem pôr sob a devida luz nem sempre são calmamente ouvidos ou acreditados.

Para nós, que não temos tradições muito vivas na materia, nem grandes preconceitos doutrinaris, nem interesses e paixões ligadas á pendencia, a questão que se deve formular é mais larga e mais logica.

O ensino secundario não é, não pode ser uma simples officina de preparação apressada para a chamada vida "pratica" (bem pouco pratica de facto). Não envolve, como tantos parecem suppor, uma simples questão de interesse individual, que se deva estudar e regular exclusivamente á luz dos interesses individuaes. Tem que ser, forçosamente, como sempre foi, desde os gregos, um meio de integrar as almas em botão na orbita das conveniencias superiores da sociedade e do paiz. Formar, antes de mais, homens e cidadãos. E isto, longe de attentar contra os interesses da vida pratica, é tudo quanto ha de mais favoravel a taes interesses. Estes não podem pretendêr que os estudantes saiam da escola com um espirito curto e com um campo de acção previamente delimitado. Devem sahir providos de uma fonte interior de multiplas energias e iniciativas. Essa fonte só a pôde dar uma educação nortcada por directrizes altamente moraes, — directrizes humanas e civicas. Sobre esta questão, Alfredo Fouillet escreveu paginas maravilhosas de claridade e de eloquencia, e eu desconfio que estou sendo echo — apagado e confuso, de certo, — dessas maravilhosas paginas de sabedoria e de atticismo...

Uma vez admittido que o ensino secundario deve, antes de tudo, tender á formação de espiritos largos, flexiveis e lucidos, em contacto com os labores, aspirações e soffrimentos collectivos, é natural indagar quaes são as materias mais proprias a communicar a esses espiritos a universalidade, o dom de sympathia, o senso social e hu-

mano que se deseja. Serão as materias “literarias” (historia geral, historia da literatura, philologia, linguas antigas etc.), ou serão as materias “scientificas” (mathematica, sciencias phisicas e naturaes, etc.)?

Sou muito propenso a dar a primasia ás primeiras. Acredito fortemente no maior poder irradiante da materia literaria... na sua maior virtude educativa, na sua capacidade superior de repercussão por todos os recantos do espirito, e portanto, na sua mais alta energia como elemento plastico e regenerador da personalidade. Mas, de baixo de uma condição: que o ensino literario não caia nas miudezas de investigação grammatical e erudita, nem se demore em questões de technica e de estylistica, — o que só lhe poderá acarretar a responsabilidade de imprimir um vinco de especialização inutil em alumnos dotados de vocações mais activas, ou em todo caso menos estereis... Se, ao contrario, todo elle tender a fazer sentir a belleza das idéas e das formas nas maravilhosas, “universalisadoras” literaturas antigas, a dar uma larga visão das etapas do espirito humano, a bem revelar o genio e o mecanismo profundo das linguas classicas; se elle se limitar sabiamente ás generalidades mais altas, mais bellas e mais verdadeiras, — não creio que haja ensino com melhores qualidades educativas!

Ha entre nós uma grande prevenção contra a literatura. Não ignoro as objecções que se levantam contra ella — a inactualidade, a imprestabilidade, os perigos... Em regra geral, essas objecções nada valem: dirigem-se contra uma literatura concebida estreitamente, contra um

ensino literario encarado na sua peor feição — a feição de um laboratorio de pequeninas literatices fóra do mundo e da vida. Mas, assim, é facil combater tudo... Sendo estreito, acanhado, parcial, bysantino, todo ensino é mau e perigoso; e nenhum tão mau e tão perigoso como o chamado ensino scientifico!

Esse famoso ensino scientifico, em que tanto se fala, que tantos defendem e exaltam, que é mesmo uma das supertisções modernas, não lhe encontro nenhuma vantagem extraordinaria, no curso secundario, está visto. Vazio de orientação pedagogica geral, resume-se numa transmissão de noções, de factos, de coisas, de “informações” sobre resultados e sobre processos da sciencia “feita”, estatelada nos compendios. Dirige-se á memoria. Dá uma idéa estatica e morta da sciencia, não como actividade perenne dos espiritos indagadores, mas como saber accumulado: não como uma coisa em marcha e em evolução, em perpetuo “devenir”, mas como um repositório fechado de curiosidades, boas quando muito para ornamentar a conversação, — materias de almanaque.

A literatura, ao contrario, está em contacto com a vida universal, como com a vida profunda das almas. Leva naturalmente a uma certa universalidade: toca, revolve e estimula o fundo puramente humano dos espiritos, — tão esquecido, tão sepultado debaixo das formações artificiaes da classe, da profissão, do partido, dos agrupamentos! Esperta e desenvolve a imaginação. Abre as intelligencias a todas as especies de curiosidade san e fecunda... Imaginação, curiosidade indagadora, iniciativa,

— tudo isto, como admiravelmente o fez notar Fouillet, está muito mais perto do verdadeiro espirito scientifico do que a pretensa sciencia de compendios e de experiencias de gabinete, experiencias classicas, “fcitas”, acabadas, mortas, que se vêem e se “decoram” como qualquer outra lição.

— Mas o ensino scientifico pode ser melhorado, dir-me-ão, como você quer que se melhore o literario: tambem pode orientar-se mais para as idéas geraes estimulantes e fecundantes: tambem pode falar á imaginação pela historia dos descobrimentos, pela evocação das grandes figuras, pela exposição dos embates e vicissitudes das theorias: tambem pode despertar e encaminhar a curiosidade indagadora do estudante, e até melhor, mostrando-lhe os caminhos philosophicos da verdade e os caminhos logicos do methodo...

— Sim, pode. O ensino scientifico, nos collegios secundarios, pode realmente dar outros frutos... aproximando-se, buscando o contacto generoso da literatura, tomando largos emprestimos ao seu conteudo e aos seus processos vivificantes!

Mas reparo que me vou estendendo demais, e talvez ainda não tenha dito nada — nada que valesse a pena. Não importa. O meu fim, nesta resposta, já o disse, não é desfechar sobre o meu amigo uma dissertação succulenta e bem composta, toda geometrisada e formalisada, acabadinha e lambida: quero apenas dizer o que sincera e espontaneamente me passa pela cabeça a proposito do seu questionario, sem a preocupação de resolver coisa

nenhuma. Muito contente ficarei se conseguir estimular o pensamento alheio, attrahir alguns indifferentes ao debate. E' o que se chama — conversar. Uma conversa sincera e desataviada pode ser coisa muito mais seria do que um discurso doutoral!

PARAGRAPHO 6.º

Pergunta v. se, nas escolas secundarias, se deve favorecer a especialisação, e, na hypothese affirmativa, por quaes meios e em qual altura.

Acredito, como já disse, que um ensino secundario mais educativo, menos “informativo”, mais estimulante, menos sobrecarregado do que o actual, não só fornecerá um preparo geral “sufficiente” (sufficiente até para não se contentar de si mesmo), como favorecerá toda a sorte de especialisações futuras. Não creio que seja necessario introduzir na escola disposições particularmente destinadas a encaminhar esta ou aquella especialisação. Nem vejo bem como se poderia fazer isso, sem prejuizo da organisação geral, sem prejuizo mesmo da ordem interna.

Sympathiso mais com uma escola “una”, solidamente, organicamente unificada. Em vez de distincções de rumos, de bifurcações, de trapalhadas, preferiria immensamente a criação de dois typos de escola secundaria, ligeiramente diferenciados — um, propendendo um pouco mais para as humanidades, para a literatura, para a historia, outro accentuando um pouco mais o ensino scientifico, descendo das idéas geraes para o terreno das technicas.

O resto era com as escolas e os cursos de especialização theorica ou professional.

Mas isto talvez é querer demasiado.

PARAGRAPHO 7.º

— Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: "uma escola nova para necessidades novas"?

Não comprehendo bem isso de escola nova para necessidades novas. Parece-me que a mais nova de todas as necessidades é educar quanto melhor a juventude. E sobre isto já disse mais para trás uma porção de coisas.

PARAGRAPHO 8.º

Igualmente me parece prejudicada a pergunta relativa á organização e ás funcções supremas dos nossos gymnasios.

PARAGRAPHO 9.º

"Se é problema capital, numa democracia, a formação das "élites" intellectuaes. . ." — assim começa o meu amigo a sua nona pergunta. Antes de irmos á propria pergunta, conversemos um pouco sobre essa questão das "élites".

Primeiramente, não creio que seja problema capital, numa democracia, a formação de "élites". Apesar desta declaração preliminar, a nossa divergencia não é tão grande como parece.

A “élite”, isto é, um conjunto de individuos mais educados, mais intelligentes, mais esportos, mais dominadores, é um producto natural e espontaneo de toda sociedade. Em todos os agrupamentos estaveis, tribu, clan, “peuplade”, nação, ha sempre fatalmente, pela simples natureza das coisas, uma minoria que toma a si, por direito, por astucia ou por força, os encargos da direcção espirital e temporal. Portanto, a formação de uma “élite” não é um problema, é uma realidade velha e permanente. E’ até inevitavel. O que pode ser um problema é o aperfeiçoamento intellectual e moral das “élites”. E’ este, sem duvida, o sentido da sua phrase, e eu poderia logo dal-a por bem entendida, sem discussão. Mas é que essa discussão é necessaria para nos levar ao ponto principal, que é o seguinte...

Será, de facto, problema capital, numa democracia, o aperfeiçoamento das “élites”? Creio que o problema capital, numa democracia, é a educação do povo. E’ mais logico... Mas não é só isso. Uma vez comprehendido que uma “élite” não é formada”, “forma-se” — forma-se por si mesma, sac espontaneamente da massa, impellida por um conjunto indecomponivel de qualidades, em que as disposições nativas e intransmissiveis têm larga parte, parte precipua, — como distinguir e recrutar, na massa os elementos individuaes que hão de renovar e melhorar a “élite”? Tratemos de diffundir o ensino, simplesmente, de o diffundir quanto mais e quanto melhor, de elevar o nivel intellectual e moral do povo. Assim como do couro saem as correias, de um povo esclarecido sahirá

uma “élite” magnífica. O problema capital, portanto, — maximé numa democracia, — é a educação do povo.

De resto, não gosto dessa expressão “élite”, com os matizes apparentes e secretos que ella vae tomando, á medida que roda e se vulgarisa. O designio de formar especialmente capacidades directoras, sob qualquer colorido ou pretexto que seja, degenera forçosamente em calculos egoisticos e pretensões excessivas. Se continuamos a abusar dessa e outras expressões ambiguas, daqui a bocado veremos todos os pequenos dos gymnasios e collegios, em suas conversações sobre estudos e planos de carreira, piscarem o olho um ao outro, á socapa, e dizerem finoriamente: “Você sabe, nós vamos ser a “élite...” Assim como quem diz: estamos com a vida feita!

Quanto á fundação de “estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada”, seria optimo... Como, porém, as pesquisas scientificas são innumeraveis e a cultura superior (se a não confundimos com o “saber” apparente mnemonico) é uma resultante de muitos factores, o difficil seria saber quaes, quantos e como deveriam ser esses estabelecimentos. Ainda mais difficil seria encontrar em nosso meio condições favoraveis á pura investigação scientifica e aos estudos desinteressados, sem preoccupações de utilidade immediata.

Comtudo, creio bem que umas faculdades de philosophia e letras não seriam nenhum bicho de sete cabeças e poderiam prestar bons serviços a uma minoria de moços, que não se contente com o que lhe ensinaram nos collegios ou nos cursos de preparatorios. O mesmo direi de

uns institutos de ensino scientifico, destinados especialmente a vulgarisar os methodos geraes e particulares das sciencias, seus objectos, suas materias, seus fins, sua historia, suas conquistas, tudo orientado de modo a fornecer vistas de conjuncto mais ou menos claras, a disciplinar as intelligencias inclinadas á sciencia, a estimular e guiar o espirito de curiosidade e indagação.

Estimular e guiar o espirito de curiosidade e indagação— eis o que, sobretudo, tem faltado a todo o nosso ensino, desde o primario até o superior. Somos, no Brasil, extraordinariamente propensos a considerar a sciencia como um vasto entreposto de saber armazenado, que nos vem da Europa em carregamentos periodicos, em conserva, cozinhado, enlatado, prompto para a absorpção. Fixamos numa attitude passiva, receptiva e admirativa. Criamos até a superstição do livro, a superstição do nome estrangeiro. (E' de vêr o garbo com que os nossos doutores alinham citações e mais citações de nomes estrangeiros!) Conceber a sciencia como uma forma de actividade do espirito humano, universal, permanente, presente, accessivel a todos em maior ou menor grau, eis o que era necessario, urgente incutir, cravar fundo, plantar solidamente, ás marteladas, na cabeça da nossa juventude estudiosa. Mostrar-lhe, provar-lhe, persuadir-lhe que sciencia não é só a que está armazenada, escripta, impressa, catalogada, é um aspecto da vida, uma campanha, uma batalha, um campo de acção, uma porfia, um mundo de surtos e quedas, de cahidos e victoriosos, de victimas e de triumphadores, uma coisa muito diversa da *rhythmica*,

serena, repousante construção expositiva dos livros; instigal-a a entrar em campo, indicar-lhe o immenso, inesgotavel campo aberto ás curiosidades indagadoras, ou seja todo o mundo sensivel e supra-sensivel; ensinar-lhe que a capacidade de rastrear e descobrir verdades só se aguça deveras na pratica e na paixão da rebusca, e não na passividade das leituras sem oportunidade nem ordem... eis o que seria uma tarefa magnifica, por si só capaz de operar uma revolução na mentalidade nacional.

Mas eu estou talvez extravagando.

PARAGRAPHO 10.º

A fundação de uma ampla e organica universidade em São Paulo? E' um bello sonho, não ha duvida. Mas...

PARAGRAPHO 11.º

.....

PARAGRAPHO 12.º

A idéa da criação de secretarias estaduaes e de um ministerio, especialmente encarregados de assumptos de saude e instrucção publica, é pelo menos uma idéa muito merecedora de exame. Temos apenas que, criado um novo aparelhamento official, com tal relevo, automaticamente se forme com elle um novo nucleo de preocupações politicas e que essas preocupações nem sempre coincidam com os interesses da saude e do ensino. Em todo o caso, isto não é uma objecção.

Com o organim indicado ou sem elle, eu creio que uma coisa seria necessaria, — e aqui retomo um pensamento que esbocei, através de muitas garatujas, logo ás primeiras laudas desta kilometrica missiva.

Falei na conveniencia de empregarmos, em nossas cogitações sobre ensino, educação, cultura, em vez de affirmações dogmaticas (nas quaes, na realidade intimamente, ninguém acredita), um pouco do espirito experimental, caracteristico da actividade scientifica. Ora, não ha “experimentalidade” nenhuma organizada, entre nós, acerca dos effeitos reaes, positivos, objectivos do nosso ensino. Entretanto, seria esse o meio mais seguro de se verificarem, na pratica, o acerto ou o desacerto, a insufficiencia ou as excrescencias das idéas realisadas.

E' preciso organizar o “contrôle” social do ensino. Devemos saber quaes frutos têm produzido as nossas casas de ensino; fazer a estatistica dos alumnos, de forma que se veja a fluctuação annual do movimento nas differentes escolas e cursos, e se tenha uma idéa das preferencias dominantes; procurar as causas dessas preferencias, por meio de inqueritos entre os alumnos; verificar quantos ex-alumnos seguiram as carreiras para que se prepararam, e, até certo ponto, com que exito as têm seguido; fazer indagações regulares nas familias, no commercio, na industria, no funcionalismo, nas classes armadas, afim de colher informes precisos quanto aos defeitos e qualidades, imputaveis ao ensino, dos ex-alumnos por ahi disseminados; exigir dos inspectores que se occupem seguidamente de observar e registrar factos, factos

concretos, positivos, que possam servir de base objectiva á critica e correção do aparelhamento existente.. Até aqui, o “contrôle” exterior. Seria tambem necessario o interior dentro das escolas, sob a forma de uma permanente experimentação dos methodos educativos, pela observação do aproveitamento, das reacções naturaes do alumno...

John Dewey, nos Estados Unidos, sem ser educador profissional, mas sendo um pensador preocupado com o problema educativo, criou uma “escola experimental”, em vez de escrever dissertações affirmativas e rhetoricas sobre methodos de educação. Dahi provieram livros admiraveis, entre elles esse “Como pensamos?” que deve ser lido, relido, analysado por todos os nossos pedagogos. Criemos tambem algumas escolas experimentaes. Mas, sobretudo, instauremos esse espirito de “experimentalidade” em tudo o que pertence ao assumpto, e tratemos de acompanhar de perto, sem affirmações ou supposições gratuitas, os effeitos reaes, os effeitos praticos, os effeitos visiveis, individuaes e sociaes, do nosso aparelhamento didactico. O mais é vivermos perpetuamente no paiz das sombras impalpaveis, ás cabeçadas com ellas e uns com os outros.

*

Ahi tem o meu amigo o que lhe posso dizer de momento, na exiguidade do espaço... Se ainda lhe parecer demais, corte-o á vontade ou lance tudo na cesta. Ninguem perderá com isso, nem eu proprio.

O PARECER DO DR. OVIDIO PIRES DE CAMPOS

Sob um regime de instabilidade permanente. — Directrizes que variam como a rosa dos ventos — Reformas, sim; mas largas e profundamente ventiladas. — Para que S. Paulo se torne um paradigma da União. — A ultima reforma federal. — A par de vicios de origem, innovações excellentes. — A grande chaga do ensino secundario. — O ensino secundario, base da cultura de um povo. — Pelo ensino baseado, nas humanidades classicas. — Tal como o possuimos: méra formalidade á conquista de um titulo. — Prematura, a criação de uma Universidade? — Em favor da idéa de um Ministerio de Instrucção Publica. — A organização de um grande Conselho Geral de Ensino, em São Paulo.

O dr. Ovidio Pires de Campos, de prestigio indisputavel no scio de uma classe rica de elementos de valor, faz parte do corpo docente da Faculdade de Medicina, de que é um dos fundadores. Na sua carreira, ainda em pleno desenvolvimento, a que a irradiação da autoridade já empresta o character das coisas acabadas, o respeito de que o profissional se cercou, impondo-se entre os collegas, não se dilatou com o sacrificio das sympathias que soube manter e cultivar. A' segurança de seus conhecimentos especiaes que o sagraram um dos melhores professores de clinica medica, accrescenta-se, porém, um interesse clarivi-

dente e activo não só pelo instituto superior, a que pertence, como, em geral, por todas os problemas de ensino. Na presidencia da Sociedade de Educação, em que succedeu a essa organização completa de homem e de scien-tista, que foi Oscar Freire, alliou sempre ao fino tacto de direcção uma assiduidade exemplar no comparecimento aos seus trabalhos.

O conhecido professor traz, pois, para o seu parecer a solidez, o bom senso e a prudência de um critico attento, de qualidades amadurecidas pela experiencia. As suas idéas, que se apoiam em bases seguras, revestem-se, menos aliás do que suas maneiras polidas, de uma naturalidade transigente e communicativa, profundamente humana, de quem sente prazer em procurar a verdade, mas conhece, por experiencia, as difficuldades em encontral-a. Sob as apparencias de firmeza ás vezes categorica, o que nelle predomina é um scepticismo moderado que o exercicio da clinica, accentuando a consciencia da relatividade das coisas, costuma desenvolver naquelles que são obrigados constantemente, por profissão, a debruçar-se, vencidos, sobre os mysterios da vida... O sentimento profundo da vida leva-nos sempre a attenuar o que ella tem de aspero e de violento. Dahi, talvez, esse espirito comprehensivo que se compraz em equilibrar as opiniões e em collocar, entre duas doutrinas extremas, systemas intermediarios que as conciliem, para uma melhor comprehensão das coisas e dos homens.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— Uma das principaes causas da crise em que se debate o nosso ensino secundario e superior — vem a ser, na minha opinião, as successivas e nem sempre felizes reformas com que os governos da Republica o sacodem de quando em quando.

Cada governo, ou cada presidencia, julga do bom tom administrativo promover a reforma da nossa instrucção publica, que vae vivendo, assim, em uma permanente instabilidade, golpeada, aqui e alli, por essa verdadeira e bem caracteristica obsessão reformista. Tudo isso já entrou por tal forma nos nossos habitos, que a ascensão de um novo governo, como agora, é esperada como o annunciar tacito de uma nova reforma.

Erro, e erro gravissimo, como está na consciencia de todo o mundo, é, pois, esse succeder quasi mathematico de reformas de quatro em quatro annos.

Nada mais razoavel, e consoante as leis da evolução e do progresso, do que um certo regime de ensino vir a soffrer, pela acção do tempo, as devidas correcções, que acaso a sua pratica e applicação apontem. Será, de quando em vez, uma simples questão de retoque. Contra isso, nada haverá a oppôr-se, e o accôrdo é unanime. Mas,

o que se está habituado a presenciar entre nós não é bem isso, porém coisa muito mais séria: posta em execução uma dada reforma de ensino, antes, mesmo, que se verifiquem os seus resultados através de uma experiencia, mais ou menos demorada e amadurecida, e que se observem as suas possiveis falhas ou defeitos, decreta-se uma outra, que, não raro, muda inteiramente a face das coisas. quer dizer, segue orientação completamente diversa.

E' commum, por este nosso mau vezo, passar-se, da noite para o dia, a um regime diametralmente opposto: hoje, na vigencia de uma reforma, vive-se na mais ampla liberdade de frequencia, amanha, vigorando outra, leva-se ao maximo do arrocho a obrigatoriedade dessa mesma frequencia.

Dahi, naturalmente, a anarchia e a desordem, quando não são os protestos das partes interessadas e mais affectadas, a que se seguem, como corollarios forçados, os celebres avisos ministeriaes interpretativos, os quaes, pela sua abundancia, passam muitas vezes a constituir uma nova reforma, que fica subsistindo ao lado da outra.

E assim temos vivido estes ultimos decennios, palmitilhando o mesmo caminho, accumulando erros sobre erros, na doce illusão de que vamos melhorando e aperfeiçoando o nosso ensino com essa plethora de leis e decretos, quando, em verdade, o de que precisamos mais para elevar e engrandecer esse ensino, não é propriamente de leis, porém de meios, moraes e materiaes, com que as possamos executar. Procuremos, antes do mais, fixar certos principios basicos e estabelecer os pontos cardeaes sobre

que se deve assentar e nortear a nossa instrução secundaria e superior, á luz de um criterio racial, sob o influxo das nossas tendencias e das nossas necessidades, tendo em vista, sobretudo, a formação de um pensamento proprio, de uma mentalidade brasileira.

Não é com taes directrizes, que variam como a rosa dos ventos, nem com as profundas mutações a que, periodicamente, sujeitamos o nosso ensino, que o havemos de salvar; a este ultimo, do estado mais ou menos chaotico em que vae afundando.

Façam-se reformas, mas reformas largas, que não caibam nas estreitezas das conveniencias pessoas; commetta-se a sua iniciativa aos unicos orgams idoneos para promovelas — as congregações dos nossos institutos de ensino — e teremos inaugurado uma éra nova, prenhe de esperanças, para o nosso ensino.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— O Estado de São Paulo gosa de relativa autonomia no tocante ao seu ensino superior, por elle ministrado na Escola Polytechnica e na Faculdade de Medicina, o que lhe tem permittido melhoral-o e aperfeiçoal-o.

Deste modo, quer parecer-me, poderá elle concorrer, vantajosamente, para que esse ensino se torne um verdadeiro paradigma ou exemplo para a União.

Sempre achei acertado, de outra parte, que os nossos estabelecimentos estaduais de ensino tivessem a sua representação no Conselho do Ensino, com séde no Rio de Janeiro, o que, sobre representar um acto de elementar justiça, seria um dos melhores caminhos por onde pudesse-mos influir na orientação do ensino federal, principalmente pela razão de que, aqui, os nossos methodos e processos são muito mais estaveis, menos sujeitos a frequentes mudanças, o que nos permite uma observação mais cuidadosa e exacta dos seus resultados na pratica.

Além disso, á nossa representação federal caberia a missão de interferir nos trabalhos de elaboração das leis de ensino, no sentido da adopção dos nossos methodos pelo governo federal. Não vimos, ainda ha pouco tempo, o regime do tempo integral, recentemente introduzido na nossa Faculdade de Medicina, ser lembrado e elogiado na Camara ao discutir-se o projecto da justa melhoria de vencimentos pleiteada pelos medicos de afamado instituto scientifico nacional?

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros e vantagens desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— A ultima reforma federal do ensino, ao lado de algumas imperfeições — que poderíamos chamar de origem ou de nascença -- contém, é de toda a justiça proclamarlo,

dispositivos sabios e salutaes. Entendo, por isso, que ella é passivel de uma ou mais revisões, em que serão sanados os seus defeitos, mas nunca revogada inteiramente. Na parte que diz respeito ao ensino medico, se se lhe podem fazer algumas restricções, ha, comtudo, innovações excellentes, que foram, aliás, perfilhadas pela nossa Faculdade, quando da sua ultima reforma, com a qual a Faculdade, é bom que se diga, não perdeu a sua feição peculiar, conservando os mesmos principios basicos, no seu ensino, com que a fundou o nosso inesquecivel Arnaldo Vieira de Carvalho. Em muitos outros pontos, aliás afastamo-nos deliberadamente do regime federal e aproveitamos o ensejo para adoptar disposições novas aconselhadas pela experiencia de 13 annos de funcionamento.

No que toca ao ensino secundario, penso que a reforma, ao menos em um ponto, o beneficiou e merece os nossos applausos, providenciando sobre a suppressão dos exames de preparatorios, que são, no meu fraco entender, a grande chaga do nosso ensino secundario.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma funcção puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da “universalidade” de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer “a especialização”?

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuído e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

— O ensino secundario, eu o reputo a base da educação e da cultura de um povo. Um bom e completo ensino secundario, dirigido no sentido da sua verdadeira finalidade, largamente baseado no estudo das humanidades classicas de par com o das linguas modernas e das sciencias, representa tudo na vida de um paiz.

Por meio d'elle, é possível elevar-se o ensino superior e alargal-o até o campo das investigações scientificas: com elle, desperta-se e aprimora-se o sentimento civico e se constituem as grandes massas pensantes, mentoras e conductoras da nacionalidade. O ensino secundario sobrecede, de muito, em importancia, ao ensino primario e ao proprio ensino superior. No nosso paiz, entretanto, a sua função primacial não tem sido bem comprehendida,

pois é, de todos os ensinos, o mais descuidado, aquelle sobre o qual mais funda e perniciosamente tem incidido os malefícios das nossas constantes reformas. Neste particular, ha muito que fazer, talvez mesmo muito mais do que nos outros graus em que se costuma tripartir a instrução publica, porque, salvante poucas e honrosas excepções, tal como nós o possuímos presentemente, elle não representa, para quem quer que o perlustre, senão méra formalidade á conquista de um titulo.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— O primeiro passo, a condição “sine qua non” para que surjam as chamadas elites intellectuaes, de tão grande relevancia nas democracias, vem a ser, como já disse, um bom ensino secundario, base sobre que se constroe a cultura de um povo. Mas, ha, inquestionavelmente, outros factores que tambem podem concorrer para levar-nos até lá, e, dentre esses, está a fundação de institutos de investigação puramente scientifica ou de outros destinados a ministrar uma cultura livre e desinteressada. Tenho as minhas duvidas sobre se o nosso meio, ainda mal amanhado, está em condições propicias para o desenvolvimento e a fructificação de taes institutos, com vida inteiramente autonoma.

Disso, aliás, já temos tido mais de um exemplo. A solução, que se me afigura mais de accôrdo com a nossa incipiente cultura, os nossos habitos e as nossas condições economico-administrativas, parece-me ser a que se está adoptando na Faculdade de Medicina — e que se poderia estender a outros estabelecimentos de instrucção — ou seja a de incrementar-se a parte attinente ás investigações e aos cursos especializados.

Na nossa Faculdade de Medicina, de facto, com a criação do denominado “tempo integral”, o professor e os seus auxiliares immediatos, percebendo vencimentos que lhes garantam vida decente, já estão em condições de bipartir a sua actividade entre o ensino e as pesquisas, mesmo porque o exercício de quaesquer outras funcções, a não ser aquellas, lhes é completamente defeso.

Deste modo, cada cadeira, ou grupo de cadeiras mais ou menos affins, tornar-se-ão, sem prejuizo da funcção docente, verdadeiros nucleos ou centros de investigações, cujos resultados constituirão abundante material para os mais variados cursos especializados, sem a preocupação propriamente docente, no sentido estricto do termo.

É facil comprehender-se como, desta maneira, serão estudados os mais altos problemas scientificos, relacionados com esta ou aquella disciplina, porque o professor e os seus assistentes disporão de todos os elementos para se entregarem a esse genero de estudos. Como se vê, no fundo, a criação desses centros de investigações se resume em uma questão economica: o cientista, para fazer

sciencia pura, necessita estar acobertado das necessidades materiaes da vida.

É por isso mesmo que já se tem dito, aqui e alhures, que a questão do ensino superior, pelo menos na parte que se refere ao ensino medico, é uma questão de dinheiro: prenda-se o professor, mediante boa paga, á sua cadeira, e dê-m-lhe laboratorios e hospitaes, bem installados e apparelhados, e as constantes reformas perderão a sua razão de ser. Capacidades não nos faltam: só assim poderemos constituir a nossa sciencia propria e lançar o nosso grito de independencia espiritual.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organisada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialização (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu caracter de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficacia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— O regime universitario, que consubstancia e espelha o estado cultural de uma nação, deve ser, indubitavelmente, a nossa aspiração maxima em materia de ensino. A fundação das universidades verdadeiras, no papel e na pratica, só é compativel com os povos de velha e bem sedimentada cultura, nos quaes o ensino parcelladamente, em todas as modalidades em que elle é passivel de ser dividido e subdividido, tenha attingido a extremo grau de aperfeiçoamento. Estabelecidas estas premissas, a conclusão logica é que nos paizes novos, como o nosso, em que tudo ou quasi tudo está por fazer-se em materia de instrucção, dentro de cujos dominios ainda caminhamos ás apalpa-dellas, sem uma orientação certa e segura, a idéa de uni-versidade é prematura, não deve, mesmo, ser objecto de nossas cogitações, sendo de temer o seu fracasso, caso seja tentada.

Criaremos arremedos, mais ou menos caricatos, de universidades, e melhor será, assim, que continuemos no regime de descentralisação, com a esperanza de melhorarmos as nossas escolas, incentivarmos a educação e a cultura do nosso povo e podermos, um dia, assim appare'hados, estabelecer o ensino universitario sobre bases solidas e duradouras.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Seria de grande vantagem para o ensino a criação de um ministerio especial de instrucção e saude publicas, o que se conseguiria facilmente na pratica, sem maiores onus para o Thesouro, pela fusão dos actuaes departamentos de Ensino e de Saude, que já existem sob a dependencia do Ministerio do Interior e Justiça.

Em S. Paulo, pôde dizer-se que a nossa Secretaria do Interior já é realmente, uma Secretaria de Instrucção e da Saude Publicas, pois essas são as suas attribuições principaes, ou quasi exclusivas.

Aqui, o de que se poderia tratar, conservando a mesma organização administrativa, seria da criação de um Conselho de Instrucção Publica, organ orientador e consultivo do governo em materia de instrucção primaria, secundaria e superior.

Constituido com superior criterio, esse corpo de homens experientes e cultos viria a prestar os maiores serviços á causa do ensino, cuja orientação passaria a ser uniforme, homogenea e, sobretudo, continua.

O DEPOIMENTO DO DR. RAUL BRIQUET

Passando em revista as reformas federaes. — Ausencia de espirito de finalidade e organisação. — A renuncia do Congresso á sua prerogativa de legislar sobre a materia. — Á margem, a opinião dos competentes. — A ultima reforma federal. — Suggestões solicitadas, mas desprezadas. — A par de louvaveis dispositivos... — A imprevidencia na formação do futuro professorado. — Uma disposição absurda. — Outros erros fundamentaes. — Por um ensino secundario baseado nas linguas modernas e nas sciencias. — Sem desprezo das humanidades classicas. — O problema da educação sexual nos seus justos termos. — A necessidade urgente de institutos de pesquisas e altos estudos. — Pela criação de uma Universidade em S. Paulo. — O Ministerio da Instrucção Publica.

Não ha por onde fugir, nas actividades modernas, á tendencia crescente para a especialisação profissional, com que se procura, na limitação de conhecimentos, o meio de dominal-os o mais rapidamente possivel. Esta tendencia exacerbada pela concorrência das aptidões technicas, seria um bem, se não trouxesse quasi sempre, com a estreiteza de vistas, o desprezo por tudo o que escapa ao dominio das occupações quotidianas. São raros os espiritos que, subordinando-se ás exigencias da especialisação inevitavel, não perdem o contacto com as questões de interesse geral,

alargando o horizonte das idéas, á medida que se firmam e se aprofundam num campo determinado de actividade. O prof. Raul Briquet é um desses raros espiritos, que não sómente põem uma volúpia delicada em deter-se, com frequencia, na contemplação de paizagens que sorriem á margem do "seu caminho", como procuram para este, dirigindo-o com sabedoria, o contacto e o entroncamento com as estradas que se estendem em todas as direcções...

É, como se sabe, medico de vasta clientela e professor acatado na Faculdade de Medicina de S. Paulo, em que tem sido um exemplo pela regularidade constante, pela actividade infatigavel, mas serena, quasi germanica, no exercicio de sua profissão. Mas todo esse interesse pelo ramo em que se especializou com notoriedade, não lhe arrefeceu o gosto pela cultura geral, nem lhe inflectiu, em ponto algum, o rigor de seu methodo de estudos. Espirito aberto e sensivel ao prazer literario, até na palestra, naquelle olhar calmo e vigilante dos que tambem aprenderam a fina arte de ouvir, se revela uma viva curiosidade intellectual, sempre empenhada em vêr illuminarem-se, de um jacto de luz, as pequenas zonas de sombras de seus conhecimentos. A opinião de um homem desse feitio, que a cultura poliu, não podia deixar de trazer a marca da solidez e da imparcialidade. Na resposta que nos enviou, substanciosa e persuasiva, submete as suas affirmações a um rigoroso juizo critico, estabelecido por meio de constantes aproximações com os dados estrangeiros e nacionaes e com os documentos da legislação na materia.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insucesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da República, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro apparatus de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— A causa está, provavelmente, na inobservancia do verdadeiro objectivo do ensino.

Com effeito, ao exame das reformas verificadas de 20 annos a esta parte, revela-se a ausencia da finalidade educativa essencial á humanisação do individuo, isto é, a tornal-o feliz e util á humanidade, através da sociedade em que vive.

Ora, a formação do cidadão ideal só se alcança dentro de um programma em que o ensino abranja a criação da mentalidade e do character pelo estudo da filiação assim historica como logica das sciencias, das culminantes manifestações da arte, e pela assimilação dos exemplos de energia e continuidade deixados pelos grandes vultos da Historia.

Accresce o facto de que no ensino primario, onde prevalece a acquisição de noções concretas, e pois o desenvolvimento eminentemente sensorial pela contemplação ambiente, não colhe o alumno sufficiente material com o qual cultive mais tarde, no curso secundario, a reflexão e a abstracção.

Deficiente o ensino gymnasial, pela negação da sua finalidade, e, portanto, do methodo, o ensino superior, que

sobre elle repousa, se resentirá dessas peias á libração do espirito em busca de novas verdades.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

-- Dentro da equidade cumpre ao Estado offerecer ampla liberdade ás iniciativas particulares dignamente aparelhadas para ministrar o ensino.

A lei Rivadavia, de 1911, contudo, desfez a salutar contenção official em conceder vastas mercês, e annullou, com isto, o esforço em nobilitar o magisterio, com permitir abusos que redundaram em puro mercantilismo.

De outro lado, invalida as reformas a renuncia do Congresso Nacional á prerogativa de legislar sobre a questão.

Põe-se á margem a opinião dos competentes ou dos que se interessam pelo assumpto, e priva-se a nação dos beneficios de uma lei largamente discutida, pelo menos, em ambas as Camaras do Legislativo. Haja vista a ultima reforma de Janeiro de 1925, cuja leitura nos dá a impressão de que, não obstante solicitadas, não foram levadas em consideração as suggestões apresentadas pelos principaes institutos de ensino do paiz.

Esta transferencia de funcções já era criticada pelo conselheiro Ferreira Vianna, em seu relatório de 1889, ao relembrar "a incompetencia do Poder Executivo para

iniciar e decretar reformas da exclusiva attribuição do corpo legislativo”.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— A par de louvaveis dispositivos, como sejam a substituição dos exames parcellados pelos seriados, a criação da cadeira de Instrução Moral e Civica, a compulso-ria dos professores com mais de trinta annos de magisterio, em que pese á sua possivel taxa de inconstitucionalidade, pontos ha que merecem reparo.

Acerca do ensino secundario, lembraremos:

a) “Falta da collaboração medico-pedagogica”, indispensavel á distribuição das cadeiras e respectivo horario, consoante a evolução psychologica do alumno, e as reacções mentaes determinadas pelas diversas disciplinas.

b) “Ausencia da prova psycho-analytica no exame de admissão”. Como é sabido, procede-se a semelhante exame com “tests” variaveis conforme o objectivo. Agru-par-se-iam criteriosamente os alumnos, de modo que o professor pudesse firmar conveniente directriz pedagogica.

c) Inaproveitamento, pelo governo estadual, da livre docencia, medida sabia e liberalissima, para a formação do futuro professorado secundario.

d) “Injustificavel opção entre a lingua ingleza e a alleman, que induz á supposição de que ambas se equivallem, quando em verdade, possuem características e vantagens insubstituíveis.

Concorrem á comprehensão do prestigio universal, das duas raças que as falam e, certo, deficiente será todo ensino em que ambas essas linguas não sejam aprendidas simultaneamente.

e) Não se cogitou de “estimular publicações” de compendios didacticos, redigidos pelos professores, e cuja escassez é grande, mormente para o curso secundario. O governo, tal fosse o valor da obra, poderia até incumbir-se da primeira edição.

f) Reprovavel, por fim, a “limitação de idade”, até 40 annos, para os candidatos ao cargo de cathedratico, maxime para certas materias, como, por exemplo, literatura, historia da philosophia, etc. O estudo das obras-primas dos grandes pensadores exige quasi uma existencia, e, como o homem só entra na plenitude da sua personalidade, moral e intellectual, depois daquella idade, é obvia a fallacia de tal dispositivo.

Além de tudo, é anti-patriotico porque as intellectualidades brasileiras de destaque, salvo rarissimas excepções, são “autodidactas” que, aos poucos, foram aprimorando o espirito e a experiencia.

Relativamente ás lacunas dos cursos superiores, especialmente o medico, indicaremos :

a) “Viciosa distribuição das cadeiras”, de forma que sobrecarrega, por exemplo, o 6.º anno (sem contar a these de doutoramento) com onze cadeiras de clinicas, todas de frequencia necessaria ao medico que se prepara para o digno desempenho da sua missão.

b) A não instituição do chamado “tempo integral” para as cadeiras de laboratorio. Lamentavel é privar-se o ensino medico federal da unica medida capaz de atenuar os maleficios da nossa pedagogia: lições oraes notaveis, demonstrações praticas minguadas e raras.

c) “A illimitação de alumnos”, sem a qual se annulla, quasi por completo, a acção do professor, que se afasta cada vez mais do ensino ideal, a saber — individual, ou por pequenas turmas.

4 — Não lhe parece, que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma função puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?

— Evidentemente, as reformas não consultaram a essencia do seu objectivo, que se poderia synthetisar, conforme a “Commissão Reorganizadora do ensino secundario na America do Norte”, em proporcionar a meninos e meninas os meios com que assegurem, no futuro, a fruição dos seguintes factores de felicidade: 1.º, saude; 2.º, conhecimento dos processos fundamentaes de elaboração mental; 3.º, dignidade como membro de familia; 4.º,

vocação profissional; 5.º, cidadania; 6.º, “otium cum dignitate”; 7.º, character.

Antecipar, em summa, a consciencia dos actos que, por via de regra, a experiencia confere tardiamente. Nenhum periodo é mais propicio ao apuramento moral do que o do curso secundario.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias

— Divergencias acirradas têm despertado a conservação das humanidades classicas, isto é, do par greco-latino (língua e literatura) no ensino secundario. Ao considerar, entretanto, as vantagens de ordem moral, esthetica e intellectual do estudo dessas linguas, vantagens primorosamente expostas na bella oração “A questão do latim”, do crudito prof. Fernando de Azevedo, quem não será favoravel á sua inclusão?

Não possuímos ainda uma Faculdade de Philosophia e Letras, onde se estudem, com a indispensavel extensão e profundeza, as principaes linguas e respectivas literaturas. Bastaria este motivo para inserir-se o ensino das linguas classicas no curso gymnasial. Neste, todavia, não podem ellas ter a importancia de que gosaram, nos seculos XV e XVI, quando representavam o instrumento unico á aquisição de conhecimentos, que, hoje, na sua maioria, são vehiculados pelas linguas alleman, ingleza e franceza.

O ensino das linguas mortas deve consultar as imposições physio-psychologicas dos programmas (idade do

alumno, interdependencia e classificação das disciplinas de accôrdo com o respectivo conteudo formativo, horas destinadas ao estudo e á frequencia, etc.), sem detrimento do tempo adstricto ao aprendizado das linguas modernas, e, com maior razão, ao das sciencias.

Aprendemos, no latim, a cultivar o vernaculo com mais propriedade, procurando transferir-lhe a característica da oração ciceroniana “concisão, nitidez, energia e majestade”.

Remontamos, dessarte, á fonte da nossa cultura, e mais intima se torna a coordenação entre os povos novolatinos.

Em sua apologia do idioma latino, Le Chatelier, do Instituto, emite este bello conceito: “Jámais as linguas vivas substituirão o latim na guarda das nossas tradições, porque a França é a França, pela simples razão de que, desde seculos, ella foi buscar as suas inspirações em una unica fonte — “A alma romana”.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da “universalidade” de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer “a especialisação”?

— A especialisação no curso gymnasial parece-nos antagonica á respectiva finalidade.

Aquelles que a preconizam invocam, sobretudo, a “aptidão diversa do alumno, e o utilitarismo” dessa medi-

da. Este ultimo argumento é incompativel com o objectivo desse ensino, e aquelle, materia pedagogica, resolve-se pela correcção dos vicios ou deficiencias psychologicas do alumno.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— Consoante a formula supra, aconselha-se o aproveitamento de toda modificação que mantenha o ensino secundario dentro do seu programma, actualizado e eficiente.

Nesse particular, entre outras, occorrem-nos duas innovações, que viriam integrar o espirito de universalidade. Referimo-nos ao ensino da “Arte” e ao da “Educação sexual”.

O estudo da Arte, nos gymnasios, tem sido inteiramente descurado, salvo o de desenho, cujo exame, para matricula nos cursos superiores, não é obrigatorio.

Mistér se faz destacar, em seus grandes lineamentos. a obra de Arte, nas diversas manifestações estheticas do som, da forma e da côr. Quanto não exultaria o educando em aperfeiçoar os sentidos e a emotividade, na contemplação do bello em seus elementos de harmonia e proporção, de symetria e propriedade. Nada define melhor o individuo do que o “gosto artistico”.

No concernente á “Educação sexual”, ninguém, com sinceridade, ignora a falta de conhecimentos positivos

ministrados em idade e ocasião oportuna sobre o assumpto magno pelo vulto do seu conteúdo moral e pela delicadeza didactica que requer o seu apprendizado.

Não se allegará que o adolescente recebe dos paes os necessarios informes. Estes, em regra, esquivam-se a explicações que são dadas, quasi sempre, por pessoas incapazes de apprehender a grandeza da eterna transmissão da vida.

O conceito de Educação sexual não deve cingir-se ao de uma simples cadeira, de apprendizado passageiro. Seria isso de effeito fugaz, e, provavelmente, suffocado por sollicitações contrarias.

O assumpto, ao revés, deve fazer parte integrante do programma de cadeiras varias, nas quaes se completará a exposição da materia, sob os seus multiplos aspectos e debaixo de harmonica orientação.

Assim, na de "Instrucção moral", considerar-se-iam generalidades, importancia, logar que deve occupar no curriculo, exemplos de impulsos soffreados, etc.: na de "Biologia", e na de "Physiologia", respectivamente, e quando não existam, na de "Historia Natural", a reprodução como base da perpetuidade da especie, a doutrina da hereditariedade, as reacções da puberdade (physicas, psychicas, moraes, etc.); na de "Sociologia", a instituição da familia, seus obstaculos e perigos, consequencias physicas e moraes de desvios e anomalias da funcção. Estabelecem-se, desse modo, sequencia e unidade na educação do sexo, cujas peculiares manifestações já occorrem, de ordinario, antes do periodo de admissão gymnasial (12 annos, em

média), e se prolongam além do termo do mencionado curso.

Não é novo o alvitre. Nos Estados Unidos, cuidam da matéria, com máximo desvêlo, e vem-se generalizando, cada vez mais, de 15 a 20 annos a esta parte.

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organisados para instruir do que para educar, pouco têm contribuido e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

— Sem duvida, é deficiente o concurso dos nossos gymnasios á formação da cultura nacional. Explica-se esse parcimonioso beneficio, de um lado, pelo numero limitad'issimo de instituições adequadas ao ensino secundario, e, de outro, pela ausencia do espirito de finalidade, para o qual são imprescindiveis a homogeneidade e a synergia funcional do corpo docente.

São, entretanto, males sanaveis. Aqui, mais do que alhures, prevalece o lemma "conservar melhorando". "O furor reformandi", por fortuna, ainda não attingiu os gymnasios officiaes do Estado. Com alterações destinadas a resguardar a physionomia que lhes deram o benemerito reformador do ensino publico paulista dr. Bernardino de Campos, e o seu illustre secretario dr. Cesario Motta, os nossos gymnasios, multiplicados em numero, e com a assimilação de idéas já sancionadas pela pratica, ter-se-ão aproximado grandemente do ideal pedagogico.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— A fundação de taes estabelecimentos, sobre ser de inadiavel necessidade, vem poupar-nos a desfavoravel co-tejo com paizes mais civilisados, pois nada possuímos, a não ser institutos technicos especializados (Manguinhos no Rio, Butantan e Instituto de Hygiene, nesta capital).

A nossa historia revela, nesse passo, coisas singulares.

De começo, criaram-se Academias de Medicina, de Direito, de Bellas Artes, em nação cuja capital “possuia” duas unicas escolas primarias publicas, por occasião da chegada de d. João VI”. (Sud Mennucci, “Educação e Ensino”, 1922).

As escolas de Medicina, Direito e Engenharia constituem especializações profissionaes que requerem um organ intermedio, representado pela Faculdade de Sciencias e pela de Philosophia e Letras, ainda inexistentes entre nós.

Essas e outras razões reclamam solução consentanea com a nossa grandeza e as nossas aspirações. Semelhantes institutos de pesquisas e de altos estudos virão colligir, systematisar e divulgar a sciencia brasileira.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu caracter de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficacia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

— Dentro das normas supracitadas, pela coherencia funcional e vitalidade que a definem, a Universidade consubstancia a cultura da nação. Systematisa os zelos professoraes, uniformisa o methodo, consolida a ordem de estudos assecutoria do seu progresso, representa élo de força que augmenta a reputação do corpo docente, e apura o respeito dos alumnos á instituição onde cultivam o intellecto e os sentimentos. Para tantos resultados, imprescindível se torna que a Universidade não se limite a grupar materialmente as tres faculdades de Direito, Engenharia e Medicina, mas incorpore as escolas superiores de Agricultura, Veterinaria, Minas, etc., que devem concorrer, poderosamente, ao surto economico do paiz.

Semelhantes effeitos só se obtêm com organização autonoma, de tal arte que a selecção do professorado e a

orientação didáctica não fiquem subordinadas a influxos estranhos, capazes de arrefecer entusiasmos.

Lembrariamos as universidades norte-americanas, como exemplo de amplitude de acção e plasticidade receptora a todo progresso na sciencia ou na cultura propriamente.

Se assim não se conceber a Universidade, melhor será não criá-la, pois representará tão só um departamento burocrático a mais. Sem embargo, impõe-se a criação dos institutos mencionados na alinea "a". Na liberdade de acção de cada uma dessas Faculdades ou Escolas Superiores se teria talvez melhor assegurado, o concurso de todos os pesquisadores, observado com rigor o critério da competencia, e de todas as idéas e doutrinas que o estudo e a meditação trazem á nossa maior felicidade sobre a terra.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— Pela fundação de uma Faculdade de Sciencias, a que devem seguir-se mais tarde, progressivamente, na medida das possibilidades, as demais Faculdades, pela ordem da sua importancia.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade, em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no

governo federal, de um ministério de saúde e instrução pública, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Patente é a importância de uma administração central e autonoma para tudo quanto se refira ao ensino. Embora ephemero, já tivemos o Ministerio da “Instrucção Publica, Correios e Telegraphos” confiado ao glorioso fundador da Republica — Benjamin Constant. Em 1894, Medeiros e Albuquerque apresentou o projecto de criação do Ministerio de “Instrucção Publica e Bellas Artes”, denominação, a nosso ver, mais adequada do que a de “Saude e Instrucção Publica”.

Para a alludida criação administrativa militam ponderosos argumentos, taes como: importancia do problema, assim no que se refere aos graus, como á natureza do ensino; vulto da verba orçamentaria, e a aspiração nacional de occuparmos, quanto antes, o logar que nos compete na obra de aperfeiçoamento moral e material da Humanidade.

Dessarte, ter-se-á alcançado verdadeira coordenação de esforços em prol do ensino e conferido maior efficacia á acção governativa.

A QUESTÃO APRECIADA PELO DR. THEODORO RAMOS

Reformas feitas sem consulta ás Congregações. — A attitude do Estado em face da questão. — Contra o principio da centralisação do ensino superior. — A ultima reforma federal e o ensino polytechnico. — Orientação francamente condemnavel. — O ensino das mathematicas, da mecanica e da physica. — O desenvolvimento que deveria ter na Escola Polytechnica. — O ensino secundario na sua verdadeira finalidade. — Reduzido ainda á subalterna função de curso de preparatorios. — Por um curso de cultura geral, sem preocupações utilitarias. — Nada de especializações prematuras. — Grave problema inteiramente descurado. — A formação do professorado nas Escolas Superiores. — A necessidade de institutos de cultura livre e de pesquisas scientificas. — Pela criação de uma Universidade em São Paulo.

Enganam-se os que pensam não se poderem harmonisar as preocupações especulativas com um poderoso sentimento da vida. Pensamento puro e realidade activa são ainda, para muitos, elementos que se contradizem, e, por isto, raramente se entrelaçam em uma unica personalidade. Tornando os homens de ideal e de sciencia suspeitos aos olhos do administrador que não costuma vêr naquelles senão theoreticos perigosos, sem contacto com a realidade, esse criterio já invadiu a carreira publica, apesar dos

exemplos com que se prova e documenta a sua estreiteza e falsidade. Por toda a parte, a vida nos surprehende com essas revelações de homens de estudos, a que bastam as circumstancias para os transformarem, de momento para outro, em forças vivas de organização. Pois, se o tirocinio administrativo por si chega a permittir a intelligencias mediocres o conhecimento empirico dos negocios publicos, não se comprehende que a alta cultura, em vez de aclarar, só possa obscurecer a logica dos factos e o sentido da realidade...

É esta tambem a opinião do dr. Theodoro Ramos, que tem insistido sobre a necessidade da criação de cursos universitarios. Não só tem essa convicção, como a illustra com a sua vida, em que as preoccupações de sciencia pura não diminuíram, mas lhe accentuaram o sentido dos problemas praticos. Engenheiro de merito notavel, e, por certo, um de nossos maiores mathematicos, o professor de Geometria e Calculo Vectorial, na Escola de Engenharia de S. Paulo, é um idealista pouco inclinado a subordinar a vida do espirito aos interesses materiaes. Elle traz a sua actividade profissional disciplinada sob o regimen de uma fé viva, quasi ardente, no valor da cultura desinteressada e das pesquisas scientificas. No seu parecer, breve e incisivo, em que revela o espirito critico e o gosto da precisão, aguçados pelas mathematicas, põe todo o prestigio de sua autoridade em defesa dessas idéas com que tão intimamente se prende o problema da cultura nacional.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insucesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro apparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— A falta de continuidade de orientação por parte do Governo Federal em materia de instrucção secundaria e superior não permite que se forme um juizo definitivo a respeito do valor das varias reformas federaes do ensino decretadas em um periodo de tempo relativamente curto.

No que diz respeito especialmente á instrucção superior, penso que contrariamente ao que tem sido praticado pela União, a questão da orientação do ensino deveria ser, de preferencia, discutida e resolvida pelas congregações das escolas superiores.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— A acção do Governo Federal se faz sentir directamente, em S. Paulo, sobre os estabelecimentos de ensino secundario e sobre as Faculdades de Direito e de Medicina. Compete, pois, ao Estado agir junto á União e pugnar pela obtenção de leis que não venham prejudicar o ensino ministrado á nossa mocidade.

Seria desejavel que, em materia de instrucção secundaria e superior, conseguisse o nosso Estado libertar-se

tanto quanto possível da influencia do Governo Federal. A Escola Polytechnica de S. Paulo, reconhecida oficialmente em 1900 por uma lei especial do Congresso Federal, tem sido largamente beneficiada com a circumstancia de somente depender do Governo Estadual.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— Relativamente ao ensino secundario, penso que as reformas federaes ultimamente decretadas deveriam ter cogitado mais dos methodos de instrucção e de educação do que propriamente da distribuição e do conteudo dos programmas, e do processo de exames.

No que diz respeito ao ensino polytechnico superior, a reforma federal de 13 de Janeiro de 1925 adoptou uma orientação, a meu ver, francamente condemnavel.

Sob a allegação de que apenas uma percentagem de 15 % dos alumnos matriculados no 1.º anno consegue completar o curso no periodo de 5 annos, estabeleceu a reforma um curso em 6 annos, conservando, porém, a mesma organização defeituosa, o mesmo accumulo de materias, nos primeiros annos lectivos.

Ao mesmo tempo que se cria, no ultimo anno, uma cadeira de "Organização e trafego das industrias, Contabilidade e Direito Administrativo" formada com retalhos heterogeneos de cadeiras já existentes, continua-se a mi-

nistrar o ensino integral da Physica no 1.º anno a alumnos que ainda não possuem conhecimentos de Analyse Infinitesimal.

Na deficiencia do ensino secundario e do ensino ministrado nos primeiros annos dos cursos polytechnicos federaes é que se deve procurar a explicação da anomalia, acima apontada referente á pequena percentagem de alumnos que consegue realisar o curso no periodo normal.

A orientação seguida pela ultima reforma federal relativamente ao ensino polytechnico vem contrariar a tendencia, bem accentuada nos paizes civilisados, que proclama a necessidade de uma instrucção consagrada, anteriormente ás especialisações inevitaveis, á formação e á cultura do espirito.

Assim é que em uma Escola polytechnica bem orientada, no curso basico grande desenvolvimento deve ser dado ao ensino das Mathematicas, da Mecanica e da Physica.

Desnecessario se torna encarecer aqui o alto valor da Mecanica e da Physica tanto sob o ponto de vista educativo como sob o ponto de vista utilitario.

Tanto maior facilidade encontra o engenheiro na pratica da sua profissão quanto mais vastos e solidos são os conhecimentos por elle adquiridos nos dominios destas duas sciencias.

O estudo destas disciplinas só póde, porém, ser feito de um modo efficiente e compativel com a elevação que requer o ensino nas escolas superiores, ministrando pre-

viamente ao alumno os conhecimentos de Mathematica Superior.

Na recente reforma (estadual) da Escola Polytechnica de São Paulo, o ensino polytechnico basico foi organizado de accôrdo com esta san orientação.

O ensino da Physica, nesta Escola, abrange duas cadeiras distribuidas em dois annos lectivos.

Precedendo o ensino da Mecanica Racional e de grande parte da Physica (Optica, Calor e Electricidade), estabeleceu a mesma Escola o estudo de duas cadeiras de Mathematica Superior: a nova cadeira de Geometria e Calculo Vectorial e a cadeira de Calculo Differential e Integral.

Foi tambem criado um curso de Nomographia.

E' a primeira vez, no Brasil, que, em uma escola superior, se lecciona o Calculo Vèctorial e a Nomographia, disciplinas cujo estudo se faz correntemente nos paizes europeus.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma função puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?

— A “verdadeira finalidade” do ensino secundario no plano geral da educação não se deve reduzir á simples e subalterna função de preparar alumnos para os cursos superiores.

A's nossas escolas de ensino secundario cabe, tambem, a tarefa mais elevada de formar a mentalidade e o caracter dos jovens brasileiros.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

— Penso que as humanidades classicas e as sciencias (Mathematicas, Physica, Chimica e Historia Natural) devem ser largamente contempladas no ensino secundario.

Este ensino deve proporcionar á mocidade uma forte cultura geral independentemente de quaesquer preoccupações utilitarias.

Aos que se destinam a certas escolas superiores é indispensavel o estudo complementar de pelo menos duas linguas modernas.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da "universalidade" de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que a.tura se deve favorecer "a especialização"?

— Julgo que no ensino secundario não ha necessidade de se favorecer a especialização; esta poderá ser relegada para as escolas technico-superiores que mantem, se assim se tornar preciso, cursos preparatorios especializados.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— O que este principio contem de puramente utilitario deve, a meu vêr, ser excluído, tanto do ensino secundario como do ensino superior. Não deve predominar na educação do individuo a preocupação unica de o adaptar ás exigencias immediatas do meio. O que importa é communicar-lhe o poder de se transformar, e a faculdade de se adaptar pelo seu proprio esforço ao novo estado de coisas.

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuído e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do caracter nacional?

— Effectivamente, dentro da sua organização actual, os gymnasios pouco têm contribuído e pouco podem contribuir para a formação da mentalidade e do caracter nacionaes.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— A fundação de institutos de pesquisa científica e de cultura livre e desinteressada virá não somente resolver o problema, tão descuidado entre nós, da formação intellectual dos futuros professores das escolas superiores, como também arrancar-nos da situação subalterna em que, no terreno scientifico, nos encontramos.

As pesquisas scientificas irão, além disso, repercutir, mais tarde, sobre o nosso desenvolvimento industrial.

Lembrarei, aqui, as palavras de lord Balfour: “O exito futuro da industria depende das pesquisas abstractas ou scientificas do presente. O publico em geral não comprehende que é aos resultados da sciencia pura que devemos no passado, e deveremos cada vez mais no futuro, todos os grandes progressos na pratica e no saber industriaes”.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odo-r-tologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu caracter de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma

“instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficaçia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

— Em um discurso pronunciado ha cerca de 2 annos na Escola Polytechnica de S. Paulo, como paronympho das turmas de engenheiros civis e electricistas, manifestei-me pela criação de uma universidade “de onde parta forte e permanente estimulo ao progresso industrial e economico do paiz, e de onde se irradie a força intellectual e moral da nação”. Affirmei, então, que a organização universitaria ideal seria aquella que a par da manutenção de numerosos cursos visando a formação de profissionaes capazes nas especialidades respectivas, instituisse um ensino de alto cunho scientifico para o grupo de seleccionados que se destinassem ao professorado e ás pesquisas originaes.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— Penso que, inicialmente, poderia o governo do Estado criar uma Faculdade de Philosophia e Letras, um Instituto de Educação e alguns cursos superiores de mathematicas, physica e chimica annexos á Escola Polytechnica cujos laboratorios seriam completados.

Poderiam ser aproveitados elementos nacionaes de valor e elementos estrangeiros dos Institutos Franco-Paulista e Franco-Brasileiro de Alta Cultura. Mais tarde seria dado maior desenvolvimento aos institutos de pesquisas scientificas e de cultura livre e desinteressada.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— É, sem duvida, de grande utilidade a criação desses departamentos publicos desde que disponham de corpos technicos e administrativos especializados nas questões de instrucção e de educação.

A RESPOSTA DO DR. REYNALDO PORCHAT

Onde o Congresso renuncia á sua prerogativa de legislar. — Fugindo á responsabilidade de elaborar uma lei geral de ensino. — Reformas de gabinete, sem consulta aos corpos technicos. — Por isto, radicaes e contradictorias. — As leis Rivadavia Corrêa e Carlos Maximiliano. — A ultima reforma federal. — A supressão da autonomia das Congregações. — A que se reduziu o antigo Conselho Superior de Ensino! As congregações fechadas aos candidatos de mais de 40 annos. — A organização dos cursos juridicos. — Disposições absurdas. — A questão do ensino secundario. — O coefferiente pessoal do professor na educação da mocidade. — Excellente, a idéa de uma Universidade em São Paulo — Lei de ensino duravel? — A que fôr elaborada por technicos e debatida no Congresso.

Não está acabada a tarefa do professor quando elle instruiu os seus alumnos, escreviamos ha dias, atacando o problema da educação moral da mocidade. Esta questão complexa, que não pode ser resolvida senão por um conjuncto systematico de medidas de varia natureza, entrará em via de solução quando o corpo de professores estiver profundamente penetrado de sua missão educativa e solidamente preparado para desempenhal-a. A mais alta lição, que o professor contráe o dever de ministrar e para a qual não se admittem interrupções, é a lição de

uma vida, encaminhada com desprendimento, dedicação e elegancia moral. No dr. Reynaldo Porchat, o sentimento completo de suas responsabilidades apertou desde cedo, entre o mestre e o educador, essa admiravel alliança, em que a obra do ensino se dignifica e se fecunda ao contacto dos inspiradores de energia, de rectidão e de enthusiasmo. Por mais uteis que fossem — e costumavam ser, além de uteis, brilhantes as suas aulas de direito romano, a mais bella lição que delle nos ficará é o exemplo constante de sua vida.

É nisto, sobretudo, que reside o segredo de seu prestigio, a que o dom da palavra, facil e vibrante, empresta um novo brilho e maior poder de irradicação. A altivez moral que não conhece transacções, o vigor combativo, sem desmaios, e as virtudes civicas em elevado grau, denunciam uma personalidade marcçada, sem aspereza, mas ás vezes com impeto, que mal disfarça um temperamento incapaz de se submeter á outra disciplina que não seja a de suas convicções. Professor na Faculdade de Direito, que elle representou, durante annos, no Conselho Superior do Ensino, trouxe sempre, para os debates de questões technicas, as luzes de suas leituras e experiencias, sujeitas, umas e outras, á analyse de um espirito claro, firme e vigilante. Ao parecer de hoje, em que as suas occupações não lhe permittiram estender-se, imprime a força communicativa de sua sinceridade, sem rudeza, e dessa elevação com que sabe associar á austeridade de principios e de costumes o encanto pessoal de maneiras acolhedoras.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— A causa do insuccesso das repetidas reformas do ensino secundario e superior está no Congresso Nacional, que, sem orientação, sem systema, sem uniformidade, e sem mesmo visar o bem do ensino, leva a fazer leis fragmentarias, para servir a interesses inferiores, partidarios e particulares, perturbando e deturpando os planos das reformas geraes. O Congresso foge á responsabilidade de elaborar uma lei geral do ensino, e delega a sua competencia ao Poder Executivo; e os respectivos ministros do Interior operam as reformas segundo a escolas que adoptam. Cada ministro tem seu plano, sua orientação, seu ponto de vista novo. Basta recordar as tres ultimas reformas feitas. Rivadavia, Carlos Maximiliano, João Luiz Alves. Cada um divergindo radicalmente dos outros. Rivadavia: (1911) desofficialisação do ensino, autonomia didactica e administrativa das congregações, escolas livres, desnecessidade de diploma official visando a absoluta liberdade profissional, criação do Conselho Superior do Ensino, composto de professores representantes das congregações e dos directores dos institutos officiaes, criação da universidade do Rio de Janeiro e da docencia livre seleccionada por concurso de titulos. Carlos Maximiliano (1915): ensino official temperado pelos institutos equipa-

rados, autonomia das congregações, necessidade de diplomas, fiscalização eficiente dos institutos, bancas examinadoras de exames parcellados, fiscalizadas, em collegios particulares idoneos, remodelação da docencia livre seleccionada por concurso de provas. Consequencia: elevação moral do ensino, aproveitamento, seriedade, animação por parte de professores e de alumnos. Harmonia entre o Conselho Superior e o ministro, que sempre o prestigiou.

João Luiz Alves (1925): criação do Departamento Nacional do Ensino, tendo por orgams o director geral e o Conselho Nacional do Ensino, que se compõe de tres secções: o Conselho do Ensino Secundario e Superior, o Conselho Artistico e Profissional e o Conselho de Instrucção Primaria; os institutos sem autonomia administrativa, as congregações com funcções reduzidissimas, em tudo sujeitas aos directores dos institutos, de livre nomeação do Poder Executivo; o Conselho do Ensino tambem com a sua competencia muitissimo limitada. Preocupação de rejuvenescer os corpos docentes, com a disponibilidade compulsoria dos professores de 65 annos de idade, e dos que tenham mais de 30 annos de exercicio, e voluntaria dos que contarem mais de 25 annos de exercicio, e a não admissão aos concursos daquelles que tenham mais de quarenta annos de idade.

Consequencia: Por ora, ainda não se pode saber com segurança. A reforma foi radical em pontos fundamentais e está ainda em começo de execução. Duas consequencias, porém, podem já ser registadas: o desanimo das congregações pela falta de autonomia e restricção de sua

competencia; o desfalque que soffreram as mesmas pela perda de grande numero de projectos e experimentados professores, que entraram em disponibilidade.

Por este rapido escorço se vê que não é possivel successo no ensino em face de reformas tão repetidas e tão divergentes. A de Carlos Maximiliano, que reputamos a melhor, e que já ia produzindo os mais proveitosos resultados, teve ainda contra si os golpes vibrados pelo Congresso Nacional — a “alma mater” dos males do ensino, — que, além de a deturpar com leis especiaes de protecção a amigos e correligionarios, não se pejou de affrontar o pudor da nação votando a “lei da grippe”, pela qual concedeu approvação em exames a pessoas que nunca prestaram exames. Essa vergonha, com a qual se offendeu a verdade e se enganou aos governos estrangeiros que acreditam na seriedade dos certificados de approvação obtidos no Brasil, ainda perdura para mostrar o que tem sido a acção do Congresso na historia do ensino na Republica. Houve um deputado que, com talento, competencia e energia, quiz levantar o ensino, e metteu hombros ao tentamen, elaborando luminoso parecer. Foi Augusto de Freitas. Mas o Congresso menosprezou o seu notavel trabalho, e, preferindo o commodo systema das delegações, atirou por terra a excellente reforma por elle projectada.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando

iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— O Estado deve assumir franca responsabilidade elaborando uma lei geral do ensino secundario e superior, e fiscalizando officialmente os institutos equiparados.

Em theoria, é possível clamar contra o ensino official. Na pratica, porém, não é possível abandonal-o. O Brasil não está preparado para um ensino completamente livre. A ephemera reforma Rivadavia foi disso a prova experimental. Como, porém, o ensino official não é sufficiente para satisfazer ás necessidades que se impõem por todo o territorio da Republica, os equiparados vieram supprir a falta, e podem produzir os melhores resultados desde que fiquem sujeitos a um regimen uniforme e exigente, e sejam vigilante e energicamente fiscalizados.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— Não é possível, em uma resposta concisa, enumerar os erros que se contêm na reforma operada pelo Decr. n. 17.782-A de 13 de Janeiro de 1925, que ainda se acha em começo de execução. O que ella criou de melhor foi o Departamento Nacional do Ensino, que exerce as suas funcções por meio do director geral e do Conselho Nacional do Ensino, compondo-se este de tres secções: o

Conselho do Ensino Secundario e Superior, o Conselho do Ensino Artístico e o Conselho do Ensino Primario e Profissional. Os principaes erros da reforma são: a supressão completa da autonomia das congregações; o cerceamento das funcções do antigo Conselho Superior do Ensino, que agora, transformado em Conselho do Ensino Secundario e Superior, tem a sua acção muito limitada a assumptos de segunda ordem, occupando-se de muita banalidade; a inserção absurda da cadeira de sociologia no curso do ensino secundario; a junção, no curso de direito, das antigas cadeiras de theoria e pratica do processo civil e commercial, e a criação da cadeira especial de direito penal e processual militar; a prohibição de se inscreverem no concurso para professores cathedrauticos as pessoas que já tenham quarenta annos de idade; o systema complicado de julgamento das defesas de theses e dos concursos; a disponibilidade compulsoria dos professores que tiverem attingido a idade de 65 annos, e dos que contarem mais de 30 annos de exercicio do cargo; a concessão da disponibilidade voluntaria aos professores que contarem mais de 25 annos de exercicio do cargo. Deixo aos competentes o dizerem sobre os cursos de engenharia, medicina, pharmacia e odontologia.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma funcção puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua “verdadeira finalidade” no plano geral da educação?

— Sim, como está brilhantemente demonstrado na conferencia publicada em folheto, que, sob os auspícios da Sociedade Nacional de Educação, realisou, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, em 1 de Julho do corrente anno, o eminente prof. Azevedo Sodré, da Faculdade de Medicina.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

— O ensino secundario deve ser baseado no estudo das humanidades classicas e das linguas e sciencias modernas. Só assim poderá ficar bem formado o espirito da mocidade, que, para as suas applicações praticas de uso quotidiano, terá o grande auxilio da historia do pensamento da humanidade que nos é legado por esse thesouro compendiado nos trabalhos classicos.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da "universalidade" de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer "a especialização?"

— O ensino secundario superior, em seus cursos geraes, só deve ministrar generalidades. A especialização de conhecimentos deve ser deixada para quando fôr possivel a criação de cursos especiaes.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicação legitima, a aspiração in-

cluida no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— O lemma innovador — “uma escola nova para necessidades novas é, por ora, uma utopia”.

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuido e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

— Os nossos gymnasios, organisados como são, mais para instruir do que para educar, têm contribuido pouco, mais pôdem contribuir muito para a formação da cultura média da mentalidade do paiz. Do professor, pelo ensino e pelo exemplo, é que depende a maior contribuição para a formação da mentalidade e do character do alumno.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— Sim.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organisada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu character de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e efficaçia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvimento da cultura nacional?

— Acho excellente a idéa da criação de uma universidade em S. Paulo, reunindo-se, sob uma organização systematica, os institutos do ensino já existentes, que devem ficar debaixo de uma superior direcção unica. Com tal organização tudo terá a lucrar: o ensino, a educação, a disciplina, a solidariedade, os ideaes.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— Pela promulgação de uma lei geral de educação elaborada por technicos e approvada pelo Congresso.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Nas condições actuaes em que se acha a materia do ensino, e attendendo-se á impèriosa necessidade de cuidal-a com o carinho que merece, é indispensavel que haja, no Estado, o Departamento Estadual de Educação, e no Governo Federal o Departamento Geral de Educação Nacional, comprehendendo a educação physica, moral e intellectual, e dotado da mais ampla autonomia na administração do ensino. Não sou pela criação de um ministerio, porque este é um organ essencialmente politico, e onde entra a politica a administração cáe em fallencia.

A OPINIÃO DO DR. ARTHUR NEIVA

A reforma federal do ensino medico. — A posição da cadeira de parasitologia. — Superflua, a de medicina tropical. — A questão do ensino secundario. — Curso de cultura geral sem especialização. — Gymnasios organizados antes para instruir do que para educar? — Sim: «tanto que evitei para meu filho o curso gymnasial». — O atraso em que estamos neste particular. — Pela sciencia e pela cultura desinteressada. — O exemplo de Manguinhos. — Obstaculos criados pela mentalidade nacional. — As elites intellectuaes: «forças criadoras da civilização. — São Paulo, centro de gravidade nacional. — O problema das Universities. — O dever de resolvel-o de um golpe e a todo o transe. — A opinião do prof. Myiajima. — «Falha capital, a ausencia de Universidade».

São frequentes as surpresas que nos traz o conhecimento pessoal, revelando-nos, de momento, figura inteiramente diversa daquella que construimos pela imaginação. Vistos á distancia, através de suas obras, deixam muitos de si mesmos uma impressão illusoria que o observador, collocado mais de perto, é obrigado a rectificar, para adaptar á realidade a figura que idealizou... Para quem, no entanto, tem acompanhado o dr. Arthur Neiva, na sua vida fecunda de realizações, não está preparada surpresa alguma, na opporrtunidade do primeiro encontro. A imagem suggerida pelo que escreve e pelo que realisou, incide, em todos os pontos, com a do homem de que se conquistou

a intimidade. Elle reúne, como se sabe, ao prestígio do scienista a fé ardente e a energia impulsiva dos grandes organisadores, habituados a dominar a sciencia e a tratá-la como uma força maravilhosa de riqueza e transformação social. Pois, esse espirito largamente comprehendedor, activo até á impaciencia, que não transparece menos de seu estilo, nitido e cortante, denuncia o dr. Arthur Neiva no horror á frivolidade e ao formalismo, no ar de franqueza e na braxura affirmativa dos homens de acção.

A comprehensão da sciencia, dentro de sua função social, accentuou-lhe a tendencia do temperamento militante que vae direito á procura da utilidade e da acção, como fim, proximo ou remoto, das investigações de laboratorio. Poucos terão, aliás, como o dr. Arthur Neiva, sentimento tão vivo do papel preponderante das sciencias na direcção das sociedades modernas. Mas, nada de precipitação e de desordem, na sua actividade, sempre alerta e opportuna, orientada com espirito scientifico, dentro de rigorosa disciplina de trabalho, e com uma clara visão da finalidade a attingir. E, se a esse desejo invencível, quasi instinctivo, da acção organizada, se accrescenta o gosto de circumscrever o campo da experiencia, sem perder as preoccupações das idéas geraes, tem-se a razão de não ter falhado nenhuma das obras technicas em que se empenhou esse trabalhador infatigavel. Da resposta que nos remetteu, se desprende, dominando-a, o rhythmico natural de seu pensamento moderno, idealista e objectivo, a que imprimiu sem o procurar, esse vigor resultante de convicções profundas e capaz, por isto mesmo, de lhes dar a mais larga repercussão.

1 — Qual, a seu vêr, a causa fundamental do insuccesso quasi completo das repetidas reformas que têm reorganizado o ensino secundario e superior da Republica, sem conseguirem fazer do ensino um verdadeiro aparelho de educação integrado no ambiente nacional e um instrumento posto a serviço da cultura do paiz?

— Acredito que a razão principal consiste na transplantação para o nosso meio de methodos e processos em grande parte inadequados ao paiz. Temos procurado sobretudo imitar, reproduzindo o que lemos, quando o essencial seria reformar levando em consideração nossas condições, afim de melhor attendermos nossas necessidades.

2 — Qual a attitude que assumiu e deve assumir o Estado em face deste problema, quer cooperando, pelos seus representantes federaes, na sua solução, quer tomando iniciativas para incrementar o ensino secundario e superior, dentro dos seus limites?

— O Estado de S. Paulo deve collocar-se, o quanto lhe for possivel, numa situação á parte, procurando resolver o problema do ensino secundario e superior, tomando iniciativas que tão somente lhe digam respeito, pois a maioria das aspirações paulistas não poderão enquadrar-se nas necessidades da generalidade dos Estados.

3 — Podia apresentar-nos os principaes erros desta ultima reforma federal (decreto 17.782-A, de 13 de Janeiro de 1925), relativamente ao ensino secundario e á

organização dos cursos profissionaes superiores (medico, juridico, polytechnico, etc.), na especialidade de que tem maior conhecimento?

— Quanto ao que se refere á reforma do ensino medico, acho que houve erro collocando-se a cadeira de parasitologia no 1.º anno. Em paizes onde taes problemas não assumem a importancia que têm no Brasil, a cadeira é ensinada em séries mais adiantadas. Por ocasião da reforma Rivadavia, fui livre docente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e dei curso, durante um anno, naquella escola, aos alumnos da 1.ª série, tendo verificado estar a cadeira inteiramente deslòcada, porquanto os discipulos nada sabiam de histologia, anatomia, pathologia, obrigando o professor de parasitologia a dar explicações sobre cada assumpto a que se referia. Sou dos que pensam ter sido inteiramente superflua a criação da cadeira de medicina tropical, aliás professada actualmente por culminancias do nosso meio medico. Esta aspiração foi agitada pela primeira vez no Brasil pelo pranteado Fajardo: contra ella houve, no entanto, grande resistencia, aliás justificada, segundo o meu modo de entender, porquanto a não ser a febre amarella, duas trypanosomoses, uma das quaes não occorre entre nós, a boubá, prestes a desaparecer com os seus ultimos fòcos no Ceará, o bicho de pé e o anhum, não conheço outras doenças ou males que sejam estrictamente tropicaes.

O impaludismo existe em toda a Europa, encontrando-se até em regiões frias como a Siberia. O beri-beri, molestia de carencia, teve seus grandes fòcos no Japão e

foi assignalado em toda parte, incluindo a Europa. A leishmaniose existe no Oriente proximo, na Grecia, na Hespanha, Portugal e Italia. A filariose já teve sua presença comprovada na Hespanha e na Italia.

Quando se lê um tratado de medicina tropical, sobretudo de autores inglezes, fica-se espantado com o criterio de se procurar rotular como doenças tropicaes entidades morbidas cosmopolitas, como a lepra, febre typhoide e outras, algumas das quaes, no entanto, fazem maiores devastações nos paizes frios, como, por exemplo, a peste bubonica que, aliás, foi entre nós de importação relativamente recente.

A opilação existe aqui como em toda parte, abundante no sul dos Estados Unidos, muito frequente na Italia, presente nas minas do norte da França, Belgica e Alemanha. Sem duvida que o impaludismo e sobretudo a ancylostomose não assumem, nestes paizes, o desenvolvimento que tomaram nas regiões tropicaes; isto, porém, se relaciona tão somente com a cadeira de hygiene.

Houve tempo em que os europeus fartaram-se em propagar a idéa de uma anemia tropical; mais tarde elles proprios demonstraram sua inexistencia. Koch criou a expressão "malaria tropical" e tal rotulo malsinou ainda mais todos estes paizes. No entanto, a forma chamada tropical pelos allemães existe abundantemente na Italia. A todo transe devemos procurar provar que os tropicos são tão habitaveis como qualquer outra região do mundo, dependendo tão somente de saneamento. E, no meu modo de entender, o brasileiro, com a demonstração que disso

está fazendo, já concorreu com enorme contingente em prol da causa geral da civilização.

Nas Guianas, o inglês, o holandês e o francês pouco fizeram e aquellas regiões continuam em enorme atraso, contrastando com o progresso do Brasil que está dando ao mundo a demonstração de que nos tropicos a civilização pôde desenvolver-se sob qualquer dos seus aspectos.

4 — Não lhe parece que a questão do ensino secundario, ainda hoje reduzido a uma função puramente preparatoria para os cursos superiores, ainda não se resolveu satisfactoriamente, entre nós, por termos perdido a consciencia de sua "verdadeira finalidade" no plano geral da educação?

— Sim.

5 — E' favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas humanidades classicas ou, sem desprezo destas, baseado nas linguas modernas e nas sciencias?

— Sou favoravel ao ensino secundario largamente baseado nas sciencias e linguas modernas, *sem* o desprezo, no entanto, das humanidades classicas.

— Li, ha tempos, o justo protesto de um professor no Rio de Janeiro, a proposito do projecto de eliminção da lingua inglesa na Escola Normal, ao mesmo tempo que se criava a obrigação do apprendizado da lingua latina. No Brasil nós supponos erradamente que a lingua franceza é universal: em todos os paizes do norte da Europa, no Oriente e nos Estados Unidos, quem souber somente francez terá dificuldade de se fazer comprehender fóra

dos hotéis em que os porteiros falam varios idiomas. Eliminar, pois, a unica lingua universal de facto, que é o inglez, e substituil-a por uma lingua morta, como o latim, acho verdadeiramente incomprehensivel.

6 — Nas escolas de ensino secundario cuja orientação se deve dirigir antes no sentido da “universalidade” de conhecimentos (idéas geraes), deve-se — e na hypothese affirmativa, — por que meios e em que altura se deve favorecer “a especialisação”?

— Penso que a especialisação deve ser feita no ensino superior, havendo imprescindivel necessidade de um curso geral, estabelecendo uma base de cultura uniforme e commun a todos aquelles que se destinam ás denominadas carreiras liberaes.

7 — Até que ponto se deve tomar, no ensino secundario, como uma reivindicación legitima, a aspiração incluída no principio innovador: “uma escola nova para necessidades novas”?

— Acho que no Brasil ainda estamos longe dessa phase e muito mais opportuno será procurar resolver o problema criando novas escolas para velhas necessidades.

8 — Não acha que nossos gymnasios antes organizados para instruir do que para educar, pouco têm contribuido e pouco podem contribuir, dentro de sua organização actual, para a formação da cultura média do paiz e sobretudo da mentalidade e do character nacional?

— Tanto assim penso, que procurei evitar para meu filho o curso gymnasial, educando-o a meu modo, do que

não me arrependo. Quem conhece a organização do Collegio Nacional de La Plata, que visitei algumas vezes, poderá dar-se conta do atraso em que estamos nesse particular.

9 — Se é problema capital, em uma democracia, a formação das elites intellectuaes, não lhe parece urgente tratarmos da fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica e de cultura livre e desinteressada, que tenham por objectivo menos a organização de um ensino geral do que a contribuição para o progresso do saber humano?

— Acho que cada dia se torna mais necessario. O exemplo de Manguinhos é uma demonstração deste facto: oito homens, sob a direcção livre e desinteressada de Oswaldo Cruz, puderam realizar em pouco tempo um trabalho que, sem exaggero, poderá chamar-se de prodigioso. Isto mostra que no brasileiro existe, em potencial, capacidade scientifica, bastando apenas quem a catalyse. Acho sobretudo imprescindivel, porque só alguém que, como eu, ficou quilotado no desempenho de varias campanhas, poderá verificar como o ambiente é, em geral, desfavoravel, incredulo e impermeavel á verdade scientifica.

A miaoria dos brasileiros está muito mais inclinada a acreditar no maravilhoso do que em pesquisas scientificas. Com a fundação de taes estabelecimentos nós corrigiriamos por certo a nossa mentalidade, absorvida apaixonadamente por questões de nonadas. A sciencia e a cultura

desinteressada têm primeiramente de formar ambiente mais desenvolvido na parte culta da sociedade.

O Brasil, neste particular, continua sendo robusto filho de Portugal, onde, em geral, as questões de sciencia pouco interessam. Na monumental Historia Universal de Smith, o autor que se occupou de Portugal fel-o com a maior sympathia, mas serenamente chamou a attenção para a ausencia de receptores dessa natureza, naquelle paiz. Entre nós, o caso de Pedro II constituiu quasi uma excepção; mesmo assim, não conseguiu afastar a campanha de ridiculo que a burocracia, os politicos e o povo em geral levantaram contra a denominada Commissão Scientifica Brasileira, dirigida por Freire Allemão, Capanema e Burlamaque, que acabaram cedendo diante de obstaculos intransponiveis erguidos pela mentalidade nacional.

Quem indagar como vivem as livrarias brasileiras, rapidamente deparará com um phenomeno surpreendente: ellas se sustentam á mercê da venda, sobretudo, de livros escolares, poesias, grammaticas e assumptos affins, o que dá uma somnia aproximadamente de 80%. O restante é distribuido para as outras actividades mentaes.

Deve-se tentar tudo para augmentar a influencia das chamadas elites intellectuaes no nosso meio, pois taes forças foram sempre as criadoras das civilizações no passado. O ensino primario é uma conquista recente. A incomparavel civilização grega, a grande civilização romana e até nos nossos dias a immensa obra franceza até 1870,

foram realizações de minorias intellectuaes, pouco importando o estado de analfabetismo da massa.

A irreductivel tenacidade de Mario Pinto Serva, clamando pela alphabetisação do Brasil, parece-me, talvez, van, porquanto mesmo que conseguissemos solucionar rapidamente o problema de alphabetisar toda a nação, estariamos muito longe de ter resolvido os problemas da cultura. Um povo inteiro poderá garatujar e soletrar; taes aquisições, porém, não o transformarão em gente culta.

Todas as questões nacionaes são de grande complexidade e, talvez, no fundo, dependam mais de motivos inherentes á nossa mentalidade do que da apprehensão deste ou daquelle processo cultural.

Ha no Brasil exaggerado pendor pelos estudos grammaticaes e grande parte da nossa actividade e energia mentaes esgota-se nessas preoccupações. O Egypto soffreu da doença e levou tão longe tal delirio que chegou a perder a independencia. O general que suavemente se foi apoderando do paiz, escreveu para o chefe do Estado Maior da Inglaterra que estava convencido de conquistar o Egypto sem grandes trabalhos, a não ser que o ministro da Guerra insistisse em reformar o anachronico ensino primario e secundario, ministrado nos 4 mil "maktabs" disseminados pelo paiz e quasi inteiramente devotados ao estudo do vernaculo.

A fundação de estabelecimentos de pesquisa scientifica muito contribuiria para o saber humano, augmentando tambem o numero de investigadores nacionaes. Taes cen-

tros concorreriam para levantar o nível da cultura geral entre nós, modificando o estranho conceito que communmente formamos do que é erudição. Quando no Brasil alguém escreve portuguez camiliano, discute Eça, Fialho, commenta Mine. Bovary e Anatole, declama Verlaine, Rostand, Stecchetti, etc. reúne os elementos para ser considerado erudito e outros ainda com preparo mais reduzido, sabendo, porém, escrever com correção e elegancia, poderão, querendo, nas columnas de um jornal, sentir-se com autoridade para, de improviso, discorrer sobre todos os assumptos e decidir de problemas transcendentaes.

A preocupação litteraria é demasiada entre nós e todos se curvam diante da musica de phrase. E a prova é que nas mais importantes sociedades scientificas, como por exemplo a Academia Nacional de Medicina, existe o cargo de orador, aliás muito disputado! Por outro lado, a Academia Brasileira de Letras é procurada com empenho por medicos, generaes e sacerdotes.

10 — Que pensa pois da criação de uma universidade em São Paulo, organizada dentro do espirito universitario moderno:

a) — de maneira que se integrem num systema unico, mas sob direcção autonoma, as faculdades profissionaes (de medicina, de engenharia, e de direito), institutos technicos de especialisação (pharmacia, odontologia) e institutos de altos estudos (faculdades de philosophia e letras; de sciencias mathematicas, physicas e

naturaes; de sciencias economicas e sociaes; de educação, etc.);

b) — e de maneira que, sem perder o seu caracter de “universalidade”, se possa desenvolver, como uma “instituição organica e viva”, posta pelo seu espirito scientifico, pelo nivel dos estudos e pela natureza e effi-
cacia de sua acção, a serviço da formação e desenvolvi-
mento da cultura nacional?

— Tenho a impressão de que o centro de gravidade nacional se está deslocando do Rio para S. Paulo, inclusive no que se refere ao ensino secundario e superior, porquanto o primario de ha muito que aqui é mais aperfeiçoado.

Já S. Paulo leva uma grande vantagem ao resto do paiz com o ensino medico, iniciado pelo inolvidavel Arnaldo de Carvalho. Os estudantes de medicina estão se revelando de primeira ordem. Tenho ouvido referencias as mais elogiosas a este respeito dos professores Lauro Travassos e Cesar Pinto, que tão alto estão elevando em S. Paulo o ensino de Parasitologia e mesmo de estrangeiros como o eminente prof. Bovero, tenho ouvido informações as mais lisonjeiras. Neste particular, S. Paulo já está mais adiantado que a Argentina, como ainda ha pouco pude comprovar. Já existem a applicação do tempo integral para os professores de certas materias e a limitação do numero de alumnos, o que representa uma extraordinaria conquista.

S. Paulo deve resolver a todo transe o problema da Universidade, coisa que ainda não existe no Brasil. A

União, por decreto criou a Universidade do Rio de Janeiro, isto é, deu este nome a uma lei que modificou o ensino federal, criou alguns cargos novos, mexeu na organização burocrata e administrativa das escolas e julgou ter resolvido o problema universitario.

Visitei grandes universidades do mundo, nos Estados Unidos, na Argentina e alguns países europeus: tudo, porém, com organização e fins inteiramente diferentes da chamada Universidade do Rio.

Penso que nós deveríamos começar por ahí. Muitos imaginam que a cupula de um systema de ensino seria a universidade. Para o Brasil estou convencido que é a base, embora sabendo não constituir systema ideal. O celebre professor allemão Ostwald publicou um livro demonstrando as falhas de tal methodo, entre as quaes se encontrava a de suscitar obstaculos á iniciativa individual, criando um processo uniforme de ensino applicado a intelligencias de diferentes quilates, mettendo-as todas numa mesma forma.

O prof. Myiajima, que percorreu o Brasil durante 8 mezes, estudando-o por vários aspectos, em conversa comigo em Tokio, respondendo-me á pergunta que eu lhe fizera sobre a maior deficiencia que notara no Brasil, disse-me: "Existe uma falha capital, a ausencia de universidades". Dias depois, em Kyoto, regressando de uma visita que fizemos á celebre Universidade, disse-me como a estimular-me "agite esta questão no seu país". Recordo-me disso agora e involuntariamente fui dando um balanço na miraculosa obra realisada pelos japoneses em 60

annos. E' bem verdade que já resolveram o problema da alphabetisação do paiz, mas trataram, antes de tudo, quando se modernisaram, de criar universidades em moldes occidentaes. Visitei as principaes e nellas pude surprehender um dos catalysadores do progresso japonez. Contrataram, a principio, professores estrangeiros, dos quaes ainda existem alguns: depois, com o material de casa realisaram esta obra immensa de sciencia e progresso, que causa admiração ao mundo, por intermedio das suas 18 universidades actualmente existentes.

11 — Por onde se deveria atacar logo, de maneira pratica, no Estado, esse problema complexo de cuja solução depende a organização de verdadeiros nucleos de pensamento original e fecundo, de pesquisa e de disciplina mental, capazes de abrir caminho ao desenvolvimento da sciencia e cultura nacionaes?

— Devia-se fazer tudo de uma vez e se possivel já, porque no Brasil adiar é desistir, e entre nós somente S. Paulo está em condições de tal emprehender. O exemplo terá que partir de S. Paulo; que no meu modo de entender, é a unica coisa verdadeiramente séria do Brasil. Affirmo com interesse de brasileiro e na esperança de que um exemplo de tal natureza frutifique. Conheço bem o paiz, em grande parte por mim percorrido através de longas e vagarosas excursões scientificas, e um dos factos que mais me impressionam entre os paulistas é a supposição que têm de que o Brasil é mais ou menos S. Paulo, desconhecendo que S. Paulo leva, sem exaggero, 50 annos de

avanço sobre os irmãos mais adiantados e possui mentalidade inteiramente differente dos seus compatriotas, tendo capacidade de realisação incomparavelmente superior ao restante dos brasileiros. Foi assim desde o inicio da historia do Brasil e, cada vez mais, tal phenomeno se accentua.

Uma das maiores deficiencias da ultima reforma de ensino foi a de não ter levado em consideração o ensino de sciencias naturaes no Brasil. Desde o tempo do dominio hollandez que a nossa patria é percorrida por pesquisadores estrangeiros, cujo numero augmenta dia a dia, buscando o "paraiso dos naturalistas", como um dos mais conspicuos denominou nossa terra, afim de estudar sobretudo nossa flora e fauna.

Até os nossos vizinhos argentinos têm recentemente enviado em excursões ao Brasil, scientistas dos seus Museus. Pois bem, este grande laboratorio para naturalistas do mundo inteiro, ainda até hoje não encontrou a reforma do ensino que instituisse cadeiras de botanica, de zoologia e outras, de tanto interesse para o desenvolvimento da nossa cultura e prestigio do paiz no estrangeiro, pois o que se ensina a este respeito é inteiramente elementar.

12 — Não reconhece que é de toda a necessidade em São Paulo, a criação de uma secretaria autonoma, e, no governo federal, de um ministerio de saude e instrucção publica, sob cuja direcção unica, respectivamente no Estado e na Republica, fique todo o aparelhamento do ensino de qualquer natureza e em todos os seus graus?

— Em S. Paulo poderia criar-se semelhante secretaria. Na administração federal, porém, enquanto persistir o Código de Contabilidade, tal como existe e que tão de perto conheço, não vejo conveniencia. O Código de Contabilidade veio dar-me a demonstração do que ha muito suspeitava: Brasil é Byzancio.

Sob a vigencia desse tremendo freio ao progresso e administração nacionaes, o novo ministerio seria mais um ninho de funcionarios a fazer trabalhar uma nova machina de amontoar officios e papeis, embaraçando a cada passo as iniciativas do administrador.

AS CONCLUSÕES DE NOSSO INQUERITO

A questão do ensino secundario. — Ainda do ponto de vista de um opportunismo transigente. — Onde se encontram e se harmonisam as opiniões. — Pontão fluctuante de passagem, mas afastado das duas margens... A tendencia utilitaria para transformar o ensino secundario num curso de preparatorios. — Uma nova corrente de idéas. — Por um curso de cultura geral sem preocupações profissionaes. — A ultima reforma federal. — Representando um passo para adiante. — A originalidade dos cursos secundarios. — Voltando ao ponto de vista em que nos collocamos. — A questão do ensino moderno e do ensino classico. — A solução franceza. — A bifurcação em ramos essenciaes. — A solução alleman, na diversidade de typos de escolas secundarias. — Solução conciliatoria para um periodo de transição? — Para que o ensino secundario seja um apparelho de educação nacional.

Se nesta ultima parte do nosso inquerito, ha uma questão capital em cuja apreciação, ao menos nos seus aspectos geraes, se encontram todas as opiniões, é a do ensino secundario. A ninguem pareceu que problema de importancia basica, na organização do systema de educação nacional, tivesse encontrado entre nós, solução satisfactoria, ainda dentro do criterio de um opportunismo transigente. No julgamento dessa questão, observada dos varios angulos em que se collocaram as autoridades con-

sultadas, não houve uma só que não reconhecesse, em nosso ensino secundario, os seus vicios organicos, de natureza legislativa, e os seus defeitos funcçionaes, ligados visceralmente a tendencias sociaes, hoje de moda, que é preciso a todo transe combater. Não temos que rectificar a este respeito, em qualquer de seus pontos fundamentaes, os artigos de introducção em que lançamos o inquerito, pondo a questão do ensino secundario nos seus justos termos e com uma severidade critica que podia parecer, á primeira vista, excessiva, mas que os depoimentos prestados se encarregaram de justificar cabalmente.

Reduzido até hoje á funcção exclusiva de curso de preparatorios, o ensino secundario tem sido um juguete, nas mãos do governo e do legislador, que, perdendo inteiramente a consciencia de sua finalidade, o transformaram num campo de experimentação de todos os regimens a que se poderia submitter. Mas, ainda encarado na sua feição utilitaria, até ha pouco dominante, o ensino gymnasial falhou inteiramente, no seu plano de estudos deficientes e desarticulados, sem base solida nos cursos primarios e sem relação intima com as necessidades fundamentaes dos cursos superiores, que, reconhecendo a sua incapacidade preparatoria, já tem appellado para os “cursos annexos”, como meio de supprir as deficiencias dos estudos propedeuticos. Ponte de passagem, lançada entre o ensino primario e superior, é uma construcção fluctuante, desligada de um e de outro, e que o alumno costuma conquistar, de um salto aventureiro, e de que se desprende depois, para se lançar, sem firmeza, a qual-

quer dos cursos superiores de preparação profissional... Estreito demais para ligar as duas margens com que deveria comunicar-se, não recebe, em condições de cursarem, os alumnos do curso primario, nem os encaminha, devidamente habilitados para os cursos superiores que se propõem preparar-lhes o accesso directo a uma profissão.

Producto de uma civilização de acampamento que se habituou a medir as coisas pelo seu grau de utilidade immediata, o ensino secundario entre nós, como nos paizes americanos em geral, tende, de facto, a revestir o caracter de um curso de preparatorios. Esta tendencia, pronunciada, em se desviar das funções que lhe attribuiu a experiencia secular de varios povos europeus, nutre-se meuos das correntes pedagogicas modernas, do que da crescente industrialização de um meio social, sem tradições de cultura e sem a estabilidade e a disciplina necessarias para permittirem a penetração, na classe média, da "consciencia da necessidade" de estudos intensos e de esforços prolongados. É justa, por isto, a observação de quem, estudando a questão sob este aspecto, lembrou que paes e alumnos o que querem é verem-se, antes de tudo, livres do tropeço dos estudos secundarios. "Perca-se nelles tudo, menos o anno". A phrase retrata com fidelidade essa mentalidade apressada cuja repercussão profunda, tanto na legislação como na pratica do ensino, tem sido das mais desastrosas consequencias. O exame é ainda, na instrucção, o unico idolo a que o alumno e a familia, solidarios, fazem grandes sacrificios... Mas aqui como nos outros paizes americanos, já se desenha, com toda nitidez,

a reacção salutar contra a superstição da utilidade a todo transe, que erigiu á categoria de ideal, na organização e no funcionamento do ensino secundario, a rapidez em concluil-o com o menor esforço possível.

As conclusões a que chegamos são, por este lado, animadoras e denunciam esse movimento de opinião francamente favoravel a um curso solido de cultura geral (não no sentido encyclopedico), integral e seriado, commum para todos, sem preocupações profissionaes ulteriores. Todos exigem que, extirpado dos gymnasios esse caracter accentuadamente utilitario, sejam elles reintegrados dentro de sua finalidade de aparelho efficaz de formação e preparo das classes médias do país. É de justiça lembrar, como já ponderamos, nos primeiros artigos, que a ultima reforma federal se inspirou nessa corrente de idéas, marcando apesar de seus erros graves e de suas lacunas immensas, o inicio de um novo periodo de organização dos cursos secundarios, cuja duração, fixada em seis annos, ella reduziu, no entanto, praticamente aos cinco annos (art. 54), que já os constituíam. Mas, quer com a substituição dos exames parcellados pelo regimen dos exames seriados, quer sobretudo pelo ponto de vista, em que se collocou reorganizando os seus cursos (art. 47), a reforma representa, a este aspecto, indiscutivelmente um passo para diante. A nova orientação, já perfilhada pela reforma, ainda se accusa na repulsa de quaesquer tendencias de especialização, que, condemnada por nós e pelos que depuzeram no inquerito, poderá "ser relegada para as

escolas superiores que manterão, se assim se tornar preciso, cursos preparatorios especializados”.

A vitalidade dos cursos secundarios não dependerá, pois, do seu character analytico traduzido em ramificações multiplas com vistas aos diversos cursos superiores, mas de sua efficiencia cultural e de seu poder activo de educação, do ponto de vista physico, intellectual e moral, seja qual fôr a actividade a que o alumno se tenha de consagrar mais tarde. Não entram nem devem entrar, nos principios orientadores de seu plano de estudos, cogitações profissionaes e, portanto, especialisações de qualquer natureza. O que importa, nesses cursos, não é “adaptar o individuo ás exigencias do meio, mas communicar-lhe o poder de se transformar, a faculdade de se accommodar pelo seu proprio esforço ao novo estado de coisas”. As circumstancias especiaes do nosso quadro social, para que se transplantou a instituição do ensino secundario, não são ainda bastante poderosas e diferenciadas, para lhes quebrarem a originalidade, tão bem definida por Léon Bérard, na exposição com que justificou, quando ministro da Instrucção Pública na França o projecto de reforma do plano de estudos do ensino secundario. A finalidade que se propõe e que o caracteriza, é de facto, “formar pela lenta acção de um curso de estudos, prolongado e desinteressado, moços que, seja qual fôr a especialidade que procurem mais tarde, se distinguirão pela faculdade eminente de se interessar e se adaptar ás diversas criações do espirito e da industria dos homens”.

A sua finalidade não é apenas, como poderia crer um espirito simplista, ensinar. Não ha ensino, não ha escola, em qualquer de seus graus e de suas modalidades, que não tenha esse objectivo fundamental. Por um problema tecnico, como esse, em taes termos, é supprimit-o de um golpe por esse dogmatismo simplificador, que, se fosse acceito, na sua ingenuidade, levaria ao ridiculo os estudos constantes, as experiencias aturadas e os debates interminaveis da questão, em todos os paizes do mundo. . . Mas, voltando ao ponto de vista em que nos collocamos nos artigos de introdução, a questão dos cursos secundarios, encarada mais de perto e pelo seu lado essencial, entrará em via de solução no dia em que se ajustar rigorosamente o seu plano de estudos á finalidade especial que lhe marca a originalidade. A escolha e a limitação das materias nos parecerão então problema facil, cuja solução deriva como consequencia, do conhecimento exacto da natureza e do objectivo desses cursos. Uma vez estabelecido o fim que se propõem, as materias que deverão integral-os, com exclusão de quaesquer outras, são as que se destinam, de um lado á formação do espirito, tanto no sentido literario (linguas e literaturas), como no sentido scientifico (sciencias mathematicas, physicas e naturaes), e de outro, á formação tanto da consciencia nacional (lingua e literatura vernacula, geographia e historia do paiz), como da consciencia universal (geographia geral, historia da civilisação e philosophia ou historia do pensamento humano). Não fazemos mais do que repetir-nos, para termos presentes, nas conclusões, e pormos novamente em

equação, todos os dados do problema que se pretende resolver.

Mas, organizada por esta forma, num quadro limitado e com objectivos precisos, essa poderosa concentração de materias de valor educativo, não se accommodam nelle, sem conflicto, as disciplinas essenciaes ao plano de estudos secundarios. Ainda dentro desse systema solido e coherente, surge a questão do ideal humanistico e do ideal realistico, que, na França, suggeriu a bifurcação em cyclos essenciaes e na Allemanha, encontrou solução na diversidade dos typos das escolas secundarias, todas porém com nove annos. A luta travada entre os partidarios dos gymnasios, baseados nas humanidades classicas, e os adeptos do typo radical do ensino secundario (ober-realschule), caracterisado pelo predominio das linguas e das sciencias, com exclusão absoluta do grego e do latim, tornou ahi impossivel a unificação (einheitschule) da instrucção secundaria, nem arrefeceu com a criação do real gymnasio em que se mantém a obrigatoriedade apenas de uma das linguas mortas. A tradição consagrou esses tres typos de ensino secundario prepostos á satisfacção de exigencias imperativas de um meio social, em que se chocam com violencia, na disputa da supremacia, duas correntes igualmente poderosas. Entre nós, porém, o problema que não se encrespa de difficuldades irritantes, criadas por fortes correntes antagonicas, permite uma solução de equilibrio, na criação de um curso secundario uniforme, sabiamente organizado, em que se combinem, numa justa medida, o ensino classico e o ensino das scien-

cias e das linguas modernas. Tanto mais quanto essa solução eclectica se concilia perfeitamente com o systema de bifurcação, com que, mantendo-se, no curso uma "infra-structura commum" (cyclo geral), se adopta uma "super-structura differenciada" (cyclo especial), attendendo-se menos ás exigencias das futuras carreiras do que ás duas tendencias literarias e scientificas.

Por mais penetrados que estejamos da necessidade de se dar a maior amplitude possivel ao ensino scientifico, essa devoção pela sciencia, — e ninguem a tem mais profunda e sincera do que nós, — não nos permite esquecer a função educativa e apuradora dos estudos literarios. Não se poderá, sem prejuizo da formação intellectual e sem os riscos do materialismo scientifico, degradar a um plano inferior, no ensino secundario, as "humaniores litterae", as letras humanas, as humanidades, como os romanos chamavam á alta cultura literaria e como, á imitação delles, chamamos hoje ás classes superiores do ensino secundario. As bellas letras, as humanidades, eis "a doce influencia que civilisa o mundo".

A questão para nós, é, pois, antes de tudo, um problema technico de distribuição e seriação pedagogica das materias essenciaes, rigorosamente coordenadas, em tempo sufficiente de curso (sete annos no minimo), de maneira que formem um systema efficaz de estudos graduados e logicamente dispostos.

As opiniões, em nosso inquerito, são na sua maioria, favoraveis a esse systema conciliador que exige o ensino das linguas modernas e das sciencias, sem predominio,

mas sem prejuizo das humanidades classicas, e que é tambem para nós, o justo meio. Poderá marcar essa média de opiniões apenas um periodo de transição para reformas radicaes... Mas, disciplinas que têm resistido victoriosamente "a todas as provas e contra-provas da experiencia", nunca se ouviu dizer que as humanidades classicas que, bem aprendidas, servem poderosamente ao impulso das intelligencias, pudessem algum dia pesar-lhes nas asas...

Em todo o caso, seja qual fôr a essencia do seu programma de estudos, a questão do ensino secundario está longe de solução definitiva, enquanto não forem vigorosamente atacados e resolvidos os problemas de que depende a sua organização como aparelho de educação nacional. A educação moral da mocidade dos gymnasios, já vimos nos artigos preliminares, em que bases a reforma a assentou. Acreditou-se ingenuamente que o ensino theorico e directo da moral, com a instituição de uma cadeira dessa especialidade, bastaria para formação do character e para reforma de costumes... A educação phisica, essa, ministrada sem criterio scientifico e sem o contrôle dos exames clinicos e anthropometricos, não passa de um curso empirico e inutil, de uma pedagogia de parada, de que nunca se verificaram os resultados. Além disso, um verdadeiro systema de educação deve ter as suas peças perfeitamente ajustadas e articuladas, para que todas as instituições de ensino, fundamentaes ou subsidarias, funcionem, de alto a baixo, como elementos que se completam e se auxiliam, com unidade de vistas e uma

collaboração constante dos corpos do ensino dos diversos graus. Esta questão da integração dos gymnasios no plano geral do ensino, implica, pela sua propria natureza, a da formação do seu corpo docente. Mas, como veremos amanha, é nas Universidades, e só nas Universidades, onde se tem de buscar o meio para essa preparação professional que applique principios communs e offereça frequentes pontos de contacto, para fazer do professorado, hoje disperso e orientado para ideaes differentes, uma força viva, idealista e criadora, posta ao serviço de toda a nação.

AINDA AS CONCLUSÕES DO NOSSO INQUERITO

A falha grave das Universidades. — Ensino superior, sem universalidade e sem profundidade. — A cultura das élites e a educação do povo. — Conflictos e soluções. — As duas faces de um unico problema. — A acção das universidades sobre as camadas populares. — A formação ou o preparo das classes dirigentes. — A sciencia e o governo dos Estados. — A função nacionalisadora das Universidades. — Depoimento altamente significativo. — Uma questão de ordem tecnica. — A formação do professorado secundario e superior. — Os hiatos entre as instituições de ensino de diversos graus. — Força criadora de idealismo. — Condensar para disseminar. — Coração que se contrae... — As Universidades e a unidade organica do systema de educação. — Pela criação de uma Universidade em São Paulo.

Por mais dura e deprimente que possa parecer a muitos, não é triste dissimular a verdade incontestavel de que o ensino superior em S. Paulo, como em geral no Brasil, ainda não se desprendeu nem se elevou acima dos limites estreitos de preparação profissional. Este facto é tanto mais humilhante para nossa cultura, quanto é certo que o Brasil, entre as principaes nações das duas Americas, é a unica em cujas camadas officiaes, até hoje, não se formou nenhum movimento bastante forte para impor a criação de cursos universitarios. O que não admira, nem se poderá invocar contra a mentalidade de nossas

classes dirigentes, quando, fóra dos circulos officiaes, poucos são os que têm a consciencia exacta da importancia do problema e da necessidade de se lhe dar solução de um golpe e a todo transe. A criação das Universidades é questão de que ainda se discute, entre nós, não só a oportunidade, senão a propria importancia e utilidade. . . Mas, se tudo isto bastaria para arrefecer o calor de nossas convicções e esperanças, não nos falta, a reavival-o, a corrente favoravel de opinião que se vem formando lentamente e acaba de receber, em nosso inquerito, o impulso vigoroso da maioria dos depoimentos.

Certamente, não haverá quem não sinta a falta, no Brasil, de uma cultura verdadeiramente superior, livre e desinteressada, desenvolvida em todas as direcções e capaz de contribuir, pela sua força orientadora e pelo seu poder criador, não só para o progresso da nacionalidade em formação, como para o enriquecimento do saber humano. Mas, se todos sentem e proclamam a ausencia dessa cultura, nem todos reconhecem, na criação das Universidades, o unico meio de sairmos da situação de inferioridade em que o descaso secular desse problema nos collocou. Aos nossos cursos superiores, de fins profissionaes, sem excepção de um só, ainda que bem organizados alguns, como a Escola Polytechnica e a Faculdade de Medicina, falta, pela sua propria natureza, essa "universalidade e profundidade", que são da essencia dos cursos universitarios. Não é na especialisação profissional, ainda que elevada á perfeição technica, mas, ao contrario, na universalidade, que se póde achar a certeza do progresso.

tanto para o mundo em geral como para cada sciencia em particular. O problema do seculo passado foi exactamente atingir essa universalidade (alta theoria), de que comecam por beneficiar-se os proprios paizes em que se cultiva o espirito scientifico, humano e desinteressado, de pensamento puro e altas investigações experimentaes, sem preocupações utilitarias.

Não é, na verdade, superior, em toda a extensão do vocabulo, nem póde considerar-se factor a alta cultura e estimulador do progresso das sciencias, o ensino que, considerando a sciencia como feita e quasi acabada, toma a seu cargo a função elementar de transmittil-a. Encarando, ao contrario, a sciencia não como obra "feita", mas como obra "a fazer-se", em evolução permanente, e fundindo, na mesma personalidade, o sabio e o professor, o ensino universitario assume esse caracter de profundidade que provém dos trabalhos de investigação e de pesquisas e não se póde procurar em escolas prepostas apenas ao fim de formar o alumno, não em vista de uma "carreira scientifica", mas em vista de "determinada profissão". As Universidades, examinadas a essa luz, são organismos vivos, adaptados ás sociedades, e destinados a acompanhar, interpretar e dirigir-lhes a evolução, em todos os aspectos de sua vida multipla e variada. Ellas não se satisfazem com transmittir a sciencia, que não contribuíram para elaborar e desenvolver em todos os sentidos. E é, de certo, por esta função a um tempo "elaboradora e transmissora" das sciencias, que se transformaram ellas

no aparelho moderno de preparação das élites, as verdadeiras forças criadoras da civilização.

A questão, ainda hoje insolúvel, entre nós, da formação de classes altamente cultivadas, idealistas e orientadoras, depende, pois, da solução que se der ao problema das Universidades. Ora, aquella questão é, para nós, capital. Não só nas democracias modernas, como também nas republicas antigas, na Grecia e em Roma, o grau de civilização que atingiram, foi marcado pelo valor de suas classes dirigentes. A preparação das elites intellectuaes precedeu sempre, em toda a parte, á instrucção das massas. A conquista, relativamente recente, de igualdade de direitos politicos, com a abolição de privilegios de castas, é que trouxe para o Estado moderno o dever fundamental da "educação do povo", a que se tem de dar, pela instrucção, a consciencia do direito que é chamado a exercer. O direito do voto trouxe, como consequencia, o direito á instrucção, para despertar e desenvolver a "consciencia das massas populares e a sua acção reflectida sobre o governo dos Estados". Pode-se admittir, porém, theoreticamente, (e a hypothese é exuberantemente provada pela historia) uma civilização, como a da Grecia, a de Roma, e a da Europa até o seculo XIX, sem instrucção primaria, largamente disseminada; mas não se concebe nenhum desses "momentos da civilização" sem as elites poderosas que os criaram. A nossa propria historia, como já observou o dr. Miguel Osorio de Almeida, mostra-nos "um longo periodo em que uma elite de valor (aliás, formada no estrangeiro ou composta de autodidactas) conseguiu

dar ao nosso paiz um equilibrio moral, um regimen de disciplina social, cujos effeitos beneficos ainda se fizeram sentir por longo tempo e só tem desaparecido estes ultimos annos”.

A conquista da civilisação e dos meios de enriquecê-la, pelas contribuições originaes, é victoria dos paizes que sabem extrahir do seio da nação uma elite de homens, utilizada, pela intensidade de culturas successivas em toda a extensão de sua capacidade. Não ha, porém, sombra de espirito aristocratico, que repugna aliás á nossa educação, quando insistimos na necessidade de se atacar seriamente o problema do preparo das elites intellectuaes. Se ha suspeita que não pode ser levantada contra a Russia de hoje é a de tendencias aristocraticas... Pois bem, o governo dos Soviets, um dos primeiros problemas que enfrentou, inaugurando a nova organização social e politica, foi esse das Universidades, que, aos olhos da propria dictadura do proletariado, não era menor do que o da educação do povo e encerrava em si a solução de questões de mais vulto e mais urgentes para os interesses da comunidade e das novas instituições. Não lhe pareceram sufficientes as universidades que existiam; criou mais cinco e reorganizou as outras, para lhes assegurar maior amplitude de acção. Só em nosso liberalismo de epiderme, de uma sensibilidade estranha, e em outros casos tão embotada, chega a provocar pruridos democraticos o contacto com esse problema da cultura das elites...

Este conflicto que se quer, por ignorancia ou má fé, estabelecer entre o ideal da formação das elites e os

ideaes democraticos, não impressiona, porém, senão os que ainda se deixam deslumbrar de ideologias romanticas. Pois, educação popular e preparo das elites são, em ultima analyse, as duas faces de um unico problema: a formação da cultura nacional. Por mais espessa que seja a nuvem daquella objecção, não basta a tapar o sol e denuncia, nos clarões que a illuminam, a verdade que pretende escurecer... Antes de tudo, num regimen democratico, é francamente accessivel e aberta a classe das elites, que se renova e se recruta em todas as camadas sociais. A' medida que a educação fôr estendendo a sua influencia, despertadora de vocações, vae penetrando até as camadas mais obscuras, para ahi, entre os proprios operarios, descobrir "o grande homem, o cidadão util", que o Estado tem o dever de attrahir, submettendo a uma prova constante as idéias e os homens, para os elevar e seleccionar, segundo o seu valor ou a sua incapacidade. Em segundo logar, sobre o fim de elaborar e ensinar as sciencias cabe hoje ás Universidades a função de "divulga-las", pondo-as ao alcance do povo e realisando entre este e os intellectuaes esse movimento generoso com que a Universidade moderna se dilatou a um campo de acção immensamente mais vasto, estendendo-se, por um systema de medidas combinadas (extensão universitaria), até ás camadas populares.

Mas, instituição essencialmente cultural e educativa, os centros universitarios não servem apenas ás mais altas necessidades espirituaes da nação. Se considerarmos, de um lado, a influencia cada vez mais pronunciada das

sciencias na direcção das sociedades modernas e, por outro lado, a complexidade crescente de que se revestem os problemas technicos que os governos são obrigados a enfrentar, comprehende-se a "função politica" que desempenham os institutos de cultura superior, onde se terão de formar as nossas classes dirigentes. "Quaesquer que sejam as criticas que tenhamos o direito de dirigir ás organizações actuaes das nações civilisadas, é certo, como escreveu Berthelot, que é á sciencia e á liberdade que são devidas as profundas transformações que diminuiram e continuarão a diminuir incessantemente o mal physico e o mal moral entre os homens, os soffrimentos sociaes e as servidões tradicionaes". Nem se pode encontrar, na obra de cohesão nacional, instrumento mais efficaz do que o das Universidades. Ainda ha pouco, por ocasião do 4.º Congresso Universitario, reunido em Santa Fé, disse o ministro de Instrucção Publica da Argentina, a respeito da função nacionalisadora das Universidades, palavras que vale a pena recolher. E' todo o seu discurso um depoimento, neste ponto, altamente significativo. Reconhecendo que o "serviço militar, as estradas de ferro e a educação publica fizeram mais pela unidade e integridade de sua patria do que todas as doutrinas e leis politicas", acrescenta que esta obra não é da instrucção primaria, "porque até physiologica e psychologicamente são as culturas post-primarias as que, actuando no periodo de differenciação e accentuação da personalidade humana (puberdade e juventude), mais fortemente gravitam no futuro do educando".

Os que, em nosso inquerito, divergiram da idéa que lançamos de uma Universidade em São Paulo, acabaram por exigil-a implicitamente. Pois, apesar de julgarem prematura a criação das Universidades, reconhecem, quasi todos, a necessidade de se tratar da formação do professorado secundario e superior. E' mesmo, a seu juizo, uma falha grave da legislação escolar, do paiz e de São Paulo, a imprevidencia absoluta a respeito da formação desse professorado. Mas, a chave de tal questão de ordem technica, acha-se exactamente na organização dos institutos universitarios. Além disso, as Universidades, dando aos professores dos gymnasios e dos cursos superiores uma "preparação professional commum", e estabelecendo inspectores especiaes junto ao ensino primario, realisam esta obra, essencial á unidade organica do ensino, de collaboração effectiva dos corpos docentes de diversos graus. O conflicto entre a autonomia do espirito, que está na propria raiz da cultura moderna, e as autoridades exteriores que pretendem limital-a, encontra sua solução, nos dominios do ensino, no regimen de uma preparação uniforme, ao influxo desse idealismo largo e orientador, que costuma desenvolver-se nas classes altamente cultivadas. Sem esse idealismo coordenador, de espirito scientifico, sem rigorosa articulação entre as instituições de ensino, e sem a mutua communicação dos professores, é que continuará o ensino do paiz sem força para levantar-se todo, num surto generoso, e influir poderosamente na formação da cultura e do character nacional.

Se, com as universidades, — musculo central das instituições do ensino, — se procura, pois, elevar a instrução ao mais alto grau, e a cultura ao maior poder de intensidade, não é senão, como se vê, para tirar dessa propria concentração do ensino, a força para disseminá-lo. O coração que se contrac, nas universidades, recebendo o sangue de todas as camadas sociaes, contrae-se mas é para lançar, pela diastole, a toda a extensão do organismo nacional, o sangue que accumulou. A universidade, segundo as palavras de Bréal, referindo-se ás universidades allemans, “é, de facto, o centro de que se irradia sob a nação o espirito de reflexão e de exame: pois não se pode crer que estes grandes corpos fiquem sem acção sobre as camadas populares. Como são os antigos alumnos das universidades que desempenham funcções publicas e exercem as mais consideradas profissões, a sociedade inteira adopta, mediante a ampliação exigida pela intelligencia e pela educação de cada um, as mesmas maneiras de raciocinar e de julgar. O jornal que lê o homem do povo tem, no redactor, um homem que estudou a historia com Waitz ou a economia politica com Roescher. O mestre-escola que fala aos meninos recebeu sua parte da corrente scientifica pelo intermediario do director da Escola Normal, antigo alumno das universidades, e elle entretem essa primeira seiva, graças á leitura das revistas pedagogicas”.

Ahi está a questão, nas suas linhas essenciaes, que já tinhamos esboçado nos primeiros artigos, e alguns dos depoimentos colhidos accentuaram, abrindo nellas,

com a força de sua autoridade, sulcos que não se apagarão facilmente. Não sabemos o que, desse amplo debate em torno da instrução publica, ficará gravado mais profundamente na consciencia dos homens que, por officio ou por mero patriotismo, se interessam pelos problemas da educação. Mas, nós nos dariamos por satisfeitos, se o Estado de São Paulo, que occupa logar á parte na Federação, se abalançasse a encarar o problema universitario e a dar-lhe, dentro das nossas necessidades mais vivas, a solução que elle exige. Sob a pressão das difficuldades e crises moraes, que temos atravessado, uns desesperam; resignam-se outros. Dahi a reacção violenta que ainda se procura, erradamente, como solução para os nossos problemas sociaes e políticos, ou o pessimismo que deixa outros, num regimen de irresponsabilidade burocratica, de braços cruzados, e incapazes para os grandes empreendimentos... Só o enthusiasmo e a fé produzem e justificam os grandes sacrificios. O interesse que esse longo debate despertou por toda a parte inculca, porém, em São Paulo, como fóra do Estado, um poderoso dynamismo moral e intellectual que trata de revestir formas concretas, dentro desses mesmos principios renovadores que inspiraram nosso movimento critico-idealista em favor do maior problema nacional: o problema da educação.

★ *Este livro foi composto e impresso na Empreza Graphica da “Revista dos Tribunaes”, rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, rua dos Gusmões, 118.*